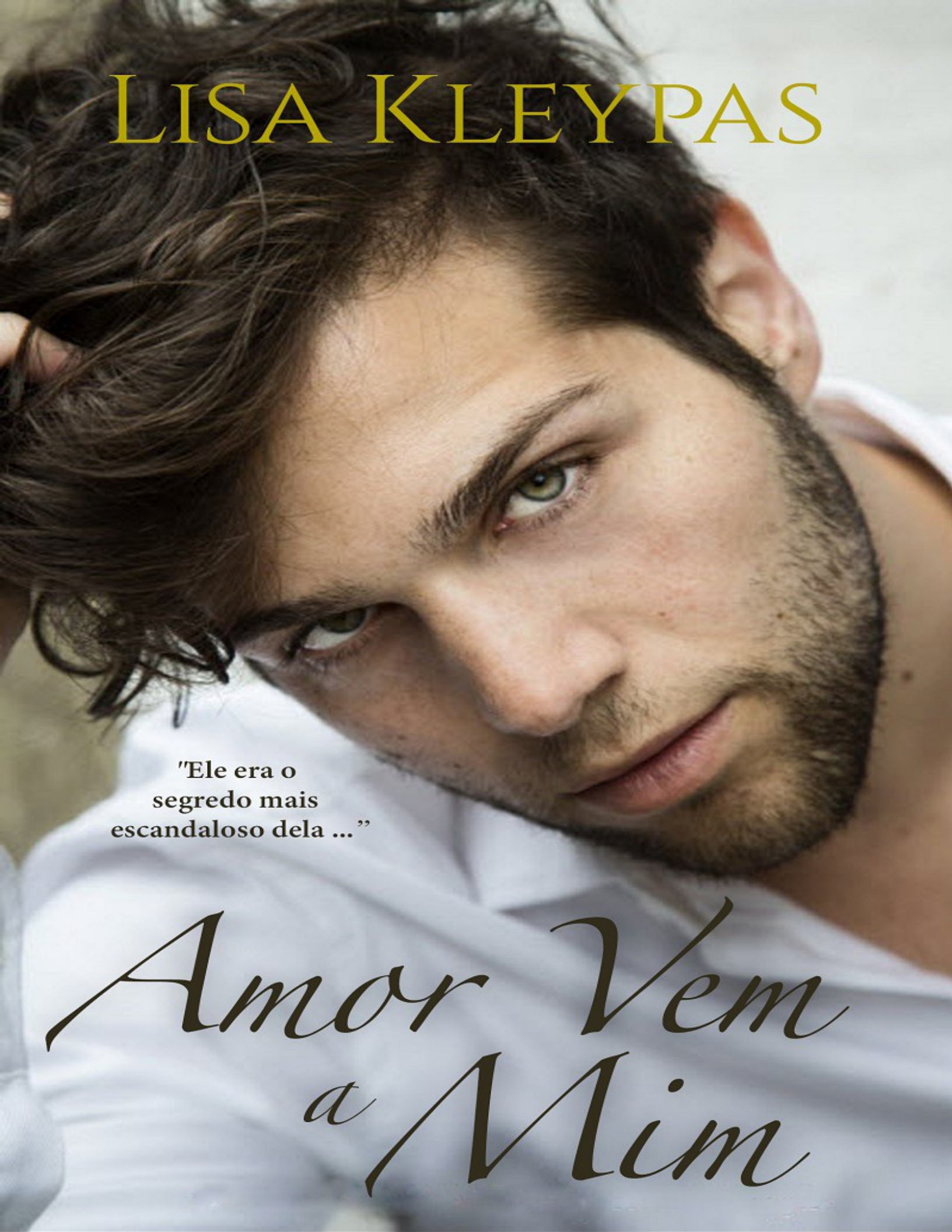




LISA KLEYPAS

"Ele era o  
segredo mais  
escandaloso dela ..."

*Amor Vem  
a Mim*



# Índice

|                       |
|-----------------------|
| Página de título      |
| Sinopse               |
| Capítulo 1            |
| Capítulo 2            |
| Capítulo 3            |
| Capítulo 4            |
| Capítulo 5            |
| Capítulo 6            |
| Capítulo 7            |
| Capítulo 8            |
| Capítulo 9            |
| Capítulo 10           |
| Capítulo 11           |
| Capítulo 12           |
| Capítulo 13           |
| Resenha Bibliográfica |

# Sinopse

*1870, Massachusetts, Nova Inglaterra. A elite de Concord está a ponto de admitir um novo membro: a jovem Lucinda Caldwell, uma bela moça mimada em excesso por seu pai.*

*Parece ter tudo muito claro na vida: casara-se com seu amor de infância, o homem destinado a convertê-la em uma brilhante organizadora de encontros sociais. Mas não é esse o destino que a espera, a não ser acabar nos braços de um cavalheiro sulino, Heath Rayne, que, desde que a viu, não pôde deixar de pensar nela e de desejar que seu noivado terminasse.*

*E agora que Lucinda é dele, a única coisa que deseja é dedicar-se a ela por completo. Entretanto, o passado de Heath impedirá que as coisas sejam tão fáceis...*

# Capítulo 1

Heath levantou as lapelas de seu casaco e amaldiçoou entre dentes ao sentir o vento gelado no pescoço. Era seu primeiro inverno na Nova Inglaterra, e estava começando a compreender que não era o lugar mais adequado para alguém do Sul. Pisou com suas botas as endurecidas camadas de neve que tinham ido acumulando-se depois das recentes tormentas. Tinha nevado tanto, tinha esfriado tantas vezes, que temia que toda aquela neve não desaparecesse por completo até o mês de junho.

Apesar de ir vestido com pesadas roupas de lã, como um autêntico nortista, qualquer um poderia haver-se dado conta de que não levava muito tempo ali. Sua pele era escura, com o permanente bronzeado próprio de alguém acostumado ao calor e ao sol do Sul. Media mais de um metro e oitenta, estatura que não destacava especialmente em Kentucky ou Virginia. Mas era muito mais alto que os magros e compactos homens da Nova Inglaterra, e, além disso, olhava fixamente com seus olhos azuis, o qual parecia incomodá-los. Em sua terra os estranhos se saudavam ao cruzar-se pela rua; no Norte, parecia que não se tinha o direito de olhar alguém nos olhos se não fosse de sua família, velho amigo ou compartilhava com ele algum negócio. Perguntou-se por que as pessoas de Massachusetts não se davam conta de quão estranhas eram. Não havia explicação alguma para sua frieza e sua rigidez, nem para aquele condenado senso de humor de que faziam ornamento. Talvez fosse coisas do clima.

Seus pensamentos lhe fizeram sorrir — um cáldo e brilhante sorriso que, tempos atrás, tinha cativado às mulheres do condado de Henrico, — e apertou a mão, coberta com uma luva, ao redor da tocha enquanto ia em busca de lenha. Estava acostumado a esgotar com rapidez a madeira e o carvão em seu empenho por manter aquecida a pequena casa que tinha comprado à primavera anterior. Fazia tanto frio fora que lhe resultava difícil assobiar, mas mesmo assim se entreteve interpretando uma aceitável versão de “All Quiet along the Potomac Tonight”, uma das melodias mais populares durante a guerra. Tinha-a composto um nortista, mas uma boa canção era uma boa canção fosse quem fosse seu autor.

Seus passos diminuíram e seu assobio se esfumou quando lhe pareceu escutar um tênue ruído proveniente do rio. Vivia um pouco acima da beira, assim que o tranquilo som chegou até ele flutuando, levado pela brisa, dispersando-o entre as árvores e fazendo que resultasse difícil escutá-lo com clareza. Mas quase podia assegurar que se tratava da voz de uma mulher.

Não podia morrer, não desse modo, nesse lugar. Ter atravessado o rio gelado por esse ponto em vez de caminhar os trezentos metros que faltavam até a ponte tinha sido uma completa estupidez, mas ela não merecia algo assim; de fato, ninguém o merecia. Depois do sobressalto inicial de ver-se atravessar a superfície e cair na água, Lucy tinha lutado violentamente com os pedaços de gelo que flutuavam a seu redor, incapaz de encontrar um ponto de apoio até que suas mãos deram com um dos extremos do buraco em que havia caído. Nesses escassos cinco segundos, a água tinha impregnado em suas roupas e o frio lhe chegava até os ossos. Tudo tinha acontecido com grande rapidez, em um abrir e fechar de olhos. O ar lhe saía do mais profundo de seus pulmões enquanto se esforçava por sair da água, mas suas luvas de cachemira escorregavam sobre o gelo uma e outra vez. Cada vez que uma de suas tentativas fracassava, afundava-se até o queixo. — Que alguém me ajude! So... socorro! — Falhou-lhe a voz ao olhar para a paisagem nevada que se estendia além da costa, cercada pela neblina de fumaça que saíam das chaminés das casas próximas. Gritar não ia adiantar, e, além disso, a fazia perder forças, mas seguiu fazendo-o, intercalando palavras e soluços. — Estou em... a água... que alguém... ajude-me... — Alguém a ouviria. Alguém a ajudaria.

Algo assim não podia lhe acontecer. Lucy Caldwell tinha estado segura e a salvo toda sua vida. Em um arrebatamento de pânico, conseguiu tirar as luvas e segurar-se com ferocidade ao gelo, tossindo depois de tragar uma bafurada de água. Suas roupas e suas anáguas molhadas a puxavam como um peso morto, e durante uns segundos terríveis se afundou por completo. Rodeada de uma aterradora escuridão, lutou contra o peso que tentava levá-la até o fundo. Precisava sair à superfície, tomar ar, e de algum modo conseguiu fazê-lo. Chorando desconsoladamente, alcançou a beira do gelo e apoiou a bochecha nele. Já não ficavam muitas forças, mas não ia render-se.

Lucy fechou os olhos e cravou as pontas de seus dedos nus na superfície gelada. Ninguém sabia que ela estava ali. Seu pai acreditava que seguia em Connecticut com tia Elizabeth e o tio Josiah... e não tinha enviado mensagem alguma a Daniel para lhe comunicar que retornaria antes do previsto... porque tinham discutido... porque lhe tinha obrigado a discutir. Sinto muito, pensou; já não notava as lágrimas que rodavam por suas bochechas. Sempre consigo que discuta comigo... Daniel— Pouco a pouco, a água passou de estar fria a lhe queimar, e ela flutuava imóvel; o medo passou a ser puro atordoamento. Teve a impressão de que o rio lhe falava, e que sua silenciosa voz — insistente e sussurrante — penetrava em sua mente.

Uma garota se afogou nesse mesmo lugar anos atrás. Acaso a tinha levado o rio com tanta simplicidade, com tanta amabilidade como estava fazendo com ela? Também a essa garota pareceu que tudo era um sonho?

«Deixa que tudo desapareça», disse-lhe a escuridão.

A luz do sol, a primavera, Daniel... o amor... Tudo era um sonho... Nada existia.

De repente, um de seus pulsos se torceu de um modo cruel com força suficiente para que Lucy notasse como a dor atravessava o intumescimento causado pelo frio. Moveu-se e abriu muito os olhos. Por entre as mechas de seu cabelo úmido, viu um homem deitado sobre o ventre perto dela. Seus olhos, de um azul sobrenatural, sobressaíam-se da pálida máscara que era seu rosto. Sentiu que a agarrava com força e que começava a puxá-la para tirá-la da água. Os lábios de Lucy tentaram compor uma palavra, mas o único som que saiu deles foi um leve ofego.

Pelo que percebeu, lhe disse algo, mas lhe resultou impossível escutar suas palavras. Sentiu como a puxava para seus braços, e então tudo ficou escuro.

Levava-a em seus braços por entre as árvores. Sua cabeça descansava sobre um ombro coberto de lã. Tinha a testa apoiada no oco do pescoço do homem. Suas pernas se balançavam suavemente, golpeando contra um dos lados daquele estranho. Levava-a nas costas sobre a neve com o passo tranquilo, seguro e rítmico como o trote de um cavalo. Ao perceber que tinha recuperado a consciência, lhe falou em voz baixa, com um marcado acento sulino.



— Tinha saído para procurar lenha quando a ouvi gritar. Não sei o que estaria fazendo aí, querida, mas deveria ter pensado duas vezes antes de pôr os pés sobre esse rio. Não viu que não estava totalmente congelado?

Abrir a boca era como tentar separar duas peças de ferro oxidado. Lucy quis dizer algo e escutou sair de sua boca um curioso som vibrante. Tinha muito frio para falar, muito frio para sequer pensar.

— Não se preocupe. Recuperara-se — disse ele em tom amável.

Devido a sua dor e comoção, a voz daquele homem lhe soou tremendamente insensível. Sua pesada e fria roupa lhe pendurava do corpo, o qual provocava que lhe doessem às extremidades. Ao longo de sua vida, tinham posto remédio a todos seus cortes, arranhões ou golpes com rapidez e compaixão. Jamais havia sentido uma dor como a que agora sentia, uma dor que a consumia, envolvia-a por completo de um modo desumano. Isso era sofrer, e descobriu então que ela não podia suportá-lo. Começou a chorar fracamente e, amaldiçoando entre dentes, Heath a ergueu um pouco mais em seus braços para acomodar melhor a cabeça da garota em seu ombro. Seus lábios ficaram à altura de sua orelha, por isso lhe disse em um sussurro:

— Que orelhinha tão fria. Escute-me, querida. Isto passará logo, e se encontrará muito melhor. Vou te levar a um lugar com um fogo quente. Quase chegamos. Não chore. Resista mais um minuto, e veremos o que podemos fazer para que se aqueça.

Falava-lhe como se fosse uma menina pequena, e embora soasse escandalosamente condescendente, sentiu-se reconfortada. Apesar de lhe haver dito que «quase tinham chegado», deu-lhe a impressão de que passaram horas antes de chegar à pequena e bem iluminada casa. Lucy estava a ponto de deixar-se levar pelo pânico, pois se deu conta de que não sentia nada do pescoço para baixo. O medo encheu sua mente. Estava paralisada? Tinha perdido algum dedo das mãos ou dos pés? O terror a obrigou a permanecer calada enquanto aquele estranho a colocava dentro da casa. Depois de fechar a porta e sacudir os restos de neve, deixou-a com cuidado sobre o sofá. Não pareceu se importar que seu cabelo e suas roupas empapadas molhassem os móveis. O vivo fogo da chaminé iluminava a estadia. Lucy podia vê-lo, mas não sentia seu calor. Escutava-se o tocar de castanholas de seus dentes acompanhando o animado ranger das chamas. —



Se esquentará em um minuto — disse Heath ao mesmo tempo que alimentava o fogo com mais alguns troncos.

— N-n-não a-acredito — conseguiu dizer entre espasmos.

Ele sorriu ligeiramente e agarrou um punhado de mantas que tinha deixado sobre uma poltrona.

— Sim que se esquentará. Vai sentir tanto calor que dentro de bem pouco tempo pedirá um leque e um copo de chá gelado.

— Não s-s-sinto n-nada. — Lhe encheram os olhos de lágrimas, e ele se ajoelhou junto ao sofá e lhe afastou uma úmida mecha de cabelo do rosto.

— Não chore... senhorita Lucinda Caldwell. Esse é seu nome, verdade?

Ela assentiu sem deixar de tiritar.

— Vi-a trabalhando na loja de seu pai — prosseguiu revelando as extremidades de Lucy, lhe tirando o cachecol de cachemira do pescoço. — Me chamo Heath Rayne... e deveria saber, Lucinda, que pensei muitas vezes em me apresentar. As circunstâncias não são as mais adequadas, mas temos que nos aproveitar delas. — Desabotoou lhe a capa com rápida e impessoal eficiência. A tudo isto, ela não deixava de fazer rodar os olhos, e seus dentes tocavam castanholas inclusive com mais força. — Lucinda. Você parece um caracol, parece um novelo. Tem que me dar uma mão. Deixe que a deite de costas.

— N-não...

— Não vou lhe fazer mal. Quero ajudá-la. Facilite-me um pouco as coisas, Lucy, e der a volta. Sim, isso, assim...

Seus dedos se moveram com rapidez para o fechamento de seu empapado vestido de passeio e o abriu. Ela se afastou para trás ao dar-se conta do que estava fazendo. Nenhum homem a tinha despido até esse momento. Mas alguém tinha que fazê-lo, e ela não estava com disposição de despir-se por sua conta. Com grande esforço, conseguiu reprimir o instinto de luta.

— É uma sorte que o rio tenha essa pequena corrente — indicou Heath em tom prático. — Se não fosse assim, estas anáguas e todos estes... babados... a teriam afundado em um instante.

Lucy fechou os olhos sem ser consciente de que as lágrimas lhe escorregavam pelas têmporas até que ele as enxugou com a ponta de uma manta. Com grande habilidade, tirou-lhe as modernas *anquinhas*, a *crinolina* dobradiça e as anáguas. Ao fazê-lo, alguns botões saltaram, e Heath amaldiçoou entre dentes ao vê-los rodar pelo chão. Os laços de seu espartilho estavam empapados e era impossível desatá-los. Tirou, com uma careta de desagrado, uma faca curva de um bolso de seu colete e cortou os nós. Os nós se desataram e o espartilho se abriu, fazendo com que Lucy afogasse um gritinho ao notar como a faca se deslizava sobre suas costelas.

Heath se deteve um segundo antes de introduzir os dedos por debaixo dos suspensórios de sua gotejante camisola. Lucy esticou seu corpo inclusive um pouco mais, o que parecia impossível a essas alturas. O que lhe estava acontecendo tinha que ser um pesadelo. Era a única explicação possível. — Sinto-o — sussurrou Heath, liberando-a da fina camisola e do calção. Lucy acreditou escutar um leve suspiro, mas devia tratar do som das mantas com as que ele a havia coberto imediatamente. Envolveu-a com elas deixando visível somente sua cabeça. O frio tinha se infiltrado em suas articulações, e a dor a fez gemer quando aproximou os joelhos e os cotovelos contra seu corpo. Heath a levantou em seus braços, sentou-se com ela em cima em uma cadeira junto ao fogo e a embalou apertando-a com força. — Daniel, quero o Daniel — disse enquanto lágrimas geladas lhe corriam bochechas abaixo. Não tinha em conta que ele não sabia quem era Daniel. — Me deixe ajudá-la. — Uma mão enorme e cálida lhe acariciou a testa, afastando o cabelo molhado. Deslizou-a até suas coradas bochechas para tranquilizá-la.

— M-me doem as pernas. Os joelhos me estão m-MA-tando...

— Sei. Eu passei por isso em uma ocasião.

— Não seria o mesmo...

— Juro-lhe que foi um inferno. — Sorriu-lhe. — E vivi para contá-lo.

Assim é muito possível que você também o faça.

— Quando...?

— Em sessenta e quatro, durante o cerco de Ritchmond. Estava tentando me liberar de uns atiradores e fui cair em um poço gelado. Ali não fazia calor, precisamente. Estava muito, muito frio.

— Combateu contra... nós.

Ao levantar as pestanas viu que ele a estava olhando diretamente, de um modo intenso, e seus chamativos olhos azuis destilavam tristeza e algo mais que ela não pôde entender.

— Sim. Sou da Virginia.

— O que faz... aqui?

Ele não respondeu, limitou-se a afastar a vista e olhar para o fogo. Abraçou com mais força seu corpo trêmulo. Lucy pensou que se as circunstâncias tivessem sido um pouco menos nefastas, provavelmente teria sofrido um colapso. Nunca antes havia conhecido alguém do Sul, e menos ainda tinha chegado a abraçá-la. Embora nesses instantes não lhe importasse quem era ou de onde provinha aquele homem, pois estava gostando que a abraçassem com força e a protegessem do frio.

— Sente-se melhor? — Ele perguntou finalmente.

— Não... O frio ficou dentro... nos ossos.

Heath a deslocou ligeiramente, rebuscou no interior de seu colete e tirou uma velha cigarreira de prata, que resplandeceu à luz do fogo.

— Isto ajudará.

— O que é?

Ele extraiu o plugue da cigarreira e, imediatamente, Lucy apreciou o penetrante aroma de um licor forte.

— Ouviu falar da água de fogo?

— Não posso tomar isso! — Seu olhar transmitia temor. Tinham-na educado na estrita doutrina que rezava que beber era mau e suportava todo tipo de comportamentos imorais, especialmente no referente a mulheres. Seu pai e o reverendo da igreja paroquial, Grindall Reynolds, não tinham deixado de repetir-lhe.

— Isto esquentará seus ossos, Lucinda. Abra a boca.

— Não, não! — Teria lutado com ele se as mantas não estivessem lhe apertando com tanta força. Sem dificuldade alguma, Heath colocou a cigarreira entre os lábios de Lucy e a inclinou para cima, lhe enchendo a boca com um bom jorro de uísque. Ela tragou, tossiu e voltou a tragar, até notar o

fogo no estômago. Ele retirou a cigarreira. Sem deixar de tossir, Lucy o olhou enquanto tentava recuperar o fôlego. Recompôs-se, abriu a boca para dizer algo, mas de novo encontrou a cigarreira entre seus lábios. Agora o líquido entrou com maior facilidade, e ela bebeu sem poder evitá-lo, pois alguém lhe segurava a cabeça com o braço. Com um desconcertante grunhido, Lucy voltou o rosto para o ombro de Heath quando afastou a cigarreira. Nunca ninguém a tinha tratado com semelhante rudeza. Disse-se que ia contar a seu pai assim que tivesse oportunidade. Sem dúvida Heath supôs com bastante precisão o que estava pensando, porque não demorou para esboçar um sorriso. Ao baixar a vista e fixar-se em que em suas bochechas tinha ficado um rastro de uísque, enxugou as gotinhas com a ponta de um de seus longos dedos.

— Vamos, querida... Tem que reconhecer que é um bom licor do Sul. É bem melhor que as coisas que bebem por aqui...

— Não — respondeu, afastando-se de sua mão. Para sua surpresa, não lhe dissuadiu nem lhe desconcertou seu rechaço. Limitou-se a rir suavemente. — Para sua tranquilidade... não vou me aproveitar de sua indefesa situação, apesar de que você é muito encantadora.

— Não o sou — replicou sem pensar. — Sou alguém a quem você... tirou do rio... que é justo... o que passou.

— É você a coisa mais adorável que tive em meus braços. O asseguro, acredite. Não confia em mim?

— É do Sul — disse Lucy secamente. A cabeça lhe dava voltas por causa do uísque. Notava o abrasador efeito no interior de seu corpo.

— Antes que estourasse a guerra era unionista — ele acrescentou em tom conciliador. — Isso me faz um pouco mais atrativo, não lhe parece?

— Não.

Heath sorriu ao perceber que estava um tanto embriagada e que a cor estava retornando a suas bochechas.

— É adorável — afirmou com contundência. — Pobre ianque.

Lucy se sentiu irritada e ao mesmo tempo fascinada pelo modo como lhe falava com aquele suave acento sulino, como se não tivesse mais remedeio que mimá-la e adúlá-la. Nunca ninguém a tinha tratado como uma menina de

um modo tão descarado, nem sequer Daniel. Fechou os olhos para não ver as formas cambiantes que criava o fogo da chaminé e suspirou sobre o pescoço de Heath. A dor era agora suportável, e ia diminuindo pouco a pouco.

— Me leve para casa — lhe sussurrou aconchegando-se contra seu corpo.

— Durma, querida. Eu cuidarei de você.

À medida que Lucy ia deixando-se levar por um sono pesado, começaram-lhe a assaltar confusas imagens e sonhos alterados: as lembranças de sua infância junto a Daniel; seu antagonismo convertido em amizade, sua amizade convertida no afeto mais profundo; Daniel partindo para a guerra, vestido com o uniforme azul de franja vermelha, com seus brilhantes olhos marrons e seu rosto tão atrativo com aquele incipiente bigode. Daniel, seu amor... embora não seu amante.

Recordou a volta para casa de Daniel depois da rendição do Sul. Além da alegria de voltar a vê-lo, Lucy apreciou seu cansaço, parecia muito mais amadurecido, seu olhar seguia sendo profundo e cálido, mas já não brilhava. «Daniel!» Pronunciou seu nome entusiasmada assim que o viu descer do trem. Tinha-lhe amado durante anos com a adoração própria de uma menina, mas nesse momento já tinha dezessete anos, e lhe queria agora com a paixão própria de uma mulher. E apesar de que estavam presente todos seus familiares e amigos para lhe dar as boas-vindas, foi a ela a quem saudou primeiro.

«Lucy, é você?», perguntou-lhe com os braços abertos. Ela correu para ele com um exuberante sorriso de felicidade.

«Recebeu minhas cartas? As leu?»

«Li todas». — inclinou-se para ela e a beijou sem perder um segundo. — E as tenho comigo.»

Recordou quando Daniel lhe declarou, enquanto a abraçava com seus quentes e fortes braços, lhe roçando os lábios com os seus.

«Não nos casaremos imediatamente — lhe disse. — Teremos que esperar um ano ou dois, enquanto me estabeleço na companhia da ferrovia.»

«Mas eu quero me casar já...»

«Desejo te dar muitas coisas. Espere-me, Lucy. Prometa-me que não te perderei.»

«Esperarei-te sempre — respondeu ela com os olhos banhados em lágrimas. — Nunca me perderá... Sempre serei tua se você queira que o seja... se me segue amando.»

Três anos, três frustrantes anos de espera. Ele não estava preparado para casar-se, e não havia sinal algum de que fosse estar em breve. Nesse tempo, lhe teria dado tudo o que lhe tivesse pedido, tudo o que lhe tivesse podido oferecer, mas nunca tinham feito amor. Cavalheiro até a medula, não se deitaria com ela até a noite de núpcias. Era um homem de honra, e a honra tinha mais força para ele que a paixão. Incansável e intranquila, quase lhe suplicou.

«Daniel... me diga que me quer. Fica comigo esta noite... fique.» Passou-lhe a mão pelo cabelo com carinho, beijou-a na testa, apoiou a boca sobre sua têmpora, acariciou-lhe as bochechas e a suave pele sob os olhos. Ela suspirou agarrando-se a ele para sentir seu calor.

«Shhh... — sussurrou, embalando sua cabeça com as mãos e lhe apertando o rosto contra seu ombro. — Durma... durma...»

Heath percorreu muito devagar com seu olhar azul turquesa os traços de Lucy. Lucinda Caldwell dormia entre seus braços. Ele agitou a cabeça ao repensar no ocorrido. Por um capricho do destino, todos seus calculados planos resultavam agora desnecessários. Quem poderia ter imaginado que ela cairia em suas garras com tanta facilidade? Embalou aquela forma humana indefesa tentando senti-la entre seus braços. Encaixava neles à perfeição. Tão miúda, tão deliciosamente miúda, e tão surpreendentemente voluptuosa.

Perguntou-se como seria ao vê-la de perto: como seria sua pele, que forma teriam suas sobrancelhas, quão longas seriam suas pestanas. Agora tinha todas as respostas frente a si, e sua curiosidade se viu mais que satisfeita. Tinha-a visto com antecedência, bastante frequentemente para saber que seu sorriso era alegre e encantador, e que caminhava pela rua com passo enérgico. Agora conhecia detalhes que, supunha, ninguém antes tinha tido o privilégio de conhecer: a forma natural de seu corpo, a suavidade assim como a perfeita palidez de sua pele, as sardas de seu peito esquerdo. Parecia uma

menina pequena com as bochechas marcadas pelas lágrimas e a pele fina própria de um bebê. Sua boca era todo um convite; apesar de ser muito grande e marcada. Suas sobrancelhas eram escuras e enviesadas. A combinação destes traços inflexíveis e a redondez de seu rosto lhe outorgavam a aparência de uma moça resolvida. Quanto mais a olhava, mais fascinado se sentia. Como poderia alguém resistir a vulnerabilidade, a doçura e o contraste de seu rosto?

Lucy virou-se e gemeu consciente da terrível dor que aprisionava sua cabeça, ao tentar abrir os olhos. Percorreu o dormitório na penumbra com o olhar até perceber as cortinas balançando nas janelas. Um retalho de luz solar penetrou pelo extremo das cortinas, evidenciando que era de manhã. — Pai? — perguntou baixinho ao precaver-se de que alguém estava entrando no quarto. — Estou... — Sua voz sumiu assim que se deu conta de que o intruso não era seu pai e recordou o que lhe tinha acontecido no dia anterior. Seu rosto empalideceu. — OH! É você... senhor...

— Heath Rayne — lhe respondeu aproximando-se da cama sem fazer ruído.

Ela se separou dele imediatamente e puxou as mantas até cobrir-se com elas o queixo; parecia à caricatura de uma virgem acoitada, o que levou um sorriso ao rosto de Heath.

— Não me diga que não confia em mim, Lucinda. Pelo modo como me comortei ontem à noite, mereço uma medalha, o asseguro. — Colocou-lhe a mão sobre a testa antes que ela pudesse mover-se ou protestar para comprovar se tinha febre. Com o polegar notou o pulso de Lucy ao roçar a têmpora antes de retirar a mão. Não gostava do modo como ele a tocava, parecia como se fosse um objeto de sua propriedade. — Tem febre. Não é estranho, levando em conta o que lhe aconteceu ontem. — Acomodou tranquilamente seu corpo em uma cadeira perto da cama.

Lucy demorou uns poucos minutos em dar forma a seus pensamentos.

— Tirou-me do rio...

— Assim foi.

— Nem... nem sequer lhe agradei.



— Não supôs um grande esforço tirar da água um corpo tão leve como o seu.

— Mas você é do Sul. E eu sou...

Ele a olhou com fingida consternação.

— E você acredita que alguém do Sul não daria uma mão a alguém que a necessitasse, embora fosse uma ianque?

— Bom...

— Não responda — lhe cortou secamente. — Lhe direi uma coisa, Lucinda. Inclusive para um degenerado inimigo da União resulta evidente que você é algo muito precioso para servir de comida a umas quantas percas e robalos.

Não tinha dúvida de que estava se burlando dela, mas não soube o que responder. Alarmava-lhe pensar que um estranho a tratasse com semelhante familiaridade, como se fossem velhos conhecidos. Não importava o que tivesse feito por ela ou o muito que tivesse tido que controlar na noite anterior, ele a fazia se sentir desconfortável.

— Eu gostaria de ir para casa — disse em tom vacilante.

— Já sei o que gostaria de fazer. Por desgracia, Lucinda, tem febre, e seria igual ou pior se deixasse você partir ou voltasse a jogá-la no rio. Além disso, é impossível para qualquer um dos nós dois ir a qualquer parte. Segue nevando. Parece que uma das famosas tormentas de neve do Norte veio nos visitar.

— OH, não. Não posso ficar aqui. Não posso.

— Acredita que terão saído para procurá-la? Seu pai, talvez?

— Não, ele acredita que sigo na casa de meus tios em Connecticut. Não sabe que decidi retornar dois dias antes do previsto. Peguei o trem e depois tentei chegar andando da estação...

— E caiu na metade do rio. Querida, não há ninguém que cuide de você?  
— Meu pai. E meu prometido, Daniel Collier. E a nenhum dos dois gostaria de saber que você me... chama desse modo.

— Mas encaixa com você, *querida*. — Enfatizou a palavra para irritá-la, e seus olhos azuis brilharam lhe dedicando um malicioso sorriso. — Suponho

que tampouco gostarão de saber que você esteve em minha cama.

— Não saberão de nada disso. Tenho que ir. Tem que haver um modo...

— Ainda acredita que poderá manter em segredo o que aconteceu ontem?

— Tenho que fazê-lo. Suporia um sério problema com meu pai... e com o Daniel... Daniel brigaria com você!

— Você acha que poderia comigo? — perguntou-lhe Heath.

Tinha suas dúvidas. Mas isso era algo que não pensava admitir diante dele.

— É obvio. Foi um herói de guerra, e era um bom atirador, e ganhou um monte de medalhas.

— OH. — Heath refletiu durante uns segundos. — Bom, então suponho que deveríamos mantê-lo em segredo.

— Trata sem cuidado minha reputação. Só lhe preocupa salvar sua própria pele!

— Temo-me que assim é. Passei os últimos anos tentando mantê-la a salvo.

Levantou as mãos e os antebraços e inspecionou a pele dos mesmos despreocupadamente, depois torceu a boca compondo uma careta. Ela não pôde evitar lhe sorrir em resposta, lhe olhando de frente pela primeira vez. Era muito distinto dos homens aos que estava acostumada. Era bonito, mas de uma beleza também diferente a que estava acostumada. Havia algo rude e indomável nele, uma qualidade que sua roupa cara e bem confeccionada não podia ocultar. Era um dos homens mais altos que ela já tinha visto. Seus largos ombros se destacavam sob a camisa branca. As calças cinza, sem pregas nem listras, adaptavam-se à perfeição a sua estreita cintura. Tinha as fortes coxas ligeiramente separadas devido a sua postura na cadeira. As bochechas de Lucy coraram em tom acusador, e voltou a levantar a vista, passando pela braguilha abotoada das calças, percorrendo o peito e os ombros, para chegar de novo a seu rosto. O sorriso de Heath lhe fez sentir desconfortável, pois indicava que sabia que tinha observado seu corpo de um modo que nenhuma jovem decente deveria fazê-lo. Ao menos, não com semelhante indiscrição.

Seus olhos eram tão azuis, destacavam tanto em contraste com sua bronzeada pele, que sua cor se assemelhava ao das turquesas. Uma fina

cicatriz cruzava uma de suas têmporas até lhe chegar quase ao extremo do olho. Mas desaparecia sob toda uma série de rugas provocadas por seu sorriso. Aquela cicatriz lhe contribuía um toque libertino; dava-lhe caráter a sua beleza e acentuava seu aspecto de jogador profissional dos navios fluviais. Virou o rosto e se acomodou sobre o colchão de plumas de ganso procurando sua comodidade. Imediatamente, Heath ficou em pé e se esticou por cima dela para alcançar um travesseiro do outro lado da cama.

— Aqui está, porei-lhe isto nas costas...

— Não, posso fazê-lo sozinha...

— Não quero que mova um dedo, ouviu-me?

Deslizou um braço atrás de seus ombros e a levantou o suficiente para colocar o travesseiro. Durante uns segundos, Lucy foi consciente somente do poder de seu corpo e do ridiculamente simples que lhe resultava suportar seu peso. Suas roupas e sua pele desprendiam uma atraente fragrância, um aroma limpo, de sabão e vitalidade. Era o mais agradável que já tinha cheirado. Corrigiu-se lealmente sem sequer pensá-lo, pois não cheirava tão bem como Daniel, que usava uma colônia de luxo comprada em Nova

Iorque.

Quando Heath a deixou sobre os travesseiros e se sentou de novo na cadeira, compreendeu de repente o que era que o diferenciava dos homens do Norte: estava perfeitamente barbeado. Estava acostumada a ver homens com espessas costeletas, barbas ou bigodes. Bigodes em forma de lua crescente como o de Daniel, ou com as pontas para cima fixadas com cera, ou os mais finos e bem cuidados que usavam a maioria dos militares. Mas a aparência daquele homem não evidenciava essa classe de refinamentos. A linha de sua mandíbula quase brilhava devido à ausência de pêlos, assim como o contorno de sua boca. Durante uns traçoeiros segundos, perguntou-se como seria beijar a um homem que não lhe fizesse cócegas com o bigode. Deveria sentir vergonha, Lucy Caldwell! Reprovou-se imediatamente. — Encontra algo que goste em particular? — perguntou Heath com malícia.

Mas ela já não estava atemorizada.

— Parece um sulista como qualquer outro, por isso posso apreciar. — Fabricam-nos mais altos ali no Sul. Vocês, os da Nova Inglaterra, passam

muito tempo dentro de casa, e bem sabe Deus que não comem como teriam que comer...

— É obvio que sim!

— Se ao pescado e à sopa de pescado lhe chama comer bem... Na Virginia acostumamos encher os pratos até em cima com comida de verdade, não com essas minúcias de massa de cores que chamam comida. Um pouco disto, um pouco daquilo... Um homem pode comer durante dias sem faltar-se.

— Quanto tempo leva aqui em cima?

— Quase um ano.

— Não parece que tenha passado muito mal com nossa comida... embora não cozinemos frango frito muito frequentemente...

— Frango frito — repetiu com tom melancólico. — Ou um bom presunto defumado. Ou bacon e feijões... ou batatas-doces com manteiga...

Lucy não pôde evitar sorrir. Resultava difícil resistir a seu encanto natural. Sentiu um repentino desejo de lhe preparar uma boa comida: carne assada e repolho, pão moreno com melaço cozido ao vapor durante horas, e bolo de maçã de sobremesa. Isso lhe demonstraria que a comida do Norte podia igualar a qualquer uma das coisas que preparavam no Sul.

— Por que se instalou em Concord? — perguntou-lhe, e a faísca de seus olhos azul turquesa se esfumou de repente. — Não parece ter muito sentido, agora que a guerra acabou e a Reconstrução...

— Reconstrução. Como a maioria das pessoas por aqui, não tem nem ideia do que é isso.

— Sei sim. É ajudar o Sul para que volte a ficar em pé...

— E ajude a todos com suas muletas ocas. Nunca entendi por que as pessoas daqui parecem esperar que lhe estejamos agradecidos por nos haver tirado nossos jornais e nosso direito ao voto, ou porque nos negue a possibilidade de dizer uma só palavra a respeito...

— Obviamente, custará um tempo para que o Sul se recupere — contrapôs Lucy com convencimento, — mas finalmente....

— Finalmente? Nunca.

— O que quer dizer? É obvio que o fará.

Olhou-a nos olhos com total concentração, fazendo-a sentir-se desconfortável, e citou em voz baixa:

— «...Como mudaram as coisas, e como o doce e sorridente rosto do verão variou sua expressão. Porque aqueles tempos passaram... Os soldados só deixaram a lembrança do passado e da solidão...»

Ela o olhou, hipnotizada pela declamação de sua voz, pelas sutis cadências que chegavam a seus ouvidos.

— Não... Não entendo...

— É obvio que não. Como poderia? — ficou em pé e lhe dedicou um sorriso implacável. — Quem escreveu foi um correspondente de guerra... do Sul, para ser mais exato. Tem fome?

— Sim, mas eu gostaria de lhe explicar...

— Posso preparar umas aceitáveis bolachas de leite azedo.

— Por quê...?

— E café.

— OH, de acordo. Não vou lhe fazer mais pergunta.

— Gosta de fazer muitas perguntas, verdade?

— De fato... há mais uma questão.

— Sim? Qual?

Lucy hesitou durante um instante, baixou a vista para o limpo e desbotado edredom, e seu rosto começou a ruborizar. Custou-lhe alguns segundos para criar coragem bastante para dizer: — Necessito... Necessito... Há algum lavabo por aqui?

— É obvio. Não tenho bata para você. Incomodaria lhe vestir uma de minhas camisas?

— Não, não me incomodaria... Obrigado.

Por sorte para Lucy, ele se mostrou receptivo a seu desconforto e se comportou de um modo muito correto. Ou acaso se devia a que depois de cinco anos de privações durante a guerra tinha esquecido que as funções do corpo tendem a incomodar à maioria das pessoas?

Enquanto lhe observava rebuscar nas gavetas, Lucy ruborizou-se inclusive um pouco mais ao ser consciente de que sob as mantas usava somente seu espartilho e suas meias. Sem dúvida, tinha tido que vesti-los a noite anterior depois que secaram. Foi esse um pensamento inquietante, pois devia dizer que era o único homem que a havia visto nua em sua vida. À exceção do doutor Miller, que a havia trazido ao mundo fazia agora vinte anos. Os pensamentos formaram redemoinhos em sua cabeça, pensamentos que deveria ter afastado de si imediatamente, mas não pôde evitar perguntar-se o que opinaria Heath do que tinha visto. Contrariamente ao ideal feminino, ela era morena e miúda, sua língua era vivaz e seus pés se moviam mais rápido que o resto de seu corpo. Além disso, aos dezesseis anos, sua figura adquiriu umas generosas curvas que lhe faziam parecer mais baixa do que era. Durante anos lhe obcecou a ideia de ser alta, esbelta e elegante.

Mesmo assim, haviam-lhe dito em muitas ocasiões que era bonita. Opinaria o mesmo Heath Rayne?

Heath, alheio a seus pensamentos, deixou uma leve camisa branca e umas meias três-quartos de lã sobre seus joelhos, depois virou-se. Como não parecia ter intenção de sair do quarto, Lucy, vermelha como um tomate, vestiu-se a apressadamente. Ao vestir a camisa de seda, notou que desprendia o mesmo aroma que tinha apreciado em Heath: limpo, fresco e ligeiramente seco. A camisa era enorme para ela. Subiu as mangas para que lhe chegassem até os pulsos. A barra da mesma lhe chegava até os joelhos uma vez de pé. Com um estremecimento ao sentir o toque do tecido em seu corpo, tirou as pernas de debaixo das mantas e vestiu as meias três-quartos, cujos calcanhares lhe chegavam ao tornozelo. Lucy ergueu a vista temerosa e comprovou que Heath havia virado a cabeça para um lado, o suficiente para vê-la pela extremidade do olho. Centrou imediatamente de novo seu olhar na parede e encolheu os ombros levemente. Ela deveria haver-se sentido ofendida por aquela indiscreta olhadinha, talvez inclusive temerosa ou desconfiada por sua atitude. Entretanto, seus instintos lhe disseram que não tinha motivo para isso.

— Senhor Rayne — disse secamente, — não está comportando-se como um cavalheiro.

— Senhorita Caldwell — lhe respondeu por cima do ombro, — faz muito tempo tive a intenção de me converter em um cavalheiro. Criaram-me para sê-lo. Por desgraça, os acontecimentos dos últimos anos me obrigaram a escolher... entre ser um cavalheiro ou seguir com vida. A guerra é o melhor modo para acabar com os cavalheiros... pois muito poucos conseguem sobreviver. Os descarados, pelo contrário...

— OH, já basta — gritou olhando-o com uma mescla de horror e confusão, perguntando-se se estava sendo sincero. — Há coisas sobre as quais é melhor não brincar.

— Estou de acordo. Entretanto, não acredito que a guerra seja uma delas. Ou você é das que pensa que se trata de uma elevada campanha moral? Se for assim, forma parte da opinião geral. Os ganhadores sempre pensam na guerra com carinho e a justificam sem duvidar.

Não sabia o que pensar dele. Seguiu-o com cautela até o banheiro do segundo piso, tomando cuidado de não tocá-lo, nem sequer por acaso. A longa banheira, de ferro fundido, estava limpa e brilhante. Colocada em um canto, a bacia do lavabo parecia uma robusta sentinela. Que moderna e agradável era aquela pequena estadia!

— Eu gostaria de tomar um banho — disse Lucy sem afastar os olhos dos grifos de metal que reluziam de um modo intimidador.

— Não enquanto tenha febre.

— Faz calor dentro da casa, e eu...

— Dentro de cinco minutos se sentirá fraca como um bebê, e duvido que goste da ideia de que eu entre aqui para evitar que se afogue... Embora não me importaria em resgatá-la...

— Não vou banhar-me — informou Lucy rapidamente ao mesmo tempo em que fechava a porta em seu nariz. Desavergonhado. O modo como ele a olhava era indecente, inclusive mais reprovável que o fato de havê-la despido a noite anterior. Depois de tudo, tinha-lhe tirado a roupa para evitar que contraísse uma pneumonia, mas a irritava simplesmente porque... porque... era um demônio!

Depois de aliviar suas mais urgentes necessidades, lavou o rosto e arrumou seu longo e sedoso cabelo com as mãos. Não demorou muito tempo

em comprovar que Heath estava certo: sentia-se exausta. Abriu a porta e ele apareceu no patamar imediatamente. Jogou-lhe uma olhada com seus penetrantes olhos azuis, olhando desde seus pequenos pés metidos nas longas meias três quartos, e passando pela camisa ridiculamente grande. — Por favor, não me olhe desse modo — murmurou Lucy. — Já sei que não tenho boa aparência.

— Antes de conhecê-la, tinha ouvido dizer que você era a garota mais bonita da cidade. Não podia imaginar que você seria uma das mulheres mais bonitas que já vi.

Sem ser consciente, Lucy baixou os olhos, incomodada por aquela inesperada adulação. — É você um embusteiro.

Semelhante comentário teria deixado Daniel gelado, não teria podido abrir a boca. Heath Rayne se limitou a sorrir.

— Talvez não diga toda a verdade sobre algumas coisas, é certo. Mas não sobre você. — Seguiu-a de volta ao dormitório com umas pernadas longas e indolentes. Ela podia sentir seus olhos cravados nas costas, o qual lhe levou a acelerar o passo.

— Vou dormir um momento... — quis dizer.

— Não até que lhe traga algo para comer.

— Não tenho fome.

— Há alguns livros junto à cama que talvez goste de olhar enquanto preparo o café da manhã.

Não pretendia dialogar. Resignada, Lucy se meteu na cama, cruzou os braços sobre seu colo e lhe olhou com seus olhos cor avelã enquanto ele a cobria com as mantas. — Obrigado, mas não é necessário que...

— De algum modo, você recorda-me uma mulher que conheci na Virginia. — Heath se deteve depois de alisar o edredom. Seus olhos azul turquesa brilhavam com um olhar risonho. — Doce. Talvez um pouco consentida... embora muito bem educada. Realmente você é tão formal e correta como finge ser, Lucy?

Esforçou-se por encontrar uma réplica adequada a aquela descarada pergunta. Ao não encontrá-la, dedicou-lhe um olhar fulminador. Ele soltou



uma gargalhada e saiu do quarto sem mostrar desassossego algum por seu desprezo.

A febre desapareceu depois de um dia de repouso, mas mesmo assim Heath não a deixou sair da cama. Levou-lhe sopa e pão para jantar. Sentou-se na cadeira junto ao leito enquanto comia, cruzou suas musculosas pernas e Lucy estudou a brilhante pele de suas botas de ponta redonda.

— Disse que tinha retornado dois dias antes do previsto?

— Sim — respondeu Lucy entre duas deliciosas colheradas de caldo. — Mas meu pai não sabe e não me espera até depois de amanhã.

— Bem. O trem, em qualquer caso, não passará até então. Levarei-a até sua casa e diremos que eu passava por ali e a vi caminhar da estação... Onde está sua bagagem?

— Perdi a bolsa quando... quando caí no rio. Direi que a deixei no trem. — Suspirou abatida. — Agora está no fundo do rio.

— Não se preocupe em excesso, querida. Por que não ensinam às mulheres por aqui a sorrirem um pouco mais?

— Educam-nos para economizar — replicou, e seus olhos brilharam ao deixar escapar a risada. — Não gastamos nossos sorrisos com qualquer coisa. — Ou com qualquer um — acrescentou Heath olhando-a nos olhos. Fascinou-lhe comprovar que ela estava absorta em seu jantar. — Por que decidiu retornar antes?

Lucy ergueu a vista imediatamente, com a boca cheia. Nessa breve fração de tempo, seu ânimo mudou. Apesar de que sua pergunta fosse casual, o interesse que evidenciavam seus olhos não o era, e dar-se conta disso lhe impediu de tragar com facilidade. Podia conseguir que aquela situação resultasse realmente difícil de um montão de maneiras. Lucy esperava que não fosse do tipo de homem capaz de aproveitar-se de algo assim.

— Tinha que me desculpar com alguém — disse sem mais.

— Daniel Collier?

— Sim. Discuti com ele e depois fui a Connecticut, a casa de uns parentes, sem comentar-lhe. - Que estranho. Depois de passar dias e dias pensando

nele, nas últimas duas horas se esqueceu de sua pessoa. — Tinha que lhe dizer que sentia ter discutido com ele, e não podia esperar.

— Para discutir é necessário que hajam duas pessoas dispostas a fazê-lo. Por que não esperou até que fosse ele o que se desculpasse primeiro? — OH, porque o justo era que fosse eu que pedisse desculpas. Sempre sou eu a que inicia as discussões. Desde que éramos crianças.

— OH, deveria tê-lo imaginado — disse Heath com um sorriso. — Bom, suponho que não demorará muito em perdoá-la. Sobre tudo se sabe utilizar como é devido esses grandes olhos marrons.

— Vários dias — respondeu Lucy com gravidade. — É um homem muito sério. Algumas coisas têm muita importância para ele. Mas quando falamos e lhe digo que o sinto, e nos entendemos, sei que me perdoou quando agarra minha mão. A partir de então, sei que em um ou dois dias o terá esquecido tudo...

— Agarra-a pela mão? — Parecia surpreso. — Se podem solucionar desse modo, não acredito que haja tema pelo que vale a pena discutir. Sobre o que brigam vocês dois?

— Isso não é seu assunto — respondeu Lucy, irritada pela crítica implícita a sua relação com Daniel. — Se alguma vez conhecer o Daniel, comprovará que é um homem de honra. É calado e reflexivo, o que quer dizer que é muito mais profundo que um desses tipos que expressam a gritos seus sentimentos!

— Sim, sim. Já sei... que as águas tranquilas são profundas. Diga-me, têm pensado casar-se logo?

— Sim. Logo. Ainda não temos data, mas faz três anos que estamos prometidos, e ambos estamos de acordo em que é o momento de...

— Três anos? Estão prometidos desde que acabou a guerra?

— Não repita tudo o que digo!

— Incrível — murmurou Heath. — Lhe direi uma coisa. Vocês do Norte são uma raça à parte. Não sei o que é pior, que ele queira esperar tanto ou que você esteja disposta a esperar.

— Estamos esperando que Daniel reúna o dinheiro suficiente para comprar uma boa casa e para poder manter uma família. Não gosta de deixar

cabos soltos. Quer o melhor para mim.

— E não tem medo de que chegue outro homem e fique com você?

— Nenhum homem poderia fazê-lo. — Sua voz gotejava sinceridade. — Ninguém poderia me afastar de Daniel.

— Estou seguro de que tanto você como ele acreditam... mas outros não o veem do mesmo modo, haja em conta que levam três anos... — Já acabei com a sopa — disse Lucy com secura. — Pode levar.

Ele fechou a boca e recolheu a bandeja do colo de Lucy; seus olhos expressavam um tranquilo sorriso. Antes de sair do quarto, olhou-a e lhe piscou um olho, por isso Lucy compreendeu que ele tinha desfrutado imensamente a suas custas, envenenando-a e rindo de seu orgulho.

No dia seguinte, Lucy olhou pela janela e comprovou com alívio que a manhã tinha amanhecido clara e brilhante.

— Bom dia.

Voltou-se e sorriu a Heath. Estava apoiado no marco da porta. Percorreu-a com os olhos até alcançar suas finas panturrilhas e seus pés descalços. Depois lhe dedicou um escuro e irritado olhar, e ela não teve mais remedeio que reconhecer que era bonito inclusive quando franzia o cenho.

— Bom dia — disse Lucy.

— Por todo o fogo do inferno, o que está fazendo descalça fora da cama? Ela retornou à cama em busca das meias três-quartos de lã e as pôs rapidamente.

— Não é necessário que utilize essa linguagem comigo.

— Quer cair doente?

Lhe sorriu, ignorando seu arrebatamento de mau humor.

— Não vou adoecer. Estou completamente sã e vou a minha casa amanhã. Olhe para fora.

— Por isso está tão contente. Não pode esperar nem mais um minuto para ir pedir perdão a seu prometido. O que me diz sobre compromissos, Lucinda, é doce ou amargo?

— Prová-lo não iria nada mal.

Sorriu a contra gosto.

— Talvez.

— E a mim, um bom banho — prosseguiu Lucy — tampouco iria mau. — Talvez também tenha razão. — Escolheu uma camisa limpa e a entregou, tomando cuidado de não roçar os dedos de Lucy.

— Pense deste modo — disse Lucy com viveza: — amanhã de noite já não terá que dormir na sala. Recuperará seu dormitório. — Não me importa que você durma em meu dormitório.

Ela o olhou de forma reprobatória, depois afastou o olhar daquele inocente sorriso de Heath e saiu do quarto. Heath desceu a escada para alimentar o fogo e assegurar-se de que as acomodações estivessem inclusive um pouco mais aquecidas. Enquanto isso, Lucy tomou um bom banho, cobrindo sua pele e seu cabelo com uma espessa capa de sabão. Quando apareceu no salão, limpa e úmida, nem sequer lhe dirigiu um olhar de soslaio, pois toda sua preocupação era sentá-la junto ao fogo e cobri-la de mantas. A sala estava muito iluminada e flutuava no ar um curioso sentido de companheirismo. Lucy desembaraçou o cabelo castanho com os dedos e depois se penteou enquanto Heath rebuscava entre um punhado de jornais velhos.

Lucy não se precaveu da frequência com que ele a olhava com seus brilhantes olhos azuis. Heath a estudou com discrição, apreciando a composição que formava seu cabelo solto e a pele reluzindo junto ao fogo. Era uma considerável tentação, pois apesar de ter conhecido algumas mulheres, nenhuma lhe tinha parecido tão doce, tão vulnerável e ingênua como Lucy Caldwell. Seu caráter era uma estranha combinação de doçura e firmeza, e sua inocência lhe atraía e repelia ao mesmo tempo. Lucy mantinha intactos todos os seus sonhos. Os sonhos de Heath pelo contrário — o que ficava deles — estavam pulverizados em forma de pedaços e recortes, fixados nas palavras e frases dos velhos jornais que tinha conseguido salvar. Tinha-os mantido e os lia de vez em quando para recordar. Não queria esquecer nunca as lições aprendidas nos últimos cinco anos, não se perdoaria se voltasse a cometer o mesmo erro outra vez.

— O que está lendo? — A curiosidade de Lucy interrompeu seus pensamentos, e ele respondeu imediatamente.

— Um velho exemplar do *Intelligencer* de Atlanta. Algo sobre a campanha de Atlanta.

— E por que razão quer ler isso?

Heath sorriu com amargura.

— Pelos erros. Conta a retirada de Johnston quando atravessou o Chattahoochee, por exemplo. O repórter diz que as tropas «se retiraram disciplinadamente». — Sacudiu a cabeça e soprou. — Eu estava ali. Servi às ordens de Johnston. Não nos retiramos disciplinadamente... Corríamos como almas que leva o diabo, passando uns por cima dos outros para tentar salvar a pele.

— Você estava com Johnston? Daniel estava às ordens de Sherman nessa campanha!

— Provavelmente estávamos frente a frente. Na verdade, apostaria qualquer coisa que ele era um dos soldados que nos atacaram pelos lados.

— Do que lhe serve ler esses jornais em busca de erros?

— É um passatempo. Assim observo as coisas com distância e comprovo como as explicaram, quais eram as políticas editoriais. Na maioria das ocasiões, agente obtém mais informações estudando as coisas que saíram erradas que as que deram certo. E todo mundo sabe que a imprensa fez muitas coisas erradas durante a guerra... em ambos os lados. — sentou-se no tapete frente a lareira e entregou para Lucy um dos jornais. — Dê uma olhada em qualquer página... Retórica. Retórica e não em fatos. Se eu tivesse sido o editor...

— O que? — inquiriu Lucy ao ver que ele não prosseguia. — Se tivesse estado à frente de um jornal, o que teria feito para contar as coisas? Talvez tivesse começado fazendo-o tudo a sua maneira, mas cedo ou tarde teria sucumbido a pressão dos políticos, e teria escrito o que lhe mandassem que escrevesse, e...

— Que dura é você — disse Heath evidenciando com o olhar o sorriso que não mostravam seus lábios.

— Absolutamente... Essa é a forma como fazemos as coisas em Massachusetts.

Heath jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— Não me importa se todo mundo o faz assim. Eu não o faria. Se eu estivesse no comando de um jornal, não teria sido a marionete de ninguém, e teria seguido meu próprio ditado em vez de qualquer corrente. A maioria dos editores permite que qualquer um manipule seus jornais, especialmente os políticos. E os jornais por aqui são tão ruins como os de qualquer outro lugar... São muito suaves, muito partidistas, muito... assustadiços. Não acredito que ninguém saiba manter-se firme e publicar a verdade sem usar um montão de palavras rebuscadas para suavizá-la...

— Entretanto, você sempre diria a verdade se tivesse sido editor, não é assim? Embora não gostasse?

— É obvio que o teria feito, maldita seja.

— Não acredito. Talvez sim no início, mas teria acabado imprimindo sua própria versão da verdade, como todos os outros.

— Ah, mas eu sou diferente de todos eles — disse com um sorriso ante seu tom impulsivo. — Não teria sido tão entusiasta na hora de convencer os leitores de que eles não poderiam chamar os bois pelos nomes. Tenho poucos preconceitos...

— E um deles é o que odeia os do Norte.

— OH, isso não é de tudo certo. Quando fazem as coisas como se têm que fazer, não. De fato, há algumas pessoas por aqui não me custaria trabalho pegar carinho. — Riu enquanto ela olhava as chamas do fogo com renovado interesse.

— Me diga uma coisa — disse ela sem olhá-lo: — trabalhou alguma vez para um jornal? Parece como se o tivesse feito.

— Fui cronista do Register do Mobile durante a guerra. Também escrevi para outros jornais. Estava acostumado a trocar de jornal se o editor tinha a mão muito longa. Nada faz um escritor enlouquecer do que ver que cortaram quase a metade de um de seus artigos...

— Mas sem dúvida deviam ter boas razões para cortar seu trabalho. Heath riu entre dentes e sacudiu a cabeça como se o mundo não tivesse sentido e qualquer um que tentasse entendê-lo estaria mal da cabeça.

— Sim. Entendiam que um repórter tem que tentar manter alta a moral dos leitores. Os editores não gostavam de minhas crônicas das batalhas, diziam que eram muito críticas, sombrias, que não via o lado bom das coisas. O problema era que eu não encontrava muitos motivos para o otimismo em meio daquelas batalhas; em particular desde que compreendi que estava no lado dos perdedores.

Lucy o olhou com curiosidade ao vê-lo sorrir outra vez, incapaz de compreender sua aparente alegria. A luz do fogo convertia o cabelo de Heath em uma brilhante chama de ouro acobreado, filtrava-se por entre suas longas pestanas e desenhava longas sombras em suas bochechas. Pareceu-lhe tão bonito e despreocupado que lhe custava associá-lo à dureza das batalhas e dos tiroteios. Sabia dos horrores e das sangrias das que sem dúvida tinha sido testemunha, não podia entender por que sorria e falava com tanta facilidade da guerra. Que se sentisse a vontade ao falar de semelhante tema levava-a a pensar que era um homem carente de sentimentos. Os outros homens que tinha ouvido falar da guerra se irritavam, deixavam patente sua amargura, nervosismo ou orgulho. Lucy franziu o cenho e mudou de assunto.

— O *Register* era um grande jornal, não é? Deve publicar frequentemente.

— O suficiente.

— Tem algum exemplar de seus artigos?

— Não.

— Que lástima. Gostaria de ler algo escrito por você. Assinava com suas iniciais O...?

— Rebelde. Esse era meu pseudônimo. Não podia utilizar minhas iniciais porque meus pontos de vista frequentemente não eram muito populares. Os meus... companheiros... não gostariam do fato de que nunca visse anjos ou estandartes dourados no campo de batalha. Tudo o que podia ver era dor e indignidade. Inclusive quando ganhávamos uma batalha, eu só via a infelicidade no triunfo... Mas talvez me faltasse imaginação.

Olhou-o com expressão de surpresa.

— Realmente seu pseudônimo era Rebelde?

— Não gosta?

— Não é isso... A questão é... Eu li um artigo dele. Saiu em alguns jornais do Norte. Você escreveu sobre a queda de Atlanta melhor que ninguém... — Bom, não sei o que lhe dizer se o que eu escrevi se publicou em um jornal ianque...

— Não leve por esse lado. Eu li esse artigo do Rebelde... o artigo que você escreveu, sobre... Refugiados, os meninos nas ruas, e os desertores. Não me enganou não? Jamais lhe perdoaria se não me dissesse a verdade sobre isto...

— Não a enganei, Lucy. — O rosto de Heath adquiriu nesse momento um aspecto grave e seco.

— Você escreveu um livro sobre o fim da guerra... ou ao menos alguém utilizou o pseudônimo Rebelde...

— Eu o escrevi.

— Todo mundo o leu... Bom, eu ainda não... mas o lerei.

— Faça-o, por favor. Meus ganhos pelos direitos do livro diminuíram ultimamente.

Lucy não sorriu. Permaneceu na mesma postura, com os olhos cravados no jornal que tinha nas mãos sem fixar-se em nenhuma palavra. Aquele artigo sobre Atlanta era uma de suas mais vivas lembranças sobre a guerra. Concord se encontrava tão longe de tudo aquilo que havia se sentido comovida, em grande parte pela ausência de Daniel e seu trabalho na Sociedade de Mulheres para o Apoio aos Soldados. Um repórter chamado Rebelde tinha escrito sobre as batalhas da Georgia, as pessoas fugindo aos monte de Marieta, o desespero e a fadiga de Atlanta durante o assédio. Suas palavras eram tão desoladoras e deprimentes que finalmente tinha conseguido entender, mesmo em certa parte, o horror que tinham tido que enfrentar todas aquelas pessoas ao ver como vinha abaixo todo seu mundo. Resultava-lhe difícil acreditar que o homem que estava sentado a seu lado fosse aquele repórter.

— Todos procuramos mais artigos assinados por você — disse ela. — Estávamos seguros de que publicariam algo que escrevesse sobre a rendição. Mas não apareceu mais nada.

— Eu não estive na rendição. Feriram-me em Harpeth Creek. Enviaram um ataque suicida. Uma nobre e definitiva tentativa de ganhar a guerra. A



maioria dos soldados do regimento morreram.

— Me alegro de que você não fosse um deles — disse Lucy com os olhos banhados em lágrimas apesar de seus esforços para contê-las. Ele ergueu os olhos surpreso ao apreciar o tremor em sua voz, mas em seguida sacudiu a cabeça e sorriu forçadamente.

— É muito sensível, moça.

— Sei. Daniel diz que não deveria chorar com tanta facilidade, mas às vezes...

— Outra vez Daniel. Não acredito ter conhecido tão bem a um homem e lhe ter tão pouca estima sem sequer havê-lo visto.

Ela riu e secou as lágrimas.

Heath lhe cobriu as mãos com uma das suas, e ela apertou os dedos ao sentir o calor e a força. Apesar de que não o animou a fazê-lo, pois nem sequer se atreveu a olhá-lo, lhe acelerou o pulso e uma agradável sensação de nervosismo se apoderou dela. Muito lentamente, voltou a palma de sua mão para tocar a do Heath, e seus dedos se entrelaçaram. Uma desconhecida doçura percorreu todo seu corpo. Não há nada de mau em agarrar sua mão, disse-se a si mesmo como desculpa. Entretanto, de algum jeito aquele gesto lhe fez sentir-se desleal com Daniel, pois não cabia dúvida de que lhe provocava prazer tocar a outro homem. O apertão de mãos se fez mais intenso durante uns segundos, depois Heath a soltou, causando em Lucy um curioso sentimento de perda.

— Vou cortar alguns troncos — disse Heath, ao que ela assentiu em silêncio, repentinamente confundida e desejosa de afastar-se dele... E mesmo assim relutante em deixá-lo ir.

## Capítulo 2

Ter afundado nas águas do rio tinha sido um desastre maior para o vestido de passeio de Lucy do que para a própria Lucy. A peça tinha encolhido em alguns pontos e em outros tinha se deformado. Em vão se irritou porque as faixas de veludo alcançavam agora a barra da saia. Voltou a atar várias vezes as fitas de cetim, mas resultava impossível reparar o estrago. Felizmente, a capa cobriria tudo até que pudesse reparar o vestido em segredo. Apesar de seu pai ser muito detalhista com tudo referente a sua loja, mal prestava atenção aos assuntos relacionados a sua filha, e jamais sentiria falta de alguns tecidos.

Essa manhã, estabeleceu-se um reflexivo silêncio entre Lucy e Heath, um silêncio que resultava desconcertante devido a conversa que tinham tido mais cedo. Ele a levou ao povoado em uma pequena carruagem puxada por um cavalo castrado manchado de cinza. À medida que se aproximavam de Concord, o ritmo do cavalo pareceu diminuir.

— Já quase chegamos — disse Lucy a contra gosto, consciente de que a estranha aventura que tinha vivido durante esses dois dias estava chegando a seu fim. Reparou de repente em que havia algumas coisas que não tinha comentado com ele, coisas que tinham que ficar claras. — Espere, Heath. Poderia parar a carruagem? — Os olhos de Heath brilharam com a luz do dia, olhou-a de soslaio enquanto puxava as rédeas para que o cavalo parasse. — Há algo que temos que decidir — prosseguiu Lucy em voz baixa. — Como vamos nos comportar quando nos virmos em público? Eu não gostaria de lhe tratar como a um estranho, não depois do que fez por mim... mas não posso dar como certo que lhe conheço!

Ele não fez nenhum gesto, a fina cicatriz de sua têmpora ficava camuflada por umas poucas rugas. — Porque sou um rebelde?

— Não. É obvio que não. É porque não nos apresentaram... E não posso falar com você como a outra noite, nunca mais. Estou prometida. E você não é o tipo de homem com que uma mulher comprometida pode fazer-se amiga. Ninguém o entenderia, e Daniel menos ainda.

— É obvio que não o entenderia — disse Heath, e o paciente som de sua voz a reconfortou ligeiramente. Ele se responsabilizaria pela situação.

Ergueu os olhos para encará-lo e se fixou na cor bronzeada de sua pele e no tom loiro de seu cabelo. Parecia totalmente fora de lugar no meio da neve e daquele ar gelado. Tinha nascido para viver sob a luz do sol radiante, em terras cobertas de erva. Seus insinuantes sorrisos e seu acento estrangeiro jamais seriam aceitos nas terras do Norte. Por que teria escolhido estabelecer-se tão longe de seu lar? Perguntou-se. Que razões teria para isso? Não se atreveria a perguntar-lhe. Pela primeira vez, apreciou uma fina cicatriz mal visível em um lado do pescoço que parecia estender-se por debaixo da camisa. Até onde chegaria? Como a teria feito? Parecia-se com a que tinha na têmpora.

Perguntou-se que tipo de homem seria. Só sabia que no fundo de seu ser havia uma reserva de experiências e emoções que ninguém jamais conseguiria entender. Ao contrário de Daniel ou do resto dos homens que conhecia, que eram em essência pessoas simples, Heath Rayne era muito complexo, muito... traiçoeiro. Estava-lhe agradecida pelo que tinha feito por ela, mas se negava a acreditar que houvesse entre eles alguma possibilidade de serem amigos. Não tinham nada em comum. Eram mundos paralelos. — Jamais esquecerei o que fez por mim — afirmou Lucy com seriedade. — Nunca poderei lhe recompensar por...

— Não desejo sua gratidão eterna — a interrompeu com um insinuante sorriso que pouco a pouco foi desenhando-se em seu rosto. — Não se angustie, querida. Isto não é uma despedida. — Sim, é. É o que estou tentando lhe dizer.

— Ah, entendo. Me perdoe. É que na Virginia temos um modo diferente de nos despedir.

Pôde apreciar um leve brilho malicioso em seus olhos azuis, e Lucy sorriu em resposta, depois do qual afastou os olhos.

— Não burle de mim— disse com ar coquete, consciente de que o que ele pretendia era tomar alguma liberdade; que ela sem dúvida rechaçaria, sem ter em conta quão persuasivo fosse. Ela era uma mulher comprometida.

— Não pretendo burlar de ti. Isto é uma coisa séria. Não acha que me deve ao menos um beijo? Como você disse, salvei-lhe a vida. Acaso Daniel se

negaria a que beijasse só uma vez o homem que a resgatou? Acaso teria sequer que sabê-lo? Deus sabe que eu nunca o diria. Um beijo não é um grande pedido, Lucy.

— Nunca beijei há ninguém que não fosse Daniel — disse com tom afetado, descobrindo nesse instante a irresistível satisfação que lhe produzia flertar com ele.

— Sim, mas o que quer apostar que ele não sabe onde você tem sua marca de nascimento — disse Heath, e sorriu ao vê-la avermelhar. — O sinto, querida. Você estava certa... Não sou o que se diz um cavalheiro, verdade?

— Não, não o é absolutamente.

— Está segura de que me disse a verdade a respeito de não ter sido beijada por mais ninguém além do Daniel?

Que conversa para manter com aquele homem! Sentiu como lhe ardiam as bochechas enquanto tentava evitar seu olhar.

— Basicamente, é certo. Antes de nos prometer... beijei a um ou dois meninos... mas não foram beijos de verdade como os que dou em Daniel. — Beijos de verdade — repetiu pensativo. — Não conheço outro tipo de beijos mais que os de verdade.

— Já sabe a que me refiro. Alguns beijos não significam nada de nada.

Mas os beijos de verdade sim significam algo.

— Não, não sabia nada dessa interessante distinção. Olhe para mim Lucy. Consciente da mescla de confusão e emoção que sentia em seu interior, obedeceu sem saber por que. Sim, ia beijá-la, e ela não deveria permitir-lhe mas não encontrava forças suficiente para lhe dizer não. Intencionalmente, ele tirou as luvas sem afastar o olhar. Colocou-lhe uma de suas bronzeadas mãos na nuca enredando os dedos em seu cabelo castanho. A outra a apoiou na curva de sua cintura. O modo como a agarrou era muito diferente de como Daniel estava acostumado a abraçá-la.

— Diga-me se este beijo for de verdade ou não, Lucy.

Inclinou a cabeça para ela e Lucy fechou os olhos, respirando com dificuldade. Inicialmente, o toque de suas bocas foi seco, quente e intenso, e exigia dela algo que não sabia como oferecer. Agarrou a borda do assento e

lhe ofereceu seus lábios com cautela. Seguiu sentindo a pressão de sua boca muito depois quando ela acreditou que ele a deixaria. Em vez disso, ele pressionou com mais força, obrigando-a a separar os lábios. Tentou recuperar o fôlego e colocou as mãos em seu largo peito para afastá-lo de si. O beijo era agora ardente e intimamente úmido, o que a fez tremer devido a uma curiosa combinação de repulsão e prazer. Desconcertada e surpreendida, sentiu o aveludado toque de sua língua contra a sua de um modo que ela nem sequer teria podido sonhar. Sua boca parecia faminta e não se detinha ante nada. Havia algo mágico naquele homem que feria seus sentidos e agarrava-a com delicadeza. Tremia, tal como o tinha feito a primeira vez em que a segurou em seus braços, embora nesta ocasião não se devesse ao frio a não ser ao fogo que crescia no mais profundo de seu ser. Heath pôs fim aquele beijo com um leve gemido. Seu rosto evidenciava confusão. Aturdida, ela o olhou nos olhos; o coração parecia querer sair do peito e o estômago tinha se contraído. Heath tinha provado o sabor de sua boca. Pensar que ninguém voltaria a fazê-lo a contrariou. E, entretanto... não lhe tinha resultado desagradável.

— Não pratique isto com seu prometido — lhe disse Heath, — ou quererá saber onde o aprendeu.

Lucy o separou de seu lado com um gesto de desagrado, deslocou-se até o extremo do assento e virou o rosto. Sentia seus lábios suaves e carnudos, e quase podia notar ainda o toque de sua língua. Se pensasse nisso, perderia as forças e começaria a tremer. Como tinha lhe permitido fazer algo assim? Pensou em Daniel e se sentiu culpada, pois ele jamais tinha tentado fazer com ela algo semelhante. Daniel e ela provavelmente nunca se beijariam com a boca aberta, nem sequer depois de casar-se. Daniel lhe havia dito que há mulheres às que tratar de um modo luxurioso e mulheres às que tratar com amor, e que ela era das que terá que tratar com amor.

— Segundo sua opinião, foi um beijo de verdade? — Heath sorriu com malícia ao ver que não lhe olhava. — De acordo, querida... Levarei-a para casa.

Essa mesma tarde, Daniel foi visitá-la. Desde sua casa até o armazém de Main Street havia um curto caminho. Lucy e seu pai viviam em cima da loja,

no segundo andar, desde que sua mãe, Anne, morreu de tuberculose muitos anos atrás.

— Estarei abaixo fazendo o inventário — disse Lucas Caldwell, comprovando despreocupadamente que as pontas de seu branco bigode acabassem em ponta.

Lucy lhe sorriu agradecida, pois sabia que estava lhe oferecendo a possibilidade de passar uns minutos a sós com Daniel. Não afastou os olhos do imaculado traje de seu pai até que fechou a porta atrás dele com muito cuidado. Em seguida, lançou-se aos braços de Daniel. Que casal tão perfeito faziam. O peso de Daniel era o adequado, e sua altura era a justa para que ela se sentisse protegida e não impressionada. Encaixavam à perfeição, como duas mãos em um sólido apertão. Inclusive pensavam do mesmo modo. Daniel era seu amigo mais querido, e sabia que isso não mudaria nunca, nem sequer depois de converter-se em seu marido.

— OH, quanto senti sua falta — disse Lucy com ardor lhe oferecendo os lábios para que os beijasse. O familiar toque de seu bigode no lábio superior lhe fez cócegas. Sem saber por que, sentiu-se invadida por um novo impulso e começou a separar os lábios, pois desejava algo mais que a simples pressão de sua boca. Queria provar seu sabor. Desejava beijá-lo com paixão, tal como a tinham beijado ao meio dia. Talvez Daniel tinha evitado, até então, beijá-la daquele modo porque não queria incomodá-la. Entretanto, e apesar da suavidade e o oferecimento de seus lábios, ele afastou a cabeça.

— Eu também senti falta de ti — disse Daniel encarando-a com seus olhos marrons. — pensei no que falamos antes de você partir...

— Eu também estive pensando. Lamento muitíssimo haver te pressionado tanto.

— Já sei que está louca por te casar. Entendo-o, minha querida... Eu tenho tanta vontade de me casar como você. Muito em breve fixaremos uma data.

Prometo-lhe isso.

— Mas isso é o que leva dizendo há três anos.

— Não podemos nos casar até que não esteja em disposição de te oferecer tudo o que merece...

— Tem o suficiente para comprar uma casa pequena. Eu não quero uma mansão. Só quero que estejamos juntos. Não entendo por que nem sequer tem em conta a possibilidade de viver aqui, com meu pai, ou com sua família, até que tenhamos o dinheiro suficiente para comprar nossa própria casa.

— É uma questão de orgulho, e essa é minha última palavra...

— Pode deixar de lado seu orgulho durante um minuto e me escutar? Outros homens vivem com suas famílias ou com a família de sua mulher. Outros homens começam comprando casas pequenas e constroem outras maiores depois. Por que você não pode escolher entre uma dessas possibilidades? Não quero que as coisas sigam assim. — Lhe cortou a voz antes de acrescentar com suavidade: — Me sinto sozinha.

A surpresa cruzou sua cara, de uma formosura severa, e apoiou as mãos sobre os ombros de Lucy.

— Como é possível que se sinta sozinha? Sempre está rodeada de gente. E nos vemos todos os dias, às vezes em mais de uma ocasião. Vamos aos bailes e aos bate-papos...

— Uma pessoa pode estar rodeada de gente e mesmo assim sentir-se sozinha. Não sinto que ninguém me necessite. Não pertenco a ninguém.

— Seu pai...

— Meu pai tem seu armazém. Isso é o mais importante para ele. Sua loja e seus clientes são todo seu mundo, e assim é como quer que sejam as coisas. OH, já sei que me quer, mas não é o mesmo. E você tem a sua família, uma grande família com muitos irmãos e irmãs. Estão muito unidos, ajudam-lhes uns aos outros, pertencem a essa família.

— Você também pertence a minha família...

— Sou uma estranha — insistiu. — E necessito uma família. Sou uma mulher, e é tanto o que quero te dar... Tanto o que quero que deixe que te dê. Eu... — Duvidou antes de prosseguir. — Quero estar perto de ti e te amar como só uma mulher pode amar a seu marido. Estou cansada de nos beijar no alpendre e de nos dar a mão quando ninguém nos olhe.

Ao Daniel lhe avermelharam as orelhas ao compreender do que estava falando.

— Lucy, baixa a voz. Não sabe o que está me pedindo.

— Quero ser tua como nunca poderia ser de mais ninguém. Não quero esperar mais, e menos ainda se as bodas forem atrasadas por mais uns anos...

— Meu Deus. — Daniel a soltou rindo nervosamente. — Nunca teria imaginado que pensasse em semelhantes coisas, Lucy.

— É obvio que penso nisso. Todas as mulheres o fazem, confessem-no ou não.

— Mas não podemos. Quero que permaneça imaculada até a noite de bodas. Como tem que ser.

— Sempre se preocupa tanto que as coisas sejam como têm que ser — disse Lucy em voz baixa, deixando que fossem seus olhos os que mostrassem seu apaixonado desespero. — E o que tem como são as coisas agora... de como eu me sinto?

— Não terá que esperar muito. Fixaremos uma data...

— Muito em breve. Já sei.

— Prometo-lhe isso.

Inclinou-se para beijá-la na testa. Mas, de repente, Lucy lhe rodeou o pescoço com os braços e o beijou, amoldando seu corpo jovem e ardente ao de Daniel. Ficou paralisado pela surpresa, embora imediatamente ele também a rodeou com os braços dispostos a responder a seu fervente beijo. Lucy estremeceu triunfante, inclinou a cabeça para trás e o apertou contra si mais forte. Sentiu seu corpo masculino, firme e musculoso. Lucy notou sobre seu abdômen uma crescente pressão e soube que essa era a prova física do desejo que Daniel sentia por ela.

Daniel a afastou empurrando-a pelos quadris imediatamente. Seu rosto estava avermelhado, parecia incômodo.

— Agora não — disse com voz rouca. — Já lhe disse isso, Lucy, teremos que esperar.

Uma parte de seu ser desfrutou ao comprovar que lhe tinha afetado grandemente — agora, no mínimo, sabia que não estava sozinha em sua frustrante necessidade, — mas outra parte se afundou na decepção. Quando Daniel tomava uma decisão não havia quem lhe fizesse mudar de opinião. —



De acordo — murmurou olhando o chão. Começou a envergonhar-se ao notar sua recriminação.

— Tem que aprender a não ser tão impulsiva. Em momentos como este é difícil não aproveitar-se de ti. Mas te respeito, Lucy, e ao final me agradecerá por isso.

— Espero que assim seja.

— Assim será, asseguro-lhe isso.

A neve que tinha caído em fevereiro começou a desfazer-se. A tempestade de neve que soprava entre os olmos secos de Main Street era quase sólida. Lucy trabalhou na loja com seu pai, que estava especialmente ocupado com os pedidos dos clientes, disposta a repor todo o gasto durante as tormentas, do café e do chá à cera de abelhas ou o sabão em pó. Lucy teve muito pouco tempo para pensar em Heath Rayne e a pequena casa do outro lado do rio em que tinha passado dois dias escondida. Mas, de vez em quando, Lucy recordava algum detalhe do estrangeiro sulista, como a exótica cor turquesa de seus olhos, ou o modo como a chamava «querida», assim como seu senso de humor, às vezes seco, às vezes enigmático. Preocupava-lhe o fato de pensar em Heath em algumas ocasiões em que Daniel estava perto, pois se via obrigada a dar alguma explicação a respeito de sua vermelhidão ou silêncios repentinos.

No sábado pela manhã, no armazém, Daniel e seus amigos estavam reunidos juntos à estufa Seavey, como era seu costume, conversando e fumando esses charutos que o general Grant tinha posto em moda, contando uma e outra vez as batalhas em que tinham participado. Lucas Caldwell limpava o recipiente de cristal no que guardava as facas, enquanto Lucy ajudava à senhora Brooks a escolher o tecido para um vestido. No momento em que saiu da loja a senhora Brooks, fazendo soar a campainha da porta, entrou outro cliente. Como estava conduzindo um cilindro de linho, Lucy não prestou atenção ao recém-chegado até que se precaveu de que Daniel e seus amigos tinham emudecido. Deu uma olhada para a porta e acreditou ver um brilho de cabelo loiro e de pele bronzeada, por isso baixou a vista para o

mostrador imediatamente. Tremiam-lhe as mãos enquanto agarrava o linho e o colocava sobre os outros cilindros de tecido.

— Bom dia, senhor Rayne — disse Lucas Caldwell com boa disposição. — veio em busca de seu pedido? Chegou ontem.

— Sim por isso e pelo correio — respondeu com seu característico acento. O som de sua voz, tão cálida e profunda como a recordava, provocou que um calafrio percorresse as costas de Lucy. Sem perceber, passou as mãos sobre a faixa de seu vestido de popelina irlandesa, arrumou o amplo laço que se atava à costas e apertou as fitas que desciam pelas saias.

— Lucy, pode te ocupar disso? — perguntou Lucas.

— Bom dia, senhorita Caldwell.

Obrigou-se a olhá-lo nos olhos e apreciou o sorriso que destilavam seus profundos olhos entre azuis e verdes. A teria visto tocando a faixa? E se assim, acreditaria que o tinha feito por ele? Maldição!

— Senhor Rayne — lhe saudou friamente. Seus dedos estavam mais torpes que nunca, mas conseguiu arrumar-se com as caixas de cristal junto à porta principal. Havia duas cartas para ele, uma escrita com letra feminina. Resistiu à tentação de olhá-la com mais atenção e as entregou. Seus olhares voltaram a cruzar-se, e o coração de Lucy se acelerou ao pensar que estava ali e que os dois dias que tinham passado juntos não foram um sonho, que ele e ela e Daniel estavam sob o mesmo teto. — Obrigado, senhorita Caldwell.

— O senhor Rayne — disse de repente Daniel, com uma voz diferente a habitual, tão cheia de desprezo que Lucy quase não a reconheceu — é nosso residente confederado.

— É meu prometido, o senhor Daniel Collier — disse Lucy a Heath, que olhou para Daniel com interesse durante uns segundos e depois se voltou para ela outra vez. — Vá — murmurou Heath secamente. Tudo o que Lucy pôde fazer foi compor um sorriso, pois sabia exatamente o que pensava de Daniel. Sentiu como se compartilhassem uma brincadeira privada. O tom risonho desapareceu de seu rosto assim que Daniel se aproximou dela e se colocou a seu lado.

— Olha-o bem, Lucy. — O desprezo era evidente em sua expressão. — Sempre anda perguntando coisas sobre a guerra e os rebeldes contra os que

lutamos. Este é um desses homens que mataram e feriram nossos amigos, e que encerravam em imundas prisões a moços como Johnny Sheffield até que morriam de varíola.

— Daniel! — Lucy o olhou aturdida. Sem dúvida, esse não era seu amável e educado Daniel, um homem que odiava discutir, pois estava procurando briga! Tinha desaparecido a doçura de seus olhos marrons, parecia agora tão frio e zangado que, de forma instintiva, deu um passo atrás para afastar-se dele. Roçou-lhe o ombro e o notou tão rígido como o aço.

— Alguma vez pensou que um sudista recolhesse ele mesmo seus encargos — disse Daniel olhando-o de forma cortante. — Por que não enviou um de seus negros?

— Porque nunca acreditei na escravidão — replicou Heath sem levantar a voz.

Dois dos homens que estavam sentados junto à estufa ficaram em pé apressadamente.

— Talvez seja assim — disse um deles, — mas lutou pela causa, não é certo? Acreditava o bastante na escravidão para assassinar a milhares de homens bons com o fim de mantê-la.

— Tinha minhas próprias razões para lutar. — Seu acento da Virginia era agora mais pronunciado, e contrastava muito com as átonas vozes do Norte. — Em primeiro lugar, eu não gostava da ideia de que um punhado de ianques me dissessem o que tinha que fazer, quando eles não tinham nem ideia de...

— Lucy, por que não leva o senhor Rayne ao porão para que recolha o cristal que encomendou? — sugeriu-lhe Lucas Caldwell, enquanto seu rosto indicava às claras que tinha a intenção de dar uma reprimenda nos homens que ficavam com ele. Um comerciante, por cima de tudo, jamais toleraria esse tipo de ofensas em sua loja. Aqueles homens escutariam e respeitariam suas palavras. Lucas era um homem conhecido e de confiança em Concord, e virtualmente todo mundo lhe devia um ou dois favores; embora não tinha a intenção de recordar-lhe.

Lucy olhou seu pai nos olhos, compreendeu suas intenções e assentiu em silêncio.

— Não quero que vá a nenhuma parte com um rebelde — disse Daniel.

— Acredito que minha filha estará a salvo com ele. Verdade, Rayne?

— Sim, senhor.

— Vá com ele, Lucy.

Lucy o levou para a parte traseira da loja e depois desceram por uma estreita escada. À medida que se afastavam, pôde escutar a voz de seu pai: «Em minha loja, moços, trata-se com respeito a todos os clientes, sejam do Norte ou do Sul, franceses ou esquimós. E se vocês não gostam do modo como levo meu negócio...».

Chegaram ao porão e se detiveram frente a umas estantes de madeira em que se empilhava toda uma série de pacotes embalados. Lucy respirou fundo enquanto dizia:

— Sinto muito. Peço-lhe desculpas por Daniel... por todos eles. Daniel não acostuma ser... ser...

— Um idiota intolerante e presunçoso? — propôs amavelmente. — Conheço-os todos desde que era pequena. Nenhum deles lhe haveria dito nada se estivessem sozinhos, mas ao estar em grupo...

— Sei. E não posso lhe dizer que não teria ocorrido o mesmo se um deles tivesse tido que passar algo similar no Sul. Exceto ali, lhe teriam linchado antes de que pudesse responder.

Ergueu a vista e um pouco de seu aborrecimento desapareceu com aquele gesto. Heath não parecia zangado. Nem sequer parecia lhe haver incomodado a cena que tinha acontecido na loja, era ela que tinha se sentido incômoda! Respirou fundo com a intenção de recuperar a calma. Não era próprio de Lucy mostrar-se contra Daniel, e menos se seu oponente fosse um estranho.

— Como se encontra? — perguntou Heath.

— Bem. Nem sequer me resfriei depois de... depois de já sabe o que.

Ele sorriu ante aquela vaga referência ao incidente do rio.

— Me alegro. Suponho que Daniel não fez perguntas.

— Não.

— Arrumaram os problemas pelo que tinham discutido?

— Bom... Em realidade, não.

— Que vergonha.

— Por favor — disse Lucy sem poder evitar rir. — Tanto apoio me comove.

— Admito que Daniel responde ao que esperava dele. Mas você não disse nada de seu bigode.

— Dá-lhe um ar distinto, não lhe parece?

— Talvez eu deixe crescer um também.

— Não! — respondeu Lucy imediatamente, com total sinceridade. Suas bochechas não demoraram para avermelhar e Heath pôs-se a rir.

— De acordo. Então não é especialmente partidária dos bigodes...

— Exceto o do Daniel.

— Esse homem a tem enfeitiçada, verdade? Ou é que está tomando seu tempo? Talvez... se esperar um pouco mais... alguém poderia fazer com que você se preocupasse com ele tanto como pelo Daniel.

— Absolutamente. Daniel e eu estaremos juntos para sempre. Nós... Bom, crescemos juntos. Nada pode romper esse tipo de laços.

— Nada pode rompê-los? Se algo aprendi nos últimos anos, querida, é que não se pode estar seguro de nada.

Lhe dedicou um longo e expressivo olhar, lhe advertindo que a conversa estava se tornando muito pessoal.

— E lhe rogaria que não voltasse a me chamar assim nunca mais.

Ele sorriu com malícia.

— Poderia comprovar se algum desses pacotes é o meu, senhorita Caldwell?

Em silêncio, Lucy se voltou para as prateleiras e procurou no extremo de um deles ficando nas pontas dos pés. Agarrou um pacote e começou a puxá-lo. Heath por trás passou as mãos por cima dela e agarrou o cristal envolto afastando-o do vacilante movimento de Lucy. Durante uns segundos, ela sentiu o contato e a pressão daquele corpo forte contra suas costas, por isso se voltou imediatamente para dizer com raiva:

— Não. Me deixe fazê-lo, de acordo?

— Não fiz com má fé. Vi-a cambalear-se sobre as pontas dos pés enquanto agarrava o cristal de janela... Pedi-o faz quase um mês, e isso é mais do que posso suportar.

— Não estava cambaleando!

— Já entendo. Prefere pensar que me sentir tão atraído por seus encantos que procurei qualquer desculpa para... — Não, não é isso... Eu... OH, saia!

Ele assinalou para a escada com um gesto que era burlesco e diferente ao mesmo tempo; seus olhos brilhavam. — Depois de você, senhorita Caldwell.

Lhe precedeu com passo régio de retorno à loja e se deteve no lugar habitual que ocupava atrás do mostrador. Aceitou seu dinheiro sem sequer contá-lo e o levou a caixa.

— Se esperar um minuto — disse Lucas Caldwell a Heath — farei o recibo...

— O agradeço, mas não será necessário.

Todos observaram em silencio o alto sudista dirigir-se para a porta. George Peabody, um exaltado rapaz que não pôde evitar dizer algo desde seu seguro canto, murmurou um insulto entre dentes.

Heath se deteve e deu a volta, olhou-o com ira desafiadora, mas antes de que pudesse lhe replicar, Lucy lhe disse com raiva:

— George Peabody, fecha o pico!

— Será melhor que primeiro grampeie os calções — disse Heath antes de tocar a asa de seu chapéu em despedida para Lucy e sair pela porta.

Automaticamente, todos olharam para as calças de George, para descobrir que, em efeito, tinha um dos botões desabotoados. A tensão se dissolveu, e quando o moço, com a cara avermelhada, voltou-se para reparar sua maltratada dignidade, todos se puseram-se a rir. Inclusive Daniel não pôde evitar sorrir.

— Rebelde insolente — disse sem ênfase, e ninguém lhe contrariou.

O propósito da última série de reuniões intelectuais que aconteceram em diferentes lares de Concord foi conversar a respeito da Reconstrução com objetividade, sensibilidade e sem nenhum tipo de prejuízos. Como todo

mundo podia supor, ditos encontros estiveram longe de ser objetivos, nenhuma vez se mostraram neles sensibilidade e sempre preponderavam os prejuízos. Mesmo assim, aquelas acaloradas discussões reuniam a bastante gente e sempre resultavam interessantes. Os debates celebrados nos salões desses lares eram território exclusivo para homens, mas às mulheres que desejavam escutar lhes permitia sentar-se em silêncio nos cantos da estadia. Homens como o metódico Bronson Alcott e o incisivo Ralph Waldo Emerson compartilharam suas opiniões a respeito da guerra e a Reconstrução com outros habitantes da cidade. Finalmente, celebrou-se um debate no salão dos Caldwell, que mal pôde dar capacidade a toda a gente que se reuniu aquela semana.

Lucy estava no comando da cozinha enquanto a reunião se realizava. Não demorou para encher de água um bule e colocá-lo no brilhante fogão de ferro coado, para que umedecesse o ar seco, e depois repassou as bandejas com bolos que serviria mais tarde. Satisfeita de que tudo estivesse em ordem, alisou a musselina, atou o avental e caminhou nas pontas dos pés para o lugar de onde provinham as vozes. Nesse preciso momento, Bronson Alcott se encontrava no meio de um círculo de pessoas. O grisalho cabelo lhe caía até os ombros, gesticulava de forma contida com suas grandes mãos enquanto falava com as maneiras de um homem experiente na arte da oratória.

Lucy ficou no sombrio corredor e deu uma olhada à estadia. Seu pai estava no fundo, olhando o relógio de bolso e perguntando-se, sem dúvida alguma, quanto demorariam para servir os bolos e doces. Daniel, com as pernas cruzadas e repousando as mãos sobre um dos joelhos, encontrava-se no círculo mais próximo ao centro, olhando fixamente ao orador. No canto mais afastado estava sentado Heath Rayne, entre as sombras, o que fazia com que seu cabelo parecesse tingido de outra cor. Tinha uma perna apoiada sobre o joelho da outra, e os braços cruzados de forma casual sobre o peito — o retrato perfeito do aborrecimento, — embora, de algum modo, Lucy sabia que estava escutando com bastante atenção tudo o que se dizia. Perguntou-se o que o levava a ir a aquelas reuniões sobre a Reconstrução sendo como era o único sudista presente. Para falar a verdade, em Concord manifestavam de vez em quando certos sentimentos prosudistas quando se tratava do tema da Reconstrução. Mas Heath Rayne era um estrangeiro ali, e ele, igual ao resto, sabia. Sua presença tinha suposto um fator de inibição nos primeiros

encontros. Todo mundo o olhava, perguntando-se quando saltaria da cadeira chiando e bramando como um rebelde. Entretanto, manteve-se em silêncio durante todos os debates que tinham sido realizados. Nesse ponto, já quase tinham esquecido que ele estava presente. Chegava, trocava algumas palavras amáveis com aqueles que se atreviam a aproximar-se, escutava em silêncio e depois se ia, como se, se tratasse de um observador desinteressado e não tivesse sofrido a guerra na própria carne!

Lucy não o entendia absolutamente. Reconfortava-lhe pensar que, igual a ela, ninguém o entendia.

— E para todos aqueles que acreditam que o conflito, em retrospectiva, não tem que ser entendido como uma confrontação entre o engano absoluto e a verdade absoluta — dizia nesses momentos Alcott, — eu lhes diria que examinassem à fria luz da objetividade o mal que supunha a escravidão. O sentir simpatia por aqueles que apoiavam a escravidão ou inclusive mostrar benevolência por eles... deve ser considerado como um ato de alta traição... Lucy tinha escutado aquele discurso uma infinidade de vezes, por isso teve que controlar um traíçoeiro bocejo. Ergueu uma mão com delicadeza para tampar a boca e o sufocou, piscando para limpar o cansaço. Ao olhar de novo para Heath se deu conta de que ele também a estava olhando. Manteve-lhe o olhar durante um bom momento, incapaz de olhar a outro lugar e, ao ver que seus lábios se curvavam formando o mais leve dos sorrisos, ela também sorriu. Então o senhor Emerson quis acrescentar algo ao que havia dito; seus olhos de um verde cinzento reluziam com um tom escuro. Suas palavras, como sempre, granjearam-se a atenção de todos os presente.

— Não podemos e não devemos mostrar benevolência com os sudistas, não se o que desejamos é confirmar os ideais pelos que lutamos na guerra. Temos que amassar aos rebeldes e não negociar a paz com eles, se finalmente queremos materializar nossas aspirações. A guerra não é um jogo. Terá que levá-la até o fim sem piedade com o inimigo, se desejamos inspirar moralmente aos homens que combatem nela.

— Sem piedade? — repetiu Lucas Caldwell com humildade. — Mas não deveríamos tentar...?

— A guerra desencarde aos homens, pois é o açoite da indecisão e a putrefação — exclamou Emerson com rotundidade. — Em certos sentidos, a



guerra é boa para o homem. Por esse motivo, e pela retidão de nossas crenças, foi pelo que animei aos jovens a lutar.

De repente, uma voz desconhecida cortou o ar com aparente suavidade.

— Está você equivocado... senhor. Aos homens, a guerra lhes priva de... sua humanidade. — Todos os olhos se voltaram para o lugar onde Heath Rayne permanecia sentado com aparente despreocupação. Esboçou um meio sorriso que não era a não ser uma careta. — É fácil — prosseguiu com um tom mais cortês que pode, — é fácil para homens como você dizer aos jovens que lutem, sendo você muito mais velho para agarrar um rifle e seu filho muito jovem. É fácil enviá-los à guarida dos leões onde eles acreditam que estarão protegidos se, se agarrarem à bandeira.

Um murmúrio de vozes cresceu na estadia depois da inicial surpresa. Lucy cruzou as mãos sobre seu avental, apertou as dobras com força e olhou para Heath. Sentia empatia e, ao mesmo tempo, temia por ele. Entendia por que não tinha podido manter seu silêncio por mais tempo, mas lhe preocupava que o falar lhe conduzisse problemas. Ninguém se atrevia a dizer a Emerson, um dos nomes mais queridos e respeitados de Concord, que estava equivocado. E ninguém, e menos ainda um sudista, podia sugerir que Emerson era um covarde. OH, não sabe em que confusão se colocou, pensou Lucy, desejando poder voltar atrás no tempo para colocar no confederado um lenço na boca antes de que pudesse falar.

— A guerra é uma prova para a integridade dos homens — disse Emerson. Seu amadurecido rosto estava pálido, fosse pela raiva ou pela ofensa. — Uma aprendizagem. O Norte demonstrou sua integridade moral ao vencer os rebeldes. Mereceu a pena a morte de nossos homens, a de todos e cada um deles.

— Isso é certo, senhor Rayne — interveio Daniel sem mal mover o bigode ao falar. — Muitos homens bons morreram por causa da arrogância do Sul, começando pela secessão da Carolina do Sul, e seguindo por...

— A secessão da Carolina do Sul — interrompeu Heath — se deveu a que vocês riscaram uma linha e nos desafiaram a que a cruzássemos.

— Como já disse — lhe cortou Daniel com um leve sorriso, — a arrogância do Sul. O fato é que a Carolina do Sul cruzou essa linha, com o

total apoio do resto de sua gente, apesar de saber quais seriam as consequências. E agora, nossos homens bons do Norte jazem em tumbas...

— Sim, mas há o dobro de tumbas sudistas — inquiriu Heath.

— Tumbas de rebeldes sem educação alguma. Como o senhor Emerson disse em uma ocasião, o estado da Carolina do Sul inteiro não merece a morte de um só moço de Harvard — disse Daniel com desprezo para depois ficar em silêncio.

A cara de Heath empalideceu. Seus olhos brilharam com uma boa dose do orgulho que tinha levado a sua gente a seguir lutando muito depois de que sua causa tivesse perdido a guerra. Relaxou as mãos, até esse momento convertidas em punhos.

— Um montão de homens bons morreram na Carolina do Sul — assinalou, e depois sorriu de um modo estranho. — E inclusive uns poucos provinham de Harvard... senhor Collier.

E atrás dessas palavras, foi, deixando a suas costas um crescente murmúrio. A conversa acabou convertendo-se em um tumulto de vozes. Lucy atravessou a cozinha e foi até a porta traseira do edifício. Esteve a ponto de cair ao pisar em um bloco de cimento que estava solto ao cruzar a rua.

— Heath... pare. Espere, por favor.

Deteve-se e se voltou lentamente para ela. Os ramos nus dos olmos formavam sombra em seu rosto.

— Tinha razão — disse Lucy sem fôlego. — Muito do que disse era certo... Mas deve tomar cuidado com o que diz. Você sabe o que sentem em relação à guerra, e também o que sentem pelo senhor Emerson. Ninguém nunca disse ao senhor Emerson que estava equivocado.

— Pois alguém teria que havê-lo feito.

— Você só conheceu uma de suas facetas esta noite. Não sabe o bom e amável que é. Deveria vê-lo quando se detém para falar com os meninos pequenos, ou para ajudar a qualquer um que o necessite, ou a fazer qualquer outra coisa que beneficie à cidade. É amável e benevolente, e o mais leal... — Por favor — a interrompeu Heath erguendo as mãos com um gesto defensivo, — não me solte um discurso sobre Emerson.

— A questão é que é o cidadão mais querido de Concord. Deus do céu, se houvesse se sentado durante algumas horas para planejá-lo, não poderia ter encontrado um método mais efetivo para que todos por aqui desejassem lhe expulsar de Concord... Porque Daniel e seus amigos...

— Que o façam ou não, querida, não tem nada que ver com você — disse, sua voz denotava despreocupação, embora tinha a mandíbula rígida. De repente, parecia estar tão sozinho, tão terrivelmente só que Lucy sentiu um inevitável arrebatamento de compaixão. Inclinou-se para ele e lhe colocou uma de suas diminutas mãos sobre o ombro em um gesto de apoio. Sob seus dedos sentiu a musculosa superfície do corpo de Heath, dura como o aço, ligeiramente trêmulo devido à tensão.

— O que veio fazer aqui? — perguntou Lucy quase em um sussurro; suas palavras mal resultaram audíveis na quietude da noite. — Por que se instalou em um lugar tão longínquo à terra a qual pertence? Deveria estar em seu lar, com sua família, com a gente que o quer...

— Não — a interrompeu sem demora tentando afastar-se de sua mão. Uma ameaça de gargalhada lhe tinha entupido na garganta. — Não faça teatro comigo. Não me serve de ajuda.

— Não estou atuando. Você me ajudou em uma ocasião. Eu adoraria poder lhe ajudar.

Ela ergueu a vista e o olhou a contra gosto. Sua pele era pálida, quase translúcida, sob a fria luz da lua. De repente, Heath a olhou de um modo diferente, sem sua habitual ternura ou tendência à brincadeira. Ninguém de entre todos os conhecidos de Lucy mudava de humor com semelhante facilidade. O risonho estrangeiro de lentos movimentos se transformou em um homem distinto, cuja expressão denotava amargura e seus olhos mordacidade. Desconcertada, deixou cair a mão que tinha apoiada em seu braço.

— Pode me ajudar — disse com tom rude. — Bem sabe Deus que sim. — Com um rápido movimento a agarrou pelo pulso e a levou até o espaço que se abria entre dois edifícios, a um canto escuro. A tranquila e conhecida rua desapareceu de repente, e Lucy se sentiu dura pelo medo.

— Não!

Abraçou-a com força, e ela sentiu seu fôlego no pescoço.

— Vamos — murmurou. — Grite e me golpeie... Isso faria com que todos viessem correndo até aqui, não é assim? Importa-me bem pouco, querida. Não me importa... Já não...

Pousou sua boca, feroz e voraz, sobre a de Lucy. Ela tentou impetuosamente soltar-se. A noite os envolvia com um manto de veludo, afogando-os em sua escuridão. Agarrou desesperada uma mecha de cabelo da nuca de Heath, mas ele não se afastou, deixou de pressioná-la e a beijou com ternura, em busca da calidez que Lucy já havia sentido anteriormente. Compreendeu que a estava utilizando para aliviar sua dor, e sua oposição não demorou para cessar; seus protestos se transformaram em esporádicos ofegos.

Tranquilizou-se e começou a apertar-se contra o corpo de Heath, sem sentir vergonha; sem sentir tampouco empatia nem qualquer outra coisa. Então, o abraço mudou, pois agora Heath parecia querer protegê-la. Inclinou um pouco mais a cabeça e sua boca se moveu com a destreza própria de um perito. Lucy sufocou um gemido na garganta pois estava sucumbindo ao prazer que sentia, respondendo aos toques de sua língua com a mente em branco, como se não fosse ela mesma. Fechou as mãos e enredou seus dedos naquele sedoso cabelo. Com extremo cuidado, atraiu seu corpo para ele, deslizando sua cálida mão pelas costas, riscando uma doce carícia até pousá-la justo em cima de suas nádegas. Seus corpos estavam perfeitamente encaixados, como se tivessem sido feitos para esse propósito. Os seios de Lucy repousavam no peito de Heath. Seus quadris estavam tão unidos que ela pôde sentir perfeitamente o poder de sua ereção. Ele a apertou inclusive com mais força contra seu corpo, sua ânsia era já puro desejo.

— Isto não está certo... — disse ela em um sussurro enquanto Heath percorria com sua boca o frágil perfil de sua garganta. Ela jogou a cabeça para trás e deixou cair os ombros. Enquanto seus lábios tocavam a delicada pele de seu pescoço e a côncava depressão sob seu queixo, ela compreendeu que ele sabia coisas sobre seu corpo que ela mesma desconhecia. Sabia como fazê-la sentir algo que nunca antes havia sentido, e tudo isso estava proibido. Não tinha direito a fazê-lo, e ela não tinha direito a permitir que o fizesse. — Detenha-se — sussurrou. Sentia o nariz invadido pelo aroma daquele homem, e seu corpo pedia que lhe deixasse fazer o que quisesse. Afastou a boca do

pescoço e voltou a beijá-la com ímpeto devorador, segurando sua cabeça com ambas as mãos. Então tomou ar, fazendo subir e descer de modo visível seu peito, e a soltou.

— Não foi minha culpa — murmurou Heath.

Lucy se separou dele até tocar a parede com as costas. Seu coração pulsava com tal força que quase resultava audível. A voz de Heath era áspera e pesada, e a rodeou sumida como estava na escuridão.

— Não pude evitá-lo, na mesma medida em que tampouco pôde fazê-lo você. Assim não volte a me seguir, ou já sabe o que lhe espera.

Lucy permaneceu imóvel, com as mãos sobre o peito.

— Volte junto a seu pai — disse secamente. — E com o Daniel. Vamos. Ela voltou a sair à rua. Acelerou o passo de volta à segurança.

Lucy não podia entender nem livrar-se da secreta fascinação que sentia por Heath Rayne, que agora era conhecido em toda a cidade por um simples apelido: o Confederado. Quanto menos o via, mais pensava nele ou se fazia pergunta sobre sua pessoa. Chegou à conclusão de que a evitava, pois nunca aparecia pela loja durante as horas em que ela ajudava a seu pai, e nem sequer a olhava quando se encontravam sob o mesmo teto. Possivelmente era melhor assim.

Os rumores sobre Heath correram como pólvora por toda Concord; era uma contínua fonte de interesse. Tinha reputação de conquistador. A senhora Brooks afirmou que ela e seu marido tinham visto o sudista acompanhado de uma elegante mulher em Boston. Por outra parte, alguns dos jovens mais temerários de Concord acompanharam a um baile em Lowell e retornaram cheirando a licor e a perfume barato. A opinião geral era que Heath Rayne era um exaltado que tinha chegado ao norte em busca de problemas. Ninguém conhecia, entretanto, a resposta à pergunta mais importante a respeito à sua pessoa: quem era e que fazia para ganhar a vida? Não parecia ter ocupação alguma, embora parecia dispor de uma adequada quantidade de dinheiro, pois sempre ia vestido de maneira impecável e era generoso na hora de pagar.

Depois chegou um longo período de silêncio em torno de Heath, pela mera razão de que se deslocou a Boston por motivos desconhecidos e permaneceu ali mais de dois meses. As semanas passaram muito devagar sem material que avivasse o fogo das fofocas sobre sua pessoa. Apesar de que tinha deixado seu cavalo nos estábulos centrais da cidade, o que significava que com toda probabilidade Heath retornaria, Lucy começou a pensar que não voltaria a vê-lo nunca mais. Separou-o de sua mente e se dedicou por completo a seus deveres como filha de Lucas Caldwell e como prometida de Daniel, além de manter-se ocupada com o Clube de Senhoras das Terças-feiras e a Sociedade Feminina para a Caridade de Concord, assim como com seus clubes literários e os debates. Sempre que lhe era possível, Daniel a levava a algum baile, pois todas as semanas alguma organização montava um.

A Sociedade Feminina para a Caridade ia celebrar seu baile anual para arrecadar recursos para os pobres e os necessitados. Estabeleceram uma entrada de dez centavos por pessoa; a entrada familiar era de vinte e cinco. Dado que tinha sido escolhida como membro do comitê organizador, Lucy não dispôs de muito tempo para ir aos debates políticos. O baile tinha que celebrar-se na prefeitura — a principal desculpa para celebrá-lo era, por certo, a chegada da primavera, — e passou todo um sábado com o resto das mulheres do comitê decorando o segundo andar, o amplo balcão e a escadaria principal.

As mulheres colaboraram para ter os banheiros preparados, e Lucy sentiu na boca do estômago o impulso da ilusão ao tirar o vestido da caixa onde o tinha tido guardado. Era um vestido novo e nunca o tinha usado, e sabia que Daniel ficaria com a boca aberta ao vê-la embelezada com ele. Talvez essa mesma noite, se o feitiço fosse o bastante poderoso, marcariam a data do casamento.

— Aperte bem forte — pediu quase sem fôlego a Sally Hudson, uma garota vivaz de dezenove anos que tinha sido a melhor amiga de Lucy desde a infância; em grande medida porque Lucy sempre tinha estado com Daniel e não tinha competido com ela no que se referia a homens.

— Dezenove polegadas? — perguntou Sally apertando as fitas com as mãos e puxando-as com força.

— Necessito dezoito... para o vestido... que vou usar — respondeu Lucy com um fio de voz, mantendo a respiração e fechando os olhos.

— Não acredito que funcione — disse Sally puxando com mais força. — por quê compraste um vestido confeccionado para uma cintura de dezoito polegadas? Sempre usou dezenove...

— Pensei que... tinha que parecer mais magra.

Depois de um duro conflito, Sally atou as fitas e fiscalizou o trabalho com admiração.

— Dezoito e meio... Quase. Um perfeito relógio de areia. — Virou a cabeça para observar com atenção. — Mas a próxima vez que queira que te aperte tão forte prova com o *Swanbill*. Que classe de espartilho usa?

— O Thompson estilo luva. É novo...

— Ah, sim. Vi o anúncio no *Godey'S*. Mas eu não uso outro que não seja o *Swanbill*... É muito mais rígido.

Não sem muito esforço, Lucy conseguiu colocar o monte que formavam as anáguas, depois ergueu os braços enquanto Sally passava o vestido novo por cima de sua cabeça. Ao vesti-lo pôde escutar alguns suspiros de admiração. O vestido era de seda branca e brilhava com o fulgor antigo da neve recém caída. A saia estava adornada com babados de seda grossas e grandes dobras de tule transparente, enquanto na cintura usava uns ramos de folhas de tecido. O decote era quase indecentemente baixo e estava enfeitado com rosetas de seda, as mangas também tinham rosetas. Sally amarrou o vestido e dedicou a Lucy um olhar de inveja.

— Não volte a me falar, Lucy Caldwell. — Sally levantou um espelho de mão e a observou com o cenho franzido. — Está idêntica ao anúncio do *Godey'S*.

Lucy sorriu e comprovou seu penteado olhando-se no espelho. Prendeu o cabelo castanho em um coque. Tinha permitido que algumas mechas escapassem da pressão, e agora balançavam livremente lhe roçando a nuca. Seus brincos de malaquita, assim como o laço do pescoço, destacavam o matiz esverdeado de seus olhos cor avelã. Por outra parte, as expectativas que tinha depositado nesse baile lhe contribuíam um tom radiante a suas

bochechas. Sabia que nunca tinha parecido tão atrativa. — Pergunto-me o que dirá Daniel — comentou em voz alta.

— Quer-te com loucura. Suponho que não fará outra coisa mais que cair de joelhos ante ti e recitar uma ode à sua beleza. — Sally sorriu com malícia. — Se fosse você, Lucy, teria muito cuidado se Daniel tentasse me levar a um desses escritórios vazios do piso de acima. Se esse fosse o problema... pensou Lucy torcendo a boca.

— Quão único espero é que não chegue muito tarde ao baile — respondeu ela enquanto alisava as pétalas de uma das rosetas de seda.

— Tarde? — repetiu Sally. — Por quê? Acaso celebravam hoje outra de suas reuniões com os advogados?

— Temo-me que sim.

— Não sei como suporta que Daniel esteja sempre ocupado...

— Estou muito orgulhosa dele. Daniel é o advogado mais jovem especializado em ferrovias em Boston e Lowell, e está se esforçando muito. Agora que a guerra acabou, estão surgindo todo tipo de planos novos, e isso significa que tem que trabalhar muito duro...

— OH, claro — a interrompeu Sally com ar aborrecido. — Suponho que não passa muito tempo contigo... nem sequer depois de seus longos bate-papos das sextas-feiras. Mas ao menos você tem um prometido, que é mais do que podemos dizer de muitas. Dada a escassez de homens, não podemos ser tão seletivas como éramos antes. Pensa-o, tenho quase vinte anos e ainda não estou prometida...

— Falas como se fosse uma velha solteirona — disse Lucy rindo.

— Não, nunca serei uma solteirona — afirmou Sally com convicção. — Não poderia suportar ser como a irmã do Daniel, Abigail. Tem trinta e três anos e ninguém a beijou... OH, olhe, por ali se aproxima.

Lucy sorriu forçadamente para Abigail, uma mulher afetada e de lábios finos, com um caráter de ferro e uma total carência de senso de humor. Teria desejado alguma vez que a beijassem? Não parecia provável. Muito poucas pessoas parecia tão inatingível. Seus olhos eram de uma cor marrom escura, iguais aos de seu irmão, e a expressão de sua cara fazia impossível saber no que estava pensando. Abigail adorava a seu irmão, igual ao resto de sua



família. De fato, os Collier lhe adoravam de tal modo que Lucy intimamente, acreditava que eles não a viam digna dele.

— Boa noite, Lucy — disse amavelmente Abigail. — Queria te dizer que Daniel entrou em contato conosco esta tarde. Disse que lhe comunicássemos que ficaria em Lowell até muito tarde.

— Quer dizer que não virá...?

— Isso é — respondeu Abigail. Seus afiados olhos quase pareciam desafiar Lucy a queixar-se. — Já sabe quão importante é seu trabalho, Lucy. Não pode arriscar-se por um baile qualquer.

— É obvio que não — replicou Lucy com as bochechas coradas apesar de sentir-se afligida.

Para sua desgraça, a sensação de desilusão foi tão marcada e imediata que seus olhos não demoraram para encher-se de lágrimas. Não ponha-se a chorar! Ordenou-se a si mesmo, e conseguiu conter o pranto. Sally e Abigail trocaram olhares gelados e depois Abigail se foi.

— Isso foi um golpe baixo — declarou Sally indignada. — esperou até que te vestisse para lhe dizer isso. Como Daniel não está...

— Todo mundo parece acreditar que minha vida deveria centrar-se em Daniel — disse Lucy em voz baixa. — Se supõe que teria que ir para casa, ou rondar por aqui como uma alma penada porque não está comigo. Pois bem, não vou fazer nenhuma das duas coisas. Estou aqui para me divertir, e... vou dançar com outros homens... e vou rir... e inclusive flertarei um pouco!

— Lucy! — Sally parecia surpreendida e encantada ao mesmo tempo. — Não pode fazer isso. O que dirão todos?

— Não sou uma das propriedades de Daniel... Ainda não. Não há razão para ficar presa. Estamos prometidos, mas nem sequer marcamos a data do casamento. E eu sou jovem e não estou casada... e quero desfrutar esta noite. Lucy ergueu o queixo com determinação e saiu do banheiro, agarrando seu leque como se fosse uma tocha. Fiel à sua palavra, passou a noite como se não estivesse prometida com homem algum, conversando e dançando sem inibições. Lucy sabia que não estava se comportando como nela era habitual, e também sabia que estava chamando a atenção devido a sua risada fácil e a sua maneira de comportar-se. Muito bem, pensou com o cenho franzido,

dedicando um radiante sorriso ao homem que se fixou nela. Quando Daniel ouvisse os comentários a respeito, não ia ter mais tanta vontade de passar horas no trabalho em lugar de estar comigo. Talvez se enfurecesse e lhe pedisse explicações, ou lhe ordenasse que a partir desse momento não voltasse a falar com outros homens. A única coisa que estava segura é de que agradeceria qualquer tipo de atenção por parte de Daniel. Sem fazer caso aos reprovadores olhares de seu pai, que se encontrava ao outro lado da sala, Lucy percorreu a estadia passando de uma pessoa a outra. Pouco a pouco, à medida que iam tocando as músicas, e abrindo as janelas para deixar passar um pouco de ar fresco, o áspero nó de frustração que tinha sentido em seu interior foi se afrouxando.

— Daniel vai se arrepender de não ter te visto esta noite — disse David Fraser, seu companheiro nesse momento, enquanto dançavam uma conhecido valsa.

Lucy lhe sorriu com vontade, pois era o que mais tinha desejado escutar.

— De verdade o acha? — perguntou-lhe.

E enquanto David lhe dedicava toda uma série de corteses elogios, Lucy deixou escapar uma gargalhada. Mas, segundos depois, lhe congelou o sorriso ao olhar por cima do ombro de David para a mesa dos refrescos e ver que entre o grupo de homens que se reuniu ali se encontrava Heath. Nesse preciso momento, acabava de dizer algo que lhes resultou muito divertido aos que lhe rodeavam, e pôde apreciar seus brancos dentes em contraste com sua pele morena.

Então, havia retornado.

## Capítulo 3

Lucy deu um leve tropeção ao ver Heath. David Fraser diminuiu o ritmo da dança. Voltou-se para onde ela estava olhando e descobriu o objeto de sua atenção.

— Esse é Heath Rayne, o confederado que...

— Sei quem é. — Lucy afastou a vista de Heath e olhou para David com um sorriso. — O que acontece é que me surpreende vê-lo rodeado por essas pessoas — disse em voz baixa. — Acreditava que todo mundo o odiava.

— Não todo mundo. É uma dessas pessoas às que se admira ou odeia... E suponho que tem um estilo próprio que muitos dos homens por aqui gostariam de imitar.

— Estilo? Refere a como se veste?

— Sim, isso também... O modo como faz as coisas. — David sorriu com ironia. — Alguns homens são assim. É difícil de explicar, e para falar a verdade não entendo a admiração que atrai, e menos ainda sabendo que recentemente mais de três anos disparava contra nossos homens.

— Bom, em algum momento teremos que esquecer quem disparava contra nós e aprender a conviver uns com outros — disse Lucy com ar ausente, jogando olhares por cima do ombro de David à medida que retomavam o ritmo.

Resultava estranho, inclusive em Concord, ver um homem tão bem vestido como Heath. Quem podia permitir-se naquela época comprar semelhantes roupas? Seu colete estava feito a medida e era de piquei branco; caía-lhe um pouco abaixo da cintura de suas calças. Todo mundo estava acostumado a usar casacos folgados ao estilo do príncipe Alberto, mas o seu era menos volumoso, as mangas eram mais rodeadas e os punhos também. E em vez da falsa camisa atada com fitas largas, que justo então estava começando a passar de moda, Heath usava uma camisa engomada, também a medida, e uma estreita gravata branca. Seu cabelo brilhava: curto nas têmporas e comprido na nuca, um novo estilo que fazia com que os longos cachos que

usavam os outros homens nas têmporas parecessem uma relíquia do passado. Que presunçoso, pensou Lucy, irritada ao constatar que não era a única mulher que se fixou nele. Sabe que todas as mulheres do baile estão prestando atenção nele... e parece desfrutar disso! disse-se. Não pôde ver o menor sinal de vergonha ou modéstia nele.

Seguiu dançando com David, mas deixou de flertar com ele e seus movimentos se fizeram mecânicos. Minutos depois voltou a fixar-se na mesa dos refrescos e viu que Heath se foi. Deu uma olhada a seu redor e descobriu que estava dançando... com Sally! Entre todas as mulheres tinha escolhido a Sally, que ria bobamente e estava vermelha como um tomate, consciente da atenção que recaía sobre ela ao dançar com um confederado. Heath tinha o olhar fixo nela, e embora seu rosto não evidenciasse nenhuma expressão, sua boca desenhava um sorriso. As pessoas que os olhava não podia evitar uma careta de desaprovac o, ou estalavam a língua, enquanto que a mãe de Sally se movia inquieta em um canto. Lucy observou como uniam suas loiras cabeças ao falar. Perguntou-se o que se estariam dizendo.

— Faz muito calor aqui dentro, não te parece? — disse ao David, precavendo-se nesse mesmo instante de que todo o brilho da noite tinha desaparecido para ela.

Ele entendeu imediatamente o que pretendia lhe dizer.

— Quer que deixemos de dançar durante um momento?

— Por favor.

David a levou solícito ao outro lado da sala, e Lucy se enfiou imediatamente em um dos banheiros para mulheres. Passou um lenço pela testa e bochechas para as enxugar e tentou recuperar a compostura. Olhou-se em um dos espelhos para arrumar o penteado, de que tinham escapado algumas mechas mais, e se olhou fixamente nos olhos.

— O que é que me está acontecendo esta noite? — perguntou-se em um sussurro e baixou o espelho com uma sacudida. Sua inata sinceridade a obrigava a admitir a verdade. Queria dançar com Heath Rayne. Estava ciumenta da Sally.

Por que? perguntou-se Lucy assombrada. Tenho ao Daniel. Não posso estar apaixonada por um homem e sentir ao mesmo tempo ciúmes por outro.

Por que demônios me sinto assim?

Devia-se a que Daniel não estava com ela, isso era tudo. Por isso confundia seus sentimentos pelo sudista. Heath Rayne e ela compartilhavam vários segredos: os dois dias passados juntos presos na cálida intimidade de seu lar, aquelas conversas privadas e aqueles beijos. Mas isso não significava que tivesse algum interesse em conseguir seus favores. Por todos os Santos, não o desejava absolutamente! Depois de exalar um suspiro, Lucy puxou suas mangas e voltou para a sala de baile direto à mesa dos refrescos. Um copo de ponche a ajudaria a acalmar-se.

Tirou a concha de sopa da terrina, só um pouco cheia, disposta a encher um copo com seu rosado líquido.

— Permita-me... por favor.

A concha de sopa caiu de repente na terrina, e Lucy se amaldiçoou por ter deixado que lhe escorresse entre os dedos. Ergueu a vista e se topou com os olhos azul turquesa de Heath, que a olhava com assombro. Agarrou-lhe o copo da mão e verteu nele uma pequena quantidade de ponche, sabendo que em caso de enchê-lo muito qualquer mulher teria problemas para não derramar alguma gota sobre seu vestido. Mostrava uma especial sensibilidade para esse tipo de coisas, respeito a todos os intrincados detalhes relativos às mulheres.

— Desfrutou de sua estadia em Boston? — perguntou Lucy com muita discrição, aceitando o copo de ponche sem lhe olhar nos olhos.

— Sim, obrigado — respondeu ele com fingido cavalheirismo, enquanto a percorria de cima abaixo com o olhar. Tinha-lhe comovido de um modo estranho seu comportamento dessa noite, tão jovem, animada e desafiante, e de algum modo desesperado, que teria procurado qualquer desculpa com tal de abraçá-la.

— Foi ali por questões de negócios? — Lucy não pôde evitar deixar-se levar por sua curiosidade.

— Dificilmente poderia ter ido por outro motivo. O lugar não tem muito que ver.

— É obvio. Boston no inverno não é muito...

— Não me refiro a Boston. Falava das mulheres ianques. — Fez uma rápida careta de desagrado e depois sorriu ao observar a indignada expressão de Lucy.

— E o que é que lhe parece mal nas... mulheres ianques daqui? — inquiriu com o cenho franzido.

— Nenhuma delas se parece com você.

Ao apreciar um brilho de picardia em seu olhar e o inequívoco sorriso que se desenhara em seus lábios, Lucy se pôs-se a rir.

— É um descarado.

— Mesmo assim, você segue sendo a mulher mais bonita que eu já vi. — Disse-o com tal tranquilidade que suas palavras não pareceram uma afirmação séria. Entretanto, Lucy sentiu uma pontada de prazer e isso a exasperou. Estava tão necessitada de consolo que ia ficar a saltar de alegria ao menor elogio?. — De fato, você é a razão por qual voltei — prosseguiu Heath. — Não podia deixar de pensar em você... Apesar de que o desejava com todas minhas forças.

— Voltou porque deixou aqui seu cavalo — disse ela com um tom de paquera.

— Panamá? Ah, sim. Deixei-o aqui por você.

— Porque... O que quer dizer com isso?

— Algum dia a montarei no lombo desse cavalo e iremos para o Oeste... e você aprenderá a fazer café em uma lata sobre o fogo, e dormiremos sob uma carroça e contemplaremos as estrelas...

O que era que pensava dela? Acreditava acaso que podia lhe dizer tudo o que lhe desse vontade? Não sabia como reagir. Se ria, isso talvez lhe animasse a seguir incomodando-a com mais burla, mas se, se zangava, provavelmente riria dela. Decidiu optar por um caminho intermédio.

— Meu prometido sem dúvida teria algo que dizer a respeito.

— Sério? Onde está? — perguntou Heath com ar inocente.

— Deixe de buscá-lo como se esperasse encontrá-lo. Sabe perfeitamente que não está aqui ou não teria ousado aproximar-se de mim.

— Se por acaso não se lembra, sou capaz de enfrentar a grandes provocações, senhorita Caldwell.

Não podia acreditar que ele tivesse guelra para lhe recordar a última ocasião em que se viram, quando se beijaram levados pela paixão. Seu burlesco aviso rabiscou sua própria memória. Como era capaz de continuar cortejando-a, pensou irritada, e qualquer resto de assombro desapareceu ao olhá-lo nos olhos; ardiam-lhe as bochechas.

— O senhor é um grosseiro sem educação alguma... Afaste-se de mim— disse em voz baixa. Ele riu com relutância.

— Que temperamento você tem, querida! Daniel está à corrente destes arrebatamentos?

— Sim... não... ele... OH, me deixe em paz!

— Depois de dançar com você... Ou acaso interpretei mal esses ofegantes olhares que me lançava do meio da sala de baile?

— Vá-se ou montarei uma cena!

— Adiante. Não me importa, pois minha reputação já é bastante ruim por aqui... Mas a sua... Bom, depois de como se comportou esta noite, não acredito que demore muito em perder sua boa fama. Agora deixe o ponche na mesa e agarre meu braço.

Olhou seu braço a contra gosto, desejando que não fosse mais que uma fanfarronada. Mas tinha vontade de dançar com ele e não sabia por que; exceto porque acreditava que estava fazendo algo que Daniel lhe teria proibido.

— Todo mundo está nos olhando — sussurrou permitindo que a levasse até o centro dos casais que dançavam valsa; algumas delas se afastaram para deixá-los passar.

— Todo mundo a esteve olhando esta noite — indicou com ironia. — Especialmente, eu.

Baixou o olhar até o decote do corpete de seu vestido, que roçava a generosa saliência de seus seios, depois voltou a lhe olhar nos olhos. Lucy sentiu uma cálida pontada em seu interior ao apreciar o atrevimento que mostrava seu olhar. Apesar de ter a mesma idade que Daniel e do resto dos

homens com que tinha crescido, a confiança em si mesmo o fazia parecer muito maior que eles. De um modo arrevesado, confiava nele, mas ao mesmo tempo lhe atemorizava um pouco. Por Deus bendito, não gostava absolutamente sentir-se tão insegura por culpa de um homem!

Começaram a dançar, e os pensamentos de Lucy deixaram de ser pesarosos à medida que relaxava e desfrutava do baile. Sentia seus braços ao redor de seu corpo outra vez, e eram tão fortes e protetores como os recordava. Dançar com ele era um autêntico prazer. Seus passos estavam maravilhosamente sincronizados, a pressão de sua mão sobre a cintura ajustada, e deslizava sobre a sala como um verdadeiro perito. Ela sabia com total precisão para onde pensava dirigi-la e o que ia fazer a seguir. Lucy se sentia como se voasse e, ao mesmo tempo, sabia-se levemente dominada, e isso não gostava nem um pouco.

— Por que me olha desse modo? — perguntou-lhe ao notar que tinha a vista cravada em seu rosto com uma insuportável intensidade. Ele sorriu e se mostrou como o sedutor de sempre, uma mudança que a relaxou.

— É que penso que Daniel Collier é um parvo.

— Ao contrário de outras pessoas — replicou Lucy com renovada confiança, — dedica grande parte de seu tempo a trabalhar duro e a pensar em outros...

— E a deixa sozinha a maior parte desse tempo... exposta a todo tipo de influências desmoralizadoras.

— Como você?

— Exatamente como eu. — Heath a olhou de um modo calculador. — No entanto, a julgar pela forma como você jogou suas cartas esta noite, ele vai ter um enfarte quando se inteirar do que esteve fazendo. Suponho que isso é o que você espera. Mas eu aposto o que queira que não o fará. Não, estará de mal humor durante alguns dias enquanto você não se desculpar, e ele finalmente cederá, pegará sua mão como forma de perdão...

— O que é que lhe leva a acreditar que sabe tanto sobre mim — perguntou Lucy armada de dignidade — ou sobre o Daniel para afirmar que sabe o que ele ou eu desejamos, ou o que acontecerá entre nós, você que...?



— Aposto-lhe o que queira que nem sequer a tocará — disse Heath carregado de razão, — embora deveria fazê-lo. Talvez seja a metade do homem do que deveria ser.

— Como se atreve a me dizer algo assim? Um cavalheiro nunca... — Bom, não se preocupe com isso, Cinda — coincidiu com ela. — Me criaram para sê-lo. Mas não sei fazê-lo melhor.

— Por que me chama de Cinda?

— Porque ninguém mais a chama assim.

Lucy franziu o cenho, consciente de que a partir desse momento Heath passaria o resto do baile tentando conquistá-la com seu bom humor outra vez. E muito possivelmente ela não seria capaz de resistir.

Ao contrário do que Lucy pensava, a reação de Daniel aos rumores sobre o baile não foi de raiva a não ser algo muito pior. Foi visitá-la a tarde seguinte e seus olhos não mostravam mais que desconcerto e dor. Depois de sentar-se no sofá do salão de sua casa, deu uma forte palmada, e Lucy se sentiu presa de culpa. Respondeu a todas suas perguntas com total entrega. — É infeliz sendo minha prometida? — perguntou Daniel sem mover-se, introduzindo os polegares em seus punhos. — Há outra pessoa a que você preferiria...?

— OH, não... não, Daniel — disse Lucy imediatamente. Sentiu que lhe partia o coração ao comprovar a desolação que mostravam seus ombros cansados. O modo como Daniel se comportava dava a frívola rebelião da noite anterior uma nova magnitude. Que engano tinha cometido ao acreditar que o atrairia de novo a seu lado com semelhantes artimanhas! Não tinha calculado que podia feri-lo de um modo tão profundo. Quanto mais pensava no que tinha feito, mais infantil lhe parecia sua atuação. Para falar a verdade, o mero feito de rememorar seus constantes flertes lhe provocava uma crescente sensação de vergonha. — Você é o único a que poderei amar — disse segurando as mãos de Daniel com desespero. — O que acontece é que me tinha decepcionado muito que não estivesse ali.

— Já falamos sobre isso antes, Lucy. Estou trabalhando muito duro para que possamos nos casar o antes possível. Há-me dito um montão de vezes que isso é o que quer, mas não vai poder ser se interromper o importante

trabalho que estou realizando para ir a bailes e festas dia sim dia não. Não posso passar os dias trabalhando e os fins de semana em celebrações sociais, terei que encontrar um pouco de tempo para descansar. Um homem tem que dormir de vez em quando!

— Sei, de verdade — disse ela com os olhos banhados em lágrimas. — Às vezes sou muito egoísta, mas é que me preocupo muito por ti...

— Não chore, Lucy. Chora com muita facilidade. Só os meninos... Lucy, já basta.

Daniel separou as mãos e procurou um lenço em seus bolsos. Ela cobriu a cara com as mãos e mordeu um dedo. — Sinto-o — disse entre soluços. Daniel encontrou por fim o lenço, o passou e fez uma careta de desagrado quando Lucy assoou o nariz de um modo pouco distinto. — Prefiro morrer a voltar a te fazer mal — disse com um fio de voz. — Oxalá tivesse sua força e sua paciência.

— Entendo-o. As mulheres não são criaturas muito pacientes — disse Daniel lhe aplaudindo as costas e lhe passando depois a mão pelos ombros amavelmente. — Não forma parte de sua natureza.

Lucy esboçou um leve sorriso depois do lenço. Mas em lugar de discutir sobre essa questão, voltou a assoar o nariz.

— Bom, o certo é que não forma parte da minha — respondeu. — Mas vou trabalhar nisso. A partir de agora vou ser a mais perfeita...

— Já é perfeita — a interrompeu Daniel. Atraiu-a para si e repousou sua bochecha no cabelo de Lucy. — É perfeita para mim.

Ela se acomodou a aquela postura e deixou escapar um suspiro de alívio. Somente Daniel a fazia se sentir tão a salvo e segura. — Às vezes não sei por que me aguenta — declarou abraçando-o com força.

— Levo muito tempo fazendo-o. E não tenho intenção de desistir.

Depois dos anos que levavam juntos, Lucy não podia imaginar-se buscando o amor e a comodidade, a paz e o amparo, nos braços de outro homem. Com muita ternura, apertou o rosto contra seu peito.

— Te quis toda a vida — sussurrou com toda a ardente emoção da juventude. — Sempre, desde que nasci.

— Lucy. — Apertou-a mais forte contra si e a beijou no cabelo. — Não posso seguir pospondo-o. De acordo. Celebraremos o casamento em setembro. Nos casaremos este outono.

Dado que quase todas as famílias de Concord tinham amarrado ao menos um pequeno bote junto a velha ou a nova ponte de pedra, remar acima e abaixo pelo rio era a atividade mais popular assim que chegava o bom tempo. Resultava impossível percorrer o ramal Sudbury do rio, que corria paralelo a Main Street, sem cruzar-se com vários amigos no trajeto. Nesse dia em concreto, em Quatro de Julho, o tráfico no rio era especialmente denso. Lucy não deixava de rir e de saudar seus amigos enquanto Daniel remava deixando para trás os ancoradouros dos bancos do rio. Ela e Daniel se encontravam no meio de um extenso grupo de canoas e botes que se dirigiam lentamente para a ponte Old North.

— Que encantador. — disse Lucy com o dedo metido na água fria enquanto com a outra mão agarrava a manga de marfim de seu guarda-sol. Era um dia caloroso e úmido, e todos pareciam sentir-se contentes e despreocupados. Todos tinham ido para escutar os discursos de Quatro de Julho e agora iam em busca dos numerosos cantos do rio em que se podia realizar um piquenique. Essa mesma noite celebrariam uma festa, e enquanto os botes decorados de maneira especial percorriam o rio, estalariam foguetes sobre suas cabeças.

— Algum dia eu gostaria que alguém te fizesse um retrato com esse chapéu — assinalou Daniel, e sorriu em resposta.

Era um chapéu pequeno e caía para parte dianteira de sua cabeça de forma coquete. Da asa do mesmo sobressaía um punhado de flores de cores que lhe chegavam à altura da têmpora e se mesclavam com seus cachos cor avelã.

— Por que me disse então, quando o comprei, que era um chapéu ridículo?

— A sério o disse? Bom, não é muito prático... mas seu encanto é evidente.

— O do chapéu ou o meu?

— Já sabe a qual dos dois me refiro — disse Daniel olhando para a água enquanto puxava os remos.

Lucy desejou que ele tivesse sido capaz de tranquilizá-la. Tirou a mão da água e a sacudiu; franziu o cenho. Tinha demorado muito tempo em dar-se conta de coisas que antes não tinha levado a sério, como o fato de que Daniel a tratasse como a uma menina problemática. Segundo suas próprias palavras, «nada prática mas totalmente encantada». Suspeitava que igual a outros homens, tendia a pensar que a cabeça de uma mulher servia principalmente para sustentar o chapéu. De certos temas não falava com ela mais que a nível superficial. Jamais conversavam, por exemplo, de política. E quando lhe comentava algumas coisas ou fazia perguntas, ele escutava somente pela metade e, além disso, mostrava uma total falta de flexibilidade, como quando lhe falou da recente eleição da Elizabeth Cady Stanton como presidenta da Associação Nacional de Mulheres Sufragistas.

— Todo esse assunto é uma perda de tempo — disse simples e sinceramente, como se com semelhante frase pudesse pôr fim à questão. — Eu não acredito que seja uma perda de tempo que a gente fale do tema e escute as opiniões de outros ao respeito — insistiu Lucy. — Darão uma conferência a semana que vem a que...

— Nunca deveria ser permitido que as mulheres votassem. Em primeiro lugar, não o necessitam. Pertencem a seus lares, têm que cuidar de seus maridos e seus filhos, e fazer do lar um remanso de descanso e tranquilidade. Em segundo lugar, quando um homem vota não fala sozinho por si mesmo, mas sim por toda sua família, e desse modo as mulheres estão bem representadas por esse voto comum.

— Mas o que passaria se...?

— Lucy, é uma perda de tempo.

Perguntou-se se Daniel mostraria mais respeito por suas opiniões quando se fizessem mais velhos. Não era que não parecesse interessado pelo que pensava. Simplesmente não o tinham educado para mostrar muita tolerância pelas ideias das mulheres, pois considerava que esse tipo de coisas era um assunto masculino. Uma grande maioria dos homens acreditava, em certa medida ao menos. A só diferença é que alguns eram piores e outros um pouco melhores. A única exceção que ela conhecia era Heath Rayne. Recordou as

breves conversa que tinha mantido com ele em alguns atos sociais ou em bailes; momentos roubados, em sua grande maioria. Em altares de sua reputação, devia cuidar-se de que ninguém se precavesse quando falava com ele. Enquanto que Daniel tinha sempre opiniões absolutistas sobre algo, Heath não parecia estar completamente convencido de nada. Sempre escutava com total concentração ao que ela dizia, e embora às vezes gostava de discutir com ela ou lhe dar a volta a suas palavras para incomodá-la, nunca lhe havia dito que o que pensava ou fazia fosse estúpido. — Você é o homem mais manipulador que já conheci — lhe havia dito em outro baile, onde a tinha provocado para que voltasse a dançar com ele. Ela tinha se negado porque, embora Daniel estivesse trabalhando, sem dúvida lhe contariam de sua atuação no dia seguinte. Mas, de algum modo, Heath sabia como obter que fizesse o que ele queria, uma realidade que às vezes irritava Lucy ao pensar nisso horas depois.

— Eu? Manipulá-la? — Os azuis olhos de Heath destilavam ingenuidade.

— Se estou contente, você se mostra terrivelmente provocador. E quando por fim consegue me levar a seu terreno, suaviza-o tudo com um bom punhado de elogios. No momento em que me mostro satisfeita de mim mesma, você assinala minha vaidade, e se acreditar que estou despenteada, você as engenha para me dizer as coisas mais chocantes. E sempre, sempre vai pôr livre...

— Um momento, querida. Você não é um bichinho de estimação. Não importa o que eu faça, é você que tem que decidir o que fazer ou dizer. E por muito que eu a encurrele para obrigá-la a fazer algo, como dançar comigo apesar de que amanhã para você isso suporia um inferno, sempre lhe ofereço a oportunidade de escapar. A questão é, Cinda, que você não tem que fazer nada que não deseje fazer.

— Não. Cedo ou tarde todo mundo o faz. Inclusive você. Por exemplo, você não quis ter que lutar na guerra, mas se alistou porque tinha que fazê-lo, e porquê...

— O que lhe faz pensar que eu não queria combater?

— Mas... — gaguejou nervosa. — Você disse... que a guerra fazia perder aos homens sua humanidade.

— Sim. Finalmente, assim é. Mas por muito que me doa admiti-lo,

Emerson estava certo a respeito de uma questão: é um modo de desencardir as coisas. Leva a pensar que a vida real é algo cinza. No campo de batalha podem ver-se os extremos mais espetaculares que um homem pode experimentar (morte, bravura, covardia, heroísmo), de um modo mais vivo que alguém pode imaginar. Passei por todas essas emoções e as senti com maior força e profundidade da que jamais havia sentido. — Sua atitude reflexiva desapareceu como por cura e a olhou com um provocador sorriso. — Todas as emoções exceto o amor.

— Então, é que não conheceu à mulher adequada.

— Não sei.

— Talvez não procurou com o suficiente afinho.

— OH, sim que procurei.

Lucy rememorou no bote a conversa, enquanto desciam rio abaixo, e seus lábios desenharam um sorriso.

— No que pensa? — perguntou Daniel.

Ela encolheu os ombros.

— Em nada em particular.

— Nos últimos meses, frequentemente te vi sorrir desse modo.

— Há algo mau nisso? Sorrir, geralmente, indica que quem o faz está contente.

— Não me incomoda — disse um tanto perturbado.

Quando a congregação de botes chegou a uma curva do rio, descobriram sobre um tronco caído uma tartaruga que lhes observava. Quando se aproximaram mais, lançou-se à água, chamando a atenção de um grupo de patos que flutuavam perto da borda coberta de erva. Ao observar a cena, Lucy mal pôde acreditar que esse rio quente, coberto de folhas verdes e nenúfares e rodeado de salgueiros, fosse o mesmo rio gelado e estéril no que tinha estado a ponto de afogar-se. Em mais de uma ocasião, tinha tido vontade de dizer a todo mundo que se sentia muito agradecida com Heath porque lhe tinha salvado a vida. Isso lhe teria ajudado muito com as pessoas de Concord, e com toda probabilidade lhe teria aberto muitas portas que ainda seguiam fechadas para ele. Mas nenhum dos dois havia dito uma

palavra a respeito porque sabiam o dano que isso causaria na reputação de Lucy. Ninguém nunca acreditaria que aqueles dois dias tinham sido totalmente inocentes, não em um povoado tão pequeno, em que os rumores cresciam com muita facilidade.

— Luuucy! — disse alguém gritando da borda onde muitas das canoas e botes se detiveram. Era Sally, que ia vestida de branco, vermelho e azul, em honra ao dia que celebravam.

— Logo tem que lhe dizer que não chame a atenção sobre ti desse modo — disse Daniel em voz baixa. — Resulta revoltante.

— Daniel, ninguém se importa. Todos são nossos amigos.

— Lucy, pensei que estávamos de acordo em nos vestir com as cores da bandeira! — exclamou Sally. — É muito pouco patriótico de sua parte não havê-lo feito.

— Meu patriotismo não é escasso — lhe respondeu Lucy a gritos e entre risadas, — mas meu vestuário sim.

— Não importa. Mas diga ao Daniel que te traga até aqui.

— Eu não gosto que uma mulher me dê ordens — murmurou Daniel entre dentes, provocando que Lucy gargalhasse.

— Meu Pobrezinho. Por favor, tenta ser amável, pensa em mim. É minha melhor amiga, e lhe prometi que colocaríamos nossa manta junto à sua. — Como fazemos cada ano... para que ela possa jogar mão de nossa cesta de piquenique. Todo mundo sabe que não tem nem ideia de como cozinhar. Quem a acompanha nesta ocasião? Esse granjeiro sem um centavo? Ou Fred Rothford, ou esse outro...?

— Não sei. Mas estou segura de que seja quem for... — Lucy emudeceu ao ver a alta figura apoiada em um tronco junto à Sally. Seus largos ombros, sua estreita cintura, com camisa branca com gola e mangas arregaçadas, calças de camurça e boas botas.

— Por Deus santo! — exclamou Daniel - Esse é o acompanhante da Sally? Não me diga que vou ter que comer com esse confederado!

— Daniel — disse Lucy, perguntando-se no mais profundo de seu ser por que lhe custava tanto deixar sair de sua garganta um mero suspiro, — por

favor, não me deixe em ridículo. Não faça o ridículo. Pode te mostrar cortês durante quarenta e cinco minutos. Não tem que te fazer seu amigo, mas não brigue.

— Se brigar com ele, vou dar o que anda procurando!

— Não quer brigar. Asseguro-lhe isso. Está aqui para desfrutar do piquenique, como você.

— Não nos compare — replicou Daniel com voz rouca. — Não tenho nada a ver com ele.

— Estou de acordo — concordou Lucy com sinceridade. Fechou seu guarda-sol e rezou uma rápida oração. Ia enfrentar o tipo de situação que normalmente está acostumada a viver nos pesadelos.

Quando Daniel aproximou o bote da borda e a ajudou a descer, ela ergueu a barra de sua saia e subiu a ladeira sozinha. Daniel se voltou para recolher a cesta, e tomou seu tempo fazendo isso, pois sentia as reticências de um homem que tem que confrontar uma tarefa desagradável. Sally e Heath se encontraram com Lucy no limite da clareira onde tinham estendido suas mantas.

— Vocês dois já se conhecem, assim não é necessário que lhes apresente. Para Lucy, a voz de Sally lhe pareceu pouco mais que um ruído de fundo enquanto cravava o olhar nos feiticeiros olhos azuis de Heath e sentia que o pulso lhe acelerava até alcançar uma velocidade alarmante.

— Senhorita Caldwell — disse Heath amavelmente, — que inesperado prazer.

— A sério é «inesperado»? — perguntou Lucy enquanto Sally ajudava Daniel com o bote.

— Sim e não.

— A que se refere?

— Não, porque não é inesperado. E sim, porque é um prazer.

— Tinha-o planejado. Veio com a Sally porque sabia que eu sou sua melhor amiga e que provavelmente Daniel e eu nos sentaríamos junto a ela.

— Seja um pouco mais modesta. Você acha que sou tão arrevesado para riscar um plano a fim de me limitar a vê-la comer um sanduíche?



Lucy avermelhou, incomodada por seus burlescos comentários e consciente de quão presunçosas tinham parecido suas palavras.

— Não, não acredito.

— Pois deveria havê-lo feito.

Ela ergueu a vista e comprovou que seu sorriso evidenciava sua amistosa brincadeira. Correspondeu-lhe com um austero sorriso. Incomodava lhe o sentimento que a embargava nesse instante, a combinação de alegria, nervosismo e excitação. Quando Heath falava, sua voz tocava algo em seu interior, como se seus dedos roçassem umas cordas bem afinadas.

— Senhor Rayne, espero que não lhe incomode a umidade de nossa Nova Inglaterra para o piquenique — conseguiu dizer.

— Absolutamente, senhorita Caldwell, estou acostumado aos climas quentes.

— Muito apropriado para um dia como hoje.

Soube que a estava percorrendo com o olhar. Alegrou-se de ter escolhido um de seus vestidos mais bonitos, confeccionado com musselina cor pêssego e com uma faixa atada na lateral. Preso na frente com botões de concha de coral, com uma pequena pérola no interior de cada concha. Ao ver que Daniel se aproximava por suas costas, Lucy brincou nervosa com os dedos um dos pequenos botões e olhou para Heath de forma repreensiva.

— Boa tarde, senhor Rayne — disse Daniel secamente. Seu bigode estava tenso pela irritação que sentia ao ter que mostrar-se cordial com um homem ao que desprezava.

— Boa tarde, senhor Collier.

Lucy gostou de comprovar que, por uma vez, Heath não sorria de forma zombadora. Olhou a ambos os homens, surpreendida ao ver quão estirado parecia Daniel com seu pescoço de camisa rígido, seu colete de tecido escocês e suas calças; seu querido Daniel, tão confiável e correto, tão diferente do estiloso sudista. Daniel sempre cuidaria dela, e apesar de não resultar tão interessante e fascinante como outros homens, era ouro puro. Ela suspeitava que Heath, por outra parte, era tão instável como o mercúrio. Lucy e Sally não deixaram de falar durante a hora que durou a refeição, explicando para Heath como tinha sido crescer juntas em Concord. Inclusive Daniel não

teve mais remedeio que rir ao escutar certas histórias, especialmente as referentes ao teatro amador em que elas e suas amigas tinham atuado.

— A melhor obra que interpretamos — disse Sally com uma risadinha tola — foi *O cão também terá seu dia de sorte*, uma comédia de erros do início ao fim. Escrita para um vira-lata sem dono que Lucy recolheu.

Heath sorriu.

— Devia ser um cão muito especial.

— Não tinha o mínimo talento — disse Lucy com os olhos úmidos de tanto rir. — Nem disciplina. Não interpretou sua parte tal como tinha pensado para ele a autora.

— Quem era a autora?

— Lucy, é obvio — disse Sally. — Quando éramos pequenas, ela escrevia peças teatrais e histórias. Algumas eram absolutamente níficas. — Níficas? — repetiu Daniel ao ouvir aquela estranha palavra.

— É uma abreviatura de magníficas — traduziu Sally e deu uma gargalhada.

Heath olhou para Lucy com ar especulativo.

— Gosta de escrever. Não sabia.

— Existe alguma razão pra que tivesse que sabê-lo? — interveio Daniel de forma abrupta.

Heath o olhou sem alterar-se.

— Nenhuma absolutamente.

— O que aconteceu aquele cão? — perguntou Sally a Lucy mudando com urgência de assunto. — Nunca me disse isso. Fui visitar uns familiares durante o verão e quando voltei já não o tinha.

— Não pude lhe contar isso no momento — disse Lucy com um sorriso forçado. — Recorda como corria pela rua, ladrando a tudo o que se movesse?

Acabou sob as rodas de uma carruagem.

— Que desagradável — disse Sally.

— OH, custou-me algumas semanas me recuperar — acrescentou Lucy.

—

Era algo ridículo estar tão apegada a aquela coisa. Não era muito bonito.

— Era horroroso — corrigiu Daniel.

— Suponho que sim — admitiu. — Pobrezinho. Encontrei-o perto do moinho quando não era maior que um punho. Alguém tinha abandonado ali toda uma ninhada de cachorros e ele era o único sobrevivente. Meu pai não achou engraçado que o levasse para casa, mas acabou aceitando-o. Aquele cão não causava mais que problemas, sempre andava metido em alguma coisa, mas não sabem quão doce era. Nunca voltei a ter outro animal de estimação. — De repente, os olhos de Lucy umedeceram, e riu nervosa ao dar-se conta enquanto procurava seu lenço. — O sinto. Não sei por que expliquei tudo isto.

— A nossa Lucy não custa muito derramar uma lagriminha. — Sally sorriu com afeto e lhe aplaudiu as costas.

— Isso vai mudar — disse Daniel, observando com desconforto como Lucy enxugava as lágrimas. — Ela não pode mostrar-se tão emocionada por um cão que morreu faz dez anos!

Ao Lucy lhe avermelharam as bochechas ante aquela reprimenda e não soube para onde olhar. Seguiram uns segundos de silêncio.

— Bom — disse Heath amavelmente. — Eu não vejo nada de mau em que uma mulher seja sensível.

— Supõe-se que uma mulher tem que dar exemplo a seus filhos — contradisse Daniel. — Se não aprender a controlar suas emoções, seus filhos serão uns panacas que chorarão com tanta facilidade como ela.

Heath não respondeu, em lugar disso piscou para Lucy. No fundo de seu olhar havia um brilho de exasperação. Lucy sabia que estava se perguntando por que não tinha replicado a Daniel do mesmo modo como respondia a ele. Mas não havia modo algum de fazer Heath entender como funcionavam as coisas entre ela e Daniel. «Não preciso me defender dele — Teria gostado de lhe dizer, — e menos ainda por sua causa!» limitou-se a lhe olhar como querendo lhe dar a entender que não se metesse em seus problemas. Heath voltou a vista para o rio. A marcada linha de seu queixo adquiriu uma tensa inclinação ao apertar os dentes.

— Alguém quer mais bolo de amêndoa?

— Doze porções mais, no mínimo — respondeu Sally agradecendo a mudança de tema. Mas os dois homens permaneceram em silêncio, como se nenhum dos dois tivesse ouvido a pergunta.

Quando acabou a comida se passou para as relações. Enquanto as mulheres limpavam, voltavam a meter nas cestas o que tinha sobrado e dobravam as mantas, os homens se reuniam para trocar comentários e piadas masculinas que se consideravam não aptos para ouvidos femininos. Lucy e Sally se sentaram juntas, e conversaram um momento aliviadas de que Daniel e Heath se separassem e fossem a grupos distintos.

— Não pensei que pudesse causar problemas unir a esses dois — disse enquanto sacudia a cabeça com incredulidade. — Daniel é sempre tão... tão amável e simpático com todo mundo, tão cavalheiresco. E o senhor Rayne... Não entendo por que sendo um traidor e um rebelde é um dos homens mais encantados que conheci.

— Para Daniel ainda é muito cedo para cercar amizade com um sudista — explicou Lucy. — Daniel não pôde esquecer o que os confederados fizeram a alguns de seus amigos. Apesar de que Hea... o senhor Rayne não lhe tem feito nada a nível pessoal, a questão é que lutaram em bandos opostos e nenhum dos dois pode esquecê-lo.

— Sempre acreditei que os confederados eram antipáticos e bruscos — assinalou Sally pensativa. — Mas ele não me parece...

— É obvio que não. É um homem como Daniel ou qualquer um de nossos amigos.

— Não queria dizer isso — a retificou Sally, e justo depois se viu interrompida pelos disparos e os gritos exultantes dos homens que chegavam do prado além da zona do piquenique. — Uma competição de tiro — disse com um leve tom de excitação. — Aí é onde foram todos. Daniel e seus amigos voltam para os velhos tempos.

— Estarei encantada quando deixarem de fazê-lo — disse Lucy ficando em pé e arrumando o vestido antes de dirigir-se com Sally para a clareira. Alguns dos casais e os grupos junto aos que passavam se queixavam do ruído que tinha interrompido seu, até esse momento, pacífico piquenique; os

meninos lançavam fogos de artifício, os homens carregavam seus rifles e disparavam nas latas, as garotas gritavam. Nenhuma das queixa era séria, entretanto, dado que todo mundo sabia o que se podia esperar de um dia como em Quatro de Julho.

Lucy e Sally não deixaram de cochichar e rir enquanto atravessavam a clareira a caminho do prado para onde foram os homens. Emocionava-lhes invadir a privacidade de uma competição de tiro porque os homens sempre gostavam de ter público e ser admirados pelas mulheres. Lucy sentiu um tremendo orgulho pela atuação do Daniel na competição. Era o melhor atirador de Concord... talvez inclusive de todo Massachusetts. Durante a guerra, os melhores atiradores lhe tinham em grande estima pois a média indicava que para acertar a um só confederado estavam acostumados a gastar-se duzentas libras de pólvora e quase novecentas libras de chumbo.

Daniel tinha recebido muitas medalhas e todo tipo de reconhecimentos durante a guerra, algo que as pessoas de Concord não esqueceriam nunca. Todos se sentiam orgulhosos dele por ter lutado com semelhante entrega no exército da União. Não poucos tinham brincado com Lucy-lhe dizendo que Daniel já não pertencia somente a ela a não ser a todo o povo. Por certo ela estava acostumada estar de acordo, mas o que ninguém parecia entender é que ela nem sempre fazia semelhante afirmação feliz. Teria estado bem, refletia ela em algumas ocasiões, que Daniel não se importasse tanto com o que pensavam os outros... que pertencesse não a todos a não ser só a ela. No limite do prado se encontrava David Fraser, a cento e cinquenta metros de um tronco que tinha colocado sobre dois tocos. Com muito cuidado, ergueu um rifle Spencer e levou seu tempo para apontar a uma das sete latas que estavam alinhadas em cima do tronco. Disparou e o cartucho vazio caiu ao chão. Alguns homens riram e se burlaram da má pontaria de David, pois as sete latas seguiam onde as tinham deixado.

— Rindo de mim. É sua vez — disse David a Daniel, que agarrou o rifle sem deixar de rir.

Daniel tomou seu tempo para repor os cartuchos do rifle e depois olhou em direção a Lucy para ver as duas jovens sentadas sobre uma grande rocha. Lucy-lhe saudou com a mão de um modo quase imperceptível e arrumou a saia enquanto se acomodava em seu assento.

— É a mulher mais afortunada do mundo — lhe sussurrou Sally. — Daniel te adora. E é tão cavalheiresco e bonito...

— Sim, é — respondeu Lucy com o olhar cravado no cabelo escuro de Daniel.

Tinha um porte aristocrático, e suas mãos eram formosas e sensíveis inclusive quando apontava com o rifle. Apertou o gatilho. Um disparo e a primeira lata voou pelos ares. Dois, três, quatro... As seguintes latas caíram em rápida sucessão. Cinco. Seis, sete. Não falhou um só tiro. Todos lançaram exclamações e assobios enquanto Daniel sorria com modéstia e olhava para Lucy. Ela aplaudiu com deleite; brilhava lhe o rosto.

— Quero uma oportunidade! — exclamou Hiram Damon, um jovenzinho de pouco mais de dezessete anos, o que provocou com que todos gargalhassem. Hiram era muito jovem para ter combatido na guerra, e ele se lamentava amargamente por isso.

— De acordo, Hiram, terá sua oportunidade — disse Daniel, fiscalizando a reposição do rifle enquanto o inexperiente jovem lutava com os cartuchos. — Aposto vinte e cinco centavos que acerta mais de uma — disse alguém. — Aposto outros vinte e cinco que sim — replicou Daniel aplaudindo as costas de Hiram com firmeza. — Aponta um pouco à esquerda, Hiram, e leve seu tempo.

— Daniel vai ser um bom pai — sussurrou Sally. — Sabe comportar-se com os meninos.

Não sem esforço, Hiram apontou e disparou, acertando a duas das latas. Sally e Lucy aplaudiram com vontades, e inclusive assobiaram de um modo muito pouco feminino.

— Alguém quer me desafiar? — perguntou Daniel. — Lhe darei vantagem.

Colocarei-me mais longe O...

— Ponha uma atadura nos olhos — sugeriu Sally, e todos riram. — Acredito que hoje é meu dia de sorte — disse David Fraser no meio do alvoroço. — Te desafio, Daniel, mas eu ficarei aqui e você tem que ir até os duzentos metros.

— Darei-lhe vinte e cinco centavos a quem consegue lhe vencer — declarou Sally a voz em grito.

— E o que oferece você, Lucy? — perguntou Daniel com as pontas do bigode apontando para cima devido a seu sorriso. — Um beijo para o ganhador — disse, e se escutaram as risadas ante sua ocorrência, pois sabiam que Daniel ganhava sempre.

— Interessante oferta — se escutou dizer a uma nova voz. Todos olharam para a direita, onde viram Heath Rayne meio apoiado, meio sentado sobre uma rocha saliente. Disse-o com voz suave mas contundente, e acrescentou: — Pode participar qualquer um nesta competição?

A Lucy lhe gelou o sangue. Baixou a vista para suas mãos e entrecruzou os dedos enquanto Sally murmurava:

— Que diz esse sudista.

— Se eu fosse você não me meteria em problemas, senhor Rayne — disse Daniel tenso, pois qualquer indício de diversão ou amabilidade tinha desaparecido de seu rosto. — Sou muito bom atirador... e podem dar prova disso uns quantos rebeldes.

Ao que parecia, para Heath aquele comentário não o afetou o mínimo, pois cravou os olhos na lonjura do prado e sorriu.

— Muito bem. Então verei como o faz. Não lhe incomodarei.

Mas lhe tinha incomodado durante toda a tarde, e ambos sabiam. A competição de tiro, que até esse momento estava presidida pelo bom humor, adquiriu tons de batalha campal.

— Não. Melhor que se una nós. Por favor — lhe convidou Daniel com uma expressão de desagrado que Lucy não conhecia.

— Não. Não o faça — sussurrou Lucy.

David entregou o rifle a Daniel e se retirou respeitosamente. O grupo de homens, que até esse momento se mostrou entusiasta e amistoso, estava agora em silêncio, e todos observavam tensos. Lucy não se deu conta de que tinha agarrado Sally pelo braço, de que a apertava com tal força que lhe estava fazendo mal, mas Sally a separou de um puxão depois de deixar escapar um gemido e a olhou zangada. Lucy tinha empalidecido e estava muito

concentrada na cena que estava se desenvolvendo ante seus olhos para desculpar-se. Não podia acreditar que Heath tivesse ousado desafiar o Daniel com semelhante ousadia, nem que Daniel tivesse aceito.

— Deseja fazer alguns disparos de prova? — perguntou Daniel com forçada amabilidade.

— Não, obrigado.

Colocaram as latas em seu lugar, Daniel carregou o rifle e depois olhou para Heath.

— Sabe como disparar com um Spencer? É um pouco diferente a essas quinquilharias que utilizavam os rebeldes.

Os rifles Spencer eram mais modernos que qualquer um dos que utilizavam os confederados, tão rápidos e modernos que os oficiais federais temiam que seus soldados esbanjassem munição por disparar muito rápido e sem apontar devidamente.

— Acredito que saberei fazê-lo. — Heath ficou em pé e caminhou até o ponto em que tinham estado disparando. Entrecerrou os olhos e olhou as latas. — Por que não nos afastamos até os duzentos metros? — sugeriu provocando que crescesse um murmúrio a suas costas. Tudo que pudesse ser dito sobre os confederados ficava aquém com ele.

Depois de proferir algumas exclamações, o grupo de homens se retirou para trás, assim Lucy e Sally se encontraram de repente no meio de todos eles. Alguns homens se apoiaram na rocha e se inclinaram para frente para não perder nenhum detalhe. Todos os músculos do corpo de Lucy estavam em tensão enquanto observava como Daniel apontava. Disparo detrás de disparo, derrubou todas as latas, as fazendo saltar do tronco com clareza. Quando acabou, todos deixaram escapar um suspiro de alívio e lhe felicitaram ainda surpreendidos por seus estupendas dotes como atirador. Lucy se sabia apanhada entre o orgulho que sentia pelo Daniel e o sentimento de lástima que lhe provocava Heath. Ninguém disparava tão bem como Daniel, e Heath ia ficar como um parvo frente a todo o grupo. Desejou não ter estado ali para comprová-lo, e não pôde evitar sentir um impulso protetor para com Heath ao vê-lo recarregar o Spencer e percorrer com os dedos a culatra do rifle. Por que se sentia obrigado a enfrentar o mundo tão solitário?



Separou ligeiramente os pés, voltou o ombro esquerdo para o tronco onde repousavam as latas e levantou o rifle. Ao Lucy chamou a atenção o depravado de sua postura. Parecia como se não levasse tudo aquilo muito a sério. Surpreendeu-lhe o estalo do primeiro disparo... mal tinha tido tempo para apontar! Os disparos aconteceram com tal rapidez que Lucy se perguntou se a arma se transformou em suas mãos. Depois do sétimo disparo, Heath se voltou e olhou para Lucy; seus olhos pareciam brilhar como fogo.

— Santo Deus — escutou Lucy exclamar a alguém, e não sem esforço se obrigou a olhar para o tronco. Tinha derrubado todas as latas. Um estremecedor silencio percorreu o prado.

— Empate — disse Lucy, tão surpreendida ante aquela incrível demonstração que mal lhe saiu a voz. Heath não afastou o olhar de seu rosto.

— Não significa isso que ambos merecemos um beijo? — quis saber Heath, e Lucy se perguntou aonde queria chegar.

— Significa que nenhum dos dois o merece — replicou ela, desejando poder lhe demonstrar sua irritação por ter obrigado Daniel a passar por isso. — Significa que a luta não finalizou — espetou Daniel. — Dispararemos desde duzentos e vinte e cinco metros. O primeiro que falhar, perde.

Nos minutos seguintes houve muito movimento. Colocaram as latas em seu lugar, recarregaram o Spencer. Uma atrás da outra, Daniel foi abatendo todas as latas. Seus olhos marrons brilhavam com fria satisfação.

Depois deu a vez a Heath e acertou todas as latas sobre o tronco com uma alarmante rapidez. Era realmente bom. Todos sabiam, mas ele era o primeiro em ser consciente. Prosseguiu a competição sem desprender-se de um ligeiro sorriso, e essa despreocupada atitude dava a entender que tudo aquilo era ridiculamente fácil para ele.

Daniel, por outra parte, parecia mais irritado do que podia suportar, mais e mais tenso com cada nova rodada. Lucy observou com silenciosa angústia como a cara de Daniel ia avermelhando e suavizava. Nunca o tinha visto tão zangado, e em seu íntimo culpou Heath e suas más atitudes. E pensar que tinha sentido lástima por ele! estava-se mofando deles com suas habilidades, e não era capaz de entender que em lugar de despertar sua admiração todos lhe rechaçavam agora um pouco mais, e mesmo assim prosseguia com seu jogo.

Lucy observou as largas costas de Heath e depois olhou para Daniel, que se defendia corajosamente dessa ameaça a seu orgulho masculino. Estava realmente preocupada, porque nunca ninguém tinha ganho de Daniel em uma competição de tiro, e em caso de perder lhe sentaria fatal.

E, de algum modo, todos sabiam que ia perder.

Sentiu que Heath a olhava. Ela o olhou de esguelha, incapaz de refrear a ansiedade e a ira de seu próprio olhar. Seus lábios tremeram devido às palavras que queria dizer mas que teve que sufocar em seu interior. De repente, aquele deixo de desfrute que presidia o rosto de Heath desapareceu, e passou uma mão pelo cabelo. Quando agarrou o rifle nesta ocasião, seus movimentos foram muito mais lentos. Olhou de soslaio para Lucy e depois apontou. Uma, dois, três... quatro, cinco... seis. Produziu-se um leve momento de espera antes de disparar à última.

A sétima lata ficou em pé.

Sally lançou um grito e saltou da rocha para sair correndo para Daniel. O entusiasmo estalou entre os presente e todos rodearam Daniel, aplaudiram lhe as costas e o felicitaram com vigor. Lucy permaneceu sentada, olhando para Heath enquanto este dedicava a seu prometido uma breve saudação. Daniel assentiu friamente e se voltou para seus amigos, sorridente ante tanta amostra de reconhecimento.

Heath caminhou para Lucy. Seu rosto moreno e bem barbeado resultava tão inescrutável como o de uma estátua. Ao não sorrir, destacava mais do que o habitual sua cicatriz na têmpora. Desejava percorrer com a ponta do dedo aquela linha e descansar a palma de sua mão sobre a bochecha de Heath... até que recordou o que tinha feito. Embora nenhum dos presente soubesse, tinha deixado Daniel ganhar! Errar aquele último disparo tinha sido um ato de desprezo para com eles, pois aquela competição significava muito para os habitantes de Concord e muito pouco para ele. Perguntou-se se também tinha pretendido assim mostrar seu desprezo por ela.

— Falhou de propósito — disse em voz baixa.

Ele a olhou sem ocultar o brilho de ânsia em seu olhar.

— Fiz por você — respondeu com voz grave. — Apesar de que bem sabe Deus o muito que me irrita admiti-lo. — Havia um deixo de burla em sua

voz. — Parece sentir debilidade por mim.

— Não ache que lhe devo nada!

Voltou-se depressa e deslizou pela rocha. Ele a agarrou pelos cotovelos e a ajudou a descer. Lucy se sentiu saudosa pelas sensações que percorreram seu corpo com o mero toque de suas mãos sobre sua pele. Apesar de toda a gente que havia ali e de que Daniel se encontrava a uns poucos metros de distância, desejou, contra sua própria vontade, abraçar Heath Rayne. Durante uns segundos explosivos, sentiu o impulso de lançar-se a seus braços, enterrar o rosto em sua pele morena e inalar seu aroma. Embora lutou contra esse impulso, Lucy não podia negar que Heath exercia um estranho poder sobre ela que nem sequer Daniel podia igualar. E o caráter absoluto do mesmo a assustava. Separou-se dele e pôs-se a correr para o grupo que rodeava Daniel, abrindo caminho até chegar a seu lado. Quando voltou a olhar para a rocha, Heath já não estava ali.

— O que lhe disse?

— Nada. Não o recordo — murmurou Lucy piscando por causa da luz do sol que fazia resplandecer as laterais do trem.

Caminharam para o vagão do leite enquanto os granjeiros dos subúrbios da cidade carregavam o fruto de sua produção nos outros vagões. O rosto de Daniel mantinha seu ar sério quando chegaram ao vagão de passageiros. Depois de quinze minutos de perseguição, desejou com todas suas forças não haver prometido a Daniel ir despedisse em sua viagem a Boston. — A que hora é sua reunião da ferrovia? — perguntou. — Espero que o trem chegue a tempo.

— Sally disse que lhes estiveram olhando enquanto competíamos.

— Olhava a ti!

— Não quero que volte a falar com ele. Nenhuma só palavra, nunca mais, a menos que eu esteja presente.

— Daniel, isso é uma tolice. E se nos cruzamos pela rua? Deveria ignorá-lo? Isso é de má educação!

Seus argumentos incrementaram sua raiva.

— Lucy, não vou tolerar desculpa alguma neste tema. Se quiser que nos casemos, e se desejas que nos convertamos em marido e mulher...

— O que pretende dizer com «se»?

— Teremos que chegar a um acordo. Estiveste um pouco estranha estes últimos meses, mais disposta a discutir, tentando me levar ao limite. Mas isso se acabou. Não quero que fale com esse... esse sudista nunca mais. Desejo que te distancie um pouco da Sally. Acredito que é uma má influência. Não quero que vá a nenhum encontro social ou reunião sem mim, pois obviamente seu pai não te controla o suficiente. — Não sou uma menina a que terei que controlar!

— Se quer ser minha esposa, há certas regras que vamos estabelecer a partir de agora.

— Daniel...

Lucy avermelhou tremendo de frustração. Da competição de tiro, dias atrás, Daniel tinha adquirido uma carrancuda e austera expressão que casava à perfeição com seus alargados traços e que não parecia que fosse desaparecer tão cedo. Seus olhos marrons transmitiam frieza, e sua boca era pouco mais que uma raia de lábios finos sob seu imaculado bigode. — O trem não demorará para sair — disse Daniel sem mal olhá-la. — Vou subir. Falaremos disso esta tarde.

Lucy o observou subir ao trem com os braços cruzados sobre o peito e os dentes apertados. Daniel acreditava que ela tinha mudado. Bom, não havia dúvida de que para ela ele também o tinha feito!

O trem entrou em marcha trabalhosamente e se afastou da estação. Viu como ia diminuindo na distância e suspirou afligida antes de voltar-se para dirigir-se a sua casa.

— Que conversa mais interessante mantiveram vocês dois.

Aniquilada, Lucy ergueu a vista em direção à voz. Entrecerrou os olhos ao apreciar o formoso e brincalhão sorriso de Heath Rayne.

— Estava me espiando? — perguntou de má maneira enquanto olhava ao seu redor para assegurar-se de que não havia ninguém perto que pudesse escutá-la.

Heath encolheu os ombros e introduziu as mãos nos bolsos de sua calça. Esse gesto fez que aquelas bem cortadas calças se atesem a sua anatomia de um modo quase indecente, perfilando à perfeição suas poderosas coxas. Lucy se amaldiçoou por haver-se fixado em algo assim. Mas é que esse homem desdobrava um aura de confiança e masculinidade a seu redor que muito poucos homens dispunham, e teria que ter sido cega para não vê-lo. — Não, não a espiava. — Sua boca desenhou um irreprimível sorriso. — Tenho algumas coisas das que me ocupar no povoado, e vi por acaso esse encantador chapéu que leva...

Ela levantou a mão para comprovar o estado de seu delicado chapéu branco, que estava festoneado com uma mariposa de pérolas e um punhado de plumas de marabú.

— Não o toque. Está perfeito — disse Heath, e ela baixou a vista ante seu olhar abertamente apreciativo.

— Se tiver escutado algo de...

— Escutei.

— Estávamos falando de questões privadas...

— Sei. — Heath desfrutou lhe enumerando a lista de normas que Daniel lhe tinha dado: — Rompe sua amizade com a Sally, não te encontre com o

Rayne, não vá a bailes ou reuniões sociais se não me tem agarrado ao ombro.

Inclusive depois de casados, ele seguirá lhe dizendo o que tem que fazer e com quem tem que falar...

— É um direito do marido, não lhe parece?

— Você acha?

A resposta convencional teria sido um simples «sim». Lucy permaneceu em silêncio durante uns segundos. Abriu e fechou a boca em um par de ocasiões enquanto procurava a resposta adequada. Não encontrou nenhuma. — As coisas mudam quando a gente se casa — acabou dizendo, mais para si mesmo que para ele. — As pessoas mudam.

— Sim, mas geralmente para pior.

— Como sabe? É você uma autoridade no tema do matrimônio... ou em minha pessoa, por acaso? Atua igual ao Daniel, como se soubesse o que é o melhor para mim. Pois bem, talvez seja o momento de que diga o que é que quero!

Os olhos de Heath reluziram como os de um gato.

— Talvez sim. O que é o que quer?

Queria ao Daniel. Mas queria que Daniel fosse diferente.

— Isso não é de sua incumbência.

— Sim que o é. Temo-me que já investi muito em você.

— Investir? Muito do que?

— Muitas preocupações e desgostos, querida. — Disse-o com um tom casual. — Está empenhado em mudá-la. Ele não é bom para você.

— Já basta. Não estou lhe escutando.

— Quer transformá-la em uma criatura obediente, e o único que vai conseguir é que você seja desgraçada. E não é porque ele seja malvado, mas sim porque é seu modo de ser, justo o oposto do que você é.

— O oposto! Que gracioso. Isso é ridículo. Não encontrei a ninguém mais parecido a mim que Daniel. Ele e eu somos o mesmo tipo de pessoa. — Assim é como se ver a você mesma? — inquiriu e, de repente, franziu o cenho. — O tipo de mulher a que lhe faz feliz que seu marido a converta em um reflexo de si mesmo? A sério acredita que...? — deteve-se e a olhou, e o brilho que mostrava seu olhar desapareceu, deixando seu rosto de novo inexpressivo. — Maldito estúpido. Com cada palavra que digo se afunda você mais e mais, não é certo? Bem, não vou deixar que me utilize para reafirmar suas determinações. Se o quiser a ele, dita-o por sua conta. Não vou esbanjar mais uma só palavra.

— Mas... mas ainda não acabamos. Quero saber o que é o que ia dizer. — Prefiro falar de outra coisa.

— Mas Heath, me diga...

— Não.

Lucy não podia recordar a última vez que alguém tinha utilizado aquela palavra com ela. Um simples «não». Comprovou que a irritava sobremaneira,

como se lhe tivessem fechado uma porta na cara.

— Por que não? — perguntou com voz atenuada e, apesar de que não lhe teria feito graça admiti-lo, áspera.

— Porque você pretende discutir e eu não. Sem dúvida deveria discutir com o Daniel. Teria que haver-se oposto a ele faz cinco minutos em lugar de esperar para discutir comigo.

— Não estava esperando para... OH, não quero falar mais disto. Você me faz sentir como...

— Como o que? — interrompeu-a Heath.

— Como quando era pequena e fazia algo que zangava a meu pai... antes de poder explicar nada, ele já tinha suposto por que o tinha feito. Não há modo de combater isso, e não é justo!

Heath se pôs-se a rir sacudindo a cabeça com aflição.

— Não, não o é. Mas com uma filha como você, não é de estranhar que seu pai recorresse a semelhantes táticas. A maior parte do tempo estava em cima de você, todo mundo sabe.

— É um bom homem. É tranquilo, franco e sabe exatamente o que quer...

— Sim. Você deve parecer-se com sua mãe.

Ela sorriu a contra gosto ante aquelas palavras.

— Não sei. Era muito jovem para recordá-la com precisão. Mas sei que era muito formosa.

— Estou seguro — disse enquanto sopesava um dos cachos de Lucy. O gesto foi excessivamente familiar, mas estava muito absorta em seus pensamentos para dar-se conta ou reprovar lhe.

— Meu pai nunca fala dela. Mas a senhora Morgan, uma mulher que estava acostumada a ir aos mesmos clubes e grupos que ela, disse-me que a minha mãe gostava de conversar em todos os clubes de caridade e nas reuniões sociais. Em uma ocasião soltou um incendiário discurso de vinte minutos na prefeitura para que permitissem às garotas acessar aos graus superiores na escola. Fizeram-nas sair, pois não havia suficiente espaço para todos os meninos. Acredito que meu pai as via e as desejava para mantê-la tranquila.

— Não sente saudades.

— Há mulheres assim em sua Virginia natal?

— Que pronunciem discursos? Não exatamente.

— Sua mãe...

— Não, querida. Morreu quando eu era um menino.

Surpreendida e fascinada pela revelação, Lucy quis saber mais coisas sobre Heath. — E o seu pai?

— Morreu durante a guerra. — O amistoso humor de Heath se esfumou como por cura. Ao que parecia, não gostava das perguntas pessoais.

— Fica família?

— Uma meio irmã, um meio irmão... e uma madrasta. E cumpre todos os clichês que tenha ouvido você a respeito das madrastas.

— Alguma vez...?

— Olhe como está o céu... Começa a chover. Será melhor que retorne a casa antes de que fique empapada. Quer que a leve em minha carroça?

— OH, mas as pessoas nos veria...

— Sim, claro. Tem que seguir as leis de Daniel ao pé da letra. Tinha-o esquecido.

— Irei andando — disse Lucy obstinada. — Não é justo.

Ele sorriu e agarrou uma de suas mãos, elevou-a até sua boca e a beijou meigamente nos nódulos. Ela sentiu que uma estranha e silenciosa sensação embargava seu corpo com o mero toque de sua boca na pele.

— Foi um prazer, Cinda — murmurou Heath e se afastou com sua distintiva forma de caminhar, como se dispusesse de todo o tempo do mundo para chegar aonde fora que se dirigisse.



## Capítulo 4

O sino da paróquia tocava.

Lucy afastou o lençol que formava redemoinhos entre suas pernas, saiu da cama para dirigir-se à janela e, antes de estar completamente acordada, contemplou a cena que estava se desenvolvendo do lado de fora. O céu estava coberto por umas nuvens espessas e baixas que derramavam uma fina névoa sobre o povoado ainda sonolento. Apesar da ameaça de chuva, as nuvens tinham um leve tom avermelhado, especialmente justo em cima de Lexington Road.

Nuvens vermelhas, pensou Lucy, e abriu muito os olhos ao comprovar como a rua se enchia de gente, veículos e cavalos. A brisa úmida e cálida chegava até sua janela em suaves onda lhe trazendo o leve aroma da fumaça. Correu até seu armário e tirou dele o mais velho de seus vestidos com movimentos torpes e precipitados. Todo mundo oferecia sua ajuda quando ocorria um incêndio; inclusive as mulheres ou os meninos podiam realizar algumas tarefas.

Lucy ignorou o espartilho que tinha deixado sobre o respaldo da poltrona, vestiu o vestido e o abotoou apressadamente. O espartilho teria obtido que o vestido se ajustasse melhor a seu corpo, mas agora não havia tempo a perder com esse tipo de consideração. Prendeu o cabelo em um rabo-de-cavalo com uma fita e calçou os confortáveis sapatos que mal faziam ruído ao descer a escada.

Lucas Caidwell já estava saindo carregando uma longa corda. Meteu-a em seu balde de membro da brigada anti-incêndios, habituais nos tempos anteriores aos bombeiros profissionais e suas bombas de água. Seu cabelo grisalho e seu branco bigode, em geral perfeitamente arrumados, estavam agora revoltos em uma cômica desordem.

— Pai, estou pronta — disse Lucy quase sem fôlego. Sua inquietação se viu aliviada ao observar a calma com que se comportava seu pai. Era sempre tão prático, tão paciente contudo, inclusive quando enfrentava algum desastre... — Os Hosmer detiveram sua carruagem aí fora. Iremos com eles

— respondeu aplaudindo seu ombro enquanto se encaminhavam à porta. — Pai, não corra nenhum risco esta noite... Sempre se encarrega das ações mais arriscadas em lugar de deixar que sejam os jovens os que o façam. Recorde que é você tudo o que tenho, e se algo lhe ocorresse...

— Só farei o que seja necessário, nada mais — lhe assegurou. — Nada de heroísmos. Mas um Caidwell nunca se nega a cumprir com seu dever, Lucy. — Sim, sei — disse, e ao olhá-lo se deu conta pela primeira vez de quão rápido estava envelhecendo. Podia ver uma fina rede de rugas que desciam desde suas bochechas até o pescoço, e tinha aparecido toda uma série de manchas marrons em sua pálida pele. Horrorizava lhe pensar o fácil que lhe resultaria sair ferido. — Por favor, tome cuidado — repetiu com um sussurro ansioso.

Lucas assentiu com ar ausente, pois estava concentrado nas nuvens carregadas que cresciam na distância. A chuva não seria suficiente para sufocar as chamas.

Falaram bem pouco com os Hosmer na carruagem a caminho do incêndio. Os três filhos dos Hosmer estavam sentados muito rígidos em seus assentos; eram todos adolescentes e mostravam a espera e a ausência de preocupações próprias de sua idade. Lucy se agarrou tensa a seu assento, seu comprido cabelo cor avelã ameaçava solta-se da fita devido ao vento. Deixou escapar um breve suspiro de surpresa ao aproximar-se do incêndio. Era a casa dos Emerson. O telhado e a planta superior já tinham sido devorados pelas chamas, que pareciam crescer a cada segundo, como se desejassem chegar até as nuvens. Uma multidão de pessoas se reuniu ao redor da casa, e alguns realizavam breves incursões na planta baixa para tentar resgatar móveis ou roupa. Os membros do departamento de bombeiros trabalhavam com coragem para controlar o fogo, mas dava a impressão de ser muito tarde para fazer algo. Frente à porta principal, os enormes cavalos brancos que conduziam a bomba se moviam inquietos. A caldeira negra deixava escapar grandes quantidades de fumaça enquanto bombeava a água pelas mangueiras. Muito devagar, a carruagem dos Hosmer se deteve junto à calçada, que apareceu repleta de objetos pessoais e papéis que tinham podido tirar da casa.

— Pobre homem — murmurou a senhora Hosmer, ruiva com alguns fios brancos e uns olhos azuis que os muitos anos de duro trabalho não tinham

conseguido apagar. Lucy olhou para onde olhava aquela mulher e viu o senhor Emerson frente à sua casa em chamas, com o cabelo branco caindo sobre as bochechas, e os ombros cansados cobertos por um casaco velho. — Estava muito enraizado a sua casa. Isto ia ser muito duro para ele.

— Tem muitos amigos — acrescentou Lucas Caidwell ajudando a sua filha a descer da carruagem. — Os Emerson saberão sair desta.

— Isso espero — disse Lucy, e beijou seu pai com rapidez antes de ir reunir-se com as mulheres e os meninos que formavam redemoinhos junto a uma das janelas do andar térreo. Passavam punhados de roupa e peças da baixela formando uma corrente da casa até um lugar afastado. Os homens estavam ocupados tirando os melhores móveis, grunhindo pelo esforço e suando devido ao incrível calor que desprendia o fogo; inclusive da distância em que se encontrava,

Lucy pôde senti-lo em suas bochechas. Era como estar diante de um forno aceso em pleno agosto.

— Alguém viu a caixa de documentos da senhora Emerson? — perguntou em voz alta Abigail, a irmã do Daniel, aproximando-se do ponto em que se situaram os membros da família Emerson. — Estava na biblioteca. Diz que tinha uns papéis importantes nela, contratos e bônus.

Todos rebuscaram entre as coisas que se espalhavam pelo chão, mas ninguém encontrou a caixa. Produziu-se um momento de silêncio e indecisão, e Lucy, ao olhar algumas pessoas no rosto, deu-se conta de que lhes atemorizava entrar na casa.

— Eu irei buscá-la — disse amarrando com mais força a fita que segurava seu cabelo.

— Mas é muito perigoso...

— Ainda não. Os homens e os rapazes seguem dentro, tirando os móveis. O fogo não chegou ao andar térreo.

Lucy correu para a janela meio aberta antes que alguém pudesse detê-la e entrou. Fechou um pouco mais a janela atrás dela enquanto se aventurava pelo que parecia ser o salão. Havia tanta fumaça ali que mal podia ver. A estadia estava invadida por uma calma sobre-humana enquanto podia escutar o som do fogo ao redor.

O trinco da porta ainda estava bastante frio. Com muito cuidado, abriu-a e entrou no corredor, onde os homens corriam de um lado para o outro tentando resgatar as coisas de valor. Devido ao frenético tráfico do corredor, ninguém pareceu precaver-se de sua presença, e ela se aproximou de uma das paredes e chegou até a porta seguinte. Comprovou aliviada que era a biblioteca e se meteu nela. A fumaça cegava seus olhos e parecia haver-se instalado dentro de seu nariz. Lucy rodeou uma enorme mesa e afastou uma cadeira, batendo em algo que havia no chão. Sentiu uma onda de triunfo em seu peito ao agachar-se e tocar um objeto metálico com forma cúbica. A caixa dos documentos.

Agarrou a caixa, que estava já quente, a colocou sob o braço e se aventurou no corredor, onde escutou ensurdecadores gritos de alarme. Tossia com tal força que com muita dificuldade podia respirar. Um menino que conduzia uma pesada poltrona a golpeou acidentalmente, empurrando-a contra a parede. De repente, uma viga de madeira em chamas caiu do teto, e não acertou-a por muito pouco. Ela observou aquele pedaço de madeira ardente completamente chocada. O teto estava começando a cair! A coragem de Lucy desapareceu de seu rosto pálido ao sentir o impulso do autêntico medo. Seu pulso se acelerou. Por irracional que pudesse soar, seu primeiro impulso foi correr em busca de um canto em que esconder-se. Tinha que sair dali! Temerosa de que sua saia prendesse, segurou a borda da mesma e rodeou a viga em chamas com extremo cuidado. Justo então, uma bota golpeou com força a viga e alguém a agarrou com força pelos ombros fazendo com que soltasse a caixa de documentos.

— Que demônios faz aqui? — perguntou com um sonoro grunhido uma voz masculina. Ela ergueu a vista e observou o rosto de Heath Rayne. Estava tão contrariada pelo violento apertão de suas mãos e por sua selvagem aparência que não poderia ter pronunciado uma só palavra embora disso tivesse dependido sua vida. Sua bronzeada pele brilhava por causa do suor e da fuligem, e tinha os olhos entrecerrados para evitar os efeitos da fumaça. Estava com as mangas da camisa arregaçadas, exibindo uns braços musculosos; levava a camisa aberta até o ventre. Parecia tão zangado que dava a impressão de querer lhe bater, e durante um segundo temeu que o fizesse. — Quero que tire seu traseiro daqui imediatamente! — explodiu. —

por que não a têm controlada seu prometido ou seu pai? Se nenhum deles lhe der umas boas palmadas por isso, juro-lhe que o farei eu!

— Entrei por um motivo importante! — interrompeu lhe Lucy indignada, liberando-se de suas mãos e inclinando-se para recuperar a caixa. Deteve-se quando lhe sobreveio um ataque de tosse.

Heath amaldiçoou entre dentes e lhe arrebatou o pesado objeto assim que ela ficou em pé. Rodeou-lhe a cintura com um braço e a levou quase carregada pelo corredor. A porta principal já estava ladeada já por duas longas línguas de fogo. Lucy deixou de lutar quando se fez de escudo com seu próprio corpo para transpassar a porta. Afundou o nariz e a bochecha em seu úmido cabelo dourado. Sentiu o cruel e ilimitado poder de seus braços ao redor de seu corpo, que lhe proporcionavam tanta segurança como a mandíbula de um leão. Sua total falta de temor a fez sentir como o tipo de mulher que ela mais detestava, o tipo de mulher que se mostrava totalmente indefesa na presença de um homem forte. Respirou fundo e conseguiu levantar a cabeça sobre o ombro de Heath. Começou a afastá-lo de si assim que cruzaram a porta. Lhe permitiu pôr os pés em terra assim que alcançaram a varanda, e depois lhe passou a caixa de metal. Parecia muito mais pesada que dentro da casa, e ela a agarrou entre seus braços trêmulos. — Primeiro quase se afoga, e agora quase se converte em cinzas — disse Heath virando-a e empurrando-a com firmeza em direção à escada que levava a rua. Ainda parecia zangado, mas não tanto como antes. — Sabe Deus o que será a seguir.

— Teria conseguido sem sua ajuda!

— Nem o sonhe. E agora saia daqui. - Não lhe respondeu, limitou-se a observar seus largos ombros justo antes de desaparecer pela porta outra vez. Lucy desceu a escada e se surpreendeu ao comprovar que seus joelhos fraquejavam ao topar-se com os móveis que ocupavam o jardim. Depois de depositar a caixa de documentos sobre um sofá, viu como os homens tiravam os últimos móveis da casa. Nenhum deles voltou a entrar. O fogo tinha destruído o andar de cima e estava se estendendo pelo de andar baixo; tinha devorado os tetos e as paredes até converter a casa em uma armadilha mortal.

Caminhou até onde se encontrava seu pai, perto dos Emerson, e contemplou as imponentes chamas. O senhor Emerson estava claramente

chocado, olhava o fogo sem vê-lo. Acossada pela compaixão, Lucy evitou olhá-lo nos olhos, incapaz de enfrentar uma dor tão evidente. Alguns metros mais à frente, viu Daniel; ele e outros mais estavam fazendo inventário do que tinham podido salvar. Sentiu-se culpada ao precaver-se de que nem sequer tinha pensado nele até esse momento, não tinha se perguntado se estaria bem ou não. Entrecruzou os dedos de suas mãos e se disse que se reuniria com ele assim que as coisas se acalmassem um pouco.

— Meu manuscrito — disse Emerson de repente com um fio de voz apenas audível. — Meu último manuscrito. Não tenho outra cópia além da que havia na casa. Meu manuscrito!

— Não se preocupe, senhor Emerson — disse alguém coberto de fuligem. — Com certeza alguém terá...

— Quem? Onde está? — perguntou com renovada energia acometido pelos nervos. — Ele estava em uma caixa branca na biblioteca. Onde está? Produziu-se uma breve confusão no jardim enquanto todos procuravam o manuscrito, mas ninguém conseguiu encontrá-lo. — Meu manuscrito — disse Emerson com voz trêmula.

Sua cara estava branca como o papel enquanto se livrava das pessoas que tentavam consolá-lo a seu redor. Quase tropeçou com Heath, que estava sentado no chão com os braços apoiados nos joelhos em uma postura que evidenciava seu esgotamento. Heath, com os olhos entrecerrados, elevou a cabeça e olhou a aquele homem. Todo um mundo de diferenças os separava: um era um homem mais velho e frágil, e acumulava toda uma vida de experiência; o outro era forte e jovem, com toda a vida pela frente. Um era do Norte, o outro do Sul. Mas existiam semelhanças entre ambos. Por agora, compartilhavam um inescapável respeito pela palavra escrita, e Heath entendia perfeitamente o que a perda do manuscrito supunha para aquele homem. Depois de olharem-se silenciosamente, Heath ficou em pé, lançou uma explícita palavra censurável e se encaminhou à casa.

Paralisada, Lucy observou como Heath se vestia com uma manta empapada que havia no chão e subia os degraus. Ninguém moveu um dedo para detê-lo.

— Não — disse, embora não com a suficiente força para que lhe ouvisse, à medida que se aproximava daquele inferno. — Não!

Se Heath ouviu seu grito, ignorou-o por completo, pois desapareceu no interior da casa em chamas. Quando tentou dar um passo adiante, seu pai a deteve, lhe sussurrando ao ouvido que todo mundo os estava olhando. Custava-lhe respirar, tinha um nó na garganta; seu coração pulsava com tanta força que lhe doía o peito. Cravou o olhar na porta e permaneceu imóvel como uma estátua, rígida como se fosse de ferro. Em algum lugar dentro da casa se escutou um poderoso estrondo, o som de outro pedaço de teto ao cair. Seu pai apoiou uma mão sobre seu braço ao notar seu estremecimento. Não afastaria os olhos da porta até que Heath aparecesse. Deu a impressão de que passavam horas, mas mesmo assim não houve sinal de Heath.

— Lucy, o que acontece? — Escutou a voz de Daniel e se voltou. Parecia exausto, pois respirava com dificuldade e não deixava de estirar os músculos de seus ombros.

— O... Eu... O senhor Rayne está aí dentro — disse brevemente. — Não se preocupa?

— Me preocupar? — repetiu Daniel agarrando-a pelos cotovelos e olhando-a de frente. A confusão e a irritação se misturavam em seus escuros olhos marrons. — A todos preocupa... mas a ninguém tanto como a ti. Por que, Lucy?

— É um ser humano! por que a ninguém parece lhe importar o que possa lhe acontecer? É que ninguém o entende?

A voz de Daniel soou tranquila e mordaz quando lhe respondeu. — Você foi uma menina durante a guerra... É você que não o entende. Sua amabilidade poderia voltar-se contra nós em qualquer momento. Meu Deus, sabe tudo o que nos fizeram os rebeldes durante a guerra? Alguns deles não eram melhores que os índios, degolavam aos soldados da União, esfolavam-nos! Sabe as coisas que nos fizeram naquelas horríveis prisões? Trataram-nos como animais, deixavam-nos morrer sem nos dar comida nem remédios... OH, não, eu não quero esquecer nem perdoar. E no que diz respeito a esse confederado em particular... Talvez seja bonito e encantador como o próprio diabo, mas sob a superfície é tão indesejável e sujo como todos os de sua classe. Não merece que nos preocupemos com ele. — Mas eles não foram os únicos. Também ouvi falar do que os soldados da União fizeram aos sudistas — disse Lucy enxugando-as lágrimas que lhe corriam pelas bochechas. —

Lhes queimavam as casas e os campos, e fizeram coisas a suas mulheres que... Daniel não moveu um só músculo.

— O que está dizendo? — perguntou-lhe com cara pétrea e os olhos acesos.

— Não acredito que se tratasse de uma guerra entre bons e maus...

— Está em choque com tudo isto — interrompeu-a com frieza, — é por esse motivo pelo qual vou esquecer esta conversa. Não tente pensar em coisas que vão além de seu entendimento, Lucy. Se tivesse lutado na guerra saberia o tipo de gente que são esses sudistas, e te asseguro que os odiaria. E se fosse você, deixaria de me preocupar com esse infame rebelde, porque o único que poderia tirá-lo com vida dessa casa é um milagre.

Lucy mordeu o lábio quando Daniel se afastou. Por que de repente todo mundo lhe parecia alheio? Daniel, seu pai, o povo ao redor... Era como se nunca os tivesse conhecido, como se os observasse atuar sobre um cenário e não entendesse sua representação. Quão único tinha claro era que Heath estava dentro da casa em chamas e que lhe preocupava o que lhe pudesse acontecer, preocupava lhe com autêntico desespero. Não lhe importava quem era ou o que tinha feito no passado: não queria que morresse. Pressionou as Palmas das mãos contra suas têmporas para tentar aplacar a terrível dor de cabeça que sentia e olhou para o fogo até que seus olhos se cegaram por causa do fulgor.

Viu um movimento na porta. Heath saiu por ela, desfez-se da manta e apertou com força a caixa branca. Sua figura se recortava contra um fundo de chamas amarelas enquanto descia os degraus de dois em dois. Um novo pedaço do telhado e várias paredes se desabaram a suas costas. A multidão o olhou sem dizer uma palavra, e alguns se afastaram de seu caminho. Seu rosto, seu peito e seus braços estavam cobertos de fuligem. Sua camisa branca era agora cinza, e a abriu para mostrar um corpo bronzeado e suarento, um corpo cheio de cicatrizes fruto de antigas feridas. Mancava levemente, mas em vez de lhe dar uma imagem menos assustadora, a coxeadura o fazia parecer ainda mais ameaçador, como um animal ferido disposto a defender-se. Olhou com cautela nos que lhe rodeavam e depois caminhou para Emerson e lhe entregou o manuscrito.



— Obrigado — disse Emerson, assentindo e aceitando a caixa com um gesto parecido ao de uma parteira que recebe a um recém-nascido. — Estou em dívida com você...

— Não o está. Isto não significa que esteja de acordo com você ou com suas opiniões mais do que o estava antes — disse Heath com brutalidade, e se afastou coxeando até chegar às árvores que cresciam perto do jardim traseiro da casa.

Lucy baixou os olhos para esconder seus sentimentos, pois podiam perceber o grande alívio que estava sentindo.

À medida que se aproximava a manhã, a gente do povo começou a organizar as coisas que havia no jardim e a recolher os papéis, as cartas e as notas que o vento tinha dispersado sobre a erva. O fogo acabou extinguindo-se, deixando em pé somente um par de paredes nuas e uma montanha de entulhos. Dissimuladamente, Lucy olhou para o lugar por onde Heath se foi e o seguiu quando ninguém a observava. Sabia que teria que ter permanecido junto a seu pai e Daniel, mas algo a empurrava para o sudista e não respiraria tranquila até estar a seu lado.

Heath estava sentado sobre uma grande rocha plana, com as costas apoiada no tronco de um velho videiro de ramos brancos. Tinha os joelhos dobrados e os cotovelos sobre eles, com a cabeça entre as mãos. Escutou o rangido das agulhas dos pinheiros que atapetavam o chão mas não se moveu. — Não deveria havê-lo feito — disse Lucy com veemência enquanto lhe estendia uma caçarola com água. Ele tomou e bebeu com ânsia; a água lhe correu pelo peito e a camisa. Ela se agachou a seu lado e tirou um dos muitos lenços que tinha encontrado em uma pilha de roupa no jardim, duvidando durante uns segundos antes de usar uma ponta para lhe limpar o queixo. Heath descansou a cabeça no tronco e a olhou com cautela. — Um punhado de papéis não mereciam que você perdesse a vida — prosseguiu Lucy com o mesmo tom severo, — sem importar o que estivesse escrito neles.

— Há alguém que não estaria de acordo com isso... — respondeu com voz áspera, e depois começou a tossir.

— Isso é ridículo — replicou ela com mordacidade; seus olhos cor avelã resplandeciam. Agora lhe limpava a cara com maior confiança.

Heath teria rido ante semelhante mostra de cuidado se não estivesse se sentindo totalmente esgotado. Perguntou-se se ela seria consciente do aspecto que tinha ali, a seu lado, lhe limpando as bochechas.

— Faz muito tempo que ninguém me limpava assim — disse com voz rouca.

— Quanto?

— Fará uns vinte anos. Minha mãe quase me apagava a cara de tanto que a esfregava.

Lucy deixou de esfregar.

— Feche os olhos — disse tranquilamente, e limpou a fuligem que os rodeava. — Por que arriscou sua vida? Deveria ter ficado em casa — disse, e ele a agarrou pelo pulso com uma de suas grandes mãos.

— Já valeu.

Ambos sabiam que não se estava referindo ao lenço. Entretanto, ela deixou que o lenço pendurasse de sua mão e não resistiu até que ele a soltou.

— Por que tudo o que tem a ver com você é tão misterioso?

— Não há mistério algum...

— Nunca quis me contar nada sobre sua vida.

O que é que deseja saber? — perguntou franzindo o cenho.

Ambos permaneceram em silêncio durante uns segundos. Lucy sabia que estava pisando em terreno proibido. Não deveria ter sentido curiosidade por saber mais do que já sabia. Não deveria lhe fazer perguntas; nem sequer deveria estar ali. Mas não podia deixar escapar aquela oportunidade. — De onde você é exatamente, de que lugar da Virginia? E a que se dedicava seu pai?

— Sou de Richmond. Meu pai era advogado. Teve que deixar de exercer e dedicar-se à plantação da família no condado de Henrico.

— Plantação? Mas você disse em uma ocasião que não tinha escravos...

— E não os tinha.

— Mas se os Rayne tinham uma plantação, então como...

— Não, os Rayne não — disse Heath olhando-a com cara inexpressiva. — Os Price. O nome de meu pai era Haiden Price. Nunca vivi com os Price na plantação. Vivia em um hotel de Richmond com minha mãe, Elizabeth Rayne.

— Sua mãe e seu pai... não chegaram a casar-se? — Lucy sentiu que lhe ardiam as orelhas. Gostaria que ele não a olhasse com tanta intensidade, como se pretendesse medir a reação que causavam suas palavras.

— Não. Ela era uma prima longínqua que conheceu meu pai durante uma visita familiar. Ele já estava casado. Instalou-a em Richmond ao descobrir que a tinha deixado grávida. Como é lógico, ninguém da família quis saber nada de nós.

Lucy se perguntou como teria sido para ele crescer em um hotel, vivendo em desgraça sem ter feito nada para merecê-lo.

— Seu pai ia visitá-lo?

— De vez em quando. Ia comprovar se me vestia do modo adequado e se estava recebendo uma boa educação... Isso foi tudo o que fez por seu bastardo ilegítimo. Enviaram-me ao estrangeiro quando cumpri os dezoito, mas um mês depois que partir, a Carolina do Sul declarou a secessão e... bom, já conhece o resto da história.

— E depois da guerra...?

— Fui à plantação como um maldito estúpido, acreditando que não iriam achar mal ter outro par de mãos para ajudar. E é certo que necessitavam ajuda. Mas não minha ajuda.

Sem lar. Sem família. Lucy se arrependeu de ter realizado aquelas perguntas sobre o seu lar sabendo agora que não tinha aonde ir.

Como... como morreu? — perguntou-lhe, mas ele negou com a cabeça em silêncio negando-se a responder. Ele a olhou com um brilho desafiador nos olhos. — Por que veio aqui?

— Não posso dizer-lhe.

— Por que não? Acaso não sabe?

— Porque não quero dizer-lhe.

Ela sorriu de repente.

— É muito teimoso.

Ele relaxou e fechou os olhos.

— Suponho que tem razão.

— Fez com que me tremessem as pernas quando voltou a entrar na casa — disse em tom reprobatório. — Por que o fez? Queria demonstrar algo? — Queria preservar o manuscrito de Emerson para a posteridade — respondeu Heath imitando com tal perfeição o modo pomposo como falava Bronson Alcott que quase a fez rir.

— Não diga tolices.

— Não temo ao fogo, e parecia evidente que todos aqueles que podiam ir procurar o manuscrito sim o temiam.

— Por que não lhe dá medo?

— Quando sofreste o pior, já não há nada que temer.

Aquelas palavras, pronunciadas com aquela suficiência, comoveram-na. Lucy não pôde deixar de limpar a fuligem que se acumulou em sua testa. Ele não disse nada a respeito ao amável toque de sua mão. — O pior? O que foi esse «pior» que ocorreu a você?

— Quando era adolescente, o hotel se incendiou. Eu voltava tarde depois de uma noite de... Como o diria...? Uma noite de comportamento pouco cavalheiresco, e vi a fumaça a quilômetros de distância. Minha mãe estava dormindo no piso de acima. Não chegaram a tempo.

Ela murmurou algo inaudível. Deslizou os dedos levemente várias vezes por entre as mechas de seu cabelo loiro.

— Cinda? — disse Heath depois de alguns segundos de silêncio. Sua voz tinha um matiz sonolento devido aos efeitos do cansaço unido às carícias de Lucy.

— Humm?

— Sigo muito zangado com você por ter entrado na maldita casa.

— Tinha que fazê-lo. Você o fez.

São coisas diferentes — respondeu abrindo as escuras pestanas para olhá-la. Lucy afastou de repente a mão como se algo a queimasse. — Tenho mais

experiência no que a cuidar de mim mesmo se refere.

Ela franziu o cenho.

— Heath... você acha que sou uma menina?

— Não. Oxalá fosse.

— Porquê?

— Porque não sentiria o que sinto por uma menina.

Heath se inclinou para frente e roçou com as pontas dos dedos a curva de seu pescoço. O rictus de sua boca se suavizou ao contemplá-la. Seu olhar era tão concentrado e íntimo que Lucy não pôde mover-se, nem sequer quando ele se levantou e apoiou a palma da mão em sua nuca. Antes que se desse conta, atraiu-a para si e se sentiu rodeada pelo aroma de sua pele nua. — Cinda — sussurrou, e ela estremeceu ante o som cativante de sua voz— não deveria ter vindo até aqui.

— Tinha que comprovar se, se encontrava bem.

— Não deveria havê-lo feito.

Quando, antes, a tinha abraçado com tanto cuidado, de um modo tão possessivo? Parecia desfrutar de do mero feito de senti-la contra seu peito. Provocava certo enjoo sentir-se desejada desse modo. Sua maneira de tocá-la era diferente, especial, e durante um terrível segundo se perguntou por que não podia ser assim com o Daniel. Os abraços de Daniel eram familiares e confortáveis, mas nunca lhe tinham feito sentir que crescia em seu interior uma doce e cálida corrente de desejo.

Desejava Heath porque era um pouco proibido? Porque era um sudista?

Apertou com força os restos de sua camisa.

— O que está me acontecendo? — sussurrou Lucy.

— Nada. É uma mulher... e quer que lhe desejem. — Sorriu suavemente—  
Necessita que lhe desejem.

— Mas Daniel sente isso por mim...

— Então por que está empenhado em mudar o melhor de seu caráter?

— O melhor? — repetiu com incredulidade. — Meu temperamento...

— Eu gosto de seu temperamento.

— E choro...

— É sensível.

— E não deixo de sonhar acordada...

— Tem imaginação — a corrigiu com tato. — Eu não gostaria que mudasse nada disso. Exceto uma coisa. Não parece te sentir amada, Lucy...

Não parece satisfeita.

A dor que notou em seu peito a obrigou a afastar o olhar.

— Não diga isso. Tinha razão, não deveria ter vindo...

— Mas veio. E ambos sabemos por que. Quer que voltem a te resgatar.

Suas palavras a surpreenderam.

— Q-o que?

— Finge que é minha — prosseguiu, abraçando-a. — Só durante uns segundos. Finge que nunca houve ninguém mais que eu, que sou eu com quem está prometida. Faz-o por mim... Jamais voltarei a lhe pedir isso. Era sua fantasia secreta. Como ele tinha podido descobri-lo? Conhecia-a o bastante para tentá-la com algo que sabia que ela não poderia rechaçar. Tentou pensar em Daniel, mas sua imagem se apagou como a fumaça, e algo sobre o que ela não exercia controle algum a impulsionava a inclinar a cabeça e a fundir seus lábios com os de Heath. Ele a beijou muito devagar, apaixonadamente, fazendo desaparecer o resto do mundo. Foi tão quente, tão doce... Lucy esqueceu que não era a Heath a quem pertencia, esqueceu que não certo lhe desejar. Arrastada pela magia de seu beijo, a realidade lhe escorreu entre os dedos.

Heath se inclinou para frente até apoiar Lucy contra a superfície da rocha, colocando o antebraço sob sua nuca. Ela pôde ver os primeiros brilhos do sol no céu, e soube então aonde ia levar-lhes estar tão perto se não o detinha e tentou livrar-se de seu abraço.

— Não. Tudo está bem. Não se preocupe — murmurou ele contra seu pescoço, apreciando o sabor de sua pele.

Heath estava em cima de Lucy e sossegou com a boca suas palavras. Através da roupa, ela sentiu a dura ereção de Heath, crescendo contra sua vulnerável suavidade. Resultava-lhe surpreendentemente natural encaixar-se

com um corpo como aquele. Lucy deslizou as mãos por debaixo de sua camisa e acariciou a sedosa pele de suas costas até tocar uma longa cicatriz que a percorria em diagonal. Muito devagar, afastou uma de suas mãos para roçar a cicatriz da têmpora; separou a boca da do Heath. Apreciou a chama azulada que ardia agora nos olhos daquele homem ao olhá-la.

— Onde? — perguntou ela com um fio de voz-. — Onde te fez estas feridas?

— Na guerra.

— Todas?

— Sim. Incomodam lhe?

— Não... Mas... Eu não gosto de pensar que quiseram te fazer mal.

Heath esboçou um leve sorriso.

— Tampouco me entusiasmava a ideia.

— Heath, deixe-me partir.

Não podia fazê-lo. Sua força de vontade a tinha abandonado.

— Um minuto mais. Só um minuto a mais.

Ela fechou os olhos e sentiu um calafrio quando lhe beijou no pescoço. Seus lábios pareciam conhecer a perfeição todos os seus pontos sensíveis. — Por que veio ao norte? — perguntou em um intento de lhe fazer mudar seu foco de interesse. Apoiou as mãos em seu peito e o afastou.

— Porque você estava aqui.

Ela lançou uma gargalhada.

— Não, esse não é o motivo... esse não... OH, Heath...

Tinha os lábios no alto da curva de seus peitos, e ela sentiu como seus dedos entravam pelo decote.

— Por favor, não...

— Vou te beijar.

— Não, não quero...

Mas seus lábios descenderam uns centímetros, e depois um pouco mais, e sua boca não demorou para alcançar o topo. Sentiu como se contraía o

mamilo dentro de sua boca, respondendo ao delicado toque de sua língua, por isso não pôde evitar que lhe escapasse um leve gemido. Em seu interior estava acontecendo uma luta encarniçada — aquilo estava errado e não queria animar Heath para que seguisse adiante, — mas o que lhe estava fazendo a fazia se sentir tão bem que, aos poucos, já nada lhe importava. Entrelaçou os dedos entre as mechas de seu cabelo loiro, puxando-os sem ser consciente ao sentir como roçava a superfície de seu corpete. Acabou por deslizar suas mãos sob o vestido, abrangendo os seios e brincando com o mamilo.

Ela se dissolveu debaixo daquele poderoso toró de sensações: o peso do corpo de Heath em cima do dela; a estremecedora calidez que entranhava notar sua boca sobre a pele; a força de seus músculos, capazes de atendê-la e, ao mesmo tempo, de abraçá-la com delicadeza; sua lenta respiração; o fervoroso pulsar de seu coração.

— A isto é ao que se parece — disse Heath com voz rouca— que um homem te deseje, Cin, que te deseje tanto... que fosse capaz de matar para te ter...

— Tem que parar...

— Agora não. — Beijou-a com ardor, e ela pensou, completamente enjoada, que atrás desse último beijo lhe deteria. Ele levou as mãos até seus ombros e a apertou com força contra si enquanto inclinava a cabeça para sussurrar seu nome. — Lucy... minha Lucy... Deus, como te desejo... — Abrangeu seus peitos de novo, acariciando-os com doçura. Lucy estremeceu, indefesa sob o corpo de Heath enquanto sussurrava seu nome. Seu coração rogava em silêncio para que aquele instante nunca acabasse. Mas justo nesse momento, escutou o grito de uma mulher.

Arrebatada de repente daquele paraíso de prazer, Lucy abriu os olhos. Tinha os lábios vermelhos e inchados, e olhou atordoada para o lugar de onde provinha o grito. Há somente uns poucos metros de distância estavam Daniel e Sally, ambos com a cara pálida.

Heath amaldiçoou em voz alta e se incorporou, colocando Lucy a seu lado com um suave movimento.

— Lhe... estávamos-lhe procurando... Lucy — gaguejou Sally levando as mãos à boca. Depois de pronunciar essas poucas palavras, voltou-se e pôs-se a correr fazendo ranger as folhas que cobriam o chão.



Daniel se limitou a olhá-los. Sua expressão de surpresa foi mudando progressivamente em ódio. O vento fazia soar as folhas das árvores. Seus amargos olhos marrons se cruzaram com os azuis de Heath. Daniel sorriu suavemente.

— Dispararia-te entre os olhos — disse a Heath em voz baixa, — mas não merece que me incomode.

Lucy ocultou seu rosto com as mãos enquanto escutava os passos do Daniel afastando-se dali. Todo o calor da paixão abandonou seu corpo, lhe deixando somente uma desagradável e gelada sensação de vazio.

Lucy nunca esqueceria o sofrimento que supôs retornar para casa, pois os membros da família Hosmer não deixaram de olhá-la em silêncio. A senhora Hosmer passou um braço por cima do ombro do mais novo de seus filhos como se pensasse que Lucy supunha uma ameaça para a saúde moral de sua família. Depois de chegar em casa, Lucy se sentou a sós no salão, enquanto seu pai descia a escada e seu irmão ia à loja. Não podia pensar com clareza.

Tinha o olhar cravado na parede e rememorou de forma aleatória diferentes instantes do que tinha acontecido; uma e outra vez. Preparou o almoço mecanicamente e pôs a mesa, enxugando o incansável fluxo de lágrimas que corria por suas bochechas. Lucas Caldwell subiu a escada de um modo inusualmente silencioso, como se temesse enfrentar-se a ela tanto como ela temia enfrentar-se a ele.

— Como foi na loja? — perguntou Lucy com voz trêmula. A sensação de irrerealidade envolvia tudo. Como iam falar de coisas cotidianas quando suas vidas tinham virado de cabeça para baixo?

— Bastante frouxo — respondeu seu pai sentando-se à mesa com um longo suspiro.

Ela o observou comer, consciente de que se engolissem um só pouco lhe revolveriam as tripas. Finalmente, Lucas deixou o garfo na mesa e a olhou com firmeza.

— Sabendo o que sente por Daniel, poderia ter esperado algo assim de qualquer garota menos de ti. e... — Sua expressão mostrava desconcerto e embaraço — Não é só o que fez, mas sim toda a gente do povo estava a

poucos metros de distância. — Lucy assentiu e cobriu os olhos com uma mão, incapaz de sustentar durante mais tempo o olhar de seu pai. — Me surpreende sua atuação, não a desse homem — prosseguiu Lucas com voz cansada. — Todos sabem o que esse sudista pensa das mulheres do Norte. Por certo, aproveitou-se de ti. Não é que seja um mau homem, apesar de ser sudista, mas cometeu as mesmas faltas.

— Por que fala dele assim? — perguntou Lucy nervosa. — Foi eu que me coloquei nessa confusão...

— Me deixe falar — a interrompeu Lucas. Sua expressão ficou séria, apesar de que sua voz seguia mostrando calma. Lhe obedeceu imediatamente, baixando a vista até o prato e cruzando os braços. — O senhor Brooks passou pela loja esta manhã. Disse-me que sua mulher e sua filha não comprarão aqui enquanto você trabalhe depois do mostrador, porque não quer que seja uma má influência para elas. E outras pessoas sentem o mesmo, Lucy...

— Não voltarei a trabalhar na loja.

— Seguirão me pressionando. O negócio não voltará a ir bem até que te case e volte a ser uma mulher respeitável.

— Não têm direito a me julgar!

— Isso é certo. Mas vão fazer igualmente. E o de hoje, Lucy, foi tão ruim para mim e à loja como a sua própria reputação.

— Odeia-me, verdade? — sussurrou desejando nesse momento ser de novo uma menina, desejando que seu pai pudesse fazer desaparecer todos seus problemas como tinha feito no passado. Desejando, definitivamente, retornar a aquele tempo em que os problemas podiam solucionar-se com algumas palavras, com um dólar ou um doce.

— Não te odeio. Decepçionei-te. Mas o que mais me preocupa é o que vais fazer agora. Embora Daniel seguisse te querendo, sua família nunca te aceitaria. Têm muito em conta as questões relativas à reputação.

— Está bem — disse Lucy afligida. — Serei uma velha solteirona como Abigail Collier. Viverei aqui com você.

— Lucy... — Durante um segundo, deu a impressão de não saber o que dizer. Esclareceu a garganta. — Se ficar comigo, o negócio irá piorar. Não poderia fazer frente a semelhantes perdas.

— Fala a sério? — perguntou se levantando da mesa com renovada energia e enxugando-os olhos com um brilho de raiva. — Tão ruim é o que fiz? Tão terrível? — Ele não respondeu. Não mostrava expressão alguma. Lhe marcavam as rugas junto à boca e o nariz. Lucy voltou a sentar-se. Estava utilizando a loja como desculpa. Seu rechaço ante o que tinha feito era tão grande que não queria voltar a vê-la. Não desejava seguir ao lado de uma filha com semelhante reputação. Jamais se havia sentido tão só. — Está me dizendo que não posso ficar com você — disse. — Então onde... o que... o que vou fazer?

— Tentaremos que alguém da família de sua mãe em Nova Iorque se faça cargo de ti, embora o duvido muito. Cortou a relação com sua família quando se casou comigo em lugar de fazê-lo com sua primo. Ou poderia viver com seu tio e sua tia em Connecticut.

— OH, não — exclamou Lucy negando com a cabeça. — Sua casa é diminuta, e não podem permitir-lhe Não pode ser. E eu lhes admiro... mas são... tão estritos. — Afastou a vista quando seu pai a olhou com ira reprovadora.

— Não teria feito o que tem feito se tivesse sido educada de um modo mais estrito — disse. — Me equivoquei te mimando tanto. Agora sei. Mas é minha única filha, e pensando em sua mãe não quis te negar nada... — Não fale dela, por favor — balbuciou Lucy dando a volta e cobrindo a cara com um lenço.

— Cabe outra possibilidade — disse Lucas, mas se tomou um tempo até dizer o que tinha pensado. — Poderia te casar com o senhor Rayne.

Lucy deu a volta e olhou para seu pai presa de assombro.

— O que disse?

— Veio para ver-me há umas duas horas para te pedir em matrimônio.

— Casaria-me você... casaria-me você com um confederado?

— Disse que cuidaria de ti. E eu lhe acredito.

Ficou sem fôlego. Durante um instante, assaltou-lhe toda a feliz espera de ser a esposa de Daniel Collier. Teria sido o casal mais bonito de todo o povoado, populares e admirados, com o dinheiro suficiente para ir jantar e ao teatro em Boston; convidados às festas mais destacadas; aceitariam-lhes nos

mais antigos e respeitados círculos de Concord. Agora, nada disso lhe pertenceria. O que seria de sua vida como esposa de Heath Rayne? Todos a olhariam mau, e Sally se compadeceria dela, e teria que humilhar-se e passar despercebida durante anos antes que lhe perdoassem ter-se desonrado com um sudista.

— Não quero fazê-lo — disse com um brilho de pânico na voz. — Não pode me obrigar a me casar com ele, não pode me forçar...

— É obvio que não — respondeu Lucas.

— Então, lhe diga que não. Não quero voltar a ouvir falar dele. Lhe diga que não quero ser sua esposa e que nunca o serei...

— Disse-lhe que esperaríamos uns dias antes de lhe dar uma resposta. Espera, Lucy, e repensa a respeito do que vais fazer. Acredito que não imagina como vão ser as coisas para ti a partir de agora.

A notícia se estendeu por todo o povoado em menos de doze horas. Fosse ou não sua melhor amiga, ao que parecia Sally não pôde manter a boca fechada. Lucy se escondeu em casa, pois cada vez que tinha saído tinha tido que enfrentar os olhares frios ou curiosas ou, o que era pior, compassivos. Encontrou-se com tantos desprezos que começou a esperá-los em lugar já de surpreender-se. Pessoas que a conheciam de toda a vida e que sempre se mostraram amistosas e amáveis a ignoravam agora como se tivesse cometido um crime espantoso. Nunca teria imaginado quão desagradável podia chegar a ser.

Não soube uma palavra de Daniel, e passou algumas noites acordada perguntando-se o que pensaria dela. Era impossível que sentisse algo por ela, não se a tinha amado alguma vez. Talvez pudesse lhe fazer entender algo que, aparentemente, ninguém entendia: que seguia imaculada; embora, fosse isso realmente a fonte do escândalo? Ao longo dos dias seguintes, Lucy compreendeu que às pessoas não lhe importava se seguia sendo virgem. Não, o que lhes importava é que a tivessem surpreendido com um sudista. As velhas feridas ainda não tinham começado a cicatrizar, e tinha passado muito pouco tempo da guerra para que pudessem perdoar Lucy. Ninguém teve a coragem de dizer-lhe mas acreditavam que era uma traidora e por isso a tratavam desse modo.

Depois de uma semana, seu pai lhe deu um longo discurso sobre o tomar uma decisão. Apesar de que era uma noite inusualmente fria, Lucy saiu de casa sem xale nem gorro; seu rosto, além de pálido, evidenciava toda sua aflição. Antes de poder parar para pensar o que estava fazendo, encontrou-se na escadaria que levava a porta principal do lar dos Collier.

Nancy, a criada irlandesa de olhos verdes e negra cabeleira, acompanhou a até o salão. Lucy se sentou a esperar rodeada de móveis de mogno. Tinha o olhar fixo na porta fechada, depois da qual pôde escutar os murmúrios dos membros da família. Finalmente, apareceu Daniel, fechando a porta com força atrás dele. Ao Lucy reconfortou de algum modo comprovar que estava tão pálido e tenso como ela. Seus olhos escuros, tão familiares e queridos, resultavam-lhe agora opacos.

— Tinha que vir — disse Lucy com voz trêmula. — Tinha que falar contigo.

Daniel se sentou no outro extremo do sofá, com as costas reta.

— Você me conhece muito bem — murmurou ele. — Suponho que sabe como me sinto.

— Daniel — sussurrou ela dura pelo medo, — é fácil amar a alguém nos bons tempos, quando tudo vai bem e não há problemas... Mas o amor autêntico... que eu acredito que compartilhamos... o amor autêntico está aí quando um o necessita de verdade, quando tudo é... horrível e... — pôs-se a chorar, de repente e com violência. Daniel não se alterou. — Por favor, não me castigue mais — disse entre lágrimas. — Foi um terrível engano, e o lamento muitíssimo. Farei tudo o que você me diga, seja o que seja, durante o resto de minha vida... OH, Deus, necessito-te tanto... Necessito que me abrace... Por favor, por favor, me perdoe... — Suplicou com aquela voz trêmula, estranha, até que sentiu as mãos de Daniel sobre seus ombros. Ela soluçou e tentou apoiar-se contra seu corpo para liberar-se um pouco do peso que sentia em seu interior... Mas ele não afrouxou a tensão de seus braços e a manteve a distância.

— Sinto-o por ti — disse Daniel. Havia um deixo mortal em seu olhar. Sua voz era gelada. — O sinto pelo que nos fez e pelo que te tem feito a ti mesma. Mas não desejo me casar contigo por lástima, e isso é tudo o que

sinto por ti agora. Amava-te, pois pensava que era... certa classe de pessoa. Mas não quero à mulher em que te converteste. Sinto muito.

Inclusive apesar da dor, captou o matiz definitivo que tinham suas palavras. Não discutiriam. Não haveria perdão. Muito devagar, Lucy se separou dele e ficou em pé sobre suas pernas trêmulas. Ele também ficou em pé e se inclinou para ela ao vê-la balançar-se.

— Não me toque — disse Lucy. Ambos pareceram surpreender-se ante o tom feroz de sua voz. — Fica com sua lástima. — Manteve o equilíbrio e se separou dele, depois saiu da casa como alma que leva o diabo. Só tinha um lugar ao que ir. Os pensamentos enfebrecidos se passavam em sua mente enquanto se dirigia para seu destino.

Quando chegou à casa de Heath montada em Dapper, uma pequena égua que seu pai lhe tinha dado muito tempo atrás, ele a estava esperando na porta. Não parecia surpreso de vê-la, e não fez comentário algum pelo fato de que viesse sozinha. Ter caído em desgraça o fazia credora de certo grau de liberdade, compreendeu Lucy. Agora não importava o que fizesse, ninguém a olharia pior do que já o fazia. Entrou na casa e se sentou em uma cadeira frente ao fogo. Levava consigo seu desespero, e ia deixando para trás de si uma patente frieza em que se mesclavam a vergonha e a tortura pelo que tinha tido que passar na última semana. Heath se sentou frente a ela. Sentiu seu olhar, calmo e tranquilo; ela elevou o rosto desafiante.

Em apenas uma semana tinham tido acontecido mudanças espetaculares em seu interior, mudanças que poderiam ter ocupado toda uma vida de não haver-se cruzado com ele. Tinha perdido peso, e o delicado esplendor de sua figura tinha ficado reduzido a uma simples e compacta magreza. Apesar do inchaço provocado pelo pranto, sua cara resultava visivelmente mais enxuta. Tinham desaparecido aquelas bochechas arredondadas, destacando ainda mais seu marcado queixo e seus proeminentes maçãs do rosto. Em seus olhos cor avelã se apreciava agora uma dureza que pouco tinha a ver com sua anterior vulnerabilidade. A determinação de suas sobrancelhas era mais chamativa que nunca, e seu aspecto infantil se esfumou para ver-se substituído por algo muito mais impressionante.

— Eu gostaria de beber algo — disse Lucy apreciando que a sua voz já não faltava o fôlego. Sentia-se melhor, como se ter ido até ali lhe houvesse

devolvido o controle que tinha perdido. Heath sabia perfeitamente a que tipo de bebida se referia, por isso ficou em pé e retornou com um copo de uísque. Lucy deu um gole e rodeou o copo com os dedos enquanto o licor descia por sua garganta. Surpreendeu-se ao sentir seu calor apesar do gelo que se estabeleceu em seu interior. — As pessoas me ignoraram completamente esta semana— disse com amargura. Deu outro gole e tossiu. — Todos meus conhecidos cortaram relações comigo de um modo ou outro. Meu pai me disse que não podia seguir vivendo com ele. O negócio... já sabe ao que me refiro. — Não mencionou Daniel. O fato de que estivesse ali deixava às claras a posição de Daniel. — Em uma ocasião me disse que o inferno era um lugar frio. Tinha razão.

Heath permaneceu em silêncio. Agarrou o atiçador e colocou um tronco no fogo. A luz das chamas iluminou um lado de sua cara, deixando o lado da cicatriz nas sombras. Não mostrava expressão alguma, não parecia ter intenção de fazer evidentes seus pensamentos. Sabia que em algum lugar sob a superfície de Lucy devia haver uma tremenda reserva de ira, em grande medida dirigida para sua pessoa. Se esse era o caso, sabia que ela se negaria a aceitar sua ajuda. Mas ambos sabiam, como sabiam todos os outros, que ele era sua única possibilidade, a menos que se fosse do povoado, deixando atrás a sua gente e a toda sua vida completamente. Ele sabia por própria experiência quão duro era isso. Ele queria tê-la, Deus, como a desejava, mas não desse modo; não queria seu ódio, nem tampouco a gratidão nem o sentido do dever ao que se veria obrigada tempo depois. Tragou saliva. Custava-lhe aceitar que, mais uma vez, para conseguir o que queria teria que passar por uma situação dolorosa.

— Pensei em sua proposta de matrimônio — prosseguiu Lucy, escutando sua própria voz como se fosse outra pessoa a que estivesse falando. — É gracioso, não te parece?, que você tenha sido o único neste povoado disposto a salvar os últimos retalhos de minha respeitabilidade, dado que contribuiu em grande medida para arruiná-la. Se a proposta seguir em pé, aceito-a. Se não, irei a Connecticut com minha tia e meu tio. Para falar a verdade, importa-me pouco, assim não te martirize por minha culpa...

— Não. Já houve suficiente martírio no momento — disse Heath, mas ela não quis responder apesar de sua amabilidade.

— Assim, está disposto a seguir adiante? — perguntou-lhe.

Heath repensou durante uns segundos que lhe pareceram uma eternidade.

— Só se vai vestida de branco.

— OH, eu o tentarei — disse com pesadumbre. — Estou em meu direito... embora todo mundo dirá que uma cor vermelha sangue seria mais apropriado.

— Cinda... — disse muito devagar procurando seu olhar. — vais entregar te ao homem que arruinou sua vida.

— Não merece toda a culpa — disse Lucy depois de uns segundos de pausa. Depois acabou o uísque, que lhe tinha ajudado um pouco a desfazer o nó que tinha na garganta, e acrescentou friamente—: depois de tudo, eu não me opus precisamente, verdade? Essa é minha parte da carga, o resto pode ficar com você.

— Não acredito em cargas da vida... nem em martírios — disse Heath; os olhos brilharam com malícia. — Mas se você for capaz de aguentá-lo, espero ser uma penitência o bastante pesada para ti.

Lucy sentiu uma espetada de desconforto. Olhou no fundo de seu copo. Assim Heath sabia que queria casar-se com ele por penitência? perguntou-se por que estava disposto a aceitar. Não parecia lamentar, pois seu rosto só mostrava um estranho brilho de diversão e também de entendimento. Tentou imaginar como seria o futuro com ele, toda uma vida sem escapatória, mas não pôde entrever nada exceto uma vaga escuridão. Então se disse que o futuro já não lhe importava.

— Eu gostaria de tomar outra taça — disse Lucy.

— Não, querida. Agora vou te levar para casa, antes que te embebede e depois não recorde do que estivemos falando.

— Sou uma mulher adulta. Posso decidir o que quero fazer e o que não, e se não desejar uma esposa como eu, então esquece esta conversa, porque eu cumprirei o que...

— Shhhh. — Tomou o copo das mãos e a ajudou a ficar em pé, de um modo leve e estranhamente tranquilizador. Não sabia por que, mas Lucy tinha a impressão de que ele entendia palavra por palavra o que ela tinha em mente. — Não atire por terra todas as regras de uma vez, querida... faz de uma em



uma. Poderá fazer o que te dê vontade depois de casados. No momento, vou te levar para casa.

— Porque eu quero — lhe corrigiu encrespada, embora também exausta, — não porque você me diga isso.

— Sim, sei — lhe disse com amabilidade encaminhando-se à porta.

Ela o havia dito para incomodá-lo, mas nesse momento lhe pareceu que não levava a mal. Heath era a única pessoa no mundo que não a olhava de um modo cortante e crítico, quão única não sorria bobamente ou não se alegrava de sua queda em desgraça. Fora ou não a causa importava pouco nesses momentos. O fato era que ele sabia a verdade, e era reconfortante que alguém acreditasse.

— OH, Meu deus... — murmurou Lucy sacudindo a cabeça. — vou ser a esposa de um confederado. Os Caldwell jamais o aceitarão.

— Querida — disse Heath com muita calma, e seus brancos dentes reluziram com um sorriso, — isso não é nem a metade do negativo pelo fato de que eu me case com uma ianque.

— Não tem planejado voltar para sua terra, verdade? Eu não quero ir. Uma das razões pelas quais me caso contigo é que quero ficar aqui; tem que sabê-lo.

— Não. Nunca voltarei. — Rodeou-lhe o braço com os dedos e apertou-a com força. — E essa é uma promessa que nunca quebrarei. — Está me machucando — disse Lucy tirando seu braço.

Ele a soltou imediatamente. Lucy esfregou o lugar onde a tinha agarrado e olhou para o ombro de Heath, muito perto de sua cara. De repente, desejou descansar a cabeça na acolhedora força do ombro, talvez para chorar um pouco mais, pousar a bochecha em seu peito e escutar seu batimento do coração, e esconder do resto do mundo entre seus braços. Mas em algum lugar de seu interior, tinha crescido um consistente nó de orgulho que não ia permitir lhe buscar refúgio nele, e se agarrou a aquele sentimento com desespero, comprovando que lhe contribuía sua própria força. Estava começando a compreender, pela primeira vez em sua vida, que não precisava encontrar a sua meia laranja, tal como sempre tinha acreditado.

# Capítulo 5

O vestido que Lucy tinha desejado usar em seu casamento com Daniel estava por terminar. Foi até a loja da costureira e observou com pesar o vestido inacabado. Tinham planejado que fosse o traje mais requintado e brilhante que uma noiva já usou no corredor central da igreja de Concord, mas agora o sonho de Lucy, a ideia da noiva perfeita, era tão somente «o que poderia ter sido e não foi». Ainda podia visualizar em sua mente todos os detalhes claramente. Seria de seda branca, bem apertado na frente para marcar sua figura, com uma grande abertura nas costas e festoneado com vários cachos de cor laranja. Teria que levar tule na prega, enquanto a sobressaia teria que estar confeccionada com coloridas franjas de cetim. O véu seria de tule branco, e o levaria preso no cabelo com os pentes de prender cabelos de ouro de sua mãe. OH, que bonito poderia ter sido, como a teriam admirado e inclusive invejado em Concord!

Mas se vestisse algo assim em seu casamento com o sudista, as pessoas ririam dela e não parariam de relacionar sua maltratada reputação e o ridículo de vestir semelhante vestido, como se fosse uma donzela imaculada. Foi necessário que Lucy se sentasse com a costureira e ideassem um novo desenho, um que pudesse realizar-se em pouco tempo e de maneira eficiente. Pois agora estava disposta a morrer antes que vestisse um de seus velhos vestidos para suas bodas. Ainda tinha seu orgulho, sem importar com quem se casasse.

Finalmente decidiram manter a base de cetim branco, que já estava confeccionada, e rematá-la com crepê rosa da China e «glórias matinais», umas flores brancas com forma de funil que Lucy tinha apelidado assim. Dado que seu pai tinha insistido para que as bodas se celebrasse o antes possível, acabaram o vestido e o entregaram em uma semana, bem a tempo para a cerimônia.

Tudo aconteceu tão depressa, que Lucy não teve tempo para sentar-se e repensar um momento. Tinha que empacotar tudo, tinha que ordenar seu conservador enxoval, e tinha que comprar algumas coisas. Fez-o tudo sem

ajuda alguma, rechaçando os dúbios oferecimentos de antigas amigas como Sally, pois sentia que o único modo de passar por aquela situação era fazendo-o sozinha, longe dos olhos dos outros. Não tinha intenção de perdoar Sally por suas fofocas nem às demais por seus desprezos; não, a fazia se sentir melhor manter seu ressentimento entre os dentes e mastigá-lo com atenção.

Os últimos dias que passou em seu lar a fizeram crescer de repente. Lucy ia de uma sala a outra procurando com o olhar aqueles objetos que lhe resultavam mais familiares e queridos. A grande maioria das coisas que pensava levar-se consigo já estavam empacotadas, e em seu momento seu pai mandaria tudo a casa de Heath. As salas tinham ficado vazias sem seus pertences, e se perguntou se seu pai teria se precavido. Se alguma vez pensou quão vazia ia ficar a casa sem ela, não comentou uma só palavra a respeito. Não formava parte de seu caráter realizar semelhantes comentários. Deteve-se frente ao suporte da chaminé e observou o que havia em cima. Em um canto havia uma pequena estatueta de porcelana da China, pronta para cair. A estatueta tinha a forma de uma mulher embelezada com um vestido fora de moda. A passagem do tempo tinha apagado quase toda a cor dourada que tinham aplicado às sapatilhas e a fita. Tinha pertencido a sua mãe. Lucy se deu conta de que não tinha nada de sua mãe para levar consigo. Estendeu a mão nervosa e resgatou a figura em precário equilíbrio apertando-a com força dentro de seu punho. Envolveu-a em um lenço, com a sensação de que a estava roubando, e a meteu em sua bolsa de mão. O que teria pensado Anne Caldwell de tudo isso? Lhe teria partido o coração o fato de que sua filha se casasse com um sudista? Talvez não. Anne tinha se posicionado contra sua família casando-se com um homem que não aprovavam. Talvez a teria entendido.

Lucy se sentou na escrivaninha de seu pai, e brincou de forma ausente com uma pilha de papel de carta enquanto se permitia pensar em Heath pela primeira vez em muitos dias. Não o tinha visto, nem tinha ouvido nada dele, desde aquela estranha noite, fazia mais de uma semana, em que tinha aceito sua proposta de matrimônio. Perguntou-se como teria reagido ao ajudar a seu pai a descarregar suas caixas e suas malas da carroça. Aquela pequena casa melhoraria bastante com as coisas que ela levava: porcelana da China azul e branca, edredons de patchwork, lençóis perfeitamente confeccionados e

tecidos bordados que ela tinha preparado para o enxoval de que tinha esperado fazer uso no lar que ia compartilhar com Daniel. Um enxoval equivocado. Esperava não ter bordado nenhuma «C» de Collier ou algo parecido.

Um pensamento repentino a assaltou e agarrou uma folha de papel do alto da pilha. Com muito cuidado escreveu «Lucy Caldwell» no centro, e justo ao lado «Lucy Rayne». E que tal Lucy Caldwell-Rayne? Não, a versão reduzida era mais adequada. Não era um mau nome, pensou com os olhos fixos no pedaço de papel. Não era um mau nome absolutamente. Fez uma bola com o papel e a apertou em seu punho, apoiou a cabeça em seus braços e pôs-se a chorar.

No dia de seu casamento, ao meio dia, Lucy se colocou frente a um espelho com seu vestido rosa e branco, dando voltas de um lado a outro para observá-lo desde todos os ângulos. Tinha passado toda a manhã vestindo-se e arrumando o cabelo, mas não houve maneira de dar um pouco de cor a suas bochechas. Não podia fazer nada para parecer radiante ou feliz; não, pois seu coração estava encolhido e seu corpo duro pelo medo. Seu pai bateu na porta; sempre chamava uma só vez, com acanhamento.

— Entre — disse tensa, e nervosa.

Lucas vestia um traje bege e claro, e seu branco bigode recém encerado.

— Está muito bonita — disse.

— Pareço mais uma dama de honra que uma noiva.

Seu pai ignorou o tom azedo de sua filha, limitou-se a balançar-se sobre seus calcanhares e lhe jogar outra olhada ao conjunto.

— Vais usar véu?

— Decidi que não. — Era uma decisão que agora se lamentava amargamente. Teria sido bonito levar o rosto coberto, para poder olhar a todo mundo e que ninguém a visse.

— Melhor assim— coincidiu Lucas secamente, depois se voltou para sair do quarto. — Temos que sair em cinco minutos.

— De acordo, estou preparada — se escutou dizer a si mesmo, apesar de que uma irritante voz em seu interior gritava: «Não estou preparada! Não o estou!».

Estava apanhada. Não podia pensar ou fazer nada exceto seguir adiante com o que tinha planejado. Outras pessoas tinham feito o mesmo. Outras pessoas se casaram também sem estar apaixonadas, e dado que não se casava com Daniel, pouco importava fazê-lo com qualquer outro.

Quando iam a caminho da igreja montados na carruagem, Lucas esclareceu garganta e falou com sua habitual moderação:

— Lucy... quando uma garota se casa, corresponde a sua mãe ou a alguma outra mulher da família lhe falar de... as relações matrimoniais. Apesar das coisas que já tenha experimentado... há outras que uma noiva deve saber. Espero que siga meu conselho e pergunte ao reverendo tudo o que deseje saber...

Lucy percebeu que seu pai tinha a cara inclusive mais vermelha que a dela. Justo agora lhe ocorria lhe comentar esse tipo de coisas, dez minutos antes da cerimônia, quando sabia perfeitamente que não tinha tempo para lhe fazer as perguntas pessoais que a ele tanto lhe teria desagradado responder. — Falei com ele — disse baixando a vista para o buquê de flores que levava na mão. — Me deu uma lista de citações da Bíblia para que as lesse. Joguei-lhes uma olhada a outra noite e... acredito que sei tudo o que terá que saber... em grande medida.

— Isso é muito bom — disse com evidente alívio, e encerrou o assunto. Lucy franziu o cenho sem afastar o olhar das flores. Para falar a verdade, as Escrituras não tinham resultado tão reveladoras como lhe tinha assegurado o reverendo. Havia várias passagens com advertências do tipo «obedece» e «te entregue» e, claro, «tenha fé»; mas aquele material não entrava nas matérias sobre as quais teria gostado de saber algo mais. Tinha extraído suas próprias conclusões com respeito ao matrimônio a partir de suas experiências pessoais, um pouco de sentido comum e um pouco de leitura do Livro Godey para damas. As histórias que contavam entre a seção de fofocas e as colunas de moda lhe tinham proporcionado uma pista a respeito do que podia esperar. Havia um parágrafo muito interessante, por exemplo, no dilema da Philomena», no que o herói tinha beijado a Philomena com ardente vigor e «a

tinha atraído para seu peito», proporcionando a Philomena «a verdadeira realização como mulher». Lucy tinha uma leve ideia do que tinha acontecido a Philomena depois que o herói a atraísse para si. Depois de tudo, os homens resultava impossível ocultar durante muito tempo o que se produzia em seus corpos quando lhe apertavam muito. E graças a Heath Rayne, também sabia, sem lugar a dúvidas, o que acontecia no início da noite de núpcias, se não na metade ou ao final. Ao imaginar-se a sós na cama com ele, sentiu que as tripas lhe davam um salto.

O reverendo, sua sorridente e gordinha mulher e sua filha pequena lhes esperavam, junto a Heath, depois da porta da igreja. Lucy entrou antes que seu pai e parou frente ao que ia converter-se em seu marido, lhe olhando com confusão. Estava muito bonito com aquele traje de linho cor bege que, igual a todos os seus, parecia terrivelmente caro. O traje lhe sentava como uma luva; tinha as lapelas plainas e umas estilizadas mangas sem punhos. Tudo nele parecia perfeito, desde seu penteado aos polidos sapatos com botões aos lados. Mas mais impressionante que seu vestuário resultava sua tranquila expressão: parecia tão depravado como se, se encontrasse em um piquenique! Pelo modo como a olhou, Lucy supôs que sabia quão ansiosa ela estava. *Aposto que ele acredita que vou sair correndo como uma covarde, pensou, e apertou os dentes com determinação.*

À medida que percorriam a igreja vazia para ocupar seus respectivos postos, fez-se evidente que todos estavam nervosos menos Heath. Inclusive o reverendo Reynolds, que tinha oficiado em centenares de casamentos, teve que tirar os óculos para limpar as lentes de cristais por causa da transpiração.

— Acontece algo, senhor? — perguntou Heath amavelmente.

— Nunca... nunca antes tinha casado a um sudista — respondeu em tom de desculpa, o que fez com que Lucy se zangasse. Por todos os Santos, por que todo mundo se empenhava em chamá-lo sudista como se fosse casar-se com um inseto estranho em lugar de com um homem?

— Está bem — disse Lucy com um toque de acidez. — Suponho que aceitam os mesmos votos que nós, embora não os pronunciem bem.

Ao Heath custou um verdadeiro esforço conter um sorriso. Por tratar-se de uma garota mimada da Nova Inglaterra, Lucy Caldwell não era nada mal na hora de erguer as costas e mostrar um caráter forte. Ficou aliviado ao

comprovar que não estava se deixando levar, pois não podia suportar a ideia de casar-se com uma mulher submissa. Por outra parte, surpreendia-lhe, até certo ponto, o muito que lhe irritava ter que casar-se com ele em lugar de fazê-lo com seu nortista de boa família. Era um tanto hipócrita, pensou com um meio sorriso. Se ele tivesse pertencido a uma velha família de Boston com um sobrenome conhecido, teria abandonado Daniel Collier e teria se jogado em seus braços em um abrir e fechar de olhos. A atração entre eles tinham resultado patente desde a primeira vez que se viram, embora lhe custou um pouco mais de tempo admiti-lo.

Agora Lucy o estava olhando, desafiando-o a que dissesse algo sobre suas péssimas maneiras, mas ele se limitou a sorrir e a encolher os ombros, como se já se resignou a aceitar os estranhos costumes dos ianques. Lucy se agarrou a sua irritação durante os minutos seguintes, pois a ajudava a não pensar no que estava acontecendo. Assim como seu grande vestido de casamento tinha ficado convertido em um modesto vestido, suas grande bodas tinha ficado reduzida a uma cerimônia sem transcendência alguma. Aceitaram os votos e depois trocaram os anéis enquanto a mulher do reverendo interpretava com entusiasmo uma peça ao órgão. Lucy mal pôde colocar-se devidamente o anel de ouro no dedo quando sentiu a mão de Heath sob seu queixo para lhe levantar a cara. Beijou-a levemente.

Estava feito. Isso era tudo. Todos seus sonhos com Daniel se esfumaram para sempre. Tinha prometido fidelidade a outro homem, e sua mão descansava agora sobre a de um estranho. Enquanto Heath aceitava as felicitações do reverendo, Lucas Caldwell saiu da igreja para dar a volta à carruagem. Lucy se inclinou para lhe entregar à filha pequena do reverendo Reynolds seu ramo, e roçou com os dedos as diminutas e cálidas mãos da menina. Depois se incorporou e olhou à senhora Reynolds, cujo rosto mostrava um amável gesto de lástima enquanto analisava o que os olhos de Lucy expressavam.

— Uma noiva não deve franzir assim o cenho — sussurrou carinhosamente. — Parece um bom homem que saberá ocupar-se de ti. Lucy assentiu sem pronunciar palavra, ao mesmo tempo que sentiu como se formava em sua garganta um nó de dor. A mulher prosseguiu:

— A vida nunca é o que esperamos dela...

— Sei. Obrigado, senhora Reynolds — a interrompeu Lucy de um modo mais duro do que pretendia; sua rudeza provocou que a esposa do reverendo sumisse no silêncio. De repente, sentiu o apertão da mão de Heath sobre seu braço. Com uma careta de dor lhe dedicou um olhar de recriminação, mas ele estava sorrindo à senhora Reynolds.

— Os dois apreciamos muito a amabilidade que nos mostrou esta tarde, senhora — disse acompanhando suas palavras com um sedutor sorriso, suavizando a tensão que sentia a senhora Reynolds. Lucy não sabia por que se irritava, realmente se importava o que pudesse pensar essa mulher? — Nunca esqueceremos o que a senhora fez para converter esta ocasião em uma grata lembrança que sempre teremos presente.

— Senhor Rayne — respondeu agitada a esposa do reverendo com expressão de gratidão, — quanto único fiz foi tocar um hino e ser testemunha da cerimônia...

— E nos benzer com sua presença. — Heath lhe dedicou um lento sorriso de admiração que, sem lugar a dúvidas, semeou uma poderosa semente de boa vontade no amplo busto da senhora Reynolds. Depois fez com que Lucy se voltasse com um gesto da mão e quase a conduziu arrastada pela igreja. — Vai quebrar o meu braço! — disse entre dentes, puxando seus dedos até que afrouxou um pouco o apertão. Não a soltou, entretanto, e saiu junto a ela da igreja.

— Vou quebrar algo mais que o seu braço se não te tranquilizar agora mesmo. Que tenha algo contra mim, Daniel ou seu pai é uma coisa, mas não tem por que ser rude com uma mulher mais velha e tão amável...

Pararam frente à carruagem, e se olharam nos olhos. Pouco a pouco, Lucy baixou a vista.

— Vamos para casa? — perguntou em voz baixa.

— Acredito que seria melhor ir jantar na estalagem Wayside.

— Não tenho fome.

Heath suspirou; estava perdendo a paciência. Passou uma mão pelo cabelo, fazendo com que lhe caíssem algumas mechas sobre a testa lhe dando um atrativo aspecto descuidado.



— Cinda... Este é provavelmente o único dia de bodas de que desfrutaremos em nossas vidas, assim tentemos que seja o melhor possível. Iremos a Wayside, jantaremos algo tranquilamente, tomaremos um par de taças de vinho e quando retornarmos a Concord tudo estará desempacotado...

— Quem o fará?

— Uma mulher chamada Colleen Flannery e sua filha Molly. Pago-lhes para que lavem e cozinhem algumas vezes por semana. Amanhã virão para te conhecer.

Ela assentiu devagar e lhe permitiu que a ajudasse a subir à carruagem. Agora que a cerimônia tinha concluído, Lucy se sentia esgotada, feito pó, e inclusive mais tensa do que o estava essa mesma manhã. Tentou com muita boa fé manter uma conversa, mas depois de um momento ambos ficaram sem palavras. O resto da tarde passou como entre brumas enquanto o silêncio entre eles se alongava durante a refeição, quebrado somente pelos inevitáveis pedidos do menu e coisas similares. Depois de uma segunda taça de vinho, entretanto, a língua de Lucy se afrouxou o suficiente para lhe fazer algumas pergunta que lhe preocupavam.

— Vais escrever outro livro? — perguntou.

— Não tenho previsão. Por que pergunta?

— Bom... porque necessitamos dinheiro para viver. O dinheiro de seu primeiro livro não durará para sempre, e penso que para conseguir mais teria que...

— OH. — Seus olhos cor turquesa cintilaram de surpresa. — Cin, um homem só pode pretender ganhar a vida como escritor se não ter a pretensão de dar o luxo de comer três vezes ao dia.

— Mas seu livro foi um êxito...

— Sim, mas o total do dinheiro que ganhei durou uma semana.

Lucy abriu a boca, aniquilada. Seu pai lhe havia dito que Heath cuidaria dela! Não lhe tinha ocorrido pô-lo em dúvida, pois a roupa de Heath era estupenda e sempre parecia livre de preocupações. — Sempre assumir que... Então como ganha a vida?

— Depois da guerra vendi algumas das terras que me deixou meu pai e fiz alguns investimentos. Uma em particular tem reflexos de converter-se em um

negócio muito rentável, o bastante para nos permitir levar uma vida confortável. Ouviste falar dos vagões de trem refrigerados?

— Não — disse um pouco mais relaxada. Terra. Investimentos. Essas palavras significavam dinheiro.

— É um método que permitirá aos transportistas multiplicar a capacidade de seus negócios por dez, enviando suas frutas e verduras em vagões a baixa temperatura aos atacadistas, variando assim seu mercado...

— Mas isso não fará que muita gente perca trabalho?

— Sim. Mas isso não se pode evitar... especialmente dado que estamos em tempos de progresso.

— Que insensível soa isso! Não te faz sentir culpado ser responsável por que toda essa gente fique sem trabalho?

— Deveria ter imaginado que me soltaria um discurso moral a respeito — disse Heath e sorriu levemente. Mas como ela não afastava o olhar, seu sorriso acabou desaparecendo e sua expressão se fez séria e quase cruel. Chegado o caso, podia ser implacável, compreendeu Lucy, e durante um segundo teve medo. Do que seria capaz?. — Não, não me sinto culpado — disse. — Eu não gosto que as pessoas fiquem sem trabalho, mas tenho a estranha mania de dormir debaixo de um teto.

— Mas toda essa gente...

— Essas são as consequências da guerra... acaba com a ordem estabelecida. Uns flutuam na superfície e outros se afundam até o fundo. E não importa o que alguém tenha que fazer para manter-se flutuando, sem dúvida é melhor que afogar-se.

— Alguns homens prefeririam afogar-se a perder a integridade — disse Lucy com um matiz de censura em seu tom de voz.

Os olhos azuis de Heath pareciam agora de gelo, o que fez com que um calafrio percorresse as costas de Lucy.

— Surpreenderia-te saber, senhora Rayne, a quantidade de coisas que desconhece em relação aos homens e sua integridade. Incluído o fato de que durante a guerra seu querido Daniel muito provavelmente teve que fazer coisas para sobreviver que lhe revolveriam o estômago.

— Eu não disse uma palavra sobre Daniel! — disse enfebreçada, embora ambos sabiam que tinha pensado nele.

— Tolerarei-te um montão de coisas — disse Heath olhando-a aos olhos, — mas não te permitirei que me julgue... ou me compare.

Depois disso, já não voltaram a falar, mas o silêncio de agora, frio e inquebrável, era muito pior que o de antes.

Depois do jantar, retornaram a Concord bem entrada a noite. Lucy passou uns minutos a sós antes de ir à cama. Com muito cuidado, tirou o vestido e o deixou de lado. Todos seus movimentos eram lentos, como se, se encontrasse sumida em um sonho. Desabotoou o espartilho com estupidez e o tirou enquanto respirava fundo enchendo os pulmões. Agarrou-se à cabeceira, apoiou a bochecha e fechou os olhos até que passou o enjoo. — Cinda? — incorporou-se ao ouvir a voz de Heath e abriu os olhos. — Te encontra bem? — perguntou-lhe aproximando-se da porta até a cama. Seu belo rosto evidenciava sua preocupação. Ela se separou da cama e rettoqueou um par de passos afundando seus pés nus no felpudo tapete. — Estou bem — disse à defensiva, abraçando a si mesmo trêmula. Era consciente de que ele estava totalmente vestido enquanto ela só vestia as meias e a regata que tinha levado todo o dia sob o espartilho. — Não pensava que fosses subir tão cedo. Não tive tempo de... me preparar.

— Não sei quanto tempo necessita.

— Bom — disse ela incômoda, — por que não sai e volta dentro de uns minutos? Para então terei encontrado minha camisola e...

— E por que não fico? — sugeriu ele desprendendo-se já de seu casaco. Ela observou hipnotizada como tirava os sapatos. — Será mais simples se não convertermos isto em um drama.

— Não posso fazer... como se não acontecesse... nada.

— Não há por que ficar nervosa. Recorda que te vi com muita menos roupa.

Lucy se virou para evitar ver como se despia. Tomou com suas mãos as fitas da regata, mas então se deteve; não, não podia tirar-lhe diante dele. Acaso esperava que se despisse nesse momento, enquanto ele a observava?

Ou pior ainda, ele já teria se despido? E se assim fosse, que aspecto teria, o que diria ela? Isso era mil vezes pior do que tinha imaginado. OH, por que, por que ninguém lhe havia dito o que se supunha que tinha que fazer? Sem dúvida tinha que existir uma maneira adequada de fazer as coisas, mas ninguém lhe tinha advertido da terrível situação desse momento. Muda, gelada e trêmula, permaneceu ali enquanto sua mente riscava um plano a toda velocidade. Ah... Não tinha tirado os alfinetes do cabelo. Isso lhe daria um par de minutos de tempo. Removeu torpemente os alfinetes que seguravam as mechas de cabelo no alto da cabeça e escutou como vários deles caíam ao chão. Segundos depois ouviu a voz de Heath aproximando-se.

— Me deixe ajudar.

Seus dedos se deslizaram ao longo das mechas cor avelã, acariciando aquele sedoso cabelo e tirando os alfinetes sem problema. A contra gosto, Lucy se virou. Heath ainda vestia as calças, graças a Deus, mas sem a camisa parecia muito mais alto, muito mais intimidante do que esperava. Nunca tinha visto tanta pele de uma só vez, e toda essa pele bronzeada estava marcada de cicatrizes. A forma de sua estreita cintura dava passo a um torso e uns ombros poderosos. Sua boca estava começando a esboçar o que parecia um meio sorriso quando baixou a vista para olhá-la nos olhos. Sem suas sapatilhas de salto era muito mais baixa que ele, só lhe chegava ao ombro. Odiava sentir-se tão pequena a seu lado, odiava ter que inclinar tanto a cabeça para olhá-lo nos olhos. Gostaria que fosse mais ou menos da altura de Daniel. Não era estético que uma mulher baixa e um homem alto estivessem juntos! Se Heath a tivesse abraçado nesse momento como Daniel poderia ter feito, o nariz lhe teria ficado na altura do peito. Tinha as amplas mãos colocadas sobre seus ombros, com os polegares roçando as clavículas. Lucy fixou a vista na base de seu pescoço enquanto se obrigava a permanecer imóvel, apesar de que sua cercania resultasse sufocante. Desejava erguer as mãos e empurrá-lo para afastá-lo de seu lado e assim poder pôr-se a correr. Lhe tinha formado um consistente nó devido à tensão na boca do estômago. Quando ele deslizou as mãos por sua cintura, separou-se dele e cobriu o rosto com as mãos. Seu corpo inteiro tremia ao pressentir seu toque.

— Não posso — disse com pesar. — Não posso suportá-lo. Agora não, por favor. Preciso alguns dias, uma semana ou duas, para me acostumar a tudo isto... Agora me deixe! Não quero que me toque. Não deveria ter casado

contigo. Não deveria sequer te haver conhecido. Não deveria, mas não acreditei que... — Deixou a frase na metade, boqueando devido ao esforço que lhe supunha manter o controle.

Quando Heath rompeu o silêncio, sua voz era suave e tranquila.

— OH, Cin. — Suspirou. — Os dois temos muito que aprender. Veem aqui.

Pouco a pouco voltou a aproximar-se dele, com a vista fixa no chão. Estremeceu imediatamente quando viu que ele se inclinava para ela. Rodeou-a com seus braços e a apertou contra seu corpo, cujo calor destacava contra o frio de seu próprio corpo congelado. Lucy pensou que não ia poder deixar de tremer na vida. Ao sentir sua rigidez, Heath lhe falou em um sussurro, como se, se dirigisse a um animal inquieto.

— Tranquila, tranquila... Tudo está bem, minha doce menina... Não há nada que temer. — Não fez outra coisa que abraçá-la e, pouco a pouco, ela foi relaxando apertada contra ele, sentindo como sua pele lhe transmitia o calor, fluindo para ela em uma lenta corrente. Ela apoiou as mãos em seu peito nu e também recostou a bochecha, por isso pôde notar os batimentos do coração na cara. Sentiu que beijava seu cabelo. Era agradável sentir-se envolvida por seus braços, descansar o peso de seu corpo contra ele e saber que tinha a força necessária para aguentá-la sem esforço. — Sei quão difícil está sendo para ti — sussurrou, acariciando sua nuca por debaixo do longo cabelo cor avelã. — Mas o pior já passou.

— Não, não é certo — disse Lucy com um fio de voz. — Talvez para ti sim, mas não para mim.

— Quão último desejaria é te assustar ou te fazer mal...

— Então me dê um pouco de tempo — suplicou. — Uma semana, um mês possivelmente, para que possa...

— Acha que será mais fácil se esperarmos um mês? — perguntou amavelmente. — Terá mais medo ainda.

Sumida como estava na confusão, aferrou-se a seu corpo sem saber por que. Heath esperou até ter claro que não ia responder. Afrouxou seu abraço, dirigiu as mãos para a regata e, sem lhe oferecer possibilidade a resistir, a tirou por cima da cabeça com um só movimento.

— O abajur... — começou a dizer, excessivamente consciente da dourada luz que banhava seus peitos nus.

— Quero te ver — respondeu ele com olhar ardente. — E quero que você me veja. — Agarrou um dos extremos da cama e deitou Lucy sobre o colchão, e a acariciou com a ponta dos dedos com tanta suavidade como um raio de sol. Beijou-a, em princípio só um breve toque, mas depois adaptou sua boca com firmeza até que ela a abriu. O sabor de Heath paralisou seus sentidos. Sentiu o lento e sensual toque de sua língua contra a sua, e lhe rodeou o pescoço com os braços, sentindo que entregar-se às sensações físicas era uma boa via de escapamento. Os dedos de Heath alcançaram a cintura de suas meias e, com urgência, as puxou para baixo.

A mente de Lucy estava entorpecida, centrada exclusivamente na boca e nas mãos de Heath. Beijou-a com paciência, sem pressa, e teve a impressão de que quanto mais aprofundava o contato, mais se atrasava, fazendo-a trabalhar, fazendo com que ela não deixasse escapar seus beijos elusivos, até que lhe pôde ver a frustração e a agarrou pelo cabelo para que deixasse de mover a cabeça. Sem fôlego, Heath recompensou seus esforços com um beijo longo e intenso, entrando a língua nas profundidades de sua boca. Com o canto mais oculto de seu cérebro, Lucy compreendeu que não só queria beijá-lo, mas também desejava que a tocasse. Queria que voltasse a tocá-la como já o tinha feito. Desejava-o outra vez.

Separou-se dela a contra gosto para tirar o resto da roupa. Vermelha como um tomate, Lucy começou a puxar de forma instintiva a manta que formava redemoinhos aos pés da cama para cobrir sua nudez. Ouviu o ruído de suas calças ao cair no chão, e fechou os olhos quando se uniu a ela na cama. Sentiu sua voz muito perto de sua orelha. — Cin... me olhe. Não sente um pouco de curiosidade?

Moveu amplamente suas largas pestanas ao olhá-lo. Os olhos de Heath tinham um brilho malicioso.

— Em realidade, não.

Ele sorriu.

— Claro que sim — insistiu. — O que acontece é que é muito teimosa para admiti-lo.

— Teimosa? Eu...

— Não me olhe desse modo, querida... Faz com que um homem se esfrie mais rapidamente que se lhe lançasse um cubo de água gelada.

— Muito bem! — replicou ela tentando afastar-se dele, zangada pelo modo com que Heath lhe tinha feito mudar de ânimo. — E deixe de sorrir assim... não tem nenhuma graça!

— Tranquila. — inclinou-se para ela e a beijou no nariz, obrigando-se a deixar de sorrir, apesar de que seus olhos seguiam cintilando. — Você não gosta de rir de ti mesma — lhe disse mais acalmado. — Deveria aprender a fazê-lo.

— Por que? — perguntou em voz baixa. — Você ri de mim pelos dois. Beijou-a na comissura da boca, depois subiu até o lóbulo de sua orelha e o oco que se estende atrás dela e sussurrou que só estava captando uma parte do que lhe estava dizendo. Sussurrou que era bonita e que a desejava, e suas palavras resultaram tão singelas e sedutoras que Lucy mudou o ânimo em um abrir e fechar de olhos, e se enroscou para ele comovida por sua doçura. Ele abrangeu seus peitos com as mãos em um lento movimento, e com as pontas dos dedos começou a brincar com os mamilos. O prazer parecia nascer de suas mãos e percorrer o corpo inteiro de Lucy, um prazer que a fazia flutuar.

— Não seja tão tímida — murmurou Heath junto a seu pescoço. — Tem umas mãos preciosas... e quero sentir como me toca.

— Onde? — disse ela quase sem fôlego, lhe tocando nervosa os ombros.

— Por toda parte.

— Não sei como...

— Faz o que tiver vontade — disse em um sussurro, mantendo sob controle com grande esforço toda sua paixão.

Lucy se aventurou a descer por seu peito e a lhe rodear as costas; seus dedos estavam ajustando-se à simetria de seus músculos, sólidos como o aço, e à larga curva que formava sua coluna vertebral. Deteve-se ao chegar a seus quadris, entusiasmada por uma mescla de apreensão e incerteza. Apoiando sua mão sobre a de Lucy, Heath a animou a seguir.

— Heath...

— Não te separe de mim.

— Não posso...

— Não há barreiras entre nós — disse. — Neste quarto, agora, não. Não há muros... nada proibido... nem nada que temer nem do que esconder-se... Não temos nada que perder.

Lucy notava o batimento de seu próprio coração nos ouvidos, como o retumbar das ondas do mar contra a borda. Tremendo, deixou-lhe que guiasse sua mão para baixo. Sentiu primeiro o arbusto de cabelo encaracolado na ponta de seus dedos, e depois aquela incrível calidez e dureza contra a palma de sua mão. Heath respirou fundo, prendeu a respiração e deixou o ar sair em um suspiro. Lucy explorou delicadamente com seus finos dedos toda a extensão, detendo-se para sentir o fogo que, ao fazê-lo, crescia no interior de Heath, e retornando a sua tarefa pouco depois ao descobrir que o acanhamento se transformou em curiosidade. Surpreendeu-lhe descobrir que não lhe incomodava tocá-lo dessa maneira. Era algo íntimo e desconhecido, mas estranhamente excitante. Acariciou lhe com maior atrevimento.

— Estou-o fazendo bem? — perguntou contra seu pescoço, e ele estremeceu.

— OH, Deus, sim. — Deixou escapar uma breve gargalhada. — Está desmontando todas as histórias que tinha ouvido sobre as mulheres ianques. — Agarrou o pulso de Lucy e a separou de sua fonte de desejo. — Espere um minuto — disse sem fôlego, voltando-se sem lhe soltar a mão.

— O que acontece?

Heath levou a mão aos lábios e beijou seus nódulos.

— Nada. Mas se segue fazendo isso, a noite acabará muito antes do que tinha pensado.

Ela se apoiou no cotovelo e o olhou. Suas reservas se esfumaram imediatamente ao comprovar a calidez de seu olhar. A ternura de suas carícias foi como um bálsamo para suas contrariadas emoções.

— A que te refere?

— A seu lado custa manter o controle.

— Isso... Isso é bom, não? — sussurrou.



— OH, não sorria desse modo — grunhiu. — Piora as coisas.

Com um movimento inesperado, Heath a agarrou e rodou como um gato até ficar em cima dela. Colocou as pernas entre as de Lucy enquanto situava os braços a ambos os lados de seu corpo. Lucy se engasgou de assombro ao sentir sua masculinidade contra si de um modo tão íntimo. Sentiu a dureza e o poder que desprendia, só levemente sob controle. Incômoda, tentou afastar-se, mas a tinha muito bem segura e não fez nada a não ser afundar-se mais no colchão.

— Nada disso... — Heath deslizou as mãos sob suas costas obrigando-a a arquear-se e a erguer os seios, deixando seu corpo em uma posição vulnerável para seu prazer. Pousou a boca na curvatura de seus seios e deslocou os lábios para o mamilo. Sua língua tocou aquele pedaço de pele contraída, rodeou a aréola e brincou sem descanso até que Lucy estremeceu. Um desejo irresistível invadiu seu corpo da cabeça aos pés, lhe fazendo perder todo indício de vontade.

Sem ser consciente disso, Lucy lhe puxou o cabelo em um gesto silencioso com o que parecia lhe rogar que não parasse. Com a ponta do dedo do meio encontrou a cicatriz de sua têmpora e a percorreu com ternura, mas acidentalmente acariciou com a palma seu próprio seio e o sentiu quente, cheio de vida. Afastou a mão como se tivesse se queimado. Heath levantou a cabeça e a olhou com seus brilhantes olhos azul turquesa. — O que acontece? — perguntou com voz rouca. — Não me incomoda que te toque.

Avermelhou de desconforto e seu desejo se esfumou sem prévio aviso.

— Não era o que pretendia. Foi um acidente... OH, não me olhe assim!

Ele esboçou um sorriso.

— Não tem nada de mau — insistiu tomando sua mão e apertando-a quando ela tentou liberar-se.

— OH, por favor, esquece-o!

— Agora não. Quero te ensinar algo.

— O que? — perguntou, e Heath não pôde evitar sorrir ao notar a apreensão em sua voz.

Levou-lhe a mão até seu próprio peito e fez que notasse seu peso. Ficou vermelha como um tomate e tentou soltar-se, mas ele não o permitiu. Inclinou a cabeça e mordeu com muito cuidado o mamilo.

— Se ficar envergonhada com seu próprio corpo — disse parando um segundo para saborear o que tinha na boca, — também o será com o meu... e não é isso o que quero. — Dirigiu-lhe a mão para baixo, para seu próprio ventre e sobre a suavidade de seu pêlo púbico até que Lucy se esticou até não poder mais. Tinha os dedos entre as pernas, sobre uma quente umidade que tremia levemente. — Vê o bem que lhe está fazendo isso? Por isso não posso me saciar o bastante de ti.

Lucy o separou de seu lado com um grunhido, respirava com dificuldade. Repousou a mão sobre o travesseiro que tinha junto à cabeça e sentiu um calafrio ao notar o ar frio em seus dedos úmidos.

— Como pudeste? — sussurrou sobressaltada por aquela estranha mescla de emoções que mal lhe deixava pensar.

— Não há nada proibido — lhe recordou, e como se tivesse a intenção de demonstrá-lo, levou a boca até os dedos de sua mão e os lambeu um a um. — Mas se supõe que... não deveria fazer algo assim— exclamou com os olhos arregalados.

— Como sabe? — disse com voz suave. — Segundo minha opinião, todos os maridos deveriam fazer-lhe a suas mulheres.

Não. Ela estava totalmente convencida de que Daniel jamais teria desejado ter tanta intimidade com ela, jamais tinha sonhado lhe fazendo algo que ela não quisesse fazer. Daniel teria convertido aquela noite em uma experiência romântica, cheia de dignidade e ternura, não de luxúria e rituais pagãos como os que seu marido estava interpretando.

Heath ficou gelado, seu sorriso se apagou. Só um parvo não teria se dado conta do que Lucy estava pensando, em quem estava pensando, e não era ele. Por quanto tempo teria que competir com a sombra do homem que ela tinha querido? perguntou-se desolado.

— Pequena dissimulada — disse em voz baixa. — Preferiria ter em sua cama a um desses frios tipos da Nova Inglaterra, verdade? correto e moderado inclusive em uma situação assim... Alguém que levantasse a barra

de sua camisola com muito respeito e te pedisse permissão para algo que pretendesse fazer... — Não fale assim comigo.

— Admite-o. Daria qualquer coisa para estar com Daniel Collier agora mesmo. Venderia sua alma para estar com ele na cama em lugar de com alguém que se atreve a rir de ti e que te faz sentir coisas em lugar de deixar que fique deitada e quieta como uma boneca de cera...

— Sim! — gritou esporeada por seu sarcasmo. — Oxalá fosse ele!

Seu belo rosto se obscureceu de repente.

— Está muito equivocada. Só o deseja porque não quer ter nada a ver contigo. E sabe por que é assim?

Seu sarcasmo era mais do que podia suportar. Tentou afastar-se dele, mas ele a agarrou pelos pulsos e lhe levantou os braços por cima da cabeça.

— Por sua culpa.

Não mostrou reação alguma a suas palavras, mas seu rosto empalideceu e seu lábio inferior se curvou levemente.

— Ah... Finalmente o admite. — Sua voz tinha um matiz de brincadeira. — Prefere me culpar de tudo apesar do que disse a outra noite. Se o sentir assim, foi totalmente desonesto aceitar minha proposta. É um pouco trapaceira, senhora Rayne.

— Amei Daniel durante anos — disse tremendo de ira. — Acaso acha que uns poucos meses poderiam mudar isso? Você não sabe o que é o verdadeiro amor ou a lealdade... Acha que tudo pode se resolver na cama...

— Verdadeiro amor — repetiu com ironia. — vou te contar a verdade, Lucy, a verdade a respeito de por que agora já não te quer, e não tem nada a ver comigo. Deu-se conta de que ia lhe exigir muito, e um homem como ele não ia poder te satisfazer. Você quer coisas que ele jamais poderia te dar; e sim, isso inclui algumas quedas na cama. Jamais poderia satisfazer suas necessidades. Pedia-lhe muito, e o único modo que lhe ocorria para lutar com suas demandas era te pôr em seu lugar. Mas finalmente compreendeu que não ia funcionar...

— Sim me satisfazia — disse Lucy com voz rouca. — Nada do que disse é verdade.

— É obvio que é. Por que acha que vinha em minha busca assim que ele não estava presente? devia-se a quão satisfeita estava?

— Sentia lástima por ti!

— Lástima? OH. Não me deu a impressão de que fosse lástima o que te levou a me corresponder aquela manhã depois do incêndio na casa dos Emerson.

— Fez-o de propósito... Planejou me seduzir para que alguém pudesse nos ver.

— Surpreende-me que não me acuse de ter provocado o fogo para que viesse. É fácil culpar a outros, verdade, Lucy? Mas o que aconteceria se você também fosse culpada? O que aconteceria Lucy se tivesse animado outro homem para que a cortejasse para que Daniel os encontrasse e ficasse ciumento?

— Eu não fiz isso! — explodiu furiosa. — E não tinha nenhuma necessidade de lhe fazer ciúmes! Tudo ia bem até que você apareceu. — Sim, estou seguro de que tudo ia muito bem, que tudo foi uma maravilha durante os três anos em que estiveram prometidos. Três anos! E seguia tão pura e imaculada como uma moeda recém cunhada. Aposto que lhe suplicava que te fizesse amor. Aposto o que seja que você lhe insistia a respeito e ele não deixava de te falar de coisas como a honra e a respeitabilidade. O que lhe levava a conter-se, Lucy? por que não te fez dele?

— Amava-me. Respeitava-me!

Heath fez um amplo gesto com o braço para lhe dar a entender que não estava absolutamente de acordo e recolheu suas calças do chão.

— O respeito não tem nada que ver com isso — disse enquanto abotoava as calças e recuperava o resto de sua roupa a caminho da porta. — Ao final entendeu que não podia te controlar. Deu-se conta de que não tinha nem a força nem o tempo nem, que Deus me perdoe, a paciência necessária para lutar contigo. Mas você jamais o teria aceito. Segue desejando-o e sonhando com como teriam sido as coisas a seu lado, em vez de tentar encontrar quão bom pode haver entre nós.

— Não fiz nada... para te deter esta noite. É você o que começou a discutir.

— Não te faça de mártir. A pobre e piedosa Lucy. Preferiria ir combater à guerra com uma mão atada à costas que tentar te fazer mudar de opinião a respeito de seu irrepreensível ex prometido.

Lucy não respondeu, mas cobriu por inteiro seu corpo nu com a manta; apertava-a com tal força que os nódulos ficaram brancos.

— Quando quiser crescer, diga-me - acrescentou Heath da porta, com pouco controle sobre si mesmo, e depois fechou a porta com uma estranha calma. Ela teria preferido uma portada.

Lucy despertou a contra gosto, temendo o crescente sentimento de culpa que teria que confrontar assim que abrisse os olhos. Encolheu-se sob a manta tentando evitar o sol da manhã, que entrava pela janela sem consideração alguma. A boca seca como se tivesse comido giz. Seus olhos eram pouco mais que duas pedras-pomes negras enquanto observava o quarto vazio e levou uma mão à cabeça. Duvidava que fosse possível sentir uma dor de cabeça pior do que a que apressava essa manhã, pois sentia como se um trem corresse no meio da sua testa. Soltou um gemido e enterrou a cara no travesseiro enquanto rememorava o que aconteceu na noite anterior. Havia dito muitas coisas, coisas que nesse momento gostaria não haver dito, mas que já era impossível apagar. Havia-as dito sem pensar, cega pela raiva. Parecia como se outra pessoa tivesse falado e atuado em seu lugar. Não era possível que ela, uma pessoa que odiava fazer mal a alguém, transformou-se na arpia vingativa da noite anterior. Heath tinha ferido seu orgulho com tudo o que disse, por isso o atacou com fúria. Mas seu mau comportamento não tinha desculpa possível.

Lucy desejava agora ter podido ignorar os comentários referentes a Daniel. Seguia preocupando-se com ele, disso não cabia dúvida. Um amor como o seu não morre de um dia para outro, e ainda lhe comovia rememorar os bonitos momentos que tinha compartilhado com Daniel: momentos de risadas e abraços, momentos nos quais passeavam junto ao rio acompanhados pelo aroma dos perfumados salgueiros dourados, seus amáveis e longos beijos, seus momentos românticos... Inclusive agora que estava casada com outro homem era difícil pensar que tudo isso tinha acabado para sempre. Mas não queria mágoar Heath, e não queria ser uma má esposa. O que acontecia é

que ele tinha a capacidade de irritá-la de um modo que nunca antes havia sentido.

Perguntou-se se ainda estaria zangado com ela... Como poderia não está-lo? Não quero ter que me enfrentar com ele, pensou triste. Mas só uma menina permaneceria escondida em seu dormitório enquanto escutava-o ir de um lado para outro na piso de baixo, na cozinha. Tinha que descer e enfrentá-lo, sem importar as coisas que pudesse lhe dizer, sem importar quão frios pudessem ser seus olhos azuis. Saiu da cama sem pressa e se dirigiu ao armário em busca de sua bata. O agradável aroma do café chegou até seu nariz. O saber que o tinha preparado Heath lhe fez sentir duplamente mal. Sou sua mulher — pensou levada pela culpa. — Teria que havê-lo feito eu. Heath estava sentado só na cozinha, rodeando com suas bronzeadas mãos um tigela de café. Tinha a cabeça apoiada no alto respaldo da cadeira e sua cara de atordoamento dava a entender que tinha passado a noite sem dormir. Sempre tinha sido o primeiro em aceitar as coisas como eram. Um homem não consegue exercer o controle de seu destino até que aprende a não mentir a si mesmo. Somente durante a guerra tinha permitido que seu idealismo mascarasse a verdade. Igual ao resto de sua gente, tinha sido muito teimoso para aceitar que os estavam massacrando... até que acabaram com eles e os humilharam, até que a desilusão enraizou no tutano de seus ossos. Agora tinha obtido uma segunda oportunidade — uma oportunidade para voltar a desfrutar da vida, para cuidar de alguém— e parecia estar atirando-a pela janela. Lucy ia odiá-lo, e isso era a última coisa que desejava. Saiu a pequena varanda, deu um longo gole ao café e observou o caminho que levava ao povoado.

Existiam muitas diferenças entre eles, e muito pouco terreno em comum. Ela não tinha conhecido a dificuldade nem as necessidades, não tinha conhecido o medo que leva a ambição, não tinha conhecido como era o ter tudo e perdê-lo, não tinha conhecido todas aquelas coisas que lhe tinham convertido em quem era. Obviamente, não podia entendê-lo. E, sem dúvida, ele mal sabia nada dela. Mas a entendia muito mais do que Daniel Collier poderia tê-la entendido. Conhecia-a o bastante para lhe fazer mal, e Heath sabia que tinha que manter seu próprio caráter sob controle.

— Heath?

Ouviu sua tímida voz da cozinha. Apoiou descuidadamente um ombro no marco da porta e a olhou em silêncio.

Lucy se precaveu de que o olhar de seu desalinhado marido causava um estranho efeito em sua sensibilidade. Jamais tinha visto com antecedência a um homem com semelhante aspecto. Seu pai sempre se vestia e barbeava cada manhã antes de tomar o café da manhã. Estava com uma sombra de barba na cara, e estava despenteado, e ela foi estremecedoramente consciente do atrativo que desprendia seu corpo bronzeado, com aquelas calças manchadas de barro e sua camisa sem abotoar. Sorriu levemente, parecia tranquilo e sereno, mas sob a superfície pulsava um fogo abrasador que ela podia sentir sem dificuldade.

— Há... preparou o café — disse ela em voz baixa sem olhá-lo nos olhos. — A partir de agora o prepararei eu. Supõe-se que uma esposa tem que fazer essas coisas.

Ao Heath custou um verdadeiro esforço não dizer que se supunha que uma esposa tinha outras coisas mais importantes que fazer com respeito a seu marido.

— Muito bem. Enquanto haja café, pouco me importa quem o prepare — replicou sem ênfase.

— Está tomando isso em um tigela — disse ela nervosa, dirigiu-se aos armários e procurou até encontrar a porcelana da China que trouxe de sua casa. — Não prefere tomá-lo em uma xícara com pires?

— Não me importa.

Tirou uma xícara e um pires para ela, serviu-se de café e se sentou à mesa com um leve suspiro de cansaço.

— Dormiste bem? — perguntou Heath.

Olhou-o com intensidade tentando decifrar se, se estava burlando dela.

Sua cara, entretanto, não mostrava expressão alguma.

— Sim. Estava muito cansada.

— Eu também.

Lucy bebeu o café enquanto ele a observava pensativamente. Ela sabia que a estava observando, e lhe custava horrores não dizer nada.

— Hoje vou dedicar-me a conhecer bem a casa — disse com a intenção de quebrar o silêncio. — vou comprovar onde estão as coisas, especialmente as panelas e as frigideiras para cozinhar...

— Não é necessário. As Flannery se encarregam de cozinhar e limpar. Pode cozinhar sempre que quiser, mas não me casei contigo para que seja minha cozinheira ou minha faxineira.

Lucy o olhou confundida. Pela primeira vez, perguntou-se por que se casou com ela. Se não necessitava que alguém cuidasse dele, tinha-o feito então por lástima? Semelhante pensamento não lhe deixou um bom sabor na boca.

— Mas... no que vou ocupar o tempo?

— No que te dê vontade. Pode ir ao povoado ou ficar aqui. Pode fazer tudo o que queira ou nada, o que deseje. Não espero que seu dia a dia gire em torno de minhas atividades, pois meu trabalho será um tanto errático durante os próximos meses.

— Muito bem, sempre que vir comer...

— Para falar a verdade, não comeremos juntos muitas vezes. Não estou acostumado a vir para casa a horas regulares. Tenho... negócios... que atender em diferentes lugares, principalmente em Lowell e Boston. Negócios? Lucy estava muito acostumada a essa palavra, e a odiava com todas suas forças. Que palavra tão inadequada para os homens, um modo perfeitamente aceitável de explicar ou mascarar tudo aquilo que queriam manter, oculto. «Assim é como funcionam os negócios», dizia-lhe seu pai quando ela se queixava das muitas horas que passava na loja em vez de estar com ela. «São coisas de negócios», «exigências dos negócios», «problemas de negócios»; tanto seu pai como Daniel, como qualquer um dos homens que tinha conhecido, utilizavam o mundo dos negócios como desculpa para seus erros, suas promessas não cumpridas ou suas ausências. E, ao que parece, seu marido também sabia como usar essa palavra.

— Que tipo de negócios? — perguntou-lhe com suspicácia.

— Algo relacionado com publicidade. Supõe-te algum problema? — perguntou Heath com tom sardônico.



Apesar de que um montão de recriminações lhe acumulavam na língua — «Sim, supõe-me um problema... Não te verei nunca... Nunca seremos um verdadeiro matrimônio... Nem sequer se preocupa com meus sentimentos», — não pôde expressá-los.

— É obvio que não — respondeu friamente.

## Capítulo 6

O fato de estar casada permitia a Lucy ser mais livre do que jamais teria sonhado. Nunca tinha disposto de tanto dinheiro para gastar em sua pessoa, nem de tanto tempo livre nem de tão escassas responsabilidades. Sua reputação se viu um tanto estancada graças a seu matrimônio com Heath, mas ainda ficavam uns poucos, muito poucos para falar a verdade, que sopravam ou erguiam o queixo quando passavam junto a ela. Seu dinheiro e seu novo status a fizeram popular entre um grupo de pessoas que nem sequer conhecia antes. Passava a maior parte do tempo no povoado, fez novas amigas e ia por aí com ar altivo, o que fazia com que seu pai e seus velhos amigos sacudissem a cabeça ao vê-la.

Mal passava tempo com seu marido. De fato, Lucy via-o tão pouco que durante o dia lhe custava recordar que estava casada. Pelas noites as coisas eram um pouco diferentes, compartilhavam o mesmo leito, mas nunca faziam amor, e a distância que se estendia entre ambos era tão ampla como se tivessem estado em diferentes continentes. Muitas noites chegava muito tarde em casa e ela já estava deitada, só em seu lado do colchão. Despertava agitada quando notava que ele se metia na cama, e ali ficavam os dois, um junto ao outro, sem tocar-se, até que pudessem dormir. Ambos tinham muito cuidado de não ultrapassar o território do outro: o lado esquerdo pertencia a Lucy; o direito, a Heath; durante o sono, nem um braço nenhuma perna cruzava a linha invisível que os separava. Mas apesar das distâncias e de sua falta de comunicação, compartilhar a cama com Heath se converteu em um hábito do qual Lucy não teria prescindido facilmente. Embora às vezes dormia sozinha, dava-lhe a impressão de que seu sono nunca era profundo ou completo até que ele não estivesse a seu lado. Havia algo estranhamente reconfortante no fato de senti-lo perto, de ouvir sua profunda e rítmica respiração, de despertar na metade da noite e observar sua escura silhueta a tão escassa distância.

Pelas noites, quando Heath chegava cedo, Lucy baixava o fogo do abajur e se deitava primeiro. Sempre fechava os olhos enquanto Heath se despia e se deitava a seu lado, mas frequentemente, quando já estava dormido, abria os e

se deleitava olhando-o. Embora os agraciados e felinos traços de seu corpo lhe resultavam já familiares, não deixava de sentir-se um pouco comovida. Era um homem muito bonito. E desde do dia de seu casamento não tinha feito nada para tocá-la.

No início, sua falta de atenção lhe resultou um alívio, depois lhe pareceu curioso, e pouco a pouco inclusive se sentiu irritada. Agora passava grande parte de seu tempo perguntando-se como mostrar-se mais atrativa a seus olhos. Tempo atrás, Heath parecia sentir uma grande atração por ela. O que tinha acontecido para que as coisas mudassem de um modo tão radical? Ignorava-a por consideração ou simplesmente já não lhe interessava? Não podia lhe falar diretamente do tema, e como ele não parecia disposto a tirá-lo, aparentemente ia a caminho de converter-se, depois de tudo, em uma espécie da Abigail Collier: uma donzela velha e amargurada.

Poucas semanas depois de seu matrimônio, Lucy se juntou a um grupo de mulheres de Concord, jovens e na moda, chamado o Círculo das Quintas-feiras. Era formado por algumas mulheres muito bem vestidas e com muito tempo livre. Se ocupavam das tarefas domésticas e de maridos que com muita frequência se deslocavam para longe de Concord. Aquelas esposas gastavam seu dinheiro em ações beneficentes e em organizações musicais com o fim de dar a conhecer seus nomes, e planejavam inumeráveis projetos sociais aos quais Lucy se uniu com avidez.

Acolheram-na com os braços abertos, pois tinha todos os requisitos para ser membro do círculo: era jovem, elegantemente vestida, e estavam muito aborrecida como o resto das integrantes. Também estava casada com um homem que mal via. E igual às demais, também passava a maior parte de seu tempo comprando, falando e olhando revistas de moda. Suas reuniões sempre acabavam centradas em fofocas, fofocas sobre questões íntimas e pessoais das quais Lucy jamais tinha ouvido falar com tanta liberdade. Em seu foro interno, em ocasiões se sentia incômoda ao estar presente naquelas sinceras discussões sobre amantes e aventuras sexuais, pois apesar de que aqueles bate-papos estavam presididos pela despreocupação, pôde apreciar que muitas daquelas mulheres estavam sozinhas, tão sós como ela mesma. Mesmo assim, o passavam bem juntas, orgulhosas de ser chamativas e sofisticadas, enchendo a estadia em que se encontrassem de risadas e fumaça

de tabaco. Algumas delas gostavam de fumar como carreteiros, um hábito próprio das atrizes e mulheres do mundo.

— Dixie — exclamou Olinda Morrison, a esposa de um banqueiro local, em uma de suas reuniões das quintas-feiras pela tarde, — tem que me contar uma coisa.

— Dixie? — repetiu Lucy levantando as sobrancelhas.

— Sim, assim é como vou te chamar a partir de agora. Até ontem não soube que estava casada com um confederado. Acredito que é absolutamente delicioso.

— O que é que quer saber? — perguntou Lucy, sorrindo diante a ávida curiosidade que cintilava nos olhos negros e aveludados de Olinda. A possuidora de semelhante beleza, Olinda, tinha a confiança suficiente para perguntar a qualquer uma delas o que desejasse. Só a autêntica beleza podia permitir-se tal grau de rudeza.

— Como é estar com ele? — perguntou Olinda.

— Refere-te A...?

— OH, não ponha essa cara de ovelhinha perdida no campo... Já sabe a que me refiro! É encantador na cama? Ele fala suavemente na cama como dizem ou tira o rebelde para passear quando chega o momento?

Todas se puseram-se a rir. Inclusive Lucy, que tinha avermelhado como um tomate, não pôde evitar unir-se às risadas. Enquanto esperavam sua resposta com espera, Lucy levou o copo de água aos lábios com a esperança de esfriar suas bochechas. Tinha que dar a impressão de ser uma mulher que estava à par dos assuntos referentes ao sexo.

— Vou te dizer uma coisa — disse ignorando uma pitada de culpa por lhes fazer acreditar algo que não era certo. — Afirmou que eu jogava por terra tudo o que tinha ouvido a respeito das mulheres ianques.

Suas palavras provocaram outra onda de risadas e inclusive aplausos. — No Sul acreditam que as mulheres do Norte somos como blocos de gelo — disse secamente Alice Gregson, a bonita mulher de um dos vereadores da prefeitura.

— E o somos, comparadas com eles — replicou Betta Hampton. Betta era engenhosa e mordaz; a seus quarenta e dois anos, era a mais velha de todas e a mais experimentada. Frequentemente desconcertava Lucy, pois seus sorrisos de reconhecimento e suas obscenas revelações sempre pareciam esconder um segredo desencanto para com a vida. A Betta não parecia lhe importar nada nem ninguém. — É pelo clima. Por estes pagamentos, os homens são rudes e de sangue-frio. Só lhes interessa uma coisa. Direi-lhes como conseguir que um nortista preste atenção em ti: Balance um punhado de dólares junto a sua orelha. Mas os do Sul... são diferentes. Tive um amante do Sul faz tempo, e posso lhes dizer que não importa os homens com os que tivesse relações, uma mulher não sabe o que são as coisas de verdade até está com um homem do Sul.

— Por que? Por que o diz? — perguntou Olinda.

Betta sorriu com malícia.

— Eles tem um segredo especial. Basta perguntar a Lucy.

Mas Lucy não podia responder, apesar da avalanche de súplicas e rogos para que revelasse o segredo. Segredo? Não tinha nem ideia do que podia ser. Nunca tinha feito amor com Heath... Mal conhecia seu próprio marido! Ergueu a vista e olhou Betta nos olhos, sentindo-se uma estelionatária. — Eu lhes direi — disse isso Betta com altivez. — Os do Sul fazem tudo, tudo, muito devagar. Não é assim, Lucy?

Quando Lucy retornou essa noite para casa se surpreendeu ao encontrar Heath ali. Era bastante cedo para que pudessem jantar juntos, algo do que quase não tinham tido oportunidade. Lucy temia esses momentos. Resultava extremamente difícil sentar-se à mesa frente a ele, trocar educados comentários e descobrir aos pouco que não tinham nada que dizer-se. Supunha-se que comer juntos devia ser algo quente e íntimo. Heath já não era o homem que se burlava dela e a fazia rir, que a provocava e a fazia avermelhar com seus sedutores sorrisos. O homem que estava sentado do outro lado da mesa estava se convertendo cada dia mais em um estranho, um estranho cujo olhar não destilava o mínimo sinal de desejo para ela. Não parecia querer estar com ela, e sua indiferença era muito, muitíssimo pior que a raiva.

Lucy supôs que a única razão para tal falta de interesse era que estava vendo outra mulher. Talvez tinha uma amante em Boston — não estava segura, — mas lhe doía pensá-lo. Não tinha nem ideia de por que se deterioraram tanto as coisas, embora lhe parecia que já era muito tarde para arrumar ou mudar sua relação.

— Que tal foi em Boston? — murmurou cravando um pedaço de aspargo com o garfo e levando-o à boca.

— Tive algumas dificuldades com os investimentos que quero realizar. Terei que voltar amanhã.

— Sim, claro — disse enquanto em sua mente passavam pensamentos suspicazes. Viajava tanto à cidade por questões de negócios ou para encontrar-se com alguma mulher?

Heath a olhou fixamente.

— E você tudo bem? Como foi sua reunião com as senhoras de Concord? Do que falaram hoje, órfãos ou veteranos, a fundação para estudantes de arte...?

— Falamos de um subsídio — disse Lucy com dignidade, estimulada pelo sarcasmo de seu marido. Tinha deixado bem claro em várias ocasiões que não tinha uma elevada consideração pelas mulheres com as que se reunia nos últimos tempos. — Um subsídio para a sociedade musical.

— Ah. Não tinha nem ideia de que estivesse tão interessada nas artes. — Pois o estou! — explodiu deixando sobre a mesa o garfo e a faca. A raiva lhe contribuiu uma valentia temporária. — Por que ridiculariza sempre meus clubes, minhas reuniões e minhas amigas? Disse-me que podia fazer o que me desse vontade... Não tem direito de me criticar. Nada disso te interessa, só quer me irritar!

— Sim me interessa. De fato, fascina-me que a completa liberdade te tenha levado a realizar umas decisões tão pouco inspiradas. Supunha que essas pessoas chamariam sua atenção, mas esperava que seus gostos fossem o bastante refinados para as evitar.

— São minhas amigas.

— Sério? E o que aconteceu com suas antigas amigas... as mulheres mais respeitáveis de Concord, as notas e os convites às quais te nega a responder?

O que aconteceu com aquela loira que...?

— Chama-se Sally. E já sabe por que não aceito nem seus convites nem as de nenhuma das mulheres que estava acostumada a frequentar. Já te falei daquela semana... a semana antes de nos casar. Todas se comportaram de um modo horrível comigo. Jamais esquecerei, nem as perdoarei, por me ter dado as costas. Não me importa o muito arrependidas que estejam...

— Cuidado, querida. Como diz o refrão, se viver em uma casa de cristal... — Por que se preocupa com elas? — perguntou tentando ignorar o estranho e quase doloroso batimento do seu coração. Apesar de havê-lo feito de um modo casual e despreocupado, fazia muito tempo que Heath não a chamava assim. OH, quanto teria dado para saber se seguia sentindo algo por ela! Ali estava, sentado, mostrando todo seu autocontrole, sem se incomodar com seu temperamento ou suas inúteis tentativas para discutir.

— Não me incomodam — disse com suavidade. — Mas só um covarde daria as costas a alguém que tenta lhe pedir desculpas. Não seria fácil lhes perdoar, mas não tem por que te apressar.

— Não dou nem um centavo por suas amizades ou suas desculpas. Betta Hampton diz que o melhor é esquecer-se deles e seguir adiante...

— Betta Hampton? Essa velha... — começou a dizer Heath mas parou de repente. Lucy se surpreendeu apreciando uma chama nos olhos azul turquesa de seu marido e como esticava a mandíbula. Sentiu um calafrio, devido ao desconforto e as expectativas, correndo por suas costas. Durante semanas se mostrou frio, moderado e distante. E agora ela tinha conseguido provocar uma reação evidente nele. — Que mais coisas te contou Betta? — perguntou-lhe depois de ficar em pé com as mãos sobre a mesa, inclinado para ela. — Como me arrastar a um baile de beneficência tal como o fazia com seu marido? Sabe que essa mulher é a puta mais infiel de toda Concord... Sim, vi-a percorrer Main Street com seus falsos cachos embutidos sob seu chapéu com dois rapazes agarrados pelos braços...

— São seus acompanhantes — disse Lucy à defensiva. — Seu marido é um banqueiro muito importante e ela necessita amparo se por acaso alguém... — Me explique então por que não lhes tira as mãos de cima a esses «acompanhantes» quando não estão em público. Não é mais que uma

prostituta de luxo. Dessas que enrolam a pessoas como você. Não descansará até te arrastar ao lodaçal no que ela se move.

Lucy ficou em pé de um salto.

— Nem sequer tem amigos — disse com veemência. — Exceto esses ou essas que visita em Boston e que tanto lhe fascinam...

— De que demônios está falando?

— E quer que eu tampouco tenha amigas. Pois bem, terei-as igualmente!

Nada do que faça me impedirá de ver Betta e ao resto das mulheres!

— Faça o que quiser — respondeu Heath.

A suavidade de sua voz a fez estremecer. Voltou-se e saiu da sala, enquanto ela gritava impotente:

— E não fará com que eu saia daqui! Teria que me arrastar pelos cabelos, e mesmo assim iria voltar outra vez!

Heath não respondeu. Lucy só escutou o som de seu passos a caminho do dormitório. Segundos depois, sentiu-se débil e cansada, e com a vista fixa nos pratos sujos em cima da mesa, e se perguntou como era possível que sua vida, que tinha sido tão estupenda, fosse agora uma completa ruína. Tinha sido seu erro tão terrível para merecer que Daniel se afastasse para sempre dela e um estranho ocupasse seu lugar?

Talvez Heath acabe me deixando, pensou com pena. Nenhum dos dois podia aguentar assim muito mais tempo. Possivelmente Heath decidisse que já tinha tido bastante e que queria retornar ao sul. Não deixava de ser irônico que esse pensamento lhe produzisse um terrível vazio em lugar de tranquilizá-la.

Por que já não entendia nada do que acontecia a seu redor?

O país e a causa. Tinha comprado um exemplar do livro escrito por Heath e ia folheá-lo em casa com sentimento de culpa, como se estivesse fazendo algo proibido. Grosso e bem encadernado, o livro mal rangeu quando o abriu. Só no salão, Lucy foi passando as páginas como se procurasse nelas uma pista fugidia sobre o homem com o qual se casou. O livro contava a história de um regimento da Virginia durante a guerra, e estava escrito com um estilo



claro e nada retórico. Em ocasiões, a prosa parecia casual, como se, se tratasse de um artigo jornalístico não editado, enquanto em outros momentos era absolutamente precisa.

Pouco a pouco, o livro foi captando todo seu interesse pois entrevia cada vez com mais frequência retalhos de seu marido ocultos entre as páginas. Havia estranhos detalhes de humor e descrições que, umas vezes, resultavam comovedoras e, outras, grotescas. Algumas histórias se explicavam a si mesmas, sem prefácios ou conclusões, e eram tão crípticas e pessoais que sua franqueza a incomodou e a surpreendeu em partes iguais. Quanto mais entrava no livro, mais desanimadora se fazia a tarefa de compreender o Heath. Os homens que conhecia — Daniel e David Fraser, os homens com os quais tinha ido à escola, os tímidos e discretos homens que se encontrava nos bailes— pareciam criaturas muito pouco complicadas. Gostavam de tontear com as mulheres bonitas. Gostavam de contar histórias da guerra e mostrar-se muito masculinos. Resultava muito simples adúlá-los e enrolá-los. A maioria deles não podia resistir ver chorar a uma mulher, e menos ainda suportar um de seus gelados silêncios quando as tinham incomodado.

Mas Heath era diferente a todos eles. Só ria quando ela o irritava, ou se esforçava por provocá-la inclusive um pouco mais. Seus silêncios não lhe incomodavam. E quando parecia relaxado, pulsava sob a superfície o mais resistente sarcasmo que ela já tinha estado exposta antes. Sem dúvida existia alguma chave, algo que lhe permitiria saber o que lhe dizer. Adoraria saber como lhe provocar uma careta de desagrado tal como ele provocava nela. Teria dado o braço esquerdo para poder lhe derrotar em uma discussão. Mas tentar ver do que parecia seu coração era como tentar olhar através de um muro de pedra.

Talvez encontrasse algo no livro; tinha que haver algo que lhe permitisse encontrar respostas. Mas ao ler aquelas páginas, Lucy compreendeu que não tinha a objetividade necessária para ver com clareza. Tudo o que entendeu foi que, capítulo a capítulo, os escrúpulos de Heath minguavam e que seus sentimentos se faziam mais sombrios. Escrevia a respeito dos heroísmos de seus camaradas de um modo em que as fazia parecer vanglorias estúpidas. Para a metade do livro, um capítulo finalizava sem acabar de descrever uma batalha. O seguinte capítulo, entretanto, dava começo com as palavras: «Escrito no Governor's Island».

— O campo de prisioneiros — sussurrou sentindo um frio estremecimento ante aquela revelação.

Heath nunca havia dito nada a respeito de semelhante lugar. Em ambos os bandos, Norte e Sul, sabia-se que os campos de prisioneiros eram os lugares mais desagradáveis, insanos e perigosos do mundo. Centenas de homens sofreram um inadequado amparo, e se viram obrigados a sobreviver com exíguas quantidades de comida. As enfermidades se estenderam pelos campos sem piedade, sem remédios com as que as atalhar. Umas poucas palavras se sobressaíam das seguintes páginas: «Capturado com roupa do verão... Fazia tanto frio... Os homens morriam de tifo... Um novo broto de sarampo... trocas e mais trocas; os rumores cresciam as mais altas esperanças e as piores depressões... Não tínhamos água...».

Lucy fechou o livro com mãos trêmulas, totalmente contrariada. Não queria saber o que tinha feito Heath durante a guerra, nem quanto tempo tinha passado no campo de prisioneiros nem como tinha conseguido sair. «Surpreenderia-te saber, senhora Rayne, a quantidade de coisas que desconhece em relação aos homens e sua integridade...»

Tinha refletido sobre sua estadia no campo de prisioneiros ou tinha enterrado a lembrança no mais profundo de sua mente? O que tinha feito para sobreviver? por que nunca lhe tinha falado disso?

Não queria saber as respostas. Não queria sentir empatia por ele. Não queria deixar-se levar pelo impulso de abraçá-lo e lhe oferecer consolo por coisas que tinham acontecido fazia muito tempo. Todo aquilo formava parte do passado, disse-se.

Agora Heath não necessitava consolo ou empatia e, sem lugar a dúvidas, não necessitava que ela se aproximasse como uma parva.

Quando chegou a noite e a senhora Flannery se apresentou para preparar o jantar, Lucy ficou a dar voltas pelo salão no qual Heath estava sentado no sofá com as pernas cruzadas. Tinha várias pilhas de jornais a seu redor, muito bem ordenadas. Heath baixou o jornal que estava lendo e a observou caminhar pela sala.

— O que está lendo? — perguntou-lhe como quem não quer nada, dando uma olhada a uma das pilhas e abrindo na primeira página. Era um jornal de

Vicksburg, o Citizen. — OH, um desses velhos... Que estranho, este papel não é o habitual, é...

— Está impresso na parte de trás de um pôster — disse Heath erguendo a canto da boca em um meio sorriso.

— Por quê?

— Pelo final da guerra, os fornecimentos escasseavam, e as fábricas de papel tinham sido incendiadas. Alguns jornais foram imprimidos em papel de embalar, ou em pôsteres, em algo que pudesse entrar nas imprensas. E quando acabou a tinta, começaram a usar betume para os sapatos.

Lucy sorriu, admirada pela persistência e a determinação dos jornalistas do Sul.

— Suponho que nós, os do Norte, não temos semelhante tenacidade, não é certo? — Olhou mais algumas páginas. — O Mercury de Charleston. Por quê guardaste este? — Lê o título.

— «A União foi dissolvida...» OH, o anuncio da secessão da Carolina do Sul...

— Assim é. À uma e quatro de vinte de dezembro. O momento em que todo mundo soube que explodiria a guerra. — E este outro jornal, por que o conservou?

— Este... Ah, este... — Heath estendeu a mão para agarrá-lo e o abriu sobre o sofá; as longínquas lembranças do passado suavizaram sua expressão. Lucy inclinou a cabeça para olhá-lo, surpreendida pelo doce sorriso que se instalou em sua boca - pelo meu pai que morreu. — A que te refere? — perguntou Lucy atingida por aquelas palavras. — «Este jornal — leu em voz alta — que se afastou de suas iniciais lealdades unionistas, está agora sob uma nova direção que tentará defender os princípios dos Estados Unidos da América...» Era um jornal de Richmond, e o dirigia um dos melhores amigos de meu pai. Meu pai era um homem leal, assim como um firme crente da imprensa confederada; sentia um enorme respeito pela palavra impressa, e jurava que enquanto a imprensa do Sul se mantivesse com vida, o Sul não cairia. Foi às pressas à redação do jornal quando a equipe editorial começou a batalha para que o jornal não caísse nas mãos das tropas unionistas e se convertesse em porta-voz dos ianques. Meu pai morreu na luta e o jornal se

perdeu. Esta edição unionista saiu no dia seguinte; a batalha por mantê-lo longe dos do Norte não serve para nada. A luta de meu pai foi em vão.

— Sinto muito...

— Não o sinta. Há piores maneiras de morrer. Maneiras mais lentas. Me alegro de que não pudesse ver como acabou a guerra.

Olharam-se aos olhos durante um bom momento. Uma inesperada e cálida sensação se hospedou no peito de Lucy ao encontrar o que tinha estado procurando toda a tarde. Porque nesse momento, é obvio, entendeu algo mais sobre ele. Tudo tinha sentido.

— O respeito de seu pai pela palavra escrita... Por isso te fez correspondente, verdade? — perguntou nervosa. — Por isso escreveu um livro e... e por isso lhe interessam tanto os jornais e as publicações e coisas pelo estilo...

Heath afastou o olhar. Encolheu levemente os ombros.

— Teriam me interessado igualmente.

— Se inteirou de sua morte antes ou depois...?

— Antes ou depois de que?

— De Governor's Island — disse Lucy sob o intenso olhar de seu marido. — Assim olhaste um exemplar do livro — murmurou passando uma mão pelo cabelo. — O que achou?

— Eu... — começou a dizer sem saber muito bem quais iam ser suas palavras. — Bom, me... comoveu-me...

— Sério? — interrompeu-a, fascinado pela mescla de emoções que apreciou em seu rosto. O que tinha estado procurando? por que parecia sentir-se tão absorto pela expressão de Lucy?

— Me... doeu-me descobrir que tinha estado em um campo de prisioneiros...

— Um sentimento tranquilizador tratando-se de minha esposa. Algo mais?

— Em realidade... eu não gostei. Não esperava que fosse tão... tão escuro.

Não havia a mínima... bondade ou esperança.

— Não. Naquela época não tinha muitas esperanças. Nem bondade. — Ao ver que Lucy franzia o cenho, esboçou um sorriso. — Mas isso não significa que não tenha desenvolvido um pouco de ambas as coisas nos últimos anos. Não fique nervosa. Preparou já o jantar a senhora Flannery? Tenho uma fome canina.

Em lugar da habitual reunião das quintas-feiras, o círculo de amigas realizou essa semana uma noite musical especial. Uma enorme quantidade de homens e mulheres abarrotou o impressionante salão do lar dos Hampton, enquanto um grupo de músicos jovens interpretou peças escolhidas de compositores alemães. Betta, Alice, Olinda e o resto das integrantes do Círculo das Quintas-feiras eram de sobras conhecidas pelo afiado de suas línguas e pelo dano que podiam causar a alguém com suas fofocas. Durante a noite musical, Lucy se sentou junto à Betta e Olinda, e sua presença afugentou qualquer possível aproximação por parte de suas antigas amigas. Sally Hudson, geralmente muito vivaz e amistosa, não se atreveu a aproximar-se daquelas azeda mulheres por medo de que a ridicularizassem. Lucy olhou em um par de ocasiões a Sally de uma ponta a outra do salão, tentando passar por cima o sentimento de culpa que lhe causava o incerto sorriso daquela bela loira. Tinham sido muito amigas. Não tinham tido segredos, riram dos meninos ou de seus casais, tinham falado de vestidos e de receitas para bolos, tinham chorado uma pela outra quando tinham sofrido por culpa de seus amores. Agora Lucy tinha a impressão de que não se conheciam absolutamente. Mudei muito para que pudéssemos voltar a ser amigas, pensou com tristeza, sabendo que inclusive embora fizessem as pazes, não teriam nada de que falar. Lucy era muito orgulhosa para confessar a alguém que seu matrimônio era uma farsa. E ela tampouco queria ouvir falar dos problemas da Sally, pois eram tão pequenos e insignificantes que sem dúvida aumentariam os seus.

Com a mente em outra parte, Lucy se dedicou a tocar as contas que cintilavam nas rendas de seu vestido de noite azul. Era um dos vestidos mais atrevidos que já tinha usado, com um decote tão pronunciado que parecia que iam sair os peitos. O tinha posto com a intenção de chamar a maior atenção possível, e era consciente de que eram muitos os que a olhavam. Só um homem dos ali presente não a olhava. Esse homem olhava a Sally, cuja

dourada beleza estava acentuada pelo discreto tom rosado do vestido e os brancos babados. Daniel parecia muito mais jovem do que ela recordava: bonito, distinto, com a camisa engomada e bem penteado, e sentado bem rígido em sua cadeira, olhava a Sally como se... como se...

Assim era como acostumava olhar a Lucy.

Ao dar-se conta de que Lucy estava contendo o fôlego, Betta Hampton se aproximou dela e seguiu seu olhar.

— Por que não deixa de olhar Daniel Collier, o olhinhos de cachorrinho, e à loira tonta? — sussurrou.

— Acredito que há algo entre eles dois — disse Lucy secamente, afastando o olhar e fixando-se nos músicos.

— OH. — Betta encolheu os ombros desinteressada, inclinou-se para o outro lado e ficou a falar com seu marido.

Lucy, a que não acompanhava marido algum com o que conversar, não escutou uma só nota musical mais em toda a noite, pois não pôde deixar de lhe dar voltas a aquela ideia dela. Quando acabou a atuação e todos coincidiram em que tinha sido um terminante êxito, serviu-se o vinho e algo de comer que tinham preparado as mulheres do Círculo das Quintas-feiras. Lucy assentiu e sorriu junto às demais quando lhes agradeceram por ter preparado uma noite tão deliciosa. Antes que a multidão começasse a dispersar-se, o senhor Hudson, o pai de Sally, colocou-se frente aos presente com uma taça de vinho tinto na mão e a cara corada. Lucy soube, de algum modo estranho, o que ia acontecer a seguir, por isso olhou a Sally com incredulidade. Esta tinha avermelhado e tinha baixado a cara.

— Meus amigos — disse o senhor Hudson realizando um amplo gesto com sua mão livre, — estou seguro de que poderia ter encontrado uma situação mais apropriada para lhes comunicar o que tenho intenção de lhes anunciar... Talvez em uma reunião mais tranquila e íntima, como costumamos fazer por aqui. Depois de tudo, sabemos fazer as coisas tão bem como podem fazê-lo esses afetados de Boston. — As pessoas puseram-se a rir. O senhor Hudson baixou a taça de vinho e estendeu a mão a sua filha, que não demorou para colocar-se a seu lado. — Entretanto, a alegria de minha família, e muito especialmente a de minha filha Sally, é algo que desejávamos compartilhar com todos vós esta mesma noite. Desejaria lhes

anunciar o compromisso de minha filha com um destacado jovem de uma das mais respeitadas famílias de Concord. Um homem cuja inteligência e responsabilidade me impressionou em infinidade de ocasiões: Daniel Collier. Por Daniel e Sally.

— Por Daniel e Sally! — fez coro a multidão erguendo suas taças.

Daniel e Sally.

Não posso acreditá-lo, pensou Lucy enquanto o acre e seco vinho descendia por sua garganta. Despertarei em qualquer momento e voltarei a ser Lucy Caldwell de novo, e Daniel seguirá sendo meu, e Heath Rayne jamais terá chegado a Concord... A casa dos Emerson seguirá em pé... E eu estarei na pequena cama de minha casa e escutarei os roncos de meu pai provenientes de seu quarto... Sentiu que as pessoas a observava, e seus olhares de curiosidade lhe provocaram frio, por isso lhe resultava difícil voltar a centrar a mente. Não voltaria a ser Lucy Caldwell nunca mais. Agora era Lucy Rayne. Ao levar a taça aos lábios, seus olhos se cruzaram com os olhos de Sally. Apreciou em seu interior os primeiros sinais de maturidade quando se ouviu pensar: Não é tua culpa, Sally. Perdi-o pelo que fiz. Não posso te culpar de nada. Tremeu-lhe levemente a mão e rodeou a base da taça com os dedos para erguê-la e sorrir a Sally. Os olhos da Sally se cobriram repentinamente de lágrimas de alegria e lhe correspondeu com outro sorriso.

Lucy sentiu uma pontada na nuca. Seu olhar se dirigiu à porta principal do salão. Heath estava ali, tinha chegado uns minutos antes para recolher Lucy e levá-la para casa. Tinha as pernas cruzadas de forma despreocupada enquanto tinha apoiado o corpo no marco da porta. Alguém lhe tinha dado uma taça de vinho, que ele sustentava entre seus longos dedos. Sua boca desenhava naquele instante um irônico sorriso de meio lado.

E então ergueu a taça para ela.

Poderia ter sido um completo. Ou o mais sarcástico dos gestos que alguém poderia lhe haver dedicado. Lucy não sabia o que pensar. Olhou confundida a seu marido, e pronunciou seu nome em silêncio. Heath baixou a vista pela esbelta linha de seu pescoço até chegar às generosas e pálidas curvas de seu busto, observou-o um momento e voltou a lhe olhar na cara. Seu olhar foi tão insinuante e profundo que corou como se a houvesse tocado no mais íntimo em público, e seguiu olhando-a apesar de dar um gole a sua delicada taça de

vinho. O coração lhe pulsava com ímpeto enquanto um estremecimento percorria sua pele.

— Que curioso — disse Betta entre dentes, e Lucy afastou o olhar de Heath e recolheu suas luvas e sua pequena bolsa de mão azul.

— O que te parece curioso? — perguntou sem lhe dar ênfase, tão nervosa que lhe caiu o programa entre dois assentos e não pôde recuperá-lo.

Seu marido. Por seu aspecto, nunca haveria dito que era um homem dos que se casam. E também me resulta curioso que te olhe desse modo. — Pois sim que é do tipo dos que se casam — disse Lucy. — Levo um anel que prova isso. E por que não teria que me olhar assim? É meu marido.

— Os maridos não olham desse modo a suas mulheres.

— Pois o meu sim — replicou Lucy à defensiva, lhe dedicando um cauteloso olhar a seu marido. — Já te disse... muito curioso.

Lucy se afastou de Betta e se despediu das demais mulheres do Círculo das Quintas-feiras. Heath recolheu a capa negra de Lucy de mãos de uma robusta faxineira e a colocou a sua mulher sobre os ombros. Ela o agarrou pelo braço enquanto ele a levava caminho da carruagem.

— Assim que acabou — disse Heath quando partiram. O agradável ritmo do trote do cavalo foi dedilhando sua conversa.

— Sim. Hoje foi tudo um êxito.

— Não me referia à noite musical do Círculo das Quintas-feiras.

Lucy se esticou antes de responder.

— Então suponho que refere ao Daniel e Sally.

— Vi o que fez pela Sally. Comoveu-me que fizesse esse gesto... mas de vez em quando é capaz dessas coisas. — Quão único fiz foi me unir ao brinde...

— Um brinde pelo compromisso matrimonial de seu antigo prometido e seu antiga melhor amiga. Me diga, teve que apertar os dentes com muita força? — Ao ver que Lucy não tinha intenção de responder, riu suavemente. — Me Perdoe. Não queria lhe subtrair mérito a seu nobre gesto. Mas sinto curiosidade... Surpreendeu-te sua relação?



— Eu... eu jamais lhes teria imaginado juntos — disse Lucy aniquilada, seu olhar parecia ter rettoquedido no tempo. — Os três estivemos juntos em muitas ocasiões, mas Daniel não parecia dar-se conta de sua presença. — Seguro que não. Não enquanto você estava ali. Acostuma centrar a atenção dos homens.

— Pois que logo se hão... descoberto o um ao outro. Tão só três meses depois de nosso casamento.

— Te alegre, querida. Daniel poderia havê-lo feito muito pior. Não é uma mulher muito inteligente, mas é uma criatura bastante doce; justo o que ele necessita.

Suponho que ache que ele estará melhor com ela do que o teria estado comigo.

— Suponho que você não o ache. — Poderia ter sido uma boa esposa para ele. — Se você o disser.

Ela observou seu harmônico e bem delineado perfil. — E ele teria sido um bom marido para mim. No mínimo, não teria me deixado tanto tempo só para poder ir com outras... — deteve-se a tempo, levou a mão ao pescoço para frear aquela acusação. Os impulsos selvagens lhe aguilhoavam o peito como se, se tratasse de pássaros apanhados tentando escapar. Queria lhe lançar de uma só vez todas suas queixa e suas frustrações e seus medos.

— Outras o que? — inquiriu Heath olhando-a com os olhos entrecerrados. — Tenha coragem, Cinda. Acaba o que ia dizer.

— Outras mulheres — explodiu respirando com maior rapidez à medida que via a possibilidade de lhe dizer exatamente o que pensava. — Está fora todo o tempo, e às vezes não retorna até bem tarde e... isso é o que penso.

— Que demônios... Acha que vou a Boston passar uns momentos com outra mulher em lugar de trabalhar? — perguntou com rudeza.

— Não é assim? — rebateu ela em voz baixa, enquanto via crescer em seu interior uma pequena chama de esperança.

Durante um segundo, Heath pareceu surpreender-se, possivelmente inclusive se sentiu um pouco ferido.

Permaneceu em silêncio enquanto ela se desesperava esperando uma resposta. Não tinha imaginado que o que fosse dizer lhe importasse tanto, por isso teve a impressão de que poria-se a gritar se não dissesse nada. — Importaria-te se tivesse estado me dando um pouco de prazer por conta própria?

— Assim é certo — disse ela notando como a ira se apoderava de seu corpo. — estiveste com outras mulheres...

— Nem o admiti nem o neguei. Perguntei-te se te importaria.

— Por que deveria me importar? É obvio que não me importaria — disse ela com brutalidade, desejando poder lhe magoar ao apreciar que em sua cara tinha aparecido um sorriso. — Por que mudou tanto? — disse. — Antes era muito mais amável... e carinhoso...

— Não me permite ser carinhoso contigo.

— Não sei o que é o que quer — disse Lucy tremendo de frustração. — Não sei por que agora é diferente... Não sei por que... Acreditei que de recém casados poderíamos haver... mas agora...

Poderíamos haver o que? — interrompeu-a; seu humor era agora diferente. Segundos antes parecia disposto a burlar-se, mas agora a olhava com total seriedade.

Ela não pôde responder. As palavras ficaram presas na garganta e se limitou a olhá-lo em silêncio. Heath sacudiu a cabeça e voltou a centrar-se na condução enquanto a tensão entre eles alcançava uma cota máxima. — Tinha a esperança de que encontrássemos um modo de estar juntos. — Lucy se escutou dizer a si mesmo. — Não esperava que quisesse estar com outras mulheres. Não quero que o faça. Eu não gosto absolutamente. — Inclinou a cabeça para frente angustiada pela vergonha, incapaz de acreditar no que acabava de admitir. Agora ele a ridicularizaria, agora saberia que estava ciumenta. Viu como Heath apertava as rédeas com mais força e como a carruagem parava a um lado da estrada. — Heath, o que está fazendo?

Agarrou-a com força: passou uma de suas mãos por sua esbelta nuca, enquanto com a outra a atraía para seu corpo. Beijou-a obrigando-a a separar os lábios, com uma violência que a fez estremecer devido à surpresa. Ao notar que Lucy não se opunha, Heath diminuiu a pressão de seus lábios e a

beijou muito devagar. Ela não podia respirar, não podia se afastar do persuasivo toque de sua língua. Sua boca era cálida e suave ao beber da dela, e inclinou a cabeça até que Lucy teve que apoiar-se em seu ombro, movendo os lábios em resposta a seu beijo. Heath deslizou a mão da nuca até o queixo, acariciando seu rosto enquanto a devorava com beijos implacáveis. Ela se agarrou às lapelas do casaco de Heath, rendendo-se a suas exigências. O caráter selvagem daquele momento a invadiu por completo até transbordá-la. Lhe tremiam os braços quando afastou a boca.

— Pareceu-te o beijo de um homem que acaba de receber os serviços de uma meretriz? — perguntou com voz rouca, lhe acariciando os lábios com seu fôlego. Lucy piscou várias vezes, com os braços ainda ao redor de seu pescoço. — Não estive com uma mulher há meses — prosseguiu com o mesmo tom sussurrante, — não desde antes de nos casar. Não quis estar com ninguém, e não quererei fazê-lo até que me sacie de ti, se é que chego a fazê-lo. Cada noite prometia a mim mesmo que ia te fazer pagar caro as horas nas quais desejei estar contigo e você me fez passar fome. Mas bem sabe Deus que não vou voltar a passar fome. — Voltou a inclinar sua cabeça e a beijou como se desejasse absorver o suave gemido que ela deixou escapar.

De repente, Lucy se deu conta de que não podia separar os diferentes sons, aromas e texturas um do outro, já não sabia se o leve sabor de vinho provinha da boca de Heath ou da sua, e tampouco lhe importava se aquele veloz batimento do coração era o do seu coração ou o de seu marido. O céu escurecia a seu redor formando sombras de ébano e marcando as primeiras estrelas, e o tempo parecia ter parado. As palavras e os pensamentos desapareceram à velocidade da luz, e o único que ficou foi o prazer de sentir seus lábios e a dura força de seu corpo.

— Não houve outras mulheres — disse Heath contra sua boca fazendo-a tremer. — Não poderia ter estado com nenhuma. Estou muito obcecado com minha própria mulher. Há uma coisa que só você pode me dar... e, por todos os Santos do céu, obterei-a sem que me importe o tempo que tenha que esperar, nem o duro que resulte lutar contigo. Não, não estou falando unicamente de meus direitos como marido, embora isso não estaria mal para começar.

— Heath... — Fez um pequeno movimento para liberar-se; seus escuros olhos mostravam confusão. Manteve-a apertada contra si.

— Dei-te o tempo que me pediu. Mas não tenho muita paciência, Cin, e você me levaste ao limite. Tentamos a sua maneira e esperei até que te aproximasse de mim... Agora a distância entre nós é maior do que deveria ter permitido que fosse.

Mas ela tinha estado esperando que fosse ele o que se aproximasse! Lucy o olhou sem dizer uma palavra.

— A partir de agora o faremos a minha maneira — prosseguiu lhe segurando o rosto com as mãos. — Em caso de que tenha alguma dúvida... a partir de esta noite vamos ser marido e mulher em todos os sentidos. Há coisas que temos que esclarecer... mas podem esperar até manhã.

Repassou com os polegares às escuras e inclinadas linhas de suas sobrancelhas e os apoiou sobre suas têmporas. Incapaz de evitá-lo, voltou a beijá-la, e o sensível fogo de seu beijo a penetrou de cima abaixo. Sentiu-se enjoada, como se lhe tivesse subido todo o vinho à cabeça, e lhe agarrou pelos pulsos para que a deixasse respirar. Parou a pressão de seus lábios. Heath a olhou e com as pontas dos dedos acariciou o brilho da lua sobre sua pele. Com um movimento inesperado, deu-lhe um beijinho na ponta do nariz e deixou que apoiasse as costas no assento, onde se encolheu e o olhou assombrada.

Quando chegaram frente à sua casa, Heath saiu da carruagem e a ajudou a descer agarrando-a com firmeza pela cintura. Assim que seus pés tocaram o chão, Lucy se voltou para agarrar os babados e a saia do vestido.

Incorporou-se, mas Heath mantinha as mãos em sua cintura; o coração de Lucy parecia querer sair do peito. Na escuridão, os olhos de seu marido eram de um tom azul marinho, e seus perfeitos traços estavam envoltos pelas sombras. Atraiu-a para si, obrigando-a a ficar nas pontas dos pés para chegar à sua altura. Apesar de suas diferenças de tamanho, encaixavam bastante bem. Lucy fechou os olhos ao sentir a calidez de seus lábios, uma e outra vez, enquanto a cobria de pequenos beijos que provocavam em seu interior uma maré de desejo. A sensação era inclusive mais forte que minutos antes, e a enchia de doçura. Apoiou-se nele quando se deteve, e Heath afastou uma mecha de cabelo de sua têmpora enquanto a olhava fixamente.

— Vá e te coloque na cama enquanto guardo o cavalo — murmurou. — Não demorarei.

Lucy assentiu de forma automática. Virou-se assim que a soltou e entrou na casa sem olhar para trás, levando uma mão a sua boca assim que fechou a porta atrás dela. Sentia os lábios macios e inchados. Subiu a escada com o cenho franzido ao apreciar as diferentes emoções que cresciam em seu interior. Uma parte era ansiedade e insegurança; outra parte era alívio ao saber que, breve, acabaria a espera, e já não haveria nada que temer ou pelo que seguir perguntando-se. Outra parte formavam as expectativas. Finalmente, finalmente ia acontecer, e sabia que estaria bem.

A leve manta e os lençóis pareceram resistir a seus esforços por tirá-los, mas acabou obtendo-o com um forte puxão. Depois baixou o fogo do abajur quase por completo, para deixar o quarto mal iluminado. Heath não demoraria para chegar, e ela desejava que nessa ocasião tudo fosse diferente à desastrosa noite de núpcias. Tirou a sobressaia como uma louca e a afastou com o pé, enquanto tirava os alfinetes do cabelo. Desabotoou botão atrás de botão; por que parecia que seu vestido aparecia botões de um nada com mais rapidez do que podia desabotoá-los? Liberou o laço que fechava as anáguas, muito enrugadas pela parte de trás, e as deixou cair no chão com um movimento de quadril. Sob as anáguas apareceu uma estreita crinolina, feita de aço e algodão branco. Todas suas roupas acabaram formando uma espécie de enorme bolo, que ela separou da vista assim que tirou o resto dos objetos. Os alfinetes saíram voando. OH, onde estava sua escova? Levantou um pé e logo o outro para tirar as ligas e as meias.

Correu para o espelho com o espartilho e as meias e se penteou com as mãos até que as mechas cor avelã caíram sobre seus ombros.

— Maldita seja, maldita seja— resmungou enquanto os ponteiros do relógio pareciam correr a toda velocidade.

Heath estaria ali em um minuto. Ainda tinha que tirar o espartilho e isso lhe levaria um bom tempo. Era um espartilho de tecido branco com baleias de metal e laços na frente. Geralmente, apertava as fitas tão forte como podia e as amarrava com um laço. Mas essa manhã tinha muita pressa e as tinha feito um nó. Tentou liberar o nó com as unhas, mas não parecia responder a seus

esforços. Quase pôs-se a choramingar de frustração quando escutou os passos de Heath na escada. Por que tudo ia mau?

— Ainda não estou preparada! — disse em voz mais alta do habitual.

— De acordo. Vou me assear um pouco.

Lucy colocou as mãos nas baleias e respirou fundo. Depois puxou as fitas com renovada energia antes de render-se e ir em busca de uma tesoura. Removeu todas as gavetas freneticamente produzindo um sonoro estrondo.

Encontrou de tudo menos a tesoura.

— Buscas algo em particular?

Lucy virou-se, confusa e muito nervosa, com os olhos brilhantes devido à ansiedade e a exasperação. Heath se encontrava frente a ela coberto com uma bata azul, tranquilo e sereno, um pouco surpreso pelo aspecto avermelhado de Lucy.

— Não brinque — disse tensa.

— Não tenho intenção de fazê-lo.

Virou-se e repreendeu sua impaciente busca pelas gavetas, dando um salto ao notar o toque de suas mãos sobre os ombros.

— Do que se trata? — perguntou.

Lucy abandonou sua busca pela tesoura e suspirou; sabia que estava muito mais inquieta do que por umas fitas de espartilho.

— Eu... OH, sabia que algo ia mau... É o espartilho, está horrível... coisa... Não posso desfazer o nó, e procurava algo com que cortar as fitas... — Isso é tudo? Vire-se. Bom, é certo que sabe como fazer um nó forte, mas não é necessário cortá-las. — dispôs-se a encarregar-se das fitas. — É impossível. Tem que me ajudar a encontrar a tesoura — disse Lucy mordendo o lábio inferior.

Heath sorriu.

— Me dê um minuto. Temos uma longa noite pela frente. — Inclinou a cabeça para concentrar-se no nó. O aroma de sabão se mesclava com o de sua pele formando uma sutil e atrativa essência que penetrava pelo nariz de Lucy. Sentiu uma leve tensão no estômago ao ser consciente de sua aproximação.

— Por que leva um espartilho tão antigo? Acreditava que além de comprar vestidos também compraria roupa interior...

— A que já tinha vai bem...

— Não estou de acordo. O branco não fica bem. E, além disso, eu gostaria de te ver com um pouco de seda ou cetim de outra cor. Vejo que terei que tomar cartas no assunto.

— Roupa interior de cetim e de cor? — Lucy jamais tinha ouvido dizer que as mulheres decentes pudessem usar roupa interior que não fosse branca ou cinza. — Não te atreverá a comprar esse tipo de... roupa, verdade? — Dúzias... Inclusive meias negras com nós e lacinhas rosa. — Sorriu-lhe, e apesar de suas brincadeiras, ela não pôde evitar sorrir também. Justo nesse preciso instante, o nó se desfez e Heath desatou as fitas das baleias de metal do espartilho. Lucy fechou os olhos e respirou fundo, aliviada. Quando sua caixa torácica ficou liberada e pôde encher os pulmões de ar, sentiu uma leve vertigem. — Se sente melhor? — murmurou ele. Ela assentiu, lhe olhando nos olhos enquanto lhe tirava o espartilho. Seus seios nus roçaram com o tecido azul de sua bata. Que estranhamente excitante era que ele a despisse tão devagar, tratando-a como um objeto precioso que teria se quebrado em caso de tocá-lo com rudeza.

As pontas de seus dedos percorreram sua coluna vertebral, roçando o pêlo invisível e lhe provocando um calafrio. Lucy tragou saliva com dificuldade e levou as mãos a suas costas para desatar as meias. Enquanto ela se ocupava com o botão, ele deslizou os dedos por seus braços até alcançar suas mãos, afastou-as e abriu o botão com um rápido movimento. As meias caíram ao chão.

Heath a ergueu nos braços e a levou para a cama sem esforço. Quando lhe rodeou o pescoço com os braços apreciando a tensão de corpo musculoso, começou a desfrutar da sensação que, em outra ocasião, tinha-a assustado. Agora lhe resultava agradável sentir-se desarmada e vulnerável, e lhe excitava ver-se nos braços de um homem que podia lhe fazer perder o controle com tanta facilidade, um homem ao que nada envergonhava, um homem tão por cima do desconforto ou a dissimulação que dava a impressão de que nada pudesse lhe assombrar.

Deixou-a sobre o leito e tirou a bata. Sua pele bronzeada absorvia a luz quando se inclinou sobre ela olhando-a da cabeça aos pés. Seus famintos olhos azuis se encontraram com os de Lucy, que brilhavam com um escuro fogo.

— É preciosa, Lucy — sussurrou.

Já o havia dito com antecedência, mas nesse momento de descobrimento lhe pareceu escutar aquelas palavras pela primeira vez. Titubeou e entrecerrou os olhos quando ele a beijou, passando a mão por detrás de sua cabeça para acomodar sua posição. A boca de Heath exigia sua resposta, e sua outra mão insistia em aventurar-se pelos cantos mais secretos de seu corpo. Todo o nervosismo e a vergonha que Lucy tinha imaginado que sentiria se transformou no fogo abrasador da paixão. Realmente lhe estava agarrando a cabeça e atraindo-a para si para que seu beijo resultasse mais profundo? E aqueles gemidos saíam realmente de sua garganta? OH, nunca teria sonhado, nem pensado, nem imaginado o muito que lhe agradaria sentir o corpo nu de seu marido contra o seu. Desejava saber o que lhe faria sentir cada centímetro de seu corpo. Levou as mãos até seus poderosos ombros, pousou as palmas sobre as cicatrizes e voltou às abaixar até sua cintura. Com valentia, deixou que seus dedos se pousassem na dura superfície de suas nádegas e Heath rugiu sobre seus lábios. — Quanto tempo passou. Desejo-te há tanto...

Heath baixou a cabeça e colocou a boca no fragrante vale que separava seus seios. Seus pensamentos se emaranharam. As necessidades e as exigências intransponíveis de seu corpo ocuparam o lugar da cautela. Encheu suas mãos com a suavidade de Lucy; sua boca ardia em desejos de sentir sua pele. Ela tinha se distanciado, tinha-o rechaçado e havia tornado seu mundo do avesso, colocando inumeráveis obstáculos entre eles, e de repente a tinha entre seus braços, rendida. Seus frustrados desejos se converteram em uma corrente fora de controle, e já tinha ido muito longe para parar, para pensar ou sequer ralentizar o ritmo. Parecia como se sua vida inteira dependesse da resolução desse momento, e sabia que tinha que fazê-la sua ou morrer de fome.

Lucy gemeu quando Heath pousou a boca em cima do seu mamilo. Sua língua umedeceu aquele arrepiado bico; depois o aprisionou entre os dentes e



o mordeu com muito cuidado. Lucy se retorceu de prazer ao experimentar uma suave pulsação entre suas coxas. Não opôs resistência quando lhe abriu as pernas com as mãos. O desejo era tão intenso que a fazia tremer. Acariciou-lhe as coxas e desceu um pouco mais seu corpo sobre o colchão.

Colocou os lábios no interior de suas coxas e começou a subir por ele. Ela percebeu o que ele se dispunha a fazer.

— Heath, espera...

— Shhh. — Mordeu com suavidade sua pele e se aproximou ainda mais do suave e escuro triângulo de cachos. — Me Deixe, é minha mulher. — Quando alcançou a carne ardente entre suas pernas e sua língua lambeu aquele oculto e diminuto terminal nervoso, Lucy ergueu os joelhos e curvou os dedos dos pés contra a cama. Heath rodeou suas nádegas com as mãos e as atraiu para si para poder explorar devidamente com os lábios.

Ela afogou um gemido na garganta, apertou os dentes e voltou a cara para um lado, consciente de cada sutil e vibrante toque da boca de seu marido, consciente unicamente do que lhe estava fazendo. Esticou as nádegas à medida que lhe consumia a paixão. De repente, introduziu a língua em seu interior, e ela se arqueou involuntariamente, notando como se expandiam seus sentidos até alcançar uma explosão de prazer.

Ofegando sonoramente, flutuava em um quente oceano de debilidade, e tinha os olhos em branco devido à paixão que entranhava ao notar Heath em cima dela. Estava muito cansada, sem forças para protestar ao notar o peso de seu corpo.

— Relaxe — disse em voz baixa junto a sua orelha. — Não vou ser rude. Deixe que te faça amor...

Sentiu a intrusão entre suas coxas e, de algum modo, abriu as pernas para facilitar sua entrada. Então ofegou ao notar sua poderosa penetração. Doeu-lhe senti-lo em seu interior. Respondendo às amáveis palavras que lhe sussurrava, ela abriu ainda mais as pernas e ele entrou mais profundamente, grande e quente em seu interior. Estremeceu ante aquela nova sensação e o desconforto, mas Heath utilizou suas mãos para tranquilizar seu corpo, e sua voz era suave e estranhamente calma.

— É tão doce... Cinda... Sabia que o seria... Sabia que seria assim. me abrace... ah, Cin...

Empurrando de forma rítmica, atraiu-a para si e lhe ensinou como seguir o ritmo. Não mostrava inibição alguma e parecia haver-se deixado ir, tal como imaginava que se comportaria, afastando-a sem piedade de sua intimidade e lhe exigindo com as mãos e a boca que lhe dissesse que lhe estava dando prazer. Ao olhar nos bronzeados traços do homem com o qual se casou, soube que não poderia compartilhar semelhante intimidade com ninguém mais, e soube que depois dessa noite nada voltaria a ser igual.

Confundida, voltou a cara para seu brilhante ombro e sentiu uma onda de calor em seu interior; sentiu o peso de seu corpo ao parar o tempo em que ela enterrava a cara em seu pescoço. Ele apertou ambos os lados do travesseiro com as mãos.

Levantou a cabeça sem pensar e o beijou com os lábios separados. Passaram as horas enquanto eles se enroscavam e entrelaçavam seus corpos, às vezes com urgência e às vezes com extrema lentidão. Lucy igualou o desejo de seu marido, respondendo a sua paixão em igual medida e sem parar para pensar no amanhã ou o ontem. Nem sequer se deu conta quando ele apagou o abajur. Quão único teve claro foi que à medida que avançava a noite ela se convertia em parte da escuridão, em parte de um sonho, que tinha deixado para trás toda inocência, envolta em um sensual feitiço que se acabaria assim que chegasse a manhã. Com cada toque, Heath a convertia mais e mais em parte de si mesmo, e horas depois da meia-noite, ela começou a temer que tivesse tirado dela algo mais que sua inocência.

## Capítulo 7

Inquieta devido a perguntas que não tinham resposta evidente, Lucy tentou ocupar seu tempo com pequenos trabalhos enquanto não deixava de pensar em sua situação. Resultou decepcionante despertar pela manhã e descobrir que Heath já tinha partido, embora sentir-se um certo alívio ao ver-se sozinha, pois assim poderia pensar. Tudo parecia ter mudado desde da noite anterior. Heath tinha levado consigo grande parte de suas ilusões. Estaria mentido se não reconhecesse que tinha desfrutado com ele; e agora lhe resultava chocante ter acreditado durante tanto tempo que Daniel seria o único homem que desejaria. Mas acaso o que tinha sentido por Daniel tinha sido simplesmente questão de costume? Entendeu-se com ele porque resultava mais fácil e seguro que abrir seu coração a alguém? Eu me interessava por ele de coração, disse-se, confundida por dúvidas que jamais se permitiu expressar. E ainda me interessa, pensou. Mas tinha sido amor ou só algo que unicamente tinha definido como amor?

Agora estava começando a interessar-se por seu marido de um modo que não tinha imaginado, embora fosse o homem mais exasperante, imprevisível e complicado que já tinha conhecido. Apesar de afirmar o contrário, quase sempre tramava para fazer as coisas a sua maneira, e não lhe importava o mínimo prescindir dos escrúpulos próprios de um cavalheiro se, se interpunham em seu caminho na hora de obter o que desejava. Tinha duas caras. Podia ser um canalha na mesma medida que podia ser todo um cavalheiro, e a arte que tinha ter que lutar com ambas as posturas era algo que ainda não tinha sido capaz de aprender.

Heath retornou a casa muito depois do jantar. Assim que cruzou a porta, Lucy pegou seu casaco e o apertou com força entre seus dedos antes de pendurá-lo. O rosto de Heath mostrava uma estranha expressão. Parecia tenso e um pouco cansado, mas não por isso tinha desaparecido a energia, pois também expressava certo ar de triunfo. Algo lhe tinha ocorrido; ela soube ao olhá-lo. Intuiu que não ia gostar de lhe o que tinha que lhe dizer.

— Temos que falar, Lucy.

— São boas ou más notícias?

— Depende de como o enfoque.

Isso não soa muito promissor.

Heath esboçou um breve sorriso e depois assinalou para o sofá.

— Melhor sentar-se. Será uma longa conversa.

Pelo modo como a olhava, assim como pela exagerada calma que expressava seu tom de voz, soube, sem lugar a dúvidas, que ia comunicar-lhe algo importante.

— E sobre o que conversaremos?

— Sobre todas essas reuniões que mantive em Boston. Teria que ter te falado disto antes. Mas quanto mais o adiar, mais duro será lhe explicar isso. E, tal como estavam as coisas entre nós, o mais adequado era mantê-lo em segredo...

— Entendo-o — disse Lucy sentando-se sem mais demora, perguntando-se se, depois de tudo, suas anteriores suspeita seriam certas. Teria estado visitando alguma outra mulher? OH, só em pensá-lo já era muito desagradável!

Heath se sentou a seu lado e agarrou o copo do qual ela tinha bebido antes. Estava vazio, por isso se limitou a lhe dar voltas entre seus dedos enquanto falava.

— Não estava seguro de como foram as coisas, assim demorei um pouco mais de tempo. Agora é o momento adequado e temos que nos encarregar de tudo com extrema rapidez.

Ela assentiu lentamente. Estava tentando lhe falar de outra mulher? Seria tão cruel para lhe falar de algo assim depois do que tinha passado a noite anterior? Não, não, inclusive embora fosse certo, não tinha razão alguma para lhe falar de outra mulher... ou sim?

— Tem lido alguma vez o Examiner de Boston? — perguntou-lhe Heath. A pergunta diferia tanto do que ela estava pensando que ficou com a mente em branco e o olhou surpreendida. — O que? Eu... não, acredito que não...

— Estive investigando sobre todos os jornais da zona. O Herald é o que tem uma maior tiragem, uns noventa mil exemplares... E o Journal tem mais

ou menos a metade de assinantes. Depois lhes seguem todos os outros, nenhum dos quais tem mais de dezessete mil assinantes. Pode dizer-se que o Examiner é o terceiro em discórdia; embora uma terceira posição mas bem fraca.

Journals. Estava-lhe falando de jornais. O que tinha isso a ver com eles?

Isso é muito interessante — disse com cortesia, e ele sorriu ante sua falta de entusiasmo.

— Os do Herald e o Journal estão se carregando do Examiner. Roubam-lhe a publicidade e os assinantes, e realizam todo tipo de...

— Heath — o interrompeu impaciente, — não quero te ouvir falar agora disso. Quero que me diga o que tinha que me dizer.

— De acordo. — A faísca incansável que brilhava em seus olhos se intensificou. — puseram o jornal à venda. Depois de falar com o editor e dar uma olhada nos livros de contas, comprovei que poderia ser um negócio rentável. Assim, desde hoje, somos os novos donos do Examiner.

Lucy o olhou totalmente aniquilada.

— Inteiro? Todo o jornal? Um jornal de Boston, Heath...

— Em realidade, não inteiro... Pouco mais da metade. O resto pertence a Damon Redmond, é de uma família de Boston que...

— Redmond? Como os Lowell, os Saltonstall e os Redmond?

— Sim, essa família. O terceiro filho de John Redmond III. Conheci o Damon no estrangeiro, justo antes de que explodisse a guerra.

— Mas... algum dos dois têm a experiência necessária para fazer funcionar um jornal? — perguntou Lucy muito impressionada para ser cuidadosa.

Heath sorriu com malícia.

— Neste caso, não acredito que a experiência seja imprescindível. Quanto mais experiente é um homem, mais tende a repetir o que tem feito no passado... a seguir a tradição... e isso é exatamente o que não queremos. O negócio mudou, e o modo em que se faziam as coisas faz dez anos já não resistirá muito tempo. Alguns jornais se adaptaram aos novos tempos (como o Tribune de Nova Iorque), e os que não o fizeram passaram à história. Agora é o momento adequado para aproveitar-se dessa circunstância. Quero

desenvolver um novo tipo de jornalismo e um novo tipo de jornal... — Parece que está falando de uma aposta. E o que acontece se não funcionar? E se perdermos todo nosso dinheiro?

— Sempre podemos ir viver com seu pai em cima da loja.

— Não brinque sobre isso!

— Não se preocupe, Cin. Não permitirei que passe fome.

— E o que tem que esse tal... Redmond? Está seguro de que pode confiar nele como sócio?

Não tenho nenhuma dúvida. É ambicioso, inteligente e sabe fazer as coisas por sua conta; de fato, suspeito que terei que lhe recordar de algum modo que se trata de um esforço conjunto. É um desses homens aos que gostam de fazer as coisas a sua maneira.

— Com certeza demoraremos muito tempo em obter benefícios.

— Isso depende de muitas coisas... Se de verdade te interessar, realizarei alguns cálculos e estimativas e lhe passarei isso em um par de dias.

— Não, obrigado. — Lucy nunca tinha mostrado o mínimo interesse pelos números. Mesmo assim, surpreendia-lhe que tivesse querido falar com ela desse tipo de coisas. Geralmente, os homens não interessava falar de negócios com suas mulheres, nem com nenhuma outra mulher em geral... igual às mulheres não falavam com os homens a respeito de seus bate-papos ou suas atividades privadas. — Quão único quero saber é se teremos dinheiro suficiente para viver.

— Teremos. Suficiente, em qualquer caso, para que tenha uma boa quantidade de chapéus e de fitas para o cabelo.

— Dirigir um jornal dessas dimensões... tomará muito trabalho — disse franzindo o cenho.

— Algo mais que o mero feito de chegar tarde algumas noites — admitiu. — E todas essas viagens de ida e volta... como vai fazer? - Fez-se um longo silêncio, e depois Heath a encarou com seus olhos azul esverdeados. — Seria impossível — disse com muita calma. — Não poderei viver em Concord e comandar o jornal.

As implicações daquelas palavras a golpearam como um murro. Se não podia comandar o jornal desde Concord, teria que mudar-se.

— Se o que quer é ter seu próprio jornal — disse imediatamente, — poderia comprar um jornal local, ou criar o teu próprio. Não tem por que ir a Boston...

— Não posso fazer o que tenho pensado em um jornal local. Não quero falar do número de ovos que puseram as galinhas dos Brook na quinta-feira, ou das piruetas de Billy Martinson...

— Mas... mas...

— Mas o que? — interrompeu Heath, inclinando-se para frente para apoiar os cotovelos sobre seus joelhos.

— Pensa de onde vem e onde está. Não conhece Boston. Não leva aqui o tempo suficiente para entender às pessoas— Ao apreciar sua hesitação, Heath deixou o copo e tomou uma das mãos de Lucy para colocá-la entre seus cálidas e eletrizantes Palmas, pressionando com os dedos como se pretendesse com esse gesto lhe arrancar o que queria lhe dizer.

— Vamos — animou. — Não quero ter que supor o que pensa respeito a isto, Cin. Esta vez, não. Me diga.

— Sabe melhor do que eu que por estes lados não se sente uma excessiva simpatia pela gente do Sul. Os bostonianos querem que lhes castigue pela guerra... e você... você quer dirigir um dos maiores jornais do Norte. Não lhe apoiarão, em nenhum sentido. Encontrará muitos obstáculos em seu caminho, e... e não pode imaginar quão difícil será tudo. Eles não querem escutar o que você tem para lhes dizer. Há muitos intelectuais por aqui, e todos têm suas próprias ideias a respeito da Reconstrução. Sei o que digo; estive em muitas reuniões e debates políticos em Concord para ter claro que o que estou dizendo é verdade.

— Sei. Tem razão, não será fácil. Mas terei que confrontar essa batalha, e tem que ser ali, em Boston. Posso fazer algo bom por minha gente, e pela tua, daqui melhor que desde qualquer outro lugar. Por isso tomei esta decisão. Aqui é onde está o dinheiro e a educação... e Deus todo-poderoso, parece como se aqui tivessem perdido o rumo... Não deixam de dar voltas em círculo, apanhados em assuntos que são muito complexos para entendê-los, e

ninguém se atreve a confrontar a verdade. Ao que são as coisas em realidade. A guerra acabou, mas ninguém parece o ter em conta: não se fala dos direitos estatais, nem dos problemas dos escravos liberados, nem da economia nem de medidas políticas...

— Mas não importa o que diga, não lhe escutarão — disse Lucy mostrando sua crescente preocupação ao apreciar a determinação de seu marido. — Não querem escutar.

— OH, farei-me ouvir — assegurou com um malicioso sorriso. — E eles me escutarão. Porque vou utilizar Damon Redmond como parapeito. Nomearei-o editor chefe, e através dele e de seus editoriais poderei expressar meus pontos de vista. Ele tem o apoio e a influência de uma das mais velhas famílias de Boston, e encontrarei o modo de me aproveitar disso. Não vou disparar em ninguém à cabeça com minhas crenças; não terei que fazê-lo. Irei soltando aqui e ali, e o porei muito fácil para que vão digerindo. Minha intenção é tirar um jornal que não se pareça com nenhum outro, atrativo... sedutor... e se tiver que voltar à profissão jornalística inteira, farei-o. Grande parte do que disse a Lucy estava muito distante. Ninguém nunca tinha falado antes que um jornal tivesse que ser «sedutor», e não entendeu como ou de que maneira tinha planejado utilizar Damon Redmond. O único que ficou claro é que um brilhante fogo reluzia nos olhos de Heath, e que sua voz transmitia entusiasmo. Estava totalmente convencido, e teria sido necessário um milagre para lhe fazer mudar de opinião.

— Não poderia esperar um ano ou dois para pô-lo em prática? — suplicou Lucy. — É muito cedo. Espera até que conheça bem o lugar...

— Conheço-o o suficiente para começar agora mesmo. O resto o aprenderei depois. Não posso esperar; não haverá outra oportunidade como esta, não durante muito tempo. O Examiner é um bom jornal com uma tiragem pequena mas estabelecida, e a reputação adequada. Só necessita uma nova direção. Terei que transformá-lo...

— Por quê? — perguntou Lucy movendo as mãos para ele. — por que tem sempre que transformar as coisas e lhes mudar? por que não deixa que seja outro o que o faça?

— Porque as «coisas» não deixam às pessoas em paz. Os homens têm que encarregar-se da vida ou deixá-la correr, e eu não gosto de deixar correr as



coisas.

— Eu gosto como estão as coisas! Não quero que nada mude!

Heath apreciou o brilho de pânico que expressava o tom de sua voz. — Cinda, você não é feliz; e não tente me dizer que sim o é. Conheço-te, conheço-te melhor que ninguém.

— Isso não é verdade...

— Como poderia ser feliz? Você não gosta da ideia de passar toda sua vida aqui. Seu pai e o resto das pessoas do povoado tentaram te converter em alguém que nunca poderia ser, e lhe convenceram que isso é o que quer. Mas você tentou resistir de mil pequenas maneiras: cruzando esse maldito rio por onde não devia, discutindo com Daniel. Acaso acha que não sou consciente de que com sua relação comigo estava desafiando-os de algum modo o que eles estavam fazendo contigo?

— Não me conhece absolutamente. — Lucy ficou em pé e se afastou dele. — Sei que não deveria passar a vida presa em uma pequena casa preocupando-se unicamente com suas coisas e seus clubes de reunião, sonhando com coisas que nunca poderá fazer ou ver. Ninguém nunca se interessou por saber quem é, exceto para te pôr em seu lugar. Mas eu quero de ti algo mais que isso.

— O que quer é me afastar de meu lar e das pessoas que me amam. — Deus do céu, mulher, não estou te propondo que nos instalemos no Pólo Norte! Boston está muito perto daqui!

— Está a um mundo de distância! É uma cidade, uma grande cidade, cheia de gente estranha, e não conheço ninguém ali...

— A questão é que não tem escolha. Mudaremos para Boston... dentro de dois dias.

— Dois dias! — repetiu aniquilada.

— Assinei os papéis do contrato hoje. A nova edição do Examiner sairá na segunda-feira. Vou ver uma casa em Beacon Hill amanhã, e se estiver tudo certo, nos mudaremos imediatamente. Se não conseguir, instalaremos-nos em um hotel até que encontremos um lugar adequado...

— Você pode te mudar para Boston — disse Lucy olhando-o impassível, com um tom de voz tranquilo e firme. — Pode te instalar ali e vir para verme nos fins de semana... ou não vir nunca mais. Mas seja qual for sua decisão, eu ficarei aqui.

Ele a observou calculando a força de suas palavras, de sua resolução, e seus olhos brilharam perigosamente.

— Não o permitirei.

— Já te disse em uma ocasião que nunca me afastaria de Concord. — E por que demônios tem tanto empenho em ficar aqui? Tanto medo tem de ir? Ou é que pretende te converter na sombra de Sally e Daniel e fazer com que suas vidas seja um tortura?

— Isto não tem nada a ver com Daniel. Não quero ir para Boston... Deixarei-te se tenta me obrigar a ir. — Ao falar de um modo tão apressado, Lucy cometeu um sério erro de julgamento. Ao enfrentá-lo e desafiá-lo de um modo tão direto, viu como lhe esticavam o rosto e a mandíbula. Com uma só frase, tinha conseguido lhe provocar além da linha do diálogo. — Virá a Boston mesmo que tenha que te amarrar e te levar arrastada em um vagão de carga.

— Darei a volta e voltarei. Não pode me obrigar a ficar a seu lado! Não pode me obrigar a viver contigo!

Ele percorreu o espaço que os separava e a agarrou pelo pulso, lhe erguendo a mão frente a sua cara para que pudesse ver o anel de ouro em seu dedo.

— Vê isto? Posso te obrigar a fazer um montão de coisas que você não gostaria. Este anel é a prova do contrato que assinamos um para com o outro, e não pode voltar atrás.

— Um contrato pode romper-se — disse vermelha de ira.

— OH, não se pode. — Apertou os dedos ao redor de seu pulso até lhe machucar. — Prometeu-me ser leal. Virar comigo.

— Não te dava o direito de abusar de mim! — explodiu, e o puxão se afrouxou até que ela pôde liberar a mão. Olharam-se nos olhos, ambos respiravam ofegantemente.

— É minha esposa. Aceitou os votos para estar comigo, e vai ter que cumpri-los.

— Não lhe prometi dar isso tudo para que você o utilizasse segundo seu capricho! — Lucy deu uma olhada à pilha de jornais que tinha ao lado, as velhas lembranças e os fragmentos de história que ele tinha conservado, e odiou tudo o que ele representava. — E tudo por um jornal. Minha vida desmorona para que as pessoas possam ler as notícias por quatro centavos enquanto tomam um chá ou um café...

— Que vida? Chama de vida ter que passar os próximos cinquenta anos enterrada aqui, escondida do resto do mundo?

Em um ataque de raiva, Lucy agarrou um punhado de jornais e o lançou à chaminé. Heath conteve o fôlego enquanto via como aquelas velhas páginas ardiam entre as chamas alaranjadas. Não demoraram para desintegrar-se, e o rosto de Lucy ficou iluminado ao olhar seu marido. Ele não olhava já o fogo a não ser a ela. Tinha os olhos entrecerrados, e a fina e pálida linha que desenhava a cicatriz de sua têmpora se destacava agora sobre sua pele bronzeada.

— Deveria havê-lo feito há muito tempo — gritou Lucy, furiosa e atemorizada ao mesmo tempo. — Te resulta fácil falar de meus erros. Pois bem, e os teus? Em uma ocasião disse que não acreditava nos pesos que teria que conviver durante toda a vida, mas você conviveu com seu passado durante oito anos, lendo-o uma e outra vez, fingindo que não te interessava a guerra quando não é verdade. Toda as pessoas que conheço a deixou para trás, mas você segue agarrado a ela. Ainda segue combatendo! Quem imagina que um sudista dirija um jornal de Boston? É uma loucura... e você vai fazê-lo com a intenção de dar seu castigo aos ianques; sei que é assim. Não quero viver com um homem assim. Não quero viver contigo, assim vá à cidade e realize seus planos. Eu ficarei aqui.

Agarrou a barra de sua saia e correu escada acima com o fim de trancar-se no dormitório. Mas ele chegou quase antes de que ela, e a segurou de novo pelo pulso; embora esta vez lhe falou pelas costas e em um sussurro áspero.

— Durante os próximos dois dias vai escolher o que quer levar a Boston e o empacotará. Já pedi a seu pai que te ajude enquanto eu não esteja. Se não quiser empacotar nada, terá que vestir a mesma roupa durante os próximos

seis meses. E se não estiver onde se supõe que tem que estar quando eu lhe diga isso, virei e tomarei por minha conta. E me acredite, preferirá fazer as coisas por própria vontade.

— Não — disse com um grunhido. Apertava-a com tal força que a machucava, e Heath estava tão zangado que temia que lhe batesse. Podia fazê-la em pedaços com aqueles braços; o faria se lhe apertava um pouco mais, por isso sentiu medo, ardendo em seu interior igual tinham ardido os jornais na chaminé.

Heath lhe falou em voz baixa ao ouvido.

— Não só vai viver comigo, Lucy, mas também vai atuar com tanta alegria que todo mundo acreditará que não desejaria estar casada com nenhum outro homem... embora nós saibamos que não é assim. E me esperará na cama todas as noites com os braços abertos e um sorriso na cara...

— Está louco se pensa que...

— Não o penso. Sei que será assim. Não me importa se fingir ou não, mas vai se comportar como a senhora Rayne ante mim e ante outros.

— Por cima de meu cadáver!

— Não seja melodramática. Não tem a força suficiente, querida.

— Odeio-te. Oxalá nunca me houvesse me tocado. — Pensou em quão pior podia lhe dizer, algo que lhe ferisse de verdade. — Ontem à noite foi a última vez. Odeio estar a seu lado.

Heath ficou paralisado.

— Está exaltada, Lucy.

— É a verdade!

— Não — disse ele com calma. — Não o é. Mas agora vamos ver qual é a verdade.

Ela começou a lutar com ele ao ver que a arrastava para a cama, mas lhe resultou impossível livrar-se de seus braços de aço.

— Meu pai virá te buscar se me tocar...

— Jamais contará a seu pai o que vou te fazer — respondeu ele colocando a de barriga para baixo sobre o colchão.

Prendeu-a pelos braços lhe machucando. Tentou dar a volta, mas a tinha bem segura, pois tinha colocado as coxas a ambos os lados de seus quadris para que não pudesse mover-se. Ao notar que lhe estava desabotoando o vestido, ela se agitou violentamente, assustada e ultrajada.

— Não tem direito...

— Tenho todo o direito do mundo — explodiu ele enquanto desenredava o espartilho. Abriu-se, e Lucy ofegou ao ouvir o ruído que fez. Rasgou sua roupa interior como se, se tratasse de papel. Seus protestos ficaram sufocadas em sua luta por evitar a nudez de seu corpo, mas nada podia deter Heath. — É minha esposa, e de agora em diante, não vai mostrar o mínimo desejo de não estar a meu lado.

— Para! — Esticou todo seu corpo ao sentir seus cálidas mãos sobre sua rígida coluna vertebral, descendo por ela até pousar as mãos nas nádegas. Quando suas mãos se curvaram para abranger a tenra carne, ela mordeu o lábio, tentando sufocar a resposta que invadiu seu corpo. Seguiu acariciando a até que deixou escapar um involuntário gemido. Lucy fechou os olhos com força e enterrou o rosto entre os lençóis.

— Não importa o que sinta por mim — disse deslizando uma mão entre as pernas de Lucy, — ainda não compreendeu o que vai fazer por isso. Essa é a verdade, Lucy. Ou não?

Ela tragou saliva com dificuldade e tentou lhe responder, mas o único som que saiu de sua garganta foi um profundo gemido. Heath afastou os restos de roupa. Massageou com os dedos a suavidade de sua feminilidade, em busca da sensível pele com uma incrível destreza. Inclinou-se sobre ela e a tocou de um modo ainda mais íntimo, penetrando-a com os dedos enquanto pousava os lábios sobre sua nuca. Mordeu-a com muita suavidade e ela ficou sem forças, incapaz de mover-se enquanto ele a excitava sem piedade.

Tremendo, sentiu como afastava a mão e a boca de seu corpo e se sentava escarranchado em cima dela para tirar o casaco e a camisa. Depois de atirar ambas as coisas ao chão, fez com que Lucy se vira-se. A imagem de seu corpo dourado, nu de cintura para acima, cruzou sua mente durante um fulgurante segundo. Rechaçou a imagem imediatamente e esbofeteou Heath, mas ele a agarrou pelas mãos antes de que pudesse voltar a fazê-lo. Ergueu seus braços por cima da cabeça, prendeu ambos os pulsos com uma só mão e

com a outra lhe subiu a regata e desabotoou suas calças. A roupa tinha se amontoado sob as nádegas, erguendo seus quadris uns poucos centímetros por cima do colchão Lucy rebolou grosseiramente, mas assim que notou o olhar azul de Heath compreendeu o fútil de seus esforços. Apertou os dentes e afrouxou a tensão de seu corpo.

— Jamais teria acreditado... que fosse capaz de forçar a uma mulher... que não te deseja — disse com todo o asco que foi possível.

— Você sim me deseja.

Antes que pudesse responder, penetrou-a com um forte empurrão e ela se arqueou e lançou um grito. Uma onda de prazer percorreu cada centímetro de seu corpo, e o assombro de senti-lo no mais profundo de seu ser a paralisou. Entrou e saiu uma só vez provocando com que Lucy tremesse de desejo. Inclinou-se sobre ela e rebuscou em seu decote até dar com o dolorido topo de seu peito, que ele rodeou com a boca com muito cuidado. Lucy, finalmente, pôde dizer seu nome, soou como uma mescla de queixa e desejo reprimido. Ele centrou sua atenção no outro peito até que o mamilo se arrepiou.

— É minha esposa — disse fazendo com que abrisse mais as pernas ao pressionar suas coxas com os joelhos. — E a partir de agora vai me dar tudo o que se supõe que uma esposa tem que dar a seu marido, sem desculpas. Ou acaso não vai ser assim, Lucy?

Heath tinha vencido; por muito que lhe doesse admiti-lo. Desejava-lhe, e teria prometido qualquer coisa para que não parasse.

— Sou sua esposa— sussurrou obediente, e quase lhe afogou o alívio quando ele voltou a introduzir-se em seu interior. Mas assim que sentiu que uma onda de prazer crescia formando em seu corpo uma maravilhosa maré, notou como Heath voltava a retirar-se.

— Virá comigo — insistiu, e ela se manteve em silêncio, embora arqueou o corpo para ele. — Por favor — gemeu.

— Virá comigo.

— Sim — disse entre ofegos. — Sim, irei contigo.

— E não haverá mais mentiras.

— Não.

— Então, me diga a verdade a respeito de ontem à noite. — Muito lentamente, Heath começou a mover seus quadris em círculo, e ela sentiu o calor e a pressão do corpo de seu marido sobre o seu. — Me diga isso — — Desejava-te — sussurrou.

— Como agora?

— Sim.

Lhe soltou os pulsos e se sentou, olhando-a sem expressão alguma no rosto. Aniquilada, Lucy o olhou nos olhos e compreendeu que estava disposto a deixá-la daquela maneira como represália por tudo o que havia dito durante sua discussão. Tentava repreendê-la no momento mais íntimo imaginável.

— Heath... não...

— Agora que tudo ficou esclarecido, será melhor que durma — disse com frieza. — Os próximos dias vão ser muito ocupados.

Ficou em pé e Lucy compreendeu que ia deixá-la ali. Olhou-o — seus olhos brilhavam e lhe ardiam as bochechas com um calor febril, — enquanto em seu interior sentiu como caíam algumas barreiras.

— Não faça isto — sussurrou. — Não me deixe assim. Por favor. — Mas ao ver que ele a olhava desde sua altura com total indiferença, fechou os olhos humilhada e se fez um novelo, enterrando a cara no travesseiro.

Nesse instante, Heath sacudiu a cabeça tentando manter o controle. Disse-se que tinha que lhe ensinar a lição, mas, de algum modo, as coisas não tinham saído segundo o previsto. Amaldiçoando entre dentes, tirou as calças. Lucy sentiu o peso de seu corpo a seu lado sobre o colchão, e então virou-se, lhe tirando a pouca roupa que ficava para acariciar todo seu corpo. — Sinto muito, Cin — sussurrou rodeando-a com os braços e abraçando-a cheio de remorsos. — O sinto.

Inclinou-se para lhe separar as coxas, mas já estavam separadas, dispostas a lhe acolher. Penetrou-a muito devagar. Ela não pôde evitar soluçar quando se sentiu cheia dele, lhe dando todo o prazer que tão bem sabia como lhe dar. — Não pare — suplicou, e pareceu como se lhe partisse o coração com aquela súplica.

— Não vou parar — sussurrou com ternura deslizando as mãos sob suas nádegas. — Não poderia. — Levantou-a para encaixá-la melhor com seu corpo, e acelerou o ritmo, concentrado por completo em satisfazê-la. Olharam-se nos olhos até que ela deixou cair as pálpebras para manter oculta sua alma do olhar de Heath.

Com muito cuidado e paciência, Heath levou Lucy a alcançar uma nova soleira apesar de sua inexperiência. Tudo o que podia lhe dar agora era pouco mais que uma insinuação, uma promessa do que algum dia estariam em disposição de conseguir. Faria-lhe entender tudo o que não podia lhe dizer com palavras. Ela foi feita para ele, não podia pertencer a ninguém mais. Ele tinha sido um viajante que tinha acabado encontrando-a. Ele não pertencia a outro lugar que não fossem seus braços, era parte de sua carne, e em troca lhe oferecia tudo o que ele era.

Lucy lhe rodeou o pescoço com os braços e enredou os dedos na fogueira dourada que era seu cabelo. Com carinho e ferocidade, com ternura e brutalidade ao mesmo tempo, provocou em Lucy uma tormenta de desespero. Apertou a bochecha contra seu ombro enquanto uma lenta explosão de sensações a consumia. Ele não deixou de pronunciar doces palavras sobre sua suave pele até que suas palavras se converteram em um áspero ofego. Apertou com mais força seus quadris e a ergueu um pouco mais ao mesmo tempo que sentia as contrações de seu corpo. Quando aquele raptó alcançou seu ponto máximo, ela gemeu e deixou que seu corpo pendurasse no de Heath sem forças, e aquele som foi o que fez com que ele chegasse ao clímax. Entrou ainda mais na suave intimidade de Lucy e deixou escapar um profundo suspiro; entrelaçou seus dedos de forma compulsiva na calidez de seu cabelo cor avelã.

Permaneceram imóveis um bom momento depois de fazerem amor. Em silêncio, Lucy ficou sob o corpo de Heath, apanhada por seu abraço e pelo agradável peso de suas pernas. Embora tinha os olhos fechados, sabia que ele a estava olhando, e lhe mortificava pensar a facilidade com a que a tinha feito render-se. OH, por que tinham que ser as coisas desse modo com ele? por que parecia conhecê-la tão bem? Ele sempre poderia remeter-se às promessas que tinha feito, e os dois sabiam que ela jamais deixaria de cumpri-las.



Heath lhe acariciou com o polegar a suave depressão que se estendia entre suas sobrancelhas, e depois apoiou os lábios sobre seu cenho franzido para relaxá-lo. Quando deslizou as mãos até seus peitos, ela fez um leve gesto de protesto com a intenção de afastá-lo.

— Estou cansada — disse solene, — ou agora que sou senhora Rayne devo fingir que não o estou?

— Maldita seja! — Exasperava lhe sua teima, e sufocou as palavras de Lucy beijando-a com os lábios abertos até que lhe rodeou o pescoço com os braços. Então afastou a cabeça e suspirou. — Sei que não será fácil para ti a partir daqui. Mas terá que confiar em mim e tragar o orgulho para poder aproveitar esta oportunidade.

— Não me deixaste outra alternativa. Você gosta de tomar as decisões como se...

— Não havia alternativa. Tudo foi muito rápido. Já não poderia voltar atrás embora quisesse.

Lucy ficou calada. A escolha — pensou— é ficar com ele... ou lhe deixar para sempre.

Não havia escolha. Não podia fazer outra coisa que seguir adiante. Não podia lhe deixar e, no mais profundo de seu coração, tampouco desejava fazê-lo. Não depois do que tinham compartilhado, não depois de pelo que tinham passado juntos. Mesmo assim, isso não fazia com que lhe tolerar resultasse mais simples! Como Heath interpretou seu silêncio como outra amostra de obstinação, beijou-a e a abraçou mais forte, pretendendo com isso eliminar todo resto de resistência.

— Heath! — protestou ela esforçando-se por afastá-lo de seu lado. — Já te disse que estou cansada e...

— Lembra — disse contra sua boca— o que disse antes... senhora Rayne. Lucy o recordava, e seu temperamento se acendeu com a faísca do arrogante aviso do papel que teria que desempenhar a partir desse momento. Então lhe ocorreu uma ideia e em seu rosto se desenhou um agradável sorriso. Aproveitaria tudo o que tinha a seu alcance em seu próprio benefício. Se tinha que mudar-se a Boston e fazer com que as coisas fossem bem, pois o faria sem queixar uma só vez. Heath esperava que ela se mostrasse

agradecida com ele. De acordo, faria algo mais que isso: deixaria o com a boca aberta interpretando o papel à perfeição. Queria que fosse doce, dócil e obediente. Muito bem, seria inclusive tão enjoativa e tão complacente e boa que ele esqueceria onde estava sua mão direita e onde a esquerda, e finalmente ela o teria dançando a seu redor. Então já encontraria ela o modo de que fosse ele que tragasse seu orgulho. Aquele pensamento foi como um bálsamo para seu ego maltratado, e se aferrou a ele com não pouca satisfação até que o toque de seus lábios e suas mãos apagou qualquer tipo de pensamento.

Escutou que alguém batia na porta de entrada e que pronunciava seu nome com irritante persistência.

— Lucy...? Lucy...? Lucy!

— Heath? — murmurou ela ainda adormecida, e esticou a mão em busca da de seu marido do outro lado da cama. — Batem na porta... diga a quem quer que seja que não... — Deixou de falar ao notar que seus dedos apalpavam um espaço vazio. Heath não estava ali.

— Lucy! — disse a voz do exterior, e se deu conta nesse momento de que era a voz de seu pai.

Rodou sobre seu corpo e soltou uma maldição entre dentes, saiu da cama e se dirigiu à janela. Sim, era seu pai. Seu cabelo grisalho brilhava sob o sol de uma fresca manhã de outono, ao mesmo tempo que o frio vento pulverizava folhas amarelas pelo chão. Escutou o sussurro das árvores depois da janela meio aberta. Tremendo levemente, aproximou-se do armário, tirou uma grossa bata e desceu descalça a escada. Ao abrir a porta e deixar Lucas passar, comprovou que a olhava horrorizado. A desaprovação resultava evidente em seu rosto. Olhou-a de cima abaixo e estalou a língua. Lucy não precisava olhar-se no espelho para saber que aspecto tinha. Sentia o peso de uma noite sem dormir sob os olhos, assim como o inchaço de seus lábios e as mechas rebeldes de seu cabelo. Parecia, claramente, uma mulher que tinha passado a noite fazendo amor. Lucy notou uns pequenos pontos de dor por todo seu corpo, e se sentiu cansada e relaxada; e, curiosamente, contente. Sorriu quase sem ser consciente, de um modo privado e secreto que não poderia haver explicado a ninguém, e muito menos a si mesmo.

— Pai, por favor... Acabo de me levantar e não preparei café...

— São onze da manhã e você acaba de te levantar? Nunca despertava a estas horas a menos que estivesse doente...

— Deitei-me muito tarde — disse Lucy dando a volta e se encaminhando à cozinha esfregando-os olhos e bocejando. Teria dormido umas duas ou três horas a mais. Heath tinha se mostrado insaciável.

— Sente-se, por favor, vou preparar café — disse por cima do ombro enquanto Lucas a seguia à cozinha. — Quer uma xícara?

— Sim — respondeu, depois se sentou junto à mesa e aparou o bigode sem deixar de olhá-la. — ouvi que tem duas faxineiras que lhe fazem o trabalho. — Suas palavras tinham um evidente tom de censura. — Me alegra ver que ainda sabe te mover pela cozinha.

Lucy seguiu lhe dando as costas, esforçando-se por dominar um pouco suas selvagens mechas de cabelo com as mãos.

— Não vêm até o meio-dia. Que tal a mulher que o senhor contratou? Foi-lhe de ajuda?

— Limpar limpa, mas não cozinha tão bem como você.

— Obrigado — disse Lucy ante aquela áspera afirmação.

Ao deixar a chaleira com o café no fogo, apreciou uma diminuta marca vermelha no interior de seu braço, e levou os dedos à base de sua garganta, onde notou a presença de outras marcas acusadoras. Sobreveio-lhe uma visão de Heath inclinado sobre seu corpo beijando-a intimamente, e corou, consciente da pontada de prazer que sentiu em seu interior. Se aquela manhã Heath não saísse tão cedo, talvez lhe teria dado um último empurrão. Talvez lhe teria sussurrado algo ao ouvido parecido ao que lhe havia dito durante a noite, embora talvez a enganou um pouco.

— É uma lástima que tenha que ir de Concord — disse Lucas de forma abrupta. — Heath passou lá casa ontem à noite para me dizer isso. Embora... voltar a começar possivelmente seja o melhor.

— Talvez sim. Não acredito que ninguém aqui seja capaz de esquecer que caí em desgraça; as pessoas de Concord tem muita memória, não lhe parece? — voltou-se e lhe dedicou um azedo sorriso. — Posso imaginar dentro de

cinquenta anos, caminhando por Main Street, e alguém sussurrando sobre mim. Essa é Lucy Rayne. Recorda o que fez em sessenta e oito?». Então, serei bastante velha para desfrutar tendo uma reputação escandalosa.

— Não acredito que seja apropriado brincar sobre esse tema.

— Heath diz que tenho que aprender a rir de mim mesma.

— Criei-te para que fosse uma mulher séria e responsável...

— Criou-me para que acreditasse que uma boa esposa tinha que tentar satisfazer a seu marido. — Quando se dirigiu ao armário e tirou duas xícaras e dois pires, precaveu-se de que a ideia de deixar Concord não era nem a metade de desagradável do que tinha acreditado no início. Talvez Heath estivesse certo quando lhe disse que ela não desejava em realidade viver toda sua vida ali.

— Lucy — disse seu pai com o cenho franzido, — fiz tudo o que pude para te educar do modo adequado. Não esperava que deixasse de lado todos seus valores quando casou com esse homem... Não importa como te trate, nem sequer que te afaste do lugar ao que pertence...

— Trata-me muito bem — replicou imediatamente sem mostrar-se surpreendida. Sentiu um forte desejo de defender seu marido. — O faz. E embora me doa partir daqui, estou casada com ele e... isso é tudo. Tenho que estar a seu lado, vá aonde vá. — Lucy soube assim que pronunciou aquelas palavras que não estava falando por falar. Sentia tudo o que havia dito.

Lucas suspirou e sacudiu a cabeça sem afastar a vista dela.

— Custa-me acreditar que vá partir. Sempre acreditei que ficaria em Concord. — Um leve matiz de acusação se filtrou no tom de sua voz ao acrescentar: — Sempre acreditei que você e Daniel...

— Eu também — lhe interrompeu Lucy, e sua mão tremeu ao servir o café. A desaprovação de seu pai jamais deixaria de surpreendê-la. Tinha entendido a traição a Daniel como uma traição a ele, e sentiu que ela tinha atuado contra os valores que ele tinha tentado lhe inculcar. Perguntou-se se sempre ia ser assim. Sim, ao que parecia, nunca esqueceria que tinha embaciado o bom nome e a reputação que ele tanto tinha lutado por estabelecer. — Mas talvez tudo tenha sido para o bem — disse em voz baixa. — Para o bem? Tenta me dizer que em vez de entrar e formar parte da família

Collier e viver em Concord, prefere ter te casado com um... um...? — Não tem sentido seguir pensando nisso. Por que agora lhe desgosta tanto Heath? Seu passado importou a você bem pouco quando tentava me manter longe dele...

— Não te permito que me fale desse modo — disse Lucas assombrado por sua mordacidade. — Casada ou não, não o vou tolerar.

— Sinto muito. — Lucy o olhou nos olhos sem piscar. — Mas não quero escutar nenhuma crítica mais sobre ele.

— Não disse nada em seu contrário.

— Deu a entender que está um degrau abaixo do Daniel... O qual não é certo absolutamente. Não daria nem dois centavos para me encontrar no lugar da Sally, com o Daniel como marido e Abigail como cunhada. Daniel nunca me entendeu, e nunca...

— Isso não importa — respondeu seu pai com a vista cravada na xícara de café. — Parecia evidente que o que teria gostado teria sido ficar em pé e lhe soltar um discurso, mas por alguma razão decidiu não fazê-lo, dizer alguma coisa mais, não faria nenhum bem.

— Não, pai — replicou ela com firmeza. — O fato feito está... E todos temos que aguentar com nossas decisões.

Com a ajuda das Flannery, Lucy organizou tudo em dois dias: empacotou sua roupa e guardou a baixela e os diferentes objetos que converteriam a residência de Beacon Hill em um lar. Deixariam a maioria dos móveis e os venderiam com a casa. Tal como Heath tinha previsto, Lucas a ajudou a empacotar as coisas mais pesadas e deixou a loja nas mãos de um novo empregado com a ideia de acompanhar Lucy pessoalmente a Boston.

Durante as duas noites que Heath não passou com ela, Lucy dormiu em seu lado da cama, enterrando a cabeça no travesseiro de seu marido para cheirar sua masculina fragrância. Surpreendeu-lhe o tanto que sentiu sua falta, mas tentou não pensar nisso para concentrar-se por completo no muito que tinha que fazer. Limpar a pequena casa foi mais difícil do que tinha suposto. Pela primeira vez na vida ia abandonar o lugar que a tinha visto crescer, um povo ao que, apesar de tudo, seguia fortemente ligada.

Encaminhava-se para um novo lar e uma nova vida que parecia estremecedoramente indefinida e indistinta. Quão único tinha claro era que queria estar com Heath onde estivesse. Sem ele, Concord lhe parecia vazio, igual à casa, e passou o escasso tempo livre de que dispôs perguntando-se o que estaria fazendo.

Seu pai alugou uma carruagem fechada nos estábulos do povoado para levá-la à cidade, carregaram todas as caixas em uma carreta e contrataram por um dólar a um dos filhos dos Hosmer para que a levasse atrás deles. Lucy não olhou para trás quando saíram de Concord. Concentrou-se no lenço bordado que levava no colo e com o que, ocasionalmente, enxugava-se as lágrimas. Sentia como se estivesse deixando para trás sua infância, e lhe doía o coração à medida que as rodas rodavam e rodavam afastando-a de tudo aquilo que lhe resultava familiar.

À medida que se aproximavam de Boston, Lucy começou a toquetear seu vestido, pois desejava que nenhuma só fita estivesse desconjurada quando descesse da carruagem. Heath quase sempre fazia alguma referência ao que usava, e como não a tinha visto já fazia dois dias, queria parecer especialmente bonita para ele. A sobresaia era de lã cinza folheada, enfeitada com faixas combinando voltadas para cima para que se visse a saia, de cor mais escura, enquanto as mangas longas se ajustavam a seus pulsos e se enchiam nos ombros. Seu chapéu, do modelo chamado béarnais, era de aba baixa e ia amarrado com uma fita de veludo. A asa de palha combinava com a cor de seu vestido à perfeição e lhe cobria a metade da testa.

Ao olhar pelo guichê quando a carruagem atravessava Boston Common, Lucy teve uma perfeita vista do Beacon Hill, chamada assim pela antiga almenara construída no século XVII para avisar aos primeiros habitantes do lugar em caso de invasão. Certas zonas do Beacon Hill, como a do Louisburg Square, eram o território das «primeiras famílias» de Boston. Boas famílias, às que as pessoas se referiam ocasionalmente como os bostonianos «rançosos», viviam em um mundo à parte dentro de Boston.

Seus sobrenomes — Lodge, Cabot e Peabody, entre outros— eram sinônimos de realeza. Cada uma dessas famílias possuía uma fortuna e uma reputação lavrada nos primeiros anos por parte de algum venerado ancestral. Algumas, como os Forbes ou os Gardner, faziam dinheiro mediante

investimentos em companhias navais ou na ferrovia; enquanto outras, como os Winthrop, os Lowell ou os Redmond, tinham-no conseguido no ramo têxtil ou nos bancos. Contrariamente à opinião dessas primeiras famílias, entretanto, existia outro setor de Boston, igualmente importante, uma classe social que tinha o dinheiro mas não as maneiras das famílias com mais ascendência. Era uma classe formada por empresários, homens de negócios que não paravam de forçar o desenvolvimento da cidade a um ritmo que, de outro modo, não poderia haver-se mantido. Converteram Boston em um centro de desenvolvimento econômico e viajavam a Nova Iorque constantemente para realizar suas elaboradas transações com a energia dos piratas. Seu dinheiro era dinheiro novo, e o gastavam à mãos cheias, montando festas espetaculares, enchendo os teatros, frequentando lojas e armazéns, e monopolizando os melhores restaurantes. As primeiras famílias aborreciam a notoriedade, mas os empresários a adoravam. Mostravam sem timidez alguma o orgulho que sentiam por tudo o que tinham obtido. Eram homens afáveis, prósperos e, ocasionalmente, vulgares, e tinham sabor de ciência certa que muito poucas coisas não estavam ao alcance de seu dinheiro. Frequentemente, os Forbes, os Redmond e o resto das famílias casavam a suas filhas e filhos com os vastagos de ditos empresários, vinculando assim sobrenomes de renome com impressionantes fortunas.

Lucy pensou, ao passar frente às fachadas daquelas casas que se estendiam entre o Louisburg Square e o Vernon Agradada, que tinha se casado com um desses empresários. Que estranha combinação formavam, um liberal veterano de guerra nascido na Virginia e uma conservadora que mal tinha saído de Concord. E também resultava bem estranha a combinação de Heath e Damon Redmond como sócios. Como tinha podido Heath relacionar-se com aquele próspero bostoniano?

A carruagem se deteve frente a uma grande casa com o telhado inclinado e jardim rodeado por uma elaborada grade de ferro. Era muito maior do que tinha imaginado, duas vezes maior que a casa de Concord. Lucy a observou aniquilada enquanto seu pai a ajudava a descer da carruagem. Custava-lhe acreditar que fosse viver ali. Heath não lhe tinha falado de nada semelhante.

Inclusive seu pai não podia esconder que estava impressionado.

— Olhe — disse pisando com a ponta do pé a calçada pavimentada. Frente à casa, os ladrilhos tinham sido colocadas formando uma forma curiosa - Isto sianinha é o que se conhece como «calçada de gente rica». — Olhou Lucy fazendo cálculos, e a sua filha quase resultou possível ver como os números dançavam em sua cabeça. — Ao que parece, tinha um par de surpresas guardadas na cartola. Que tipo de investimentos esteve fazendo? — Algo relativo à ferrovia — respondeu Lucy colocando uma de suas mechas de cabelo atrás da orelha e limpando a ponta do nariz com o lenço. — Pelo modo como me olha suponho que te pergunta se eu sabia algo sobre seu dinheiro antes de nos casar, e a resposta é não.

— Não estava pensando nisso — respondeu seu pai um tanto contrariado. — Bem — disse ela. — Me aborreceria pensar que me ache capaz de lhe haver preparado uma armadilha porque tinha um pouco mais de dinheiro que Daniel...

— Muito mais dinheiro que Daniel.

— Sim... Bom...

— Senhor Caldwell? — disse uma voz a costas de Lucas. Era o filho dos Hosmer, que tinha parado a carroça atrás da carruagem. — Começo já a descarregar?

— Onde está seu marido? — perguntou Lucas a sua filha, e sem esperar a que respondesse, acrescentou: — Deveria estar aqui fora.

— Seguro que está ocupado. Entrarei na casa e o encontrarei — respondeu imediatamente Lucy, e subiu apressadamente os degraus enquanto seu pai e o moço decidiam as caixas em primeiro lugar.

A casa era espetacular, inclusive em seu estado atual. Aqui e ali havia uns poucos e elegantes móveis de madeira de nogueira importada, muitos dos quais teriam que voltar a ser envernizados. O chão de madeira parecia pedir a gritos que o polisse, mas não mostrava sinais de rachaduras, e os altos tetos estavam adornados com brilhantes candelabros. As enormes janelas deixavam entrar a luz à vontade. Lucy pôde imaginar embelezadas com cortinas de rendas. Havia lustrosas chaminés de mármore e paredes vazias que reclamavam por um ou outro quadro. Além disso, tudo necessitava uma boa limpeza, mas sem dúvida ia ser uma bela casa. Apaixonou-se por ela imediatamente.



Ao percorrer as primeiras salas do piso baixo, viu vários homens trabalhando afanosamente para retirar os velhos brocados das paredes, substituindo azulejos rachados, tomando medidas, subindo por escadas, e brandindo martelos. Mas não havia sinal algum de Heath, e se deteve frente a uma das portas o tempo suficiente para chamar a atenção de um dos trabalhadores.

— Deseja algo, senhora? — perguntou-lhe tirando o chapéu enquanto se aproximava dela.

— Sou a senhora Rayne — afirmou com um sorriso. — Estou procurando a meu marido. Sabe por acaso onde está?

— Sim, senhora Rayne. — Assinalou respeitosamente para a escada que levava ao piso superior.

Dali lhe chegou um forte som como se alguém raspasse algo. Lucy foi investigar, entrou no quarto do qual provinha o som e sorriu ao ver seu marido. Sem ser consciente de que estava ali, Lucy observou como Heath e um homem robusto erguiam uma pesada e maciça gaveta e a separava de um dos cantos. Pôde ver os poderosos músculos das costas e dos ombros de Heath através da fina camisa branca que vestia, enquanto as apertadas calças se amoldavam a suas nádegas e a suas coxas. Às vezes, o pulso de Lucy se acelerava ao comprovar quão bonito era. Ao olhá-lo, Lucy era consciente de certo sentido de apreciação feminina, possivelmente inclusive com satisfação. Em certas ocasiões, podia resultar insuportável, mas havia alguns detalhes de sua pessoa que não teria mudado por nada no mundo. E de todas as mulheres que o tinham desejado no passado — e das que o desejariam no futuro, — ela era quão única tinha o direito exclusivo a estar com ele. Respirando sonoramente, os dois homens deixaram o móvel no chão no meio do quarto; olharam-no com desgosto.

— Agora entendo por que o deixaram aqui — assinalou Heath arregaçando de novo a camisa.

— É muito pesado para você? — perguntou o outro homem.

— Muito feio.

— Necessitaremos outro par de mãos se formos ter que baixá-lo ao piso inferior, percorrer o hall de entrada e levá-lo a rua.

— Seria mais fácil levá-lo até a janela e deixá-lo cair — replicou Heath, o que fez com que o outro homem gargalhasse.

— Na calçada da frente, não — disse Lucy com um sorriso, e Heath se voltou para olhá-la com seus olhos cor turquesa durante um segundo.

Produziu-se um repentino silêncio.

— Já está aqui.

— Cheguei um pouco cedo.

Heath afastou o olhar e o dirigiu ao homem que tinha ao lado.

— Senhor Flannigan... minha esposa, a senhora Rayne.

Depois de lhe dedicar um amistoso gesto com a cabeça, Flannigan esclareceu garganta.

— Eu... né... vou ver o que estão fazendo os meninos na parte de baixo. Assim que saiu do quarto, Lucy caminhou para Heath nervosa, perguntando-se por que a olhava com tanta intensidade.

— Há um montão de homens na casa... — começou a dizer.

— Acabarão depois de amanhã. Terei que fazer algumas reparações.

— Por isso pude ver, a casa é encantadora.

— Não temos ainda muitos móveis. Apenas uma cama, algumas mesas e umas poucas cadeiras... — disse olhando para a gaveta. — E esta...

— Monstruosidade?

— Isso sendo amáveis.

— Aberração? — propôs aproximando um passo mais.

— Isso está melhor.

Seria inapropriado beijá-lo antes de que ele o fizesse? Decidiu que não. Colocou as mãos em seu peito impulsivamente e lhe beijou na barbeada bochecha.

— Como foram as coisas estes últimos dois dias? Estiveste muito ocupado? — perguntou-lhe. Ele a rodeou a cintura com os braços sem pensá-lo sequer. Era a primeira vez que ela se aproximava sem ter sofrido nenhum tipo de coação.

Ao olhá-la inclinando a cabeça, a lembrança de suas próprias palavras se interpôs naquele agradável ritual.

«vais te comportar como a senhora Rayne ante mim e ante outros...» Heath lamentava aquelas palavras mais que qualquer outra coisa que já tivesse feito. Sabia que ela as tinha tão pressente como ele. Mas ao olhar aqueles olhos cor avelã, não viu outra coisa que doce ingenuidade. Lhe teria gostado de acreditar no que via. A que estava jogando Lucy? Ao que parecia, limitava-se a fazer o que lhe tinha pedido que fizesse.

«vais te comportar como a senhora Rayne ante mim...» Franziu o cenho, inclinou a cabeça e procurou seus lábios com raiva, tentando alcançar o mais profundo de sua boca com a língua para estar absolutamente seguro de que a resposta de Lucy era genuína. Uma mágica doçura cresceu entre ambos, mais embriagadora que o vinho, e Heath afrouxou a tensão ao sentir que Lucy se relaxava entre seus braços. Tinha o rosto avermelhado, os olhos aturdidos e os lábios entreabertos.

— Me... meu pai está lá embaixo... — disse — com a baixela e as caixas, e... a carroça...

— Pode esperar cinco minutos mais.

— Mas...

— Não vai a nenhuma parte. — Heath passou a cabeça por debaixo da asa do chapéu e a beijou de novo. Lucy deslizou as mãos por sua cintura e as levou às costas de seu marido, amoldando cada centímetro de seu corpo ao dele, lhe respondendo com a mesma paixão até que Heath grunhiu. — É tão estupendo te abraçar — murmurou colocando as mãos a ambos os lados de seu rosto e lhe roubando alguns beijos de seus lábios. — Maldita seja. Teremos que esperar um bom momento até ter um pouco de privacidade. Quando seu pai se for e todos os outros também, teremos que ir a um jantar...

— Poderíamos nos esquecer desse jantar.

— Senhora Rayne... — disse arrastando as palavras, e ela ficou vermelha como um tomate ao apreciar o malicioso sorriso de seu marido. — Oxalá pudéssemos. Mas disse ao Damon que teríamos que comer fora de casa durante nos próximos dias até que contratássemos o serviço, e ele insistiu em que jantássemos com ele esta noite no Parker House.

Lucy suspirou com força, demonstrando seu pesar pela longa noite que lhes esperava. Passariam horas e horas antes de que pudessem estar juntos, a sós, e soube nesse momento o muito que desejava estar a sós com ele. Estava ansiosa por descobrir o longe que ia levá-la esse novo começo. — Temos que ir — disse lhe golpeando delicadamente com a ponta de um dedo no queixo; brilhavam lhe os olhos. — Mas depois te compensarei. Doute minha palavra.

— Sua palavra de cavalheiro?

— É obvio.

— Prefiro algo mais confiável — respondeu ela com um olhar sedutor que fez com que ele sorrisse.

— Depois — murmurou, e a deixou ir à contra gosto.

Damon Redmond era mais ou menos como Lucy tinha esperado que fosse. Dedicou-lhe um primeiro olhar quando lhes estavam conduzindo, a ela e ao Heath, a uma discreta mesa muito bem colocada do salão de Parker House. Este era o lugar de reunião para gente com meios e influência, um dos escassos lugares de todo o país que servia à carta a qualquer hora do dia, sob a premissa de que seus clientes tinham direito a comer o que quisessem a horas que se separavam dos horários normais.

Damon tomou a mão, a levou aos lábios em um gesto ao que parecia estar acostumado e realizou todos os cumprimentos de hábito. A arrogante e trabalhada confiança em si mesmo que mostrava, cuidadosamente estabelecida ao longo de muitas gerações de Redmond, teria resultado evidente embora tivesse ido vestido como um mendigo. Vestido, igual a Heath, com um traje a medida, uns imaculados e brilhantes sapatos e uma estreita gravata, possuía um inegável glamour que destacava respeito ao encanto de Heath. Era alto. — uns quatro ou cinco centímetros mais baixo que Heath — e seu cabelo negro, assim como suas duras feições, contribuía-lhe um aspecto distante embora atrativo. Quando sorria, resultava duplamente atrativo, mas durante todo o jantar seus sorrisos não pareciam alcançar a seus olhos negros. Embora fazia ornamento de um agradável senso de humor, havia algo muito calculado em sua maneira de ser, como se não deixasse de sopesar em todo momento, de julgar e de valorar, o qual, segundo a opinião

de Lucy, era uma qualidade um tanto discutível para um companheiro de mesa, mas uma posição muito valiosa como editor de um jornal.

Depois de trocar alguns comentários sobre Boston e pedir os pratos, Damon se voltou para Lucy.

— Espero que ter deixado Concord para estabelecer-se em Boston não lhe tenha suposto um sério contratempo, senhora Rayne.

— Absolutamente. Resultou muito simples, para falar a verdade. — Dedicou um brincalhão sorriso a Heath e acrescentou: — Só espero que sejam capazes de pôr em marcha o Examiner tão rápido como eu vou tentar pôr a casa em ordem.

— Por desgraça, nos vai tomar um pouco de tempo — disse Damon para esclarecer as dúvidas, e deu um gole de sua taça de vinho enquanto olhava com desinteresse para o salão.

Lucy compreendeu que não tinha a mais mínima intenção de discutir com ela sobre questões de negócios ou de falar de nada que tivesse a ver com o jornal. Recordou nesse momento o que lhe havia dito Heath quando foram de caminho a Parker House, que Damon costumava tratar às mulheres como se não tivessem nada na cabeça. Lucy se voltou para Heath e este lhe dedicou um encolhimento de ombros e um olhar que devia dizer «Já lhe disse isso».

— Foi necessário se despedir de muitos dos antigos empregados? — perguntou disposta a prosseguir com o tema do Examiner.

Heath sorriu lentamente antes de responder, consciente de que o que pretendia era provocar Damon.

— Grande parte da equipe editorial. E também tivemos que permitir que se fossem alguns repórteres. Temos que encontrar novos repórteres aos que não lhes assuste correr alguns riscos.

— De onde os vão tirar?

Ao Damon pareceu lhe incomodar a pergunta.

— Daqui e dali? — disse evasivamente.

Heath estava surpreso.

— Não há razão alguma para deixar de lado a minha mulher, Damon. — Olhou Lucy nos olhos; estava espectadora. — Os repórteres, geralmente,

podem-se encontrar nos bastidores das imprensas, Cin. Mas me dá a impressão de que teremos mais sorte se os buscarmos em outros lugares. — Baixou a voz e lhe disse um tom conspirador depois de lhe dá uma piscada. — Se tivermos sorte, poderemos roubar alguns do Journal e do Herald.

— Sério? Mas isso não é pouco ético?

— Muito pouco ético. Mas é barato e menos problemático que formar a novos repórteres. Se já tiverem experiência, poderemos chegar mais longe.

— E o que lhes oferecerão para que deixem os jornais nos que trabalham? Mais dinheiro?

— Isso e umas condições razoáveis de trabalho. E também lhes proporemos algumas provocações.

— Que tipo de provocações?

Damon cortou a conversação.

— É muito longo para explicar, senhora Rayne. Estou seguro de que lhe aborreceria.

— Ao contrário, senhor Redmond. — Olhou-o diretamente a seus negros olhos. — Estou interessada em todo o relacionado com os negócios de meu marido...

— Um interesse — acrescentou Heath com secura— que eu, pelo que parece, não limitei absolutamente.

— E a respeito dos repórteres... — disse Lucy a Heath, que sorriu passando em suas diretas perguntas.

— O primeiro que vamos fazer é proibir essa ridícula prosa tão elaborada que alguém resolveu pôr na moda. Não quero que nada seja de última hora... Minha intenção é conseguir que o leitor médio possa entender tudo. E, geralmente, os repórteres não são o bastante céticos. Tomam notas do que ouvem e veem sem fazer perguntas, sem aprofundar nem analisar. Há montões de leitores que não podem interpretar o que leem, e parte da responsabilidade do jornal é lhes ajudar a entender as notícias. — Mas como sabe que sua forma das interpretar é a correta?

— Bom, isso sempre será questão de opinião. Em teoria, supõe-se que vamos ser objetivos e imparciais, mas muito poucos jornais o são. O

Examiner vai sentar umas novas bases a respeito. E, sem dúvida, teremos um fulgurante êxito ou iremos à bancarrota em questão de semanas.

Lucy se pôs-se a rir.

— Que otimista. É minha primeira noite em Boston e já está me advertindo sobre uma possível bancarrota. — Olhou para Damon. — Está de acordo com essa política, senhor Redmond?

Ele assentiu brevemente.

— Enquanto seja rentável editar um jornal para a massa de gente comum. — Estou segura de que a massa lhes estará agradecida — replicou ela, talvez com excessiva doçura, e depois fechou a boca ao notar que Heath lhe golpeava o pé por debaixo da mesa.

## Capítulo 8

— Que esnobe esse Damon Redmond! — exclamou Lucy enquanto subia à cama e cruzava os braços sobre seu peito com uma careta. — Me surpreende que não me obrigasse a lhe pedir permissão cada vez que queria falar! A sério acha que vai ser capaz de trabalhar com ele? Vai irritar a todos os empregados em menos de uma semana com essa insofrível atitude... — Comportara-se com eles do mesmo modo que eu. — Heath baixou a luz do abajur e desabotoou sua camisa. — Serei capaz de trabalhar com ele. Tem suas coisas boas...

— Como quais?

— Damon tem a cabeça muito boa e sabe manter o sangue-frio em caso de emergência. Seus editoriais são justo o que necessito para o jornal: claros, analíticos e capazes de fazer pensar. E para te ser franco, tem um círculo de amigos e conhecidos que nos resultarão úteis cedo ou tarde.

— E por que ele se colocou nisto? É um Redmond, não acredito que necessite de dinheiro.

— Não desconfia. — Heath tirou a camisa e se sentou na beira da cama para tirar as botas. Seu peso fez com que o lençol se atesse aos quadris de Lucy, lhe provocando um calafrio, devido em parte a meia luz do quarto e a confortável presença de um homem a seu lado. — A verdadeira razão para embarcar-se nisto é que tanto ele como sua família, conforme me comentou, estão atravessando um momento delicado a nível financeiro. Se o jornal não se converter em uma consistente fonte de dinheiro, os Redmond não disporão de ganhos suficientes para seguir mantendo seu nível de vida em Boston. Não sabe muita gente, assim...

— Não o direi a ninguém, por certo. — Pensativa, Lucy puxou a manga de sua camisola. — Suponho que se não fosse tão arrogante, sentiria um pouco de lástima por ele. Toda sua família depende do Damon para salvar sua fortuna? Deve ser difícil aguentar esse peso. — Olhou a seu marido com um ar peralta e estalou a língua. — E pensar que... seu êxito ou seu fracasso



depende por completo de um sudista radical e suas loucas ideias sobre o jornalismo...

— Vais pagar por suas palavras, mocinha!

De repente, Lucy se deitou e se retorceu e começou a rir enquanto ele tentava cobrar sua vingança por debaixo do lençol.

— Não, não! Não posso suportar as cócegas! — disse rindo e protestando.  
— Heath... se não deixar de fazê-lo...

— O que? — perguntou rodando até colocar-se de lado sem deixar de sorrir.

Seu sorriso era precioso. Ela conteve o fôlego ao olhar seus quentes olhos azuis e depois deixou escapar uma gargalhada.

— Também te farei cócegas.

— Eu não tenho cócegas.

— Certeza que sim! — Roçou tentativamente com os dedos sua pele bronzeada justo por debaixo das costelas. Não se alterou.

— Vê? Me endureceu a pele com tantas cicatrizes. Agora já não tenho cócegas.

O rosto de Lucy variou de expressão.

— É isso certo?

Ele riu docemente.

— Não, querida. Estava brincando. Não tinha cócegas desde antes da guerra.

— Eu não gosto de brincar com isso.

Observou as marcas que tinham deixado as batalhas e os combates em sua pele. Eram feridas velhas, era muito tarde para poder as aliviar. Pensar em Heath ferido, sangrando, fez que lhe desse um salto o estômago e lhe doesse o coração. Olhou-o dubia, valorando as cicatrizes, e se deu conta de que não eram tantas como tinha acreditado em um princípio. Havia uma fina cicatriz que nascia em seu pescoço e lhe percorria toda a clavícula, e outras muito mais pequenas no peito, assim como uma linha que se estendia a um lado de seu abdômen até desaparecer debaixo de suas calças. Muito devagar, Lucy se

inclinou sobre ele e lhe tocou o ombro, roçou primeiro a marca de uma bala, e depois tocou com as pontas dos dedos a cicatriz da clavícula.

Sua pequena e pálida mão se destacava sobre o tom bronzeado de seu torso.

— Por que tem tantas? — perguntou.

Heath permaneceu imóvel enquanto lhe reconhecia, observando com os olhos meio fechados as marcas de seu abdômen.

— Isso é o que acontece quando um homem é enviado ao campo de batalha, querida. Todos tentam... — deteve-se ao notar que estava lhe desabotoando as calças, e quando prosseguiu, sua voz era um pouco menos firme. — Todos tentam te deixar feito um coador. Cinda, que demônios está...? OH, Deus, isto...

— Bom, sei que terá que contar com algumas feridas — disse inclinándose para ele e beijando a base de seu pescoço. Lambeu com a língua o oco que se formava nesse ponto, enquanto sua mão entrou sob suas calças. Sentiu contra seus lábios como Heath tragava saliva com dificuldade, e também a rápida manifestação crescente de sua masculinidade sob a palma de sua mão. — Mas parece como se você tivesse sido um de seus principais objetivos.

— Eles... eles disparavam no que viam melhor. Eu era o maior por ali... — Sim, o maior — concordou Lucy com recato, ante o que Heath não pôde evitar soltar uma gargalhada, depois a agarrou pelo pulso e afastou sua mão.

— Pequena fantasia de diabo. Esta noite está muito animada, verdade?

— Tentava aliviar a ti e suas feridas...

— Agora já curaram, obrigado, senhora. Alegra-me que não estivesse por ali quando tiveram que curá-las: sua forma de aliviar teria acabado comigo. Quando a guerra estava a ponto de concluir, o mero feito de pensar em uma mulher bonita fazia que os olhos me pusessem em branco.

— Ah... Sentia falta da companhia de todas essas preciosidades da Virginia. — O leve sorriso de Lucy se apagou com um novo pensamento. —

Havia alguma... havia alguma que sentisse falta em especial?

Levou uns segundos antes de responder.

— Nenhuma em especial.

Sua curiosidade cresceu.

— Heath... a respeito das mulheres que conheceu antes de nos casar... alguma vez...?

— Não o recordo.

— O que?

— Não recordo nada delas.

— Ou seja, que não quer me dizer. Mas eu quero saber se...

— Querida, não perca o tempo me perguntando pelas mulheres de meu passado. Um cavalheiro nunca fala dessas coisas com sua esposa.

— Mas você já não é um cavalheiro. Disse-me isso.

— Não vamos falar disso.

— Heath... — disse tratando de lhe enrolar.

— Você faria o mesmo se eu começasse a te fazer perguntas a respeito do que fazia com o Daniel. Teria que dizer que não o recorda...

— Mas eu sim me lembro!

Heath lhe dedicou um olhar zombador, apoiou-se em um cotovelo e a olhou.

— Ah, sim? E o que é o que recorda? Um romântico passeio por Main Street ou um ou outro beijo? Não pôde haver muito mais que isso.

— Bom... — disse-lhe piscando. — Tenho que admiti-lo, ninguém me tinha beijado como você.

Ligeiramente apaziguado, Heath começou a brincar com as fitas da camisola de Lucy.

— Isso é porque quão único tinha conhecido eram ianques de sangue-frio.

— Céus, você gosta de generalizar. Sou ianque, e não tenho o sangue-frio!  
— Isto último o pronunciou imitando perfeitamente seu acento enquanto lhe sorria. — Ou acha que sim?

— Está aprendendo muito rápido, Lucy Rayne.

— Pois suponho que mereço uma desculpa.

— Que me crucifiquem se não for assim.

Durante as seguintes semanas, o início dessa nova vida satisfez as melhores expectativas de Lucy. Ambos tinham seus próprios territórios que conquistar, e ambos puseram mãos à obra com verdadeiro entusiasmo. Os dias eram curtos e ocupados, as noites estavam dominadas pela paixão. Em certo sentido, tudo parecia perfeito.

Mas ainda existiam muros entre os dois, e esses muros cresciam cada dia porque não falavam deles. Estavam sempre aí, indefinidos, ninguém os mencionava, e Lucy acabaria topando-se com algum no momento mais inesperado. Sempre que tentava saber algo mais a respeito da vida de Heath antes da guerra, ele se servia de dúzias de desculpas diferentes para evitar suas perguntas: burlava-se, faziam amor, às vezes inclusive iniciava uma discussão com o fim de mudar de tema. O mesmo ocorria quando fazia perguntas muito pessoais ou problemáticas. Podia lhe dar respostas sem sentido algum ou não lhe responder nada. Doía-lhe compreender que não lhe permitia penetrar no mais profundo de seu coração, compartilhar seus segredos, ou aliviar sua dor. Sim, desfrutava dela, satisfazia-a e a protegia, mas resultava evidente que não queria amá-la.

Lucy não sabia por que, e não havia ninguém que pudesse ajudá-la a compreender Heath.

A modo de autoproteção, Lucy também sentou seus próprios muros. Se não queria compartilhar com ela seu coração, também lhe deixaria fora do dele. Era doce e afetiva, ria e falava com ele, e respondia a sua paixão sexual sem reservas. Mas jamais falava de seus pensamentos mais íntimos ou de seus desejos privados. Nunca lhe permitia aproximar-se tanto.

O amor não existia — não poderia ter existido — para nenhum dos dois. O amor esperava ao outro lado dos muros; apesar de que não o admitiam, temiam-no e não era bem-vindo. Assim, quando estavam juntos às vezes não compartilhavam mais que um vazio. Às vezes o prazer ou o afeto não era suficiente.

Heath tinha deixado nas mãos de Lucy a responsabilidade de decorar e mobiliar a casa, assim como escolher e preparar o serviço. Tinha estabelecido contas a crédito no Jordão, Marsh and Company, C Hovey Company e outros

armazéns, nos quais chegou a ser uma mulher muito conhecida. Depois de ter comprado deslumbrantes quantidades de coisas em cada um desses lugares, não tinha mais que pôr o pé na entrada de um deles para ouvir agradáveis exclamações por parte dos porteiros e de todos os trabalhadores do local. «OH, senhora Rayne, muito bom dia», «Olá, senhora Rayne!», «Senhora Rayne, que agradável surpresa voltar a vê-la tão cedo!» Sim, era toda uma proeza merecer semelhante trato por sua parte em tão curto espaço de tempo, levando em conta as famosas reservas dos vendedores de Boston. Não deixava de surpreender Heath com suas histórias sobre as adulações dos lojistas e os encarregados.

Em muitas ocasiões, as decisões que tinha que tomar tiravam o sonho. Não gostava de gastar o dinheiro porque sim, e jamais tinha tido que cumprir com uma responsabilidade de tal calibre. Escolher um sofá ou uma porcelana da China era uma coisa, mas decorar uma casa inteira era algo diferente. Especialmente quando essa casa era enorme; e o que era pior ainda, desejando que os resultados de seus esforços agradassem a seu marido tanto como a ela mesma. Foi alucinante ter que gastar milhares de dólares em móveis e tapetes, preocupar-se em escolher as cores e os estilos adequados. A casa tinha que ser bastante formal para adaptar-se aos gostos dos conservadores bostonianos que a visitassem, mas Heath tinha deixado claro que não queria viver na típica casa da Nova Inglaterra de ar funerário. Seus gostos eram decididamente modernos. Teria que encontrar um ponto de união entre ambos os estilos, e isso não era fácil. A maior parte do tempo, Lucy caminhava por terreno desconhecido, mas como não havia ninguém a seu redor para criticar seus esforços, começou a confiar em seu próprio gosto e seus próprios instintos.

Os recarregados estilos que tão em moda estavam não lhe agradavam, assim que se inclinou por cores sólidas e desenhos simples. Para os Marcos das janelas, Lucy escolheu painéis de veludo que seriam substituídos ao chegar o bom tempo por leves cortinas de musselina. As franjas de lã cederam seu lugar a borlas suaves, emoldurando os Marcos de entrada de todas as salas. Quando fizesse frio, soltaria-os para evitar que entrasse pó. O salão familiar estava dominado por tons azul e rosa, decorados com cortinas de seda e um exótico brocado chamado *Château sul Mer*. A cor de fundo do brocado era nata pálido, e o desenho era de rosas abertas, folhas verdes e

delicadas orquídeas. As cores da sala de estar eram muito mais brilhantes: azul royal, granada e verde esmeralda, um rico transfonado para os brilhantes móveis de nogueira.

O dormitório era o que mais tempo lhe tinha tomado. Lucy se decidiu por cores como o marfim, o azul escuro e o laranja pálido. A velha cama com dossel estava enfeitada com tapeçarias que combinavam com as cortinas das janelas. Comprou uma seleção de sedas bordadas e outros tecidos para as almofadas. Tomou seu tempo, mas finalmente pôde completar o dormitório com ornamentos feitos a mão para lhe dar um toque mais acolhedor. A estatueta que tinha pertencido a sua mãe ocupava agora um lugar de honra sobre o suporte da chaminé. Quando passeava pela casa, Lucy se sentia tremendamente satisfeita com todos os detalhes. Já lhe parecia um lar; acreditava apreciar a promessa de um futuro em todas aquelas agradáveis salas e a tranquila sensação de boas-vindas que transmitiam.

Prestes a ocupar seu escritório no Examiner, Heath se deu conta de que o caminho que tinha decidido empreender era mais complicado e sinuoso do que tinha imaginado. A maioria dos bostonianos encaravam as novas ideias e os novos estilos com suspicacia, o que significava que Heath devia ter muito clara qual era a linha que separava a inovação do excesso. O que ele considerava liberal outros o entendiam como radicalidade, algo que não demorou para compreender. Aprendeu a confiar no julgamento do Damon.

Damon, com sua inata compreensão do temperamento das pessoas da Nova Inglaterra, estava capacitado para ser criativo e também sabia até onde esticar a corda sem que chegasse a romper-se. Damon conhecia as regras daquele lugar, e seus editoriais eram infalivelmente brilhantes: relevantes, diretos e sensíveis. Era um editor muito hábil a nível técnico, quase infalível. Por desgrça, não tinha muito boa fama entre os empregados do jornal. Necessita-se certo talento para inspirar confiança entre os outros, um talento do qual Damon carecia. Era muito reservado, muito impaciente com a lentidão, muito rígido. Heath sempre tinha acreditado que esses eram traços típicos da arrogância da Nova Inglaterra, mas fosse como fosse, não era algo que Damon compartilhasse por completo com os outros.

Heath, por outra parte, tinha crescido em uma sociedade onde o encanto era tão necessário como o mero feito de respirar, comer ou dormir, e sabia à perfeição como tratar a cada pessoa segundo seu caráter. Era imprescindível que usasse de todas suas artimanhas como jogador para obter que todos os empregados do Examiner realizassem o trabalho que esperava deles. Passou horas e horas falando com seus mais prometedores repórteres, discutindo com eles sua maneira de escrever e de pensar, lhes levando de um ponto a outro quando tinham extraído as conclusões que ele queria que tirassem. Conhecedor do valor da adulação, teve muito cuidado na hora de ser equitativo ao repartir sua aprovação.

As reportagens fortes e precisas iam ser as que contribuiriam o êxito ao Examiner, e uma vez fossem estabelecidos uns sólidos alicerces, começariam a construir sobre eles. Heath tentou acrescentar uma edição dominical ao Examiner e reestruturar o jornal para que a publicidade estivesse nas páginas interiores e não na primeira página. E queria titulares maiores, não de uma ou duas colunas de largura mas sim do dobro; talvez inclusive o triplo. Faria do Examiner um jornal mais vistoso, para que quando estivesse junto ao Herald ou ao Journal fosse o primeiro em chamar a atenção. Passariam meses até que pudessem apreciar os resultados de seu esforço, mas a tiragem ao menos se manteria. Embora as coisas às vezes fossem um pouco suspensórias, graças à influência de Heath foram aprendendo pouco a pouco a trabalhar em equipe. Inclusive Damon, que tinha começado como um cavalo selvagem e independente, começou a suavizar-se.

— Entra — disse Heath ao reconhecer a voz de Damon frente à porta de seu escritório.

Heath ocupava o único escritório privado de todo o piso, pois Damon trabalhava na redação junto ao resto da equipe editorial. Ali, as paredes estavam cobertas de mapas, os cantos cobertos de abarrotadas estantes, e todo mundo se sentava frente a pequenos escritórios de cor verde. Embora o fato de que Damon trabalhasse tão perto de outros tinha o propósito de lhe fazer parecer mais próximo, também servia para que mantivesse à equipe sob controle. Damon gostava de estirar as pernas a cada meia hora, e assim dava uma volta pela sala de composição, a sala editorial, apreciando com seus olhos negros os incontáveis detalhes do trabalho em curso.

— Algo novo que mereça a pena saber? — perguntou-lhe Heath sem erguer a vista do que estava lendo.

— Seguem com os problemas de ratificação da décimo quarta emenda. Também chegou algo sobre o terremoto de São Francisco... Ao que parece, um dos grandes. Ah, e o balde de água do canto da sala editorial tem uma nova amolgadura.

— Já sabe, Damon, que me sentiria melhor se seu sentido da perspectiva não te levasse a mencionar o balde logo após do terremoto.

Damon lhe tratou com atenção com um de seus incomuns sorrisos.

— Sei qual das duas notícias terá consequências imediatas para mim.

— Não depende de mim que seja tão compassivo.

— Certamente, meu temperamento melhoraria se não tivesse que ficar acordado até as três da madrugada muitas noites para levar a edição a imprensa.

— Quando tem uma esposa que te espera em casa, começa a te sentir culpado a respeito desse tipo de coisas.

— Lhe farei saber isso assim que encontre a uma mulher digna de ser minha esposa.

— Estou seguro de que alguma mulher deve estar te esperando em alguma parte — replicou com secura. — Mas também estou seguro de que a encontraria mais rápido se em lugar de te fixar em sua genealogia fosse capaz de apreciar o resto de seus atributos.

— Criaram-me para ter um profundo respeito pelas linhagens. O mau sangue sempre resulta evidente, já sabe.

— Não te ofenda... mas não acredito que no caso de uma mulher importe quem foi seu avô. Não vai ser com ele com o que te deite de noite.

— Suponho que não — replicou Damon sem convicção.

Heath mudou de tema sem prévio aviso.

Do que queria falar?

— Transportes. Só temos uma carruagem estacionada lá fora para que os repórteres possam usá-lo em caso de necessidade. A maioria do tempo é



Ransom que o utiliza para cobrir a informação do departamento de polícia, o que significa que quando os outros o necessitam, não está disponível. Havemos-lhes dito que saiam por aí em busca de notícias, que estejam ali em lugar de esperar a que o contem, mas se não poderem chegar ao sucesso caminhando, não podemos... — Entendo-o. Compraremos outra.

— Uma coisa mais — disse Damon. — Várias pessoas, que prefiro não nomear, falaram-me de algo que têm em todos os jornais... menos no Examiner.

— E que demônios é isso?

— Um porteiro.

— Um porteiro? — repetiu Heath incrédulo.

— Para receber os cartões dos visitantes.

— Por todos os Santos!

— É uma questão de prestígio...

— Diga a essas pessoas — disse Heath com uma irônica doçura— que teremos um porteiro quando editarmos um jornal que valha para algo mais que para levar-lhe à privada.

Lucy tinha seus próprios problemas com os que lutar. Estava no corredor quando começaram a chegar os móveis e desdobrarem os cilindros de papel nas paredes, e não deixou de dar voltas enquanto a enchiam de perguntas.

— Senhora Rayne, onde temos que colocar esta mesa?

— Senhora Rayne, este papel vai na primeira sala do segundo piso, ou na segunda sala do primeiro piso?

— Senhora Rayne, lamento incomodá-la, mas quer que o sofá vá apoiado na parede ou no centro da estadia?

— Um momento! — gritou Lucy levantando as mãos para detê-los. Respirou fundo, olhou-os nos rostos e disse apressadamente: — Essa mesa vai entre as duas cadeiras estofadas de veludo no salão. O papel: primeira sala, segundo piso. Sofá contra a parede. Os adornos teriam que ser cor nata. Assim que o grupo se dispersou, apareceram mais dois homens carregados

com pacotes. — Senhora Rayne... — Senhora Rayne... - Se alguém mais pronunciasse seu nome, poria-se a gritar!

— Senhor Rayne, quer algo?

— Sim — disse Heath deixando sua pluma sobre a mesa e descansando os antebraços. — Sente-se, Bartlett.

— Sim, senhor.

— Recorda a discussão que mantivemos a respeito de realizar entrevistas pessoais? — Sim, senhor.

— Trata-se de algo novo neste negócio e ninguém as faz realmente bem; exceto o Sun de Chicago e, talvez, o Tribune de Nova Iorque. Mas as entrevistas vão converter-se em algo fundamental para o Examiner, Bartlett.

Às pessoas gostam de ler sobre outra gente.

— Lembro que me disse...

— E quando você as realiza, seu trabalho resulta o bastante... satisfatório. Por isso lhe encarreguei que entreviste o prefeito Shurtleff.

O jovem se moveu incômodo em seu assento ao sentir a ferocidade do olhar de Heath. Seguia desenvolvendo seu particular estilo executivo, uma combinação desse olhar e outro um pouco mais suave, e além disso tinha comprovado que erguendo a voz reduzia imediatamente qualquer queixa dos repórteres mais aventureiros.

— Senhor, eu gostaria de lhe dizer que...

— O que talvez não lembre, Bartlett, é outra coisa que também lhe disse.

— A que se refere?

— Às pessoas não gostam de ler notícias velhas. — Heath se deteve e deu uma palmada sobre a mesa para criar um efeito, provocando que Bartlett saltasse de sua cadeira. Heath não duvidava na hora de ficar um pouco teatral para chegar aonde queria. — Maldita seja, todo mundo sabe que Shurtleff foi a Harvard. Todo mundo sabe que abriu várias ruas por aqui e por ali. Todo mundo sabe que pertence a quase todas as sociedades históricas do estado. Que sentido tem, maldita seja, escrever sobre isso? Depois de ler a entrevista que me entregou, fica claro que não lhe perguntou por que dedica mais tempo

à história que a criar um departamento de bombeiros decente. Por que não faz algo com os parques públicos? O que opina da ata Morrill Tariff e o que tem feito com os pobres? O que opina da atitude dos bostonianos em relação à legislação de Reconstrução? Não lhe fez essas perguntas!

— Mas, senhor... Havia outras pessoas presentes na sala.

E o que tem isso a ver — perguntou Heath perdendo a paciência— com o que acabo de dizer?

— Um cavalheiro não faria com que outro cavalheiro se sentisse incômodo em público.

— Bartlett — grunhiu. — Deus bendito! Seu trabalho consiste nisso. É que não o entende...? Não, é óbvio que não. — Suspirou, repensou durante uns segundos, e depois voltou a olhar ao amedrontado repórter. — De acordo. Isto sim o entenderá. Volte para ver Shurtleff e lhe diga que há um par de questões que quer esclarecer...

— Mas...

— Se for necessário, lhe recorde que quão último precisa é publicidade negativa. E quando falar com ele, lhe pergunte sobre o departamento de polícia, ou sobre a ata Tariff, ou sobre qualquer tema igualmente controvertido. Se não retornar com uma resposta para alguma dessas incômodas perguntas, só uma, baixarei-lhe o salário em dez por cento. Ficou claro?

— Sim, senhor!

— Agora, vá. E por esse dez por cento, será melhor que faça essas malditas perguntas.

Agora que a casa já estava virtualmente arrumada e tinha contratado todo o serviço, que incluía um chofer, um cozinheiro, dois criadas e um mordomo, Lucy dispunha de um montão de horas livres. Em uma de suas expedições de compra tinha conhecido uma mulher que a convidou a uma conferência com aperitivos, organizada pelo clube Mulheres da Nova Inglaterra. Desfrutou tanto nesse encontro que começou a ir a outras reuniões e bate-papos sociais. OH, que diferentes eram das reuniões de clubes às quais tinha assistido em Concord! A moda, os escândalos populares ou os assuntos amorosos jamais

eram tratados nos salões de Boston. Ali, as mulheres falavam de literatura e política, escutavam as conferências que davam as figuras sociais e os educadores e discutiam — com muita educação, por certo— sobre os acertos, os erros e as mudanças que suportaria o futuro. Lucy escutava sempre com total atenção, entusiasmada tanto por um debate entre dois professores de Harvard como pelo monólogo de algum estadista estrangeiro, que não parava de falar enquanto todos comiam bolo e bebiam chá em xícaras tão delicadas como conchas marinhas.

Sedenta de conhecimento, Lucy adorou comprovar que podia surpreender às vezes a seu marido com suas ideias em relação aos assuntos em tema nesse momento tanto em seu jornal como em outros.

De vez em quando, Heath convidava Damon para jantar com eles, geralmente em dias que tinham trabalhado até muito tarde. Depois da primeira ocasião em que Heath apareceu com o inesperado convidado, Lucy falou com seu marido e lhe disse que não gostava que não avisasse com antecipação e, além disso, disse-lhe que não lhe agradava especialmente a companhia de Damon Redmond. Heath replicou lhe explicando que Damon não tinha esposa que cuidasse dele, e que desde que tinha deixado de jantar com sua família, comia algo e, além disso, tinha que fazê-lo sozinho. Isso fez com que Lucy sentisse um pouco de lástima pelo Damon, e um pouco de culpa por não querê-lo ali, por isso, a partir de então, esforçou-se por mostrar-se hospitalar com ele.

As ocasionais janta com o Damon foram muito mais agradáveis que a primeira que compartilharam no Parker House. Damon se acostumou a desinibição que Lucy mostrava com seu marido e a seu sincero interesse pelo jornal, por isso aprendeu a desfrutar de suas discussões com Heath. Lhe relatando retalhos de notícias que a deixavam com a boca aberta, Damon a fazia rir com seu cortante humor. Começou a mostrar-se mais relaxado a seu lado, menos cauteloso e mais generoso com seus sorrisos. Assim, às vezes, quando Lucy contava a Heath algo que tinha ouvido em uma conferência a que tinha participado ou algum acontecimento relacionado com seus clubes, se jogasse um olhar a Damon descobria que ele a olhava com total concentração. Para Lucy, Damon era um mistério. Apesar de seu impressionante legado e seu distinto sobrenome, parecia não ter lar nem família; estava sozinho, tal como o tinha estado Heath antes de casar-se com

ela. E ao ser consciente disso, Lucy lhe ofereceu sua tímida simpatia, o que conseguiu lhe abrandar um pouco mais em seu trato com ela.

Foi graças à influência de Damon — apesar de que ele não disse nada nem aceitou o agradecimento de Lucy— que convidaram a ela e Heath a um dos jantares com dança para celebrar a eleição do novo delegado da cidade. Oficialmente, semelhante evento requeria de um ano de estabelecimento em Boston, por isso um convite tão exclusivo não teria incluído dois recém chegados. Uma noite, Damon se apresentou para jantar com dois dos desejados convites no bolso, e os entregou a Lucy assim que se sentaram à mesa.

OH, senhor Redmond! — exclamou Lucy radiante sem afastar os olhos dos convites. — Que amável de sua parte... que considerado e... Bom, não sabia que fossem transferíveis! Como conseguiu que...?

— Fiz por puro egoísmo — admitiu Damon encolhendo os ombros. — Tenho a suficiente experiência com este tipo de eventos para saber quando um deles tem pinta de ser uma autêntica chatice. Fiz para que vocês aliviem meu aborrecimento.

Lucy olhou para Heath com um sorriso e lhe passou os convites. — Devemos aceitar o presente embora ele admita havê-lo feito com segundas intenções? — perguntou, e Heath lhe piscou enquanto respondia: — Eu não sei você, querida, mas eu penso fazer caso do ditado: a cavalo dado...

Com o fim de ter tempo suficiente para se vestir e arrumar o cabelo para o jantar com baile, Lucy não tinha ido à conferência semanal que assistia todas as sextas-feiras. Com a ajuda de uma das criadas, lavou o cabelo e o esclareceu com água e limão. Necessitou muitos alfinetes, e deixou escapar mais de uma maldição, para arrumar aquelas sedosas mechas na moda, recolhendo-o em um cacho de cabelo sobre a testa e deixando soltos os longos cachos atrás. Seu vestido era uma elaborada criação de brocado negro de cetim bordado com folhas douradas e folheadas. A saia estava envolta com uma renda de quarenta e cinco centímetros que ia roçando o chão, enquanto o corpete era baixo e redondo e revelava a perfeita curvatura de seu busto e parte dos ombros. A cintura, especialmente estreita graças a forte pressão, ficava acentuada por uma ampla faixa bordada, enquanto o tecido da saia se

atava a seus quadris. Quando Lucy se olhou no espelho, suavizou o gesto de suas sobrancelhas com a ponta umedecida do dedo e mordeu os lábios para avermelhá-los.

— Quieta. Eu me ocuparei disso — lhe chegou a voz de Heath da porta do quarto, e ela se voltou para lhe sorrir. Estava arrebatador com seu traje formal em branco e negro, que enfatizava a cor azul esverdeada de seus olhos e o loiro escuro de seu cabelo. — Do que te ocupará?— perguntou.

Em resposta, aproximou-se dela, cobriu seus ombros nus com as mãos e se inclinou para beijá-la, com tanta força que se viu obrigada a separar os lábios. Acariciou-lhe os lábios com a ponta da língua, encontrou o ponto mais sensível e seguiu roçando-o até que Lucy se separou dele rindo e tossindo.

— Heath! Se necessitasse sua-sua ajuda, lhe teria pedido isso. — voltou-se para o espelho imediatamente, culpando-se em silêncio por permitir que ele a agitasse com tanta facilidade. Tinha as bochechas vermelhas e os lábios suaves e turgentes.

— Acreditei que queria um pouco de cor em sua cara.

— E assim era! Mas não quero que pareça que acabo de me levantar da cama contigo.

Ele se pôs-se a rir e se aproximou para pousar as mãos em sua cintura.

— Se tivéssemos tempo...

— Sim, já sei — disse Lucy livrando-se de suas mãos e estirando-se em busca dos pós de maquiagem sobre o penteadeira. — Agora me deixe em paz cinco minutos mais para que possa acabar.

Com burlesca obediência, Heath se sentou indolente na minúscula cadeira que havia a um lado para observar todos seus movimentos.

— Não tem nada para fazer? — perguntou-lhe Lucy. — Aí sentado parece um gato preguiçoso. — Ao ver que não respondia, empoeirou levemente o nariz e o olhou de soslaio. — Está muito bonito — disse com a voz um pouco mais suave. Ele esboçou um sorriso, ficou em pé e caminhou até a janela como se lhe incomodasse seu escrutínio.

Tão elegante e lustroso e perfeito, pensou Lucy lhe jogando uma última olhada antes de voltar-se de novo para o espelho. Mas justo quando pensava

que era muito bonito para ser real, sua cicatriz da têtpora lhe recordou que apesar de parecer um anjo, não era nem um pouco perfeito. Aquela cicatriz era uma marca que lhe recordava que tinha sido ferido de um modo impossível de detectar. Heath tinha desenvolvido um sistema de defesa impenetrável para proteger-se, e não se desprendeiu ainda dele, apesar de não lhe ser necessário. De vez em quando, sentia que estava separado dela inclusive nos momentos mais íntimos. Se confiasse nela o suficiente para lhe deixar ver que era vulnerável... Se fosse capaz de lhe mostrar que a queria para algo mais que para divertir-se ou obter prazer sexual...

Talvez alguém poderia haver dito que eram o matrimônio perfeito. Lucy sabia que muita gente devia lhes invejar pela amizade e a paixão que compartilhavam. Também havia liberdade em sua relação, uma vontade de permitir um ao outro crescer, e um bom punhado de sinceridade. E então,

por que lhe preocupava aquele crescente sentimento de insatisfação que não parecia ter intenção de diminuir?

Porque se preocupava com ele, até o ponto que lhe atemorizava admitir quanto, inclusive a si mesmo.

Depois de colocar uns compridos brincos de ônix que penduravam até meio caminho de seus ombros e golpeavam contra seu pescoço ao balançarse, Lucy deixou escapar um suspiro.

— Já podemos ir.

— Cinda... — Heath a olhou com seriedade. Caminhou para ela muito devagar e o pulso de Lucy acelerou ao apreciar o nervosismo em sua voz. — antes de ir, há algo que quero esclarecer. Pensei nisso faz umas semanas e... É algo que deveria ter feito justo depois de nos casar.

— Não posso imaginar do que me está falando — disse com um forçado sorriso.

— Suponho que o que deveria é me desculpar por havê-lo deixado de lhe dizer... — A voz de Heath se apagou enquanto se olhavam nos olhos.

— O que? — sussurrou ela.

Silêncio. O silêncio se estendeu durante uns longos segundos.

Heath percorreu com a ponta do polegar a linha que desenhava o queixo de Lucy; roçou-lhe o pescoço com os nódulos. O que era o que tentava lhe dizer com aquela terna carícia? Seguiam olhando-se fixamente e lhe beijou a palma da mão, e a suavidade de sua pele barbeada lhe provocou um calafrio. Não seja terno comigo..., quis gritar. Não tenho defesa possível contra sua ternura.

Algo frio e suave se deslizou sobre seu dedo, rodeando-o à altura do nódulo para chegar finalmente à base. Lucy olhou a mão, ainda escondida entre as de seu marido, e viu o brilho de um enorme e brilhante diamante. Um anel de compromisso. Um símbolo de algo que jamais tinham fingido sentir um pelo outro.

— Não... — tentou dizer, mas ficou sem voz. — Não tinha por que...

— Deveria haver lhe dado faz isso muito tempo...

— Mas se nem sequer o tinha tido em...

— Sei que nosso compromisso foi muito curto, e que não houve tempo...

— Heath... Não sei o que...

— Você gosta?

— Sim, claro...

— Se preferir algo diferente, podemos...

— Não. É precioso. É que... — Seus olhos brilharam com mais força que o diamante. Não ia lhe perguntar por que tinha pensado nisso, ou por que tinha tido que dar-lhe nesse preciso momento, pois temia que sua resposta não fosse a que ela desejava. — O-obrigado. — Caiu-lhe uma lágrima pela bochecha, mas ele a deteve antes de que chegasse a seus lábios.

— Não pretendia te fazer chorar — murmurou ele.

— E o que acha que ia fazer? — perguntou-lhe entre risadas e tosses, procurando um lenço no bolso de seu casaco. Mas antes que pudesse secar os olhos, suas bocas se uniram em um beijo de desconcertante desespero. Sua chorosa confusão desapareceu imediatamente, desintegrada pelo insistente fogo daquele beijo. Um desejo carregado e ardente abriu caminho por todo seu corpo. Heath se inclinou mais sobre ela e a apertou contra si com força.



Algo quente e terno tinha germinado em seu interior, transpassando capa atrás de capa e deixando-a aberta e dolorosamente vulnerável.

Quando afastou a boca de Lucy e jogou para trás a cabeça alguns centímetros, viu que caía uma mecha de cabelo pela testa de Heath, e ela o recolheu para trás com dedos trêmulos.

— Heath — sussurrou, consumida pela profunda cor azul de seus olhos. Não pôde acabar o que queria dizer. Olhou-o em silêncio e apreciou o matiz de pergunta que refletiam seus olhos. Ahh, pela primeira vez, ele não entendia seu silêncio. Deu obrigado por isso.

— Temos que ir — disse sem mover um músculo, e ela assentiu lentamente.

A noite não foi tão aborrecida como tinha prognosticado Damon. Entre os convidados se encontravam os mais eminentes empresários, vendedores, banqueiros e políticos da cidade. O bate-papo durante o jantar se viu reduzido tematicamente devido à presença das mulheres; as autênticas discussões sobre política ou atualidade teriam lugar mais tarde, entre os homens. Mesmo assim, a companhia resultava fascinante. Lucy foi alternando a conversa com a mulher que tinha a sua esquerda e o cavalheiro que tinha a sua direita. Heath estava sentado a certa distância, enquanto Damon e uma mulher loira com um singular ar de sofisticação conversavam justo frente a Lucy. Sim, Damon parecia tão reservado como sempre. Disposta a lhe afastar de seu habitual distanciamento, Lucy lhe fez alguns comentários até que respondeu com o tom amistoso que ela esperava.

Quando começou o baile, Damon lhe pediu a segunda valsa, e disse a Heath que o tinha solicitado como compensação depois de ter passado todo o jantar burlando-se dele.

— É muito bom bailarino — lhe disse Lucy durante a valsa. Ninguém podia se igualar a harmonia de Heath, mas os passos de Damon eram quase perfeitos.

— É uma característica habitual entre os Redmond.

O formal rosto de Damon se transformou em um sorriso enquanto sucumbia à alegria que transmitiam os olhos cor avelã de Lucy. Lucy desejou

que sorrisse mais frequentemente; quando o fazia, se transformava: deixava de ser um homem atrativo para converter-se em um tremendamente bonito.

— Todos aprendemos do mesmo instrutor. Às três últimas gerações dos Redmond nos obrigaram desde meninos a receber aulas do signor Papanti, um conde italiano que montou uma academia de baile na rua Tremont...

— Ouvi falar dele.

— Não me surpreende, tem muito boa reputação.

— Hão-me dito que é muito, muito estrito...

— É. Lembro que sempre que entrava no salão de baile, tínhamos que lhe dedicar uma reverência, enquanto ele permanecia de pé brandindo o arco de um violino, assim... E se não lhe satisfazia nossa maneira de dançar, golpeava-nos no ombro.

Lucy não pôde evitar rir ante sua desagradável expressão.

— Pobre senhor Redmond. Golpeou lhe alguma vez?

— Não deixava de fazê-lo.

— Teria que ter ido dizer a seu pai...

— Meu pai estava a favor da disciplina — disse Damon em voz baixa e sorrindo. — Teria me batido por me queixar.

De repente, Lucy sentiu uma corrente de simpatia por aquele homem, mas não sorriu em resposta, e uma indescritível sensação cruzou os escuros olhos de Damon. O ritmo da valsa se incrementou e as pontas de seus dedos, envoltos em luvas, exerceram uma maior pressão nas costas de Lucy para acomodar-se à rapidez dos novos giros.

— Quem era essa mulher com quem falava na mesa? — perguntou Lucy.

— Alicia Redmond.

— Redmond?

— Uma prima longínqua. Como sou o único solteiro que resta, a família me tem feito saber que uma união entre nós não estaria do todo mal. O que lhe parece a ideia?

— Terrível — disse imediatamente, e sua firmeza fez Damon sorrir.

— Porquê?

— Não acredito que tenha que dizer-lhe Não estou segura de que você aceite de bom grau os comentários pessoais.

— Justamente o contrário. O que acontece é que como ninguém me faz comentários pessoais, nunca tenho a oportunidade de demonstrar quão bem os recebo.

— Bom, então... — Lucy baixou a voz um pouco mais. — Acredito que você necessita outro tipo de mulher. Não parece ser uma pessoa muito entregue. Não preferiria alguém mais alegre? Não parece capaz de lhe fazer sorrir.

— Não, é certo — respondeu Damon pensativamente. — Mas nunca me haviam dito que a alegria fosse uma qualidade imprescindível em uma esposa. E para mim não é importante sorrir se, se trata de cumprir uma obrigação...

— OH, mas isso não é certo! — disse Lucy com franqueza. — Insisto em que deveria casar-se com alguém que fosse natural e alegre, que lhe fizesse rir e que não lhe tivesse...

Damon sorriu.

— O que quer dizer? Que não me tivesse medo?

Lucy avermelhou.

— Não queria dizer...

— Mas quem poderia ter medo de mim? — perguntou em tom zombador.

— Você tem um modo de... olhar às pessoas...

— Um modo que lhes faz sentir medo?

— Não «medo» exatamente... — disse Lucy e se deteve ao comprovar que já não sorria.

— Me diga — disse Damon. Parecia como se estivesse lhe pedindo ajuda, como se conhecesse um segredo que só ela podia lhe comunicar. Enfeitiçada pelo tom de súplica de sua voz, olhou-o em silêncio. — Por favor — acrescentou muito devagar, como se não estivesse acostumado a usar essa palavra.

— O modo em que olhe às pessoas... — murmurou Lucy — faz que sejam conscientes de seus erros. Faz-lhes pensar que... com o fim de lhe

impressionar, deveriam ser de outro modo e não como são. Mas eu não acredito que você o faça com essa intenção.

— Não. — A luz brincou com seu cabelo negro como o ébano ao negar com a cabeça.

— Por isso você teria que esperar encontrar alguém que não lhe tivesse medo. Talvez seja o único tipo de mulher que chegará a conhecer verdadeiramente. Como um marido deve conhecer sua mulher.

Que íntima e pessoal se pôs a conversa. Lucy sentiu que lhe avermelhavam as bochechas, e se perguntou se lhe tinha solto um discurso.

— Obrigado — disse Damon muito calma. — Aprecio sua sinceridade. O resto do baile o passaram em silêncio, e só quando se aproximava o final, Lucy voltou a olhá-lo nos olhos.

— Senhor Redmond... tenho um último comentário a lhe fazer.

— Adiante.

— Eu gostaria que me chamasse Lucy quando estivermos entre amigos. Sei que Heath não se importará.

Durante um segundo apreciou algo em seus olhos, seu olhar expressava desejo... Não, era... solidão? O que fosse desapareceu imediatamente.

— É muito amável me incluindo entre seus amigos — disse com suavidade. — Me sinto muito adulado e espero que você também aceite incluir-se entre meus amigos. Mas preferiria não chamá-la por seu nome. — Como deseje — disse Lucy com um sorriso, ignorante de quão difícil resultava ser amiga de Damon Redmond, de quantas vezes tinha falhado na hora de consegui-lo; ignorante de que uma vez que ele tinha dado sua palavra, manteria-a toda a vida. Para homens como ele, a amizade era um laço mais duradouro que o amor. Lucy não tinha nem ideia de quanto ia necessitar a amizade de Damon no futuro.

Damon se manteve a distância de Lucy durante o resto da noite, mas Lucy mal foi consciente disso, pois assim que Heath voltou a aproximar-se dela requereu de toda sua atenção. Fez-a lhe deslizar com tal suavidade por toda a sala de baile que mal notou o toque de seus pés no chão. Quando dançava com Heath, a música e o movimento se convertiam, de algum modo, em algo mágico, e tudo parecia refulgir. Suas mãos estavam separadas pelas

respectivas luvas, mas ela conhecia o quente toque de sua pele de cor. Seus olhos, do azul esverdeado próprio dos mares tropicais, acariciavam-na lentamente, enquanto que seus brancos dentes brilhavam com frequência devido a seus constantes sorrisos. Perdida naquele embriagador feitiço, Lucy fez todo o possível para burlar-se dele sem piedade, olhando-o com as pálpebras cansadas e permitindo que notasse toda a suavidade de seus seios ao apoiar-se em seu peito com qualquer pretexto. Ninguém tirava o olho daquele atrativo casal, mas em caso de ter podido ouvir os sussurrantes murmúrios que mantinham, a mais de um lhe teria feito se ruborizar. Lucy lhe falou com um falso acento sulino, realizando malvadas observações, lhe sussurrando tolices e lhe entretendo com velados comentários sobre as meias de seda negra que assegurava estar usando.

— Nem sequer tem umas meias de seda negra — disse Heath com um surpreendido olhar.

— Asseguro-te que sim. Fiz que me confeccionassem uma a medida. Disse que você não gostava de cor branca. E estou usando um espartilho combinando...

— Maldita seja. Não acredito.

— Já me acreditará depois — disse justo antes de tornar-se a rir.

— O que te passa esta noite?

— Nada. Mas finalmente decidi algo.

— Ah. E o que é isso que decidiste?

— Um pouco particular. Não posso lhe dizer agora.

— Bem. Então sua decisão tem a ver comigo, pois se não fosse assim não o manteria em segredo.

— Em todos os sentidos — disse e lhe sorriu de um modo que lhe cortou a respiração.

## Capítulo 9

Cantarolando entre dentes uma canção de Natal natalino, Lucy ia carregada com um bom punhado de acebo entre os braços e o apoiou um momento sobre o corrimão.

— Bess — Chamou à criada que apareceu no alto da escada, — se pudesse amarrar isto aí em cima com uma dessas grossas fitas vermelhas... Sim, e depois iremos baixando...

— Cuidado não caia de costas — lhe recomendou Bess, muito preocupada com o precário equilíbrio de Lucy no extremo da escada para prestar atenção à decoração.

— Não se preocupe — disse Lucy para tranquilizá-la. — OH, esse laço é estupendo.

— Não caminhe para trás.

— Não vou cair. Estou segurando o corrimão.

— Senhora Rayne, por que não me deixa amarrar o acebo e a senhora faz os laços?

— Bess, não tem por que preocupar-se.

Sua conversa se viu interrompida pelo som da porta principal ao fechar-se de repente, e ambas olharam escada abaixo. Heath sacudiu a neve do comprido abrigo que usava e lançou o chapéu de lã para um canto com um golpe seco de pulso. Ao ver que tinha público, assentiu para elas brevemente com um gesto que mal podia passar por uma saudação.

— Bom — disse Lucy, — ao que parece seu espírito natalino experimentou um forte descida.

Heath disse algo entre dentes e subiu a escada, passando a seu lado sem dizer mais nada. Parou ao aproximar-se de Bess, que se separou dele e o olhou com seus redondos olhos cinzas.

— Me traga uma garrafa de Ouçam Forester e um copo — disse. — Agora mesmo.

À criada tremeram os lábios e desceu apressadamente a escada.

— Heath, o que acontece? — perguntou-lhe Lucy, preocupada com suas bruscas maneiras. — Seja o que for, não há razão para que me ignore e me assuste... Heath, onde vai? — Seguiu-o até o dormitório, incapaz de imaginar o que o tinha posto de semelhante humor. — tiveste problemas no jornal?

Heath soltou uma gargalhada fria e seca.

— Pode estar segura.

— Voltou muito cedo para casa...

— Não quero falar, e não quero responder a suas perguntas. Onde demônios se colocou a criada? Maldita seja, é que não pôde contratar a ninguém que caminhasse em condições?

— Discutiste com o Damon? — perguntou Lucy com paciência, sabendo que Heath sim queria falar, ou não teria montado todo esse número ao chegar. Que Heath desse uma portada ao entrar sempre significava que iam ter um bate-papo.

— Damon — disse Heath com amargura. — Por todos os demônios, claro que discuti com ele.

— Não tem por que usar essa linguagem — lhe reprovou.

— Acreditei que tinha entendido o que estou tentando fazer. Mas hoje me dei conta de que não é o homem que eu acreditei que era. Depois de meses de trabalho no mesmo bando, com o mesmo objetivo, fala comigo como se fosse um estranho... Abre a porta, já está aqui o uísque.

— Importaria-te falar comigo antes de te pôr a beber?

Heath se limitou a olhá-la em resposta. Lucy suspirou e foi até a porta.

— Obrigado, Bess.

— Senhora Rayne... — sussurrou a criada olhando Heath ir e vir pelo quarto como uma pantera enjaulada, — está tudo bem? Se o desejar... — Está tudo bem — disse Lucy lhe dedicando um tranquilizador sorriso e recolhendo a pequena bandeja de prata de mãos da moça. — por que não termina de decorar enquanto o senhor Rayne e eu falamos? — Assim que Bess assentiu, não sem certa apreensão, Lucy fechou a porta com o pé e deixou a bandeja sobre a mesa do vestidor. — Só leva uma semana trabalhando para nós,

Heath. Não está acostumada a seu temperamento, e se assusta, assim será melhor que tente...

— Será melhor que se acostume, ou terá que ir trabalhar em outro lugar. — sirva uma taça e deixou de falar o tempo suficiente para beber um bom gole.

— O que Damon fez para te pôr tão furioso?

— Ao Damon importa bem pouco o que estamos tentando conseguir. Para ele é um exercício mental. Observa algo, descobre os prós e os contra e escolhe aquilo que tem mais possibilidades de ir bem. Que seja bom ou mau é só uma equação matemática para ele. E eu não posso trabalhar desse modo!

— Estou segura de que não é assim. Estou segura de que é um homem íntegro e de palavra...

— Absolutamente! — Heath acabou com o uísque e se serviu de outro.

Lucy não lhe tinha visto beber tanto em tão pouco tempo.

— Sobre o que discutiram?

De repente, deu a impressão de que sua raiva minguasse, e negou com a cabeça, dando outro gole. Manteve o copo entre os dedos. Lucy permaneceu em silêncio, sentou-se na beira da cama e lhe observou acabar com o segundo copo de licor. Sentia-se doído. E ela não poderia fazer nada por ele até que derrubasse algum de seus muros. «me peça que te abrace... Aqui estão meus braços, preparados para te abraçar. Aqui está meu coração... pede o que queira.»

Heath se aproximou da janela, silencioso e isolado. Respirou fundo e voltou a negar com a cabeça, encolhendo os ombros.

— Hoje... — começou a dizer, mas o resto da frase não surgiu, incapaz de lhe dar voz. Dirigiu-se para a garrafa de uísque, mas Lucy chegou até ela antes dele e lhe agarrou a mão.

— Não beba mais — lhe disse olhando-o nos olhos.

Ele apreciou algo em seu olhar que lhe levou a soltar a garrafa. Pouco a pouco, afastou sua mão e retornou junto à janela, mas não sem antes permitir que Lucy apreciasse o brilho de pesar em sua expressão. Sentiu-se invadida pela necessidade de reconfortá-lo.



— O que aconteceu hoje?

— Más notícias.

— Sobre a Reconstrução? — Não podia imaginar outra coisa que lhe afetasse de tal modo.

— Que outra coisa poderia ser?

— Heath, não me faça ter que adivinhar. Conte-me o...

— Heath...

— Finalmente, tínhamos progredido um pouco. Até o dia de hoje, o governo federal estava afrouxando seu controle sobre o Sul. Decidiram começar pela Georgia...

— Sim — disse precipitando-se para encher o silêncio. — Estou a par disso. Georgia e alguns estados mais foram readmitidos no Congresso.

— E se levantou o controle militar. Por fim. E eu pensei que o resto do Sul não demoraria para seguir sua mesma sorte. E assim a guerra teria acabado definitivamente. Nada de leis arbitrárias nem comissões militares... Nada de sacanagens. Devolveriam-nos nossas terras. Devolveriam-nos nossos direitos como cidadãos... direitos que merecemos. — Heath suspirou e apoiou a testa no marco da janela.

— Mas agora que a Georgia ficou livre do controle federal, tudo isso que diz acontecerá...

— Não — replicou com tensão. — Hoje, a Georgia destituiu a todos os negros da legislatura estatal. E o governo o entendeu como um ato de rebelião.

— OH, Heath... OH, não. — Olhou-o incrédula. — Lhes atirarão em cima...

— Já o têm feito. Expulsaram a Georgia do Congresso, e não voltarão a admiti-la até que ratifique a décima quinta emenda. E tornaram a estabelecer o controle militar. Sabe o muito que vai atrasar isso todo o processo no Sul? — Suponho que a legislatura estatal da Georgia tinha uma leve ideia do que aconteceria destituindo a todas essas pessoas.

— Cin, todas essas mudanças foram muito duras para que os pudessem digerir! Têm que lhes facilitar um pouco as coisas... Só... só tentam manter

seu orgulho. Durante anos não tiveram voz nem controle algum sobre o que lhes acontecia. Não os estou desculpando, mas precisam saber que podem dizer algo em relação às decisões que lhes afetem. Georgia forma parte deste país igual a Massachusetts ou Nova Iorque, e a gente da Georgia merece os mesmos direitos. E jamais os darão. Cada vez que se vão as tropas federais, acontecerá algo parecido, e o governo nacional os manterá sob seu punho. Jamais se acabará.

— Heath...

— Fui porque não podia suportar a ideia de ser testemunha — prosseguiu ignorando sua tentativa de mudar o tom da conversa. — A frustração... Podia senti-la em toda parte. Estava no ar que respirávamos; não havia modo de evitá-la. Tinham nos esmagado... mas ficava um pouco de esperança... talvez tudo acabaria bem. Talvez pudéssemos refazer nossas vidas... talvez o que disse o maldito senhor Lincoln a respeito de estender a mão ao sul ia ser certo...

— Se não tivesse morrido...

— Mas morreu, e chegou Johnson, esse louco incompetente, e Grant, ao que nada lhe preocupava, sempre e quando não metessem os narizes com respeito a suas manipulações. Assim que acabou a guerra, milhares de nortistas chegaram ao sul para saquear e levar tudo o que pudessem, e o estiveram fazendo durante anos, uma e outra vez. Somos os únicos americanos que perdemos uma guerra e sofremos a invasão de nosso inimigo. Quão único pode fazer é esperar até ter a oportunidade de lutar do modo em que sabe fazê-lo. E não importa se for o modo adequado ou não, sempre e quando puder fazer algo...

— Sei — disse Lucy com calma. — Sei que quer falar para defender a sua gente, e que quer ajudar a que ambos os bandos se conheçam mutuamente. Mas não pode esperar que Damon se converta na voz do Sul.

— Não lhe pedi isso. Só queria que moderasse seu editorial. Nada radical...

— E ele se negou a reescrevê-lo?

— OH, sim o escreveu de novo. Não pôde mostrar-se mais de acordo com o governo federal, e assim o expressou.

— Tentou raciocinar com ele?

— Teria sido menos doloroso me lançar de cabeça contra uma parede.

Não quis ceder.

— E você explodiu.

Heath voltou a aproximar-se da garrafa e se serviu outro uísque, olhando de esguelha para Lucy, como desafiando-a a que protestasse. Com grande acerto, Lucy guardou silêncio.

— Disse-lhe que eu mesmo escreveria o editorial. Ele disse que deixaria o jornal se o fazia.

— Heath! — Lhe revolveram as tripas pensar em todos os planos e as esperanças de seu marido esfumando-se a toda velocidade.

— Não podia publicar esse editorial tal como estava, Cin — disse secamente, bebendo a terceira taça. — Teria traído todo aquilo no que acredito. E não podia ignorá-lo. Para isso está pensado o jornal, para assuntos como este. Para isso comprei o jornal!

Lucy cruzou as mãos sobre seu colo e as observou, com a cabeça e o coração alvoroçados. O que podia fazer? O que podia lhe dizer?

Lucy se sobressaltou quando Heath lançou o copo contra a chaminé produzindo um grande estrépito. Quebrou-se em mil pedaços, levantando montões de faíscas dos troncos ardentes. Estremecida, um pouco assustada por aquele ataque de ira, voltou a observar seu colo.

— Me diga como posso te ajudar — disse em voz baixa. — Não sei o que fazer.

Ele se aproximou, sentiu a frieza de sua sombra sobre si, viu o brilho escuro de suas botas frente a ela.

— Eu tampouco sei — disse com voz rouca, o licor tinha intensificado seu acento. — Quão único sei é que tudo isto me põe doente. Estou cansado de lutar para avançar um centímetro, sabendo que nada vai deter a maré. Estou cansado de tomar decisões. Sair do Sul... porque estava cansado de me sentir derrotado... OH, Deus, Cinda, há coisas que... não te contei...

Com um suspiro se deixou cair de joelhos e enterrou a cara no colo de Lucy, agarrando com força a seda de sua saia. Ela escutou um mudo e

quebrado ofego e olhou para seu cabelo dourado com uma mescla de pânico e surpresa. O descuidado, zombador e temperamental Heath Rayne com a cabeça afundada em seu colo e os dedos apertados em seu vestido... De repente, já não teria que preocupar-se do que lhe dizer, porque as palavras saíram de sua boca muito rápido para as frear. Inclinou-se sobre ele, acariciou-lhe o cabelo, e murmurou com urgência:

— É obvio que está cansado... trabalhaste tão duro... É obvio que o está. Sei que não me contaste isso tudo... mas não importa.

— Partir porque sabia que não terminaria... até que acabassem com o espírito da gente... E não podia ficar para vê-lo.

— Não... não, é obvio que não — disse em tom tranquilizador, sem esforçar-se por raciocinar com ele. Já haveria tempo depois para conversar e verter um pouco de luz sobre o assunto. Agora Heath se sentia cansado e fracassado, e o único que queria era passar umas poucas horas sem pensar em nada. Imaginou como se sentia, pois recordou como se sentiu ela aquela noite em que foi a casa de Daniel e este a rechaçou. Heath tinha estado ali para ajudá-la, deixando que ela se aproveitasse de sua força. Ela teria a força suficiente para apoiá-lo agora do mesmo modo?

— Não posso evitá-lo...

— Shhh... Tudo ficará bem.

— Não sabe como era aquilo...

— Sim sei. Entendo-o — disse descansando seus frios dedos na nuca de Heath.

— Não... Retornei e vi... vi que todos estavam ali... Raine... Raine também estava ali. Tinham ferido ao Clay; tinha as costas... destroçada. Necessitavam-me. Podia ajudá-los. Teria me ocupado deles... Nem sequer a haveria tocado. Não o teria feito.

— Heath? — perguntou Lucy revolvendo o cabelo de seu marido ao respirar em cima dele. — Quem é Raine? De quem está falando?

Ele se limitou a sacudir a cabeça, agarrou sua pequena mão e a apertou contra sua têmpora.

Lucy franziu o cenho e se perguntou o que teria acontecido entre ele e a tal Raine, fosse quem fosse. Amor? Ódio? Teve que esforçar-se para admitir que, no passado, ele podia ter amado a outras mulheres com todas suas forças, lhes entregando o que não tinha dado a Lucy. Talvez a tal Raine foi uma delas. Lucy não tinha imaginado quão ciumenta podia chegar a sentir-se.

— Não quis admitir... que me necessitava... — secou os olhos com a manga da camisa em um gesto que a comoveu, e depois voltou a recostar a cabeça no confortável oco de seu colo. Permaneceu em silêncio enquanto lhe escutava, apanhada pela contradição de querer que seguisse falando e o temor de que o fizesse. — Nunca o fez. Nunca.

Lucy lhe tocou a têmpora com os nódulos em uma nervosa carícia. — Quis estar contigo — disse com voz apagada— desde a primeira vez que te vi. Havia-lhe isso dito alguma vez?

— Não.

— Estava chovendo. Cruzava a rua. Foi mais lenta que os outros porquê... porque foi rodeando todos os atoleiros. Desejei-te imediatamente.

— Heath...

— Quando te encontrei no rio, você me chamou Daniel... mas era eu. Era eu o que te abraçava...

— Sei.

— Mas você... — Suspirou e depois ficou calado, e Lucy sentiu todo o peso de sua cabeça e seus braços relaxados.

Lucy soube que se Heath perdia o conhecimento, não seria capaz de levá-lo até a cama. E a ideia de ter que chamar a alguém para que a ajudasse a empurrou a atuar.

— Heath, sente-se e deixa que te tire as botas.

— Não... não tem por que...

— Sim, porque você não vai ser capaz de tirar.

Heath amaldiçoou entre dentes ao ter que separar-se de seu colo e se arrastou até a cama, estendendo um de seus pés para ela. Lucy agarrou a bota com firmeza e tentou tirar-lhe comprovando que os esforços de Heath por

estirar os dedos dos pés entorpeciam o trabalho grandemente. Depois de vários minutos de luta, saiu uma das botas, e depois a outra.

— Com certeza não comeu nada o dia todo — lhe repreendeu Lucy, observando como Heath se deitava no colchão com os braços abertos.

— Não.

— Pois isto é o que acontece quando traga uma boa quantidade de uísque com o estômago vazio. — encarapitou-se junto a ele e lhe desamarrou a gravata. — Nunca tinha visto ninguém beber licor como se fosse água. Disse-te que não bebesse mais. — Enquanto lhe repreendia, começou o laborioso processo de despi-lo. — Tira o braço da manga...

— Não posso.

— Heath, tenta-o...

— Não posso. Não o desabotoaste.

— Me alegro de que não beba frequentemente, porque eu não gostaria de ter que fazer isto sempre...

— Não te dá muito bem — disse enroscando os dedos em uma de suas mechas enquanto ela puxava as abas de sua camisa fora das calças.

— Bom, não acha que vou me desculpar por minha falta de experiência na hora de despir a homens. Por todos os Santos, pesa muito. — Só graças a sua determinação e esforço, Lucy conseguiu lhe tirar a roupa, detendo uns segundos para admirar seu musculoso torso antes de esticar o braço para agarrar um travesseiro. — E agora, se pudesse te colocar debaixo dos lençóis...

— Cinda — disse gaguejando. — Te disse... que te comportasse como minha esposa... antes... mas só se você... já sabe que não queria...

— Sei — murmurou ela, vagamente surpreendida por sua preocupação. Realmente tinha se preocupado por isso, perguntou-se se suas reações vinham forçadas por seu sentido do dever? É um homem desconcertante, pensou com uma repentina corrente de afeto. Como podia conhecê-la tão bem em uns aspectos e tão mal em outros?

Olharam-se nos olhos. Os olhos de Heath brilhavam, subtraindo de Lucy qualquer possibilidade de falar. Ela sentiu o violento batimento do coração de

seu marido sob a palma de sua mão, e as dúbias palavras de rechaço que tinha pensado dizer se esfumaram como a fumaça. Os lábios de Heath, ansiosos e ofegantes, beijaram-na. Sentou-se escarranchado sobre ela e manteve sua cabeça entre as mãos, arrastava-o o desespero. Abraçou-a com força, beijou-a como se desejasse beber a essência de sua vida, como um maltratado sobrevivente, aferrando-se a única verdade que conhecia. Ela admitiu por fim que estava apaixonada por ele. O amor percorreu seu corpo, enchendo seus peitos, atravessando sua garganta, deslizando-se por sua mente até sentir-se enjoada. O amor parecia brotar das pontas de seus dedos ao percorrer os ombros de Heath. Sem dúvida ele podia senti-lo em seus lábios, sentir o formigando por todo seu corpo. Surpreendia-lhe o muito que tinha demorado para reconhecê-lo. Sua vida inteira tinha sido uma espécie de prelúdio para esse momento.

— Necessito-te, Cin — grunhiu, e sua boca se abateu sobre ela uma e outra vez, com beijos intensos e selvagens que lhe roubavam o fôlego.

Seus pulmões lutaram por encher-se com o ar necessário, mas o espartilho a rodeava com tanta força como uma faixa de aço. Indefesa ante sua perseguição, ofereceu-lhe a boca e o resto de seu corpo livremente, esforçando-se por lhe demonstrar que era dele. Não ia rechaçá-la. Seu desejo era muito selvagem, muito elementar para refreá-lo. Lucy tentou desabotoar alguns botões, mas lhe abriu o vestido com um simples e rude puxão. Pela primeira, as fitas de seu espartilho se desenredaram com facilidade. Lucy livrou-se dos restos de seu corpete, e estremeceu ao notar o contato de seus peitos nus contra a carne quente e bronzeada de Heath. Suas mãos a tocavam com avareza, seus toques eram lascivos e seguros ao lhe beliscar os mamilos com a delicadeza justa. Seu fôlego lhe roçava o pescoço e se voltou para vê-lo de frente, lhe aproximando a bochecha aos lábios em busca de sua boca. Lucy deixou escapar um gemido quando ele a beijou. Conheciam-se intimamente, como marido e mulher. Tinham feito amor com ternura e paixão, mas nunca com semelhante ferocidade.

A metade inferior de seu corpo estava envolta em lençóis. Impaciente, Heath foi desfazendo-se deles até que a liberou por completo, e sua pálida pele brilhou sob a luz do entardecer. Ela acomodou seu corpo ao do Heath, pressionando seu ventre contra a abrasadora e turgente enchente de sua masculinidade.

— Desejo-te — sussurrou Lucy contra seu ombro— Quero te dar tudo o que necessite... tudo o que queira...

Heath deslizou a mão desde seu quadril até a suave e vibrante pontada que sentia entre suas pernas, e deslizou a ponta de seus dedos em seu interior. Lucy gemeu e abriu suas trêmulas coxas, enterrando seu rosto no pescoço de Heath rogando em silêncio. Percorreu-lhe as costas com as Palmas das mãos, explorando a flexibilidade de seus músculos e todos os cantos de seu corpo. Até esse dia, sempre tinha tido presente a fragilidade de sua pele, e tinha se contido na hora de tocá-lo, como se temesse-lhe fazer mal. Mas agora não sentia nenhuma necessidade de limitar-se. Ele adaptou os quadris aos de Lucy e a penetrou com força, provocando com que todo seu corpo se estremecesse de prazer. Ela deixou escapar um grunhido e se apertou contra seu corpo, abraçando-o com firmeza e ânsia. Inundados em uma onda de infinita doçura, abraçaram-se de um modo mais íntimo, encadeando-se a base de beijos e carícias. Heath colocou as mãos atrás de seus joelhos e lhe ergueu as pernas até que lhe rodeou com elas a cintura. Sussurrou seu nome como se de uma palavra de amor se tratasse, e apagou com os lábios os restos das lágrimas. Talvez não fossem compartilhar seus segredos, mas o amor...

O amor não estava formado por palavras e não o podia negar. Quando se fundiram em um só ser, cada movimento supôs um novo descobrimento, e cada segundo foi uma eternidade de emoção. Que nunca acabe — desejou em silêncio. — Deixemos que não acabe jamais.

Uma suave voz rompeu a nuvem de adormecimento em que estava sumido, persistindo apesar de todos seus esforços por ignorá-la.

— São sete horas, Heath... Desperte... Não vou deixar que siga dormindo, assim abre os olhos. O café da manhã estará preparado em seguida.

OH, Deus. Ao pensar em levantar-se, em confrontar os complicados trabalhos cotidianos, em tomar desagradáveis decisões, em erguer a voz e na nauseabunda perspectiva de ter que tomar o café da manhã, algo em seu interior se revolveu. Sentiu o amável beijo de Lucy na bochecha e se virou produzindo um estranho ruído. Ela afastou os travesseiros antes que pudesse usá-los para cobrir a cabeça e não escutar assim o que lhe estava dizendo.



Lucy se sentou a seu lado e percorreu com a ponta do dedo sua coluna vertebral; beijou-lhe justo no meio das costas e começou a lhe dar uma massagem nos ombros.

— Não seja teimoso — lhe repreendeu, massageando seus músculos com movimentos rítmicos e profundos. — Sabe que será pior se não te levantar, porque não cumprirá com o que tem pensado para hoje. Tem que chegar cedo ao Examiner esta manhã. Tem uma montanha de trabalho e muitas coisas por...

— Se o que pretende é me fazer sair da cama — grunhiu Heath, ao que o mero feito de pensar no jornal despertou imediatamente, — será melhor que utilize uma tática diferente em lugar de me dizer o muito que tenho que fazer. — Suspirou ao notar a pressão de Lucy sobre os doloridos músculos entre suas omoplatas. — Ahh... Afrouxa um pouco... mmm.

— Preparei-te um banho quente. Sentirá-se muito melhor depois de te banhar. E fiz café. Está em sua mesinha...

— Uggh.

— Por que não toma o café enquanto te banha?

Ele assentiu a contra gosto, com uma careta devida à dor que sentiu na cabeça; sentou-se e grunhiu. Em silêncio, Lucy lhe passou uma bata de seda enfeitada com faixas de cor granada e azul. A colocou e ficou em pé, olhando-a enquanto puxava o cinturão. Quando acabou, abraçou-a e enterrou a cara na curvatura de seu pescoço, pensando que o melhor presente possível seria dormir de pé com a cabeça apoiada em seu ombro.

— Hoje não vou a nenhuma parte — disse com a voz amortecida.

— Por que não?

Heath abriu os olhos e olhou para a janela. Lucy tinha retirado os painéis de veludo cor nata para que entrasse a luz da manhã.

— Faz muito sol.

Ela soltou uma gargalhada e se separou dele para que entrasse no banheiro. Dado que já tinha arrumado o cabelo, não tinha outra coisa que fazer além de cuidar de seu marido. Apesar dos problemas do Examiner — que sem dúvida poderiam solucionar-se de um modo no que tanto Damon

como Heath mantivessem intacto seu orgulho, — sentia-se maravilhosamente feliz. Resultava-lhe difícil não afligir Heath com uma onda de amor. Desejava eliminar todas as defesas que lhe tinha mostrado, desejava fazê-lo entrar em seu interior. Mas inclusive mencionar a palavra amor teria suposto lhe exigir algo para o qual ele não estava preparado. Manteria escondidos seus sentimentos tudo o que pudesse, esperando pacientemente até que ele pudesse liberar seu coração. Depois de tudo o que lhe havia dito a noite anterior, ela estava segura de que ele se preocupava muito com ela. Havia-lhe dito que a necessitava. Que delicioso tinha sido lhe escutar dizer essas palavras!

Mascarou sua exuberante alegria atrás de uma máscara de normalidade e agarrou a xícara de café com cuidado para que não derramasse o conteúdo. Ao entrar no lavabo viu Heath metido na banheira, com os olhos fechados como se estivesse dormindo outra vez. Sentou-se no extremo do lavabo. Heath abriu um olho e esticou a mão para pegar a xícara de café.

A passou sem dizer nada, resistindo com muita dificuldade a tentação de esticar a mão e enredar seus dedos nos onduladas mechas de cabelo que lhe caíam pela testa. Heath provou o café antes de devolver.

— Não está mal — disse a contra gosto depois de agarrar o sabão e começar a ensaboar-se.

— Talvez dentro de cinco minutos tenha vontade de tomar o café da manhã...

— Eu não apostaria por isso.

O sorriso de Lucy transmitia toda seu empatia por ele.

Ele afastou o olhar e se concentrou no sabão.

— Espero... não ter falado mais da conta ontem à noite — disse. — Não recordo muito.

Lucy separou de sua mente os incômodos pensamentos sobre Raine; fosse quem fosse. Não queria pensar nela. E, além disso, não importava quem fosse, porque formava parte do passado de Heath, enquanto ela era sua esposa. Lucy formava parte de seu presente e seu futuro, e não permitiria que nada nem ninguém se interpusesse nesse satisfatório estado das coisas. —

Não — respondeu com a mesma despreocupação. — Não falou muito. — OH. — Mal pôde dissimular seu alívio enquanto prosseguia com o banho.

Com grande discrição, Lucy desfrutou da visão de seu corpo úmido enquanto cobria seu peito com branca espuma. Minutos depois, deu-lhe outro gole no café e sorriu com malícia.

— Recorda quando me disse que estava louco por acreditar que um sudista poderia dirigir um jornal em Boston? Talvez deveria...

— Estava equivocada.

— O que?

— Absolutamente equivocada.

Olhou-a com cepticismo.

— Suponho que me perdi em algum ponto do processo em algum momento. Quando mudou de opinião?

— Quando comecei a ler o jornal. M... eu gosto de suas ideias. Eu gosto de como mudou o jornal, e o resto das pessoas não demorará para pensá-lo também. Sei que começará a obter benefícios assim que consiga mais alguns anunciadores.

Na cara de Heath se desenhou um prometedor sorriso.

— Aprecio a fé que tem em mim. Por desgracia, os jornais desaparecerão com a segunda guerra de secessão.

— Então, terá que encontrar outro modo de te comprometer. Não tenho a impressão de que você e Damon tenham tido outros problemas sérios antes deste...

— Tivemos. E todos pelo mesmo motivo: nossas posturas políticas, sociais e morais são totalmente diferentes.

— Temo-me que exageras...

— Não conhece o Damon tão bem como eu — disse Heath com tom um pouco enigmático. — Se o conhecesse, saberia que o conflito pelo editorial voltará a aparecer, porque, em realidade, não vem provocado pelo ocorrido ontem na Georgia. Centra-se em que suas crenças e as minhas são opostas, e nunca vão chegar a um ponto de...

— Encontrará um ponto de contato. Nenhuma das duas deseja que volte a estourar a guerra, e tem que recordar-lhe É um dos homens mais persuasivos que conheci. Sei que pode falar com ele de um modo mais moderado.

— E agora quem está sendo persuasivo? — Tirou o plugue da banheira e esticou o braço em busca de uma toalha enquanto a água penetrava pelo deságue. Secou-se o cabelo com rudeza e saiu da banheira com a toalha na cintura. — E o que acontecerá se não puder lhe convencer de que mude o editorial? Se ele não escrever a meu estilo, irá-se.

— Então, que se vá.

— Sem ele, talvez percamos o jornal.

— Então perderemos todos. Mas o único que me preocupa é você. Tem que fazer o que for necessário para manter sua honra e a confiança em ti mesmo. Jamais te perdoaria se traísse suas crenças e a sua gente. É seu jornal. Dirige-o a seu estilo enquanto seja seu dono.

Lhe acariciou o queixo com a ponta dos dedos, e fez com que um calafrio percorresse suas costas.

— Devo te advertir de que se perdermos o jornal, perderemos a casa.

— Está bem.

— E os móveis.

— Não me importa.

— E...

— Podemos empenhar, vender ou trocar tudo o que temos... mas se te ocorre dizer uma só palavra sobre meu diamante, arrependerá-te durante o resto de sua vida como casado. O anel é meu, e não vai sair de meu dedo.

Ele sorriu ante aquela manifestação de veemência.

— Não ia dizer nada de seu anel, querida. — inclinou-se para beijá-la e deixou as marcas de seus dedos úmidos sobre a camisola, mas Lucy estava muito extasiada com aquele beijo para protestar.

— Tem sabor de café — sussurrou quando afastou os lábios.

— Poderia com um pouco mais.

— De beijos ou de café?

— Sempre mais beijos... — Beijou-a nos cantos da boca. — Mas me referia ao café. Já tomaste o café da manhã?

— Estava te esperando.

— Então por que não desce enquanto me visto? Irei em alguns minutos. — Não demore — disse e se deteve na porta para dá uma última olhada a aquele corpo quase nu por inteiro; sentiu que lhe acelerava o pulso. Fez uma careta com a boca, — ou se esfriarão as madalenas.

Assim que saiu, Heath se perguntou perplexo como haveria ela aprendido a lhe excitar com tanta facilidade e com semelhante variedade de insinuações. Também se perguntou como era possível que seguisse desejando-a apesar de ter passado toda a noite saciando-se dela.

Justo quando Lucy chegou abaixo, alguém bateu na porta com um inquieto golpe. Apareceu o mordomo para receber ao visitante; parecia tão aflito que Lucy soube que ele tampouco tinha acabado de tomar o café da manhã.

— Eu abrirei a porta, Sowers — disse Lucy.

— Mas, senhora Rayne...

— Acredito saber quem é. Pode voltar para a cozinha.

O agradecido mordomo desapareceu sem pensar duas vezes, e Lucy foi até a porta e abriu deixando pela metade uma batida. Como lhe tinha indicado sua intuição, o visitante era Damon Redmond. Ia tão bem vestido como sempre, mas seus olhos estavam injetados em sangue e seu rosto parecia sulcado por rugas produzidas pelo cansaço. Estava apoiado no marco da porta como se necessitasse ajuda para manter-se em pé.

— Bom dia — disse Lucy.

— Todos temos opiniões diferentes sobre isso, senhora Rayne.

— OH, querido — disse e sorriu ao lhe abrir toda a porta. — Tome o café da manhã conosco, por favor.

— Obrigado, mas...

— Ao menos, um pouco de café — insistiu ela lhe provocando um sorriso.

— Conheceu alguém que se negasse a alguma de suas propostas? Damon lhe entregou seu casaco sem dizer uma palavra e a seguiu até o salão do café da manhã. Lucy pensou de forma compassiva que, sem dúvida, ele devia

estar tão alterado pelo tema do editorial como seu marido; dava a impressão de não ter dormido mais de um par de horas. Lucy passou o casaco a Bess e lhe sussurrou que teriam um a mais para tomar o café da manhã, depois indicou a Damon que se sentasse à mesa.

— Heath descerá em um minuto — disse enquanto Damon ocupava uma cadeira frente a ela. — Assim que acabe com o banho e se vista... — Deixou de falar ao dar-se conta de que Damon tinha a vista fixa no corpete de sua camisola. Lucy baixou a vista também e descobriu que uma das úmidas marcas que tinha deixado Heath ainda resultava muito visível, justo debaixo de seu peito. Sentiu como lhe avermelhavam as bochechas. — Sempre tenho que lhe ajudar um pouco quando se banha — disse um tanto envergonhada. — Como não — replicou Damon impecavelmente correto, apesar de que apreciou um escuro brilho em seus olhos.

— Está de muito bom humor, estou inteirada de... tudo. — Não ia lhe revelar nada mais até saber se Damon tinha ido comprometer-se ou comunicar que abandonava o navio.

Damon se recuperou imediatamente.

— Não pude encontrá-lo no jornal. Pensei que pudéssemos falar antes...

— Acredito que é muito boa ideia.

— Eu gostaria de acreditar que temos uma oportunidade de reconciliar nossas diferenças.

— Heath é uma pessoa muito razoável, senhor Redmond. Estou convencida de que ele estará disposto a encontrar um ponto de equilíbrio entre sua posição e a sua.

— Com o devido respeito, senhora Rayne — lhe disse Damon tenso, — eu não tive ontem essa impressão.

— Sem dúvida muita gente pensa que ele é uma pessoa muito... progressista...

— Está sendo muito comedida...

— Possivelmente muito progressista. Mas acha com todas suas forças no que está fazendo, e tem um grande sentido da responsabilidade e respeito a

sua gente. Você entende isso à perfeição. — Não vim aqui para discutir com você...

— O que tento lhe dizer — insistiu Lucy sem erguer a voz — é que se ele apreciar que você fale com certo conhecimento de seu posicionamento, sem dúvida se sentirá mais disposto a escutar o que tem a lhe dizer. Entretanto, como você já saberá, se tentar uma confrontação direta, ele se manterá mais obstinado em seu posicionamento.

— Obrigado pelo aviso — murmurou Damon. — Tentarei recordá-lo.

Decidiram mudar de tema de forma tácita enquanto Bess colocava o prato e os talheres que faltavam. A criada não foi muito hábil enquanto preparava as coisas frente a Damon, pois olhava com tanta frequência seu atrativo rosto que Lucy esteve a ponto de lhe chamar a atenção por não centrar-se em seu trabalho. Damon não pareceu ser consciente do interesse da criada; por sua parte, estava totalmente concentrado em Lucy, de um modo entre adulator e desconcertante. Lucy lhe passou a cesta de madalenas recém feitas lhe incitando a que se apropriasse da maior de todas. Sorriu ao ver que agarrava duas delas e as deixava em seu prato.

— Alegra-me que ao menos uma das pessoas com as que vou tomar o café da manhã mostre apetite esta manhã — disse.

— Só porque me encontre sumido em uma crise pessoal e um potencial desastre financeiro não significa que tenha que morrer de fome. — Damon partiu uma das madalenas e a lubrificou com manteiga.

— Muito prático de sua parte.

— É obvio. Não poderia esperar-se outra coisa de um Redmond. Os Cabot são francos, os Forbes perversos, os Lawrence são afetados, os Lowell frios. Os Redmond são práticos.

Que ridículo. Lucy lhe sorriu enquanto pensava que as primeiras famílias da cidade eram um puro contrassenso. Como podia uma pessoa pertencente a uma dessas famílias ter vida própria? Tudo na vida do Damon estava esboçado, desde do dia de seu nascimento ao dia de sua morte, incluída sua educação, seus amigos, seus negócios, sua futura esposa... inclusive sua personalidade. Ela sabia que mais de um ficou com a boca aberta quando decidiu comprar o jornal em lugar de seguir os passos de seus irmãos mais

velhos no mundo dos bancos. Lucy esperava que seguisse afastado do molde dos Redmond, pois tinha a sensação de que existia um Damon Redmond diferente depois da sombra do jovem em que sua família tinha tentado convertê-lo.

— Também me educaram para ser prática — lhe confessou Lucy, derramando uma generosa quantidade de leite em seu café e mexendo-o lentamente. — Para mim, tudo tinha que estar muito organizado e resultar previsível. Era fácil tomar decisões. Resolvia os problemas facilmente. — Sacudiu a cabeça ao recordar e deixou escapar uma gargalhada. — Então conheci Heath, e nada voltou a ser o mesmo. Nada voltou a resultar simples nunca mais. É difícil ser prática quando tem ao lado alguém que faz que as coisas mais sensíveis pareçam absurdas.

— Ele aborda as coisas de um nível diferente ao resto de nós — admitiu Damon a contra gosto. — Um nível muito complicado. Eu já deveria ter esboçado um método para evitar ter problemas com ele. Mas não tive muito êxito na hora de lhe entender.

Lucy não teve que lhe responder porque, por sorte, apareceu Bess com a bandeja de comida. Pensativa, levou a xícara de café aos lábios. Estava tão quente que mal pôde sorver umas poucas gotas daquele escuro líquido. Resultou-lhe interessante pensar que tanto Damon como ela tinham os mesmos problemas no trato com Heath. Obviamente, qualquer pessoa com prática pensaria que ele era incompreensível. Houve um tempo no que ela também tinha tentado lhe compreender. Mas não havia categoria alguma em que Heath encaixasse. Era um quebra-cabeças formado por muitas peças. Era melhor aceitá-lo tal qual era, com ambiguidades e tudo, e sentir-se satisfeita sabendo que necessitava a alguém como ela, constante e estável, com o fim de manter o equilíbrio em seu mundo.

Heath entrou na sala justo nesse momento, detendo-se sob o marco da porta ao precaver-se da presença do inesperado visitante. Lucy o olhou nos olhos e depois olhou para Damon, contendo a respiração sem dar-se conta. — Não me surpreende que esteja aqui — disse Heath com secura. — Nunca ouvi dizer que um ianque duvide em aventurar-se em território inimigo.

Damon ergueu o guardanapo branco para limpar os cantos da boca e o agitou como se, se tratasse de uma divertida brincadeira.



— Vim, meu general, para ver se existe alguma possibilidade de negociar um tratado de paz.

Heath sorriu levemente, afastando a cadeira que estava junto à de Lucy e sentando-se nela.

Cabe a possibilidade. Terá que começar me passando as madelenes.

— Sim, senhor.

Lucy deixou sair o ar de seus pulmões e sorriu enquanto seguiam as negociações e discutiam sobre seus compromissos. Nenhum dos dois homens era tão inflexível para sacrificar sua ambição em altares do orgulho. E, segundo a opinião de Lucy, nenhum dos dois tinha considerado seriamente abandonar o jornal. O Examiner significava algo mais que dinheiro para eles, algo mais que tinta e papel, palavras e colunas. Oferecia a dois homens de palavra uma oportunidade única de ser idealistas, e não estavam dispostos a prescindir dela.

Lucy levou algumas horas de intensa persuasão para convencer Heath de que a levasse a festa de Natal dos Hosmer, em Concord, em lugar de ir ao magnífico evento anual que celebravam os Redmond. Mas os Natais em um pequeno povoado eram um pouco diferentes aos da cidade. Havia menos glamour e espetáculo, certamente, mas os Natais em Concord tinham algo especial, um toque antigo. Todos os lares estavam decorados com pinheiros e acebo; todas as casas estavam perfumadas com recipientes com canela. Os Marcos das portas traziam no alto grandes laços e diminutas batatas redondas cobertas com raminhos de viscos e longas fitas. Segundo um arraigado costume, se duas pessoas se encontravam debaixo tinham que beijar-se.

As pessoas em Concord celebravam as férias com festas muito bem preparadas, onde os velhos amigos da família se reuniam para comer, beber e conversar. As mesas se cobriam com pão irlandês de Natal esmerilhado, com passas e coberto com cerejas, terrinas de molho de arándanos, bagos e frutas confeitadas, assim como delicadas taças com gema de ovo e noz moscada polvilhada.

Sabendo que se encontraria com velhos conhecidos, muitos dos quais não tinha visto há muitos meses, Lucy se vestiu com esmero. Vestiu um vestido

de veludo verde com mangas curtas e uma faixa vistosamente bordada com fios de ouro. Sua crinolina ia inusualmente rodeada, e era mais curta do que o habitual, e o resto do tecido caía pela parte de trás. Heath tinha dado sua aprovação a seu novo estilo com todo seu entusiasmo. As crinolinas convencionais eram tão longas que, ao sentar-se, ocupavam a metade de um sofá, impedindo que um homem se sentasse a menos de um metro de distância.

Quando Heath acompanhou Lucy até a porta principal da pequena casa dos Hosmer, estes os receberam com surpreendente calidez. A senhora Hosmer elogiou o vestido de Lucy e pediu a um de seus três filhos que servisse aos Rayne uma taça de gema de ovo, enquanto o senhor Hosmer levou Heath a um lado e lhe apresentou ao resto dos convidados.

— Lucy — disse a senhora Hosmer; o olhar de seus penetrantes olhos era mais doce do que nela era costume, — desde que foi a Boston não soubemos uma palavra de ti. Você gosta de viver na cidade?

— Meu marido e eu estivemos muito ocupados, mas é bastante agradável — respondeu Lucy observando de soslaio como o senhor Hosmer levava Heath à outra sala.

— Imagino que sim. Especialmente tendo em conta o estilo de vida de seu marido... Um jornal, todas essas coisas... Com sinceridade te digo que não esperávamos semelhante potencial... Já me entende...

— Entendo — disse Lucy com um leve sorriso. — Que comprasse o jornal também supôs uma surpresa para mim.

— Sério? — perguntou a senhora Hosmer, e a hesitação em seu tom de voz lhe deixou bem claro que não acreditava nem um pouco. — Bom, ao que parece se converteu em um homem bastante influente em Boston, apesar de seu passado.

— Um homem influente? — repetiu Lucy depois de aceitar uma taça com gema de ovo. — Muito amável de sua parte.

— O fez tão bem que enganou a todos no início.

Aquela afirmação a pegou com a guarda baixa.

— Não era minha intenção enganar a ninguém — disse com muito tato, e a mulher se ruborizou.

— É obvio que não, minha querida. — Olhou por cima do ombro de Lucy ao casal que acabava de entrar. — Que me parta um raio — disse — se não é o casal mais atrativo de Concord! Sally, por que não... OH...

A senhora Hosmer se ruborizou ainda mais ao olhar Lucy e depois a Daniel e a Sally. Lucy se voltou e os olhou sem perder a compostura, comprovando que o fato de ver Daniel depois de tantos meses não a incomodava tanto como tinha imaginado.

— Feliz Natal — disse Lucy com os lábios ligeiramente curvados. —

Formam um casal estupendo.

Lucy! — exclamou Sally fazendo saltar seus loiros cachos ao aproximar-se dela para abraçá-la. — Que elegante! Seu vestido é incrível, e seu penteado...

— Não fique nervosa, Sally — disse Daniel com ar ausente, olhando Lucy nos olhos.

Lucy não pôde reprimir um sorriso. Daniel não tinha mudado.

— Têm muito bom aspecto — disse Lucy olhando a Sally e depois ao Daniel.

Estava muito bonito e muito elegante, pois tinha deixado crescer seu bigode. Embora o estilo era um tanto antiquado para um homem de sua idade, ficava bem. Tanto a jaqueta do traje como o casaco, o colete e as calças combinavam. Tranquilo e contido como sempre, olhou-a com um meio sorriso apesar de que estava se fixando em todos os detalhes. Embora ela não sentia por ele mais que um distante carinho, Lucy se alegrou de ir tão bem vestida e de que ele não pudesse lhe encontrar uma só mácula em sua aparência.

Perguntou-se se ele ainda recordaria a terrível cena que tinham protagonizado quando ela caiu em desgraça e lhe suplicou que não lhe desse as costas. «Não quero à mulher em que te converteste...», havia-lhe dito. Naquele momento, não entendeu a que se referia; agora, sim.

Quanto tempo fazia isso! Lucy se sentia tão agradecida por não haver-se casado com Daniel que quase lhe tremeram os joelhos. Era um bom homem, um homem amável. Suas emoções eram tranquilas e repousadas, e seu caráter extremamente civilizado. Mas se tivesse passado a vida a seu lado, jamais

teria experiente tudo o que Heath tinha para lhe oferecer: sua paixão, violenta, tormentosa e doce; seu rude afeto e seu terno compromisso; seus sarcasmos e suas carícias; suas exigências; suas ambições; e inclusive seus segredos.

A expressão de Daniel variou sutilmente enquanto a olhava, como se recordasse os dias do passado. Lucy achou um tanto estranho estar ali, diante do homem que tinha amado, enquanto entre eles se abria uma distância que jamais poderiam superar exceto em suas lembranças.

— Se casarão logo? — perguntou ao Daniel.

— O ano que vem, na primavera — replicou imediatamente.

— Ahhh — disse assentindo. Sempre igual. Sempre o ano que vem, ou o outro. Tinha mantido Lucy esperando durante três anos com essa classe de promessas. Sentiu um fugaz indício de lástima por Sally. — Será melhor que o obrigue a cumprir com sua palavra — disse, e a moça loira riu, ignorante das implicações daquele sutil aviso. Daniel, entretanto, sim captou o significado, e se ruborizou levemente.

— É obvio que o obrigarei — disse Sally, rindo bobamente, e Lucy sorriu antes de dar a volta e afastar-se deles, urgida pela necessidade de encontrar Heath.

Ao chegar ao canto de um pequeno salão pintado de cor verde clara, alguém se aproximou pelas costas, rodeou-lhe a cintura com a mão e a conduziu a uma sala vazia. Uma voz suave e zombadora lhe roçou a orelha de um modo íntimo.

— O amor renovado pela ausência. Que comovedor.

Lucy se relaxou ao identificar o seu captor.

— Assustaste-me.

Heath deixou que desse a volta sem soltá-la, e Lucy comprovou que havia uma mescla de brincadeira e algo parecido à irritação em sua expressão. Não lhe custou supor a causa. — Por acaso me viu falar com a Sally e Daniel?

— Não tem por que fazer nenhuma piada sobre seu bigode. — Heath a soltou de repente. — Te peço desculpas. Tinha esquecido que sempre lhe teve carinho.

— Por amor de Deus, o que é o que te incomoda? — Sem esperar a que respondesse, olhou para a porta meio aberta. —

As pessoas sentirão nossa falta, e não quero que pensem que...

Agarrou-a pelo braço e a atraiu para ele.

— Quero saber do que estavam falando.

Lucy abriu muito os olhos, surpreendida.

— Não entendo por que está tão zangado.

— Não me diga que não foi consciente do modo em que te olhava. — Eu não posso evitar que me olhem — protestou, tentando sem êxito liberar seu braço.

— E você... também olhava a ele, completamente aniquilada...

— Mas o que diz!

— A imagem era muito perfeita. Natais na Nova Inglaterra. Dois antigos noivos compartilhando velhas lembranças...

— Está sendo muito injusto!

— Teriam formado um bonito casal. Combinam muito bem.

Não acredito — disse imediatamente, colocando uma de suas pequenas mãos sobre o peito de Heath e ficando nas pontas dos pés.

— O que? — O brilho de ciúmes em seu olhar não tinha diminuído.

— Não. Eu não gosto desse tipo de homem. É... é muito baixo para mim. Nunca antes tinha me fixado no baixinho que era. E seu cabelo... Bom, é muito escuro. Prefiro um tom mais claro, muito mais claro. — Heath afrouxou o apertão um pouco, como se pretendesse animar Lucy para que prosseguisse. — É muito tranquilo, muito previsível... Muito calmo. Morreria de aborrecimento se tivesse que passar cinco minutos com ele. Não gosta de discutir nem amaldiçoar, e não bebe nem perde os estribos. Não é do tipo que apreciaria umas meias negras de seda.

— Pertence a uma respeitável família que agrada a todo mundo.

— Não me preocupa o que pensem os outros.

Heath a atraiu para si, seu arranque de mau humor quase tinha desaparecido. Apertou seus ombros com os dedos, mas não o bastante para

deixar marcas. Baixou as pálpebras sobre seu olhar azul ao olhar para sua boca.

— Queria-lhe desde que era uma menina — indicou com rudeza.

— Até que meus gostos maturaram.

— É um cavalheiro.

— Sim. E isso é o pior de tudo.

Sem ter em conta que a porta estava meio aberta e que podiam vê-los, ele a obrigou a ficar nas pontas dos pés e a beijou. Incrementou a pressão até que separou os lábios. Um escuro fogo dançou pelas veias de Lucy, e sua doçura se filtrou até a superfície de sua pele, avermelhando-a. A intensidade de sua resposta apagou qualquer pensamento coerente, qualquer barreira que tivesse construído para proteger-se. Sua boca se deslizou com a suavidade do veludo por seu pescoço, lhe provocando um calafrio com o toque dos dentes. Quase lhe fraquejaram os joelhos quando sentiu que a mão de Heath se aventurava sob o tecido do vestido, abrangendo um de seus seios. Lhe arrepiou o mamilo na palma da mão.

— Heath — sussurrou, — você é tudo o que desejo. Não há ninguém mais... ninguém mais...

— Viemos aqui esta noite por ti. — Sua voz era suave e áspera ao mesmo tempo. — Não me importaria não voltar a pisar em Concord nunca mais. — Mas eu cresci aqui. Quero vir de vez em quando. — Ao notar a boca de

Heath em um ponto especialmente sensível de seu pescoço, inclinou a cabeça para seu ombro pois lhe pesava muito para sustentá-la. — Não é um povo ruim...

— Você foi o melhor que achei por aqui. Você foi a única razão pela qual permaneci aqui durante tanto tempo.

Ela sorriu trêmula.

— É isso certo?

— Depois do que aconteceu no rio e dos dois dias que passamos juntos, decidi esperar para ver que classe de compromisso tinha com Daniel.

— Fez algo mais que isso...

— Não podia te deixar sozinha.

— Sua falta de autocontrole não é desculpa para que pusesse fim a meu compromisso matrimonial.

Beijou-a levemente nos lábios.

— Arrependida?

Apertou o peito contra sua mão, aproximando-se dele.

— Não teria me perguntado isso se pensasse que é assim.

Heath sorriu sobre sua pele, retirando a contra gosto a mão de debaixo do corpete.

— Me responda igualmente.

Com um repentino estalo de energia, separou-se dele e pôs-se a rir ao esquivar sua nova tentativa de agarrá-la. Colocou-se em uma posição de precária segurança depois de uma pequena mesa redonda, agarrou-se a beira e lhe dedicou um olhar zombador. — Você gosta de dar ordens, verdade?

— E você gosta que lhe deem. — moveu-se para um lado da mesa e estirou o braço para apanhá-la, mas ela pôs-se a correr para o outro lado. Embora poderia havê-la detido, deixou que partisse, e sorriu ao ver como se afastava triunfante para o outro lado da sala.

— Só obedeço suas ordens quando quero — lhe informou, retornando ao canto ao mesmo tempo que ele.

— Me responda à pergunta que te fiz antes — exigiu franzindo o cenho de forma ameaçadora. — Alguma vez te arrependeu de ter te casado comigo em lugar de fazê-lo com o Daniel? — Ela apoiou as costas na parede, e lhe brilharam os olhos ao negar-se a responder. — quanto mais demore para responder, senhora Rayne, mais te arrisca a que te dê um bom açoite.

Lucy sorriu sem medo algum.

Não acredito que tivesse suficiente paciência para levantar todas estas rendas e anáguas...

— Querida, sempre que me desafiou teve que tragar suas palavras. — Como te atreve a dizer algo assim a sua esposa! — exclamou passando a seu lado e lhe dedicando uma sufocada gargalhada. Ele a agarrou pela cintura e a obrigou a voltar-se.

Seu privado divertimento se viu interrompido de forma abrupta pelo som de uma voz proveniente da porta.

— Lucy? — A senhora Hosmer os olhou com óbvia desaprovação. Nunca tinha levado bem semelhantes brincadeiras em sua casa. Eram um mau exemplo para seus três filhos, além de ofender a seu próprio sentido da correção. — Lucy, seu pai acaba de chegar. Está te procurando. Estou segura de que se zangará se não ir imediatamente lhe desejar um feliz Natal. — Estou segura de que o afundaria — murmurou Heath ao ouvido de Lucy, e foi tudo o que necessitou para tornar-se a rir.

— Obrigado, senhora Hosmer — disse afastando o abraço de seu marido e olhando-o de forma reprobatória. — Vamos agora mesmo.

— Sem dúvida — ecoou Heath, sorrindo à senhora Hosmer, que o olhou com suspicácia antes de sair da sala. Sua expressão ficou séria. — Sob nenhum conceito mostre a seu pai a má influência que fui para sua pequena filha.

— Não acreditaria absolutamente. Sempre te adorará por ter resgatado a sua filha caída em desgraça.

— E sua filha o que opina disso?

— Opina que... — Lucy se deteve e o olhou por cima do ombro. — Acredita que foste muito negligente ao não lhe fazer saber que estão os dois debaixo de um ramo de muérdago.

Heath riu com despreocupação, o que fez com que sua esposa sentisse um agradável comichão na boca do estômago. Enquanto a olhava nos olhos, esticou a mão e recolheu o raminho de muérdago para guardá-lo no bolso. — Para mais tarde — disse e lhe dedicou um sorriso.



# Capítulo 10

Heath ainda não tinha se acostumado à rudeza do clima, e sempre estava tentando a amaldiçoar o tempo atmosférico cada vez que saía de casa. O frio do inverno no norte lhe penetrava no tutano dos ossos, e o vento conseguia filtrar-se pelas diferentes capa de roupa. Dado que Lucy tinha vivido em Massachusetts toda sua vida, estava acostumada aos rigores do inverno e não lhe prestava especial atenção. Para Heath quase resultava intolerável. À medida que avançava a estação, bem entrado o mês de janeiro, piorou até que se fez impossível estar ao ar livre durante mais de cinco minutos. Heath insistiu em que todas as acomodações da casa estivessem esquentadas e em manter todas as estufas a pleno rendimento, o qual para Lucy não fazia muita graça, pois tinha sido criada em uma estrita tradição de frugalidade, em particular com o referente a questões relativas ao aquecimento da casa. Entretanto, como desejava que estivesse contente e de bom humor, forçou-se a aprender a gastar carvão e lenha sem pestanejar.

Durante uma semana especialmente dura no relativo ao clima, as camadas de neve que cobriam as ruas de Boston se fundiram parcialmente, dando como resultado vários centímetros de gelo quando as temperaturas voltaram a cair. Percorrer a cidade era difícil e desagradável no melhor dos casos, e em algumas zonas da cidade simplesmente impossível. Heath chegou em casa da redação do jornal completamente gelado, com o cabelo escurecido pela umidade da neve e da chuva.

— Por que não usa chapéu? — perguntou Lucy franzindo o cenho enquanto o ajudava a tirar o casaco.

— Esqueci-o — disse aflito tocando castanholas os dentes. — Um grave erro.

— Muito grave — concordou enquanto lhe tirava o cachecol e o olhava com preocupação. — por que está tão molhado?

— Washington Street... Havia muito gelo para ir de carro... Tive que caminhar da esquina... Um verdadeiro inferno.

— Tem a cara e as mãos geladas — exclamou, tentando esquentá-las mediante fricção, mas seus fúteis esforços unicamente obtiveram com que sorrisse. — Não só as mãos e a cara.

Lucy estava muito preocupada para rir. Levou-o escada acima sem perder tempo e insistiu para que tirasse a roupa e se envolvesse em uma bata quente imediatamente. Heath ficou frente à chaminé durante um bom momento, curvado e tiritando como um gato.

Jantaram no dormitório, sobre uma pequena mesa frente à chaminé, enquanto as douradas chamas obrigavam às sombras a retirar-se ao fundo do quarto. Lucy entreteve Heath lhe contando as coisas que tinha feito com o passar do dia. Enquanto dava goles a seu conhaque, Heath parecia mais pensativo do que nele era habitualmente. Seus longos dedos se curvavam ao redor da taça; com o polegar acariciava suavemente a borda. Em momentos como esse, seus movimentos desprendiam uma lânguida graça e Lucy podia ficar horas observando-o.

— E então o deputado Gowen disse... Heath, está-me escutando? — Escuto — lhe assegurou sem ênfase, apoiando as costas no respaldo e pondo os pés nus na cadeira de sua mulher. Não sem dificuldade, deixou de contemplar o rosto dela à luz das velas e se concentrou na conversa. — O que disse o deputado Gowen?

— Falou de proteger a indústria naval do país e de fortalecer de novo a armada.

— Bem. Tiveram-na muito descuidada desde que acabou a guerra.

— E disse que tínhamos tido vantagem na construção naval durante os anos cinquenta, quando os navios se construíam com madeira, mas agora que se fabricavam com ferro, os britânicos nos tinham adiantado. O deputado Gowen acredita que deveríamos aumentar as ajudas aos navais americanos assim como os impostos que cobramos a todas as coisas que importamos graças a nossos navios.

— Segue — disse em voz baixa, apoiando o queixo na mão e olhando-a nos olhos.

— Se te interessar tudo o que disse... tomei algumas notas durante sua conferência e poderia as ler. — encolheu os ombros como se não fosse com

ela a coisa. — Ou posso lhe contar isso Não me importa.

— Notas — repetiu Heath empurrado por sua curiosidade. Perguntou-se do que estaria falando, e se esforçou por não sorrir. — Sim, eu gostaria de dar uma olhada.

Evidentemente, essa era a resposta que Lucy queria ouvir, por isso ficou em pé nervosa e se aproximou da mesinha ao lado da cama.

— Tenho-as aí. — Abriu a gaveta superior e tirou um estreito maço de papel. — São só uns rabiscos.

Assim que lhe passou as notas, Lucy se sentiu assaltada por um montão de dúvidas. Queria olhá-las antes de que ele pudesse as ler. Não sabia o que lhe tinha levado a escrever enquanto escutava a conferência. Durante a manhã tinha lhe parecido uma boa ideia, mas de repente se arrependia de haver dito a seu marido. Mas como Heath sempre estava falando de seus repórteres, a respeito de seus acertos e dos erros que cometiam, ela queria saber se era capaz de escrever um artigo. Lucy se perguntou pesarosa se seus esforços poriam Heath em um compromisso. Só o medo a parecer inclusive mais estúpida do que já se sentia evitou que dissesse algo mais. Cruzou as mãos a suas costas, muito inquieta para sentar-se.

A metade da primeira página, Heath a olhou.

— Eu não acredito que isto sejam só uns rabiscos, Cin.

Encolheu os ombros e afastou a vista para que pudesse seguir lendo. Quando Heath acabou, deixou o artigo sobre a mesa com muito cuidado. Seu rosto mostrava uma estranha expressão, algo que Lucy não conseguiu decifrar.

— É perfeito. Não poderia propor nenhuma só melhora. Quanto tempo demoraste para escrever isto?

— OH, uma hora ou duas. — passou-se toda a manhã, mas ele não tinha por que sabê-lo.

— A escritura, a longitude, o estilo... tudo está como tem que estar... — Lhe tratou com atenção com um incrédulo sorriso. — Sabe o muito que Damon e eu temos que pressionar a nossos repórteres para que façam algo como isto?

Teve que esforçar-se muito para apagar de sua cara o estúpido sorriso que a invadiu devido ao prazer que lhe produziram suas adulações.

— Só queria tentá-lo.

— Eu gostaria de passar-lhe ao Damon.

— Quer dizer para que o publique no Examiner?

— Sim, exatamente.

— Não acredito que seja o bastante bom — disse evasiva.

— Não é momento para ser modesta — disse secamente. — É o bastante bom.

— A sério o acha? — Sorriu-lhe radiante. — Se quiser, levá-lo ao Damon, mas não lhe diga quem o escreveu. Assina-o com minhas iniciais, assim se não gosta, ninguém terá por que sabê-lo.

— Não lhe direi quem o escreveu — lhe assegurou. — Mas provavelmente suspeite algo.

— Está tentando me adular ou realmente gostou do artigo?

— Não pretendo te adular. — Heath deu uma olhada ao artigo e passou os dedos pela primeira página, ainda surpreso pela clara precisão de sua escritura. Uma curiosa sensação de orgulho invadiu seu peito ao repensar no que tinha feito sua esposa. — De fato, envergonha-me admitir que me surpreendeste. — Envergonha-te?

— Não deveria me surpreender algo como isto. Sendo você a que o escreveu, não. — ficou em pé e se aproximou dela, tomou o queixo e lhe ergueu a cara. Era consciente Lucy do pouco que se parecia com a garota com a que se casou? Um ano atrás, ela possuía algo, um brilho especial que lhe tinha atraído contra sua própria vontade. Agora, esse inominável brilho de magia se transformou em algo muito mais potente. Que Deus tivesse piedade dele quando ela aprendesse a utilizá-lo. — É maravilhosa. — Sorriu lentamente. — Faria algo por mim, Lucy?

— O que?

— Nunca deixe que pense em ti simplesmente como mi... companheira de jogos.

— Existe a possibilidade de que o faça?

Olhou de soslaio para a cama.

— Temo-me que ao apreciar certos talentos teus tenha passado por cima outros.

— E eu posso pensar em ti como meu companheiro de jogos?

Seu rosto se iluminou com um sorriso.

— Sempre. — Deslizou a bata de Lucy deixando à mostra seus ombros e roçou a parte superior de seus peitos com os polegares, escutando o leve gemido que ela deixou escapar em resposta. — Está cansada de falar? — sussurrou enquanto lhe mordiscava o lóbulo da orelha. — Então, vamos à cama, Cinda. Esta noite tenho um jogo novo para ti.

Ela o seguiu sem pensá-lo, enfeitiçada pela promessa de seu malévolo sorriso.

O artigo de Lucy se publicou no jornal, e Heath não demorou muito tempo em animá-la para que escrevesse outro. Custou-lhe muito mais escrever o segundo, mas ao comprovar a diligência com a qual Heath respondia a suas perguntas, resultou-lhe menos embaraçoso lhe pedir ajuda. Sentou-se com ela e lhe fez sugestões a respeito de como melhorar seu trabalho, enquanto ela teve que tragar toda sua indignação ao ver que eliminava seu parágrafo favorito. Também pôde comprovar quão bom era Heath no que fazia, pois conseguia dar a impressão de que reescrever um artigo podia ser um prazer em vez de um chateio. Não havia dúvida de que tinha ajudado Damon para que seus editoriais fossem de tão alta qualidade. Heath tinha um dom para clarificar as coisas. A maioria dos escritores nunca eram totalmente capazes de dizer exatamente o que queriam dizer. Mas Heath sim. Sabia com precisão o que queria dizer e desejava que outros também soubessem. O Examiner, tal como ele o entendia, tinha que refletir esse mesmo temperamento, mostrar audácia e inclusive incomodar um pouco. Queria que seus repórteres fossem valentes. E queria que escrevessem sobre «aquilo que os outros repórteres dos outros jornais» nem sequer tinham ouvido falar. Sua concepção das notícias era radical com respeito a como se enfocavam naquela época. A maioria dos jornais eram uma simples caixa de ressonância para a voz editorial. Mas o Examiner concedia uma grande importância aos esforços de seus repórteres: «Não esperem a que ocorram as notícias, ides encontrá-las,

as criar, as definir». Só uns poucos repórteres entenderam o que Heath queria deles, e trabalharam muito duro para satisfazer suas exigências.

Viver com Heath dava a Lucy uma vantagem sobre todos eles: entendia muito mais sobre quem era ele, sobre seus sentimentos com respeito à linguagem e a seu trabalho do que nenhum deles poderia chegar jamais a imaginar. Um jornalista é, em geral, uma testemunha dos tempos em que vive.

Mas ela sabia que Heath queria algo mais que isso, apesar de não havê-lo expressado pessoalmente. Queria influenciar nos acontecimentos, nas pessoas e nas decisões mediante o poder das palavras impressas no papel. As causas nas quais acreditava não poderiam resolver de nenhum outro modo. Assim, o primeiro objetivo era converter o Examiner no jornal mais informado e capitalista de Boston. Lucy acreditava que era possível, e ela estava disposta a contribuir com seu grão de areia para consegui-lo. Tinha talento com o manejo das palavras e uma crescente confiança em sua capacidade para escolher as adequadas. E o que era mais importante, tinha contatos com pessoas muito influentes de Boston dos quais nem Heath nem Damon podiam imaginar: não os peixes gordos em pessoa, a não ser suas esposas.

Uma e outra vez tinha demonstrado ser uma digna fonte de informação, como no dia em que ninguém pôde dizer nenhuma palavra sobre a proposta que fizeram a um senador para que se encarregasse dos ferrys da East Boston. Lucy se inteirou de todos os detalhes da proposta graças à esposa do senador enquanto tomavam o chá em um clube. Como se encontrava entre aquelas mulheres, inteirou-se do que estava se cozendo e passou discretamente a informação a seu marido. Os repórteres do Examiner começaram a rebuscar em lugares inesperados, bem a tempo para inteirar-se das últimas histórias, e suas reportagens ganharam a fama de ser as mais atualizados da cidade. Lucy se reservou, entretanto, algumas história para as escrever ela mesma, e suas habilidades foram melhorando com o tempo. Adorava poder compartilhar o trabalho com Heath. Era gratificante saber que, às vezes, podiam comunicar-se a um nível puramente intelectual. Segundo sua experiência recente, Lucy tinha descoberto que à maioria dos homens não gostavam de ver a faceta intelectual de uma mulher. Mas Heath não se sentia ameaçado por sua inteligência: desfrutava compartilhando ideias com ela. De fato, parecia desfrutar com todo o relacionado com sua esposa, inclusive nos pontuais

momentos em que mostrava todo seu caráter. Em ocasiões, provocava-a para tirá-la de sua comodidade e que deixasse de lado suas boas maneiras. Adorava discutir com ela, pegar o cabelo e enrolá-lo. Heath possuía a chave de todas suas paixões, e se assegurava de que as experimentasse todas com tanta luxúria como ele. Suas lembranças da vida que levava antes de casar-se com ele eram um pálido reflexo. O que sabia então da felicidade? O que sabia então de nada?

Nos dia 26 de janeiro, Virginia aceitou a décima quinta emenda e foi readmitida na União. Aquela notícia revolucionou as redações de todos os jornais de Washington Street; todos falavam das provas de lealdade que o Senado exigia dos cargos públicos, assim como das muitas condições relativas ao direito ao voto, os cargos escolhidos e as escolas públicas. Em fevereiro, Mississippi também ratificou a emenda, e o estado inteiro sofreu uma convulsão devido aos muitos incidentes de violência racial que aconteceram. Havia muitas notícias para publicar.

Heath começou a trabalhar horas extra e chegava em casa exausto todas as noites. Nenhum dos rogos de Lucy para que diminuísse o ritmo e descansasse tiveram efeito algum. Parecia não cansar-se, e forçava os outros a que fizessem o mesmo, acrescentando uma edição dominical do jornal e duas páginas diárias mais. Como resultado, todos no Examiner obtiveram a satisfação de ver como se assinavam cinco mil novos leitores, situando-os ao nível do Journal. Heath e Damon estavam exultantes devido ao progresso que tinha experimentado o jornal. Eram competitivos. E começaram a se estender piadas pela cidade que diziam que os donos do Herald estavam começando a olhar por cima do ombro por temor a que os «examinassem». Lucy estava encantada com o êxito de Heath, mas ao mesmo tempo lhe preocupava sua incessante atividade. Trabalhava a todas as horas durante a semana, e a levava a atos sociais durante o fim de semana, e prescindiu de dormir como se, se tratasse de uma comodidade desnecessária. Inclusive Damon tinha admitido que não podia seguir o ritmo de Heath. Pouco a pouco, aquela apertada agenda trabalhista começou a mudá-lo. O caráter de Heath se fez mais irritável. Começou a desenvolver uma leve, mas persistente rouquidão por passar tanto tempo ao ar livre, e o tom doce de sua voz adquiriu uma aspereza que não dava a impressão de minguar. Depois de comprovar que

suas bochechas estavam pálidas e que tinha perdido peso, Lucy decidiu intervir.

— Cin — disse Heath entrando na sala e apertando bem o nó da gravata, — está preparada? vamos chegar... — deteve-se imediatamente ao comprovar que ainda vestia a bata e que estava sentada na beira da cama.

— Esta noite não vou — disse com determinação.

A boca de Heath riscou uma careta de impaciência.

— Querida, já te expliquei que não temos alternativa. É o jantar da Associação de Imprensa, e há algumas pessoas com as quais tenho que falar...

— Também disse que Damon estaria ali.

— Não há tempo para discutir...

— Pois não discutamos. — Olhou-o e não pôde evitar que lhe umedecessem os olhos. Estava tão bonito e impecavelmente vestido como sempre, mas o brilho de vitalidade que lhe caracterizava tinha sido apagado pelo excesso de trabalho, e tinha olheiras. Sua expressão evidenciava cansaço. O que era o que tão insatisfeito o fazia sentir para empurrá-lo a trabalhar até a morte? Era algo relacionado com ela? Ou algo tão preocupante que nem sequer podia falá-lo com sua esposa?. — Eu não gosto de sair todos os fins de semana — disse com voz trêmula. — Nem sequer temos tempo para nos sentar e... estar juntos.

— Não será sempre assim — disse Heath com tranquilidade. — Mas agora há um montão de coisas das que ocupar-se e...

— Mas nem tudo tem que fazê-lo você! — gritou. — Nunca confia em ninguém para que faça todo esse trabalho... e... e é muito arrogante acreditar que é o único que pode fazê-lo!

— Lucy... — Ao ver que as lágrimas escorregavam por suas bochechas, suspirou e esfregou as têmporas. — De acordo. Dentro de umas semanas começarei a procurar a maneira de delegar responsabilidades.

Isso não a satisfaz. De fato, provocou que erguesse ainda mais a voz.

— Não sei quanto tempo vais poder aguentar, mas eu já não posso mais! Resmungando uma maldição entre dentes, tirou os sapatos, o casaco e a gravata, tomou-a nos braços e se sentou com ela no colo sobre a cama. Lucy



se apertou contra seu peito enterrando a cara úmida em seu pescoço. Transmitia calor e solidez, e notou o batimento de seu coração sob a palma da mão.

— Shhh... Está tudo bem — disse contra seu cabelo, embalando-a. — Hoje não sairemos. Ficaremos aqui.

— Já não sou tão feliz como antes...

— Sei. Sei, querida. Arrumarei-o. Tudo ficará bem a partir de agora.

— Já não ri tanto como antes.

— Farei-o. Amanhã começo.

— Dedica todas suas energias ao jornal... e... e quando está comigo está tão cansado...

— Deus. — Heath sorriu e a beijou atrás da orelha. — O sinto. Não chore, querida... Shhh...

Falou-lhe em sussurros sem deixar de embalá-la, lhe acariciando o cabelo até que deixou de chorar. Lucy se sentiu aliviada quando ambos se tornaram para trás sobre a cama. Nada ia mal se ele estava a seu lado e a rodeava com seus braços.

— Fica comigo — lhe disse abraçando-o com força. — Não vá. Descansemos... descansemos um pouco. Já jantaremos aqui mais tarde. Dado que ainda era cedo, Lucy supôs que ele se negaria. Heath tinha todas as noites artigos e outros textos que repassar antes de ir à cama. Mas se mostrou estranhamente disposto, não protestou quando ela ficou em pé e foi apagar a luz. Quando retornou à cama, ele respirava como se estivesse dormindo, por isso se aproximou e apoiou a cabeça em seu peito. Entrelaçou os dedos em seu cabelo enquanto observava o fogo na chaminé. O corpo de Heath relaxou com o sono. Mas este sono foi diferente, foi mais agradável, mais pacífico. Estava totalmente quieto. Era um sono profundo e exausto, um sono desejado. Nem sequer se alterou quando bateram na porta. — Sim? — respondeu Lucy em voz baixa olhando para a porta. — O que acontece?

Bess apareceu a cabeça com cautela.

— Senhora Rayne, o chofer... -

— Lhe agradeça pelo incômodo e lhe diga que não o necessitaremos esta noite — disse Lucy com seriedade. — lhe Diga que leve a carruagem. E depois te assegure de que não nos incomodem em toda a noite. — Soube que sua forma de falar tinha sido desnecessariamente brusca, mas a criada não pareceu ofender-se. — Sim, senhora Rayne.

Voltou a fechar a porta e o quarto ficou às escuras exceto pelo vermelho fulgor das brasas. Tudo estava em silêncio, só se escutava o ocasional crepitar do fogo e a profunda e lenta respiração de Heath. Lucy permaneceu acordada até depois da meia-noite, como se sua vigilância fosse quão único podia garantir o descanso de seu marido. Possivelmente algum dia lhe divertisse recordar o tensas e incertas que tinham sido essas horas, e como ela havia sentido um medo irracional com respeito ao mundo que se estendia fora da casa. Possivelmente algum dia recordaria essas horas com um sorriso. Mas não nesse momento. Não então.

— Tem febre — insistiu lhe seguindo de um lado para outro enquanto se vestia disposto a sair de casa.

— Talvez — disse Heath. Secou a cara recém barbeada com uma toalha e voltou para o dormitório. — Estamos no inverno. Todo mundo tem um pouco de febre em algum momento. Isso não vai impedir que vá trabalhar.

Lucy deixou escapar um estranho gemido.

— Se soubesse quão teimoso foste ficar, teria te amarrado à cama enquanto dormia!

Ele sorriu e se estirou, sentindo-se mais energético do que o tinha estado á semanas.

— Me alegro de que não saíssemos ontem à noite. Um pouco de descanso extra era justo o que necessitava.

— Ainda o necessita. Ao que parece, acha que uma noite de descanso vai te servir para algumas semanas mais de excessos. Pois não! — Ao precaver-se de quão despreocupado parecia, sentiu-se tão irritada que o único que lhe veio à mente foi o desejo de esbofeteá-lo. Acaso havia outra maneira de fazê-lo entrar em razão?. — E se não chegar cedo esta noite, e mantém todas as promessas que me fez com respeito a...

— Não te queixe, querida. — Beijou-a no nariz e saiu do quarto a caminho da escada.

Lucy brandiu o punho enquanto tentava que sua voz não se agudizasse tanto como a de uma peixeira.

— E o café da manhã? — conseguiu lhe perguntar mais ou menos sob controle.

Sua áspera voz lhe chegou do corredor.

— Não tenho tempo, Cin. Verei-te esta noite.

Apesar dos bons auspícios da manhã, o bom humor de Heath desapareceu quando levava uma hora na redação. Sentou-se em seu escritório para ler. A leve dor de cabeça a qual não tinha prestado atenção até esse momento aumentou com todas suas forças. Era uma dor de cabeça que parecia conectado a todos os ossos de seu corpo até lhe chegar aos calcanhares. Ele passou por cima e se concentrou nas palavras que se estendiam ante seus olhos até que estas começaram a dançar. Mesmo assim, trabalhou até quase o meio-dia, quando escutou a familiar chamada de Damon na porta. Cada golpe obtinha seu eco correspondente na cabeça de Heath.

— Não tem por que golpear tão forte — disse franzindo o cenho, e Damon entrou no escritório com uma careta de acanhamento.

— Me perdoe. Vejo que não está de humor para interrupções esta manhã. Queria contrastar contigo algumas ideias para o editorial.

— Não recordo que tivéssemos nenhum problema com... com... — Heath se deteve e fez rodar seus olhos. — De que demônios ia o editorial... dos rebeldes do Hiram?

— Não. Isso foi ontem. — Damon o observou com aqueles frios e curiosos olhos negros, fazendo com que Heath se sentisse inexplicavelmente incômodo. — O novo tráfico sobre a rebelião cubana— prosseguiu Damon mais devagar, — e elogiamos a decisão do secretário Fish de não proclamar os cubanos beligerantes. E acredito que deveríamos incluir um parágrafo a respeito dos casulos que governam na Espanha. Isso comportaria um bom punhado de simpatia por parte dos cubanos.

— Bem. Bem. Adiante.

— De acordo. — Damon se deteve um segundo antes de sair, baixou um pouco a voz. — Sua esposa tramou algo para te reter em casa ontem à noite...

— Obviamente — replicou Heath com voz grave.

— Bem fez ela. Não fez muitas pausas ultimamente. Não se preocupe, não perdeu grande coisa. Sou capaz de dirigir esses assuntos, já sabe. Se você perdesse as rédeas, eu saberia como manter o ritmo.

Heath ergueu a cabeça como se não tivesse ouvido bem. A febre fazia brilhar seus olhos de um modo muito chamativo. Respirou fundo.

— Deus todo-poderoso. — Para alguém tão pouco dado aos dramalhões como Damon, aquela suave exclamação equivalia a uma chamada de alarme. — Você não está bem. Farei com que alguém te leve para casa. — Não seja tolo. Só necessito... um pouco de água. — Heath apoiou a cabeça sobre a mesa, entre os braços.

— E você diz que sou parvo — murmurou. — Estupendo. — Saiu do escritório e retornou ao fim de cinco minutos.

Enquanto descansava a cabeça no escritório para recuperar as forças, teria jurado sobre a Bíblia que, ao menos, tinha passado uma hora.

— O carro está lá fora — disse Damon. — Entre dois ou três poderemos te tirar para fora, assim que eu...

— Sairei por meu próprio pé — disse Heath erguendo a cabeça e olhando Damon com os olhos acesos.

— Necessita ajuda.

— Não... diante deles.

Damon sabia que Heath estava se referindo à equipe do Examiner. Heath queria parecer invencível a seus olhos. Damon esteve tentado em discutir sua decisão, imaginando corretamente que as forças do Heath acabariam cedendo se, se prolongava um pouco mais da conta. Mas Damon estava começando a entender a natureza do orgulho sulino, e sentia uma estranha admiração pela valente inconsciência do mesmo. Também sabia que Heath sempre sentiria rancor para com ele se não concordasse com essa particular demanda.

— De acordo. Pode tentar sair sem ajuda — aceitou Damon a contra gosto. — Mas caminharei a seu lado, no caso de lhe falham as pernas. Mas se

cair em cima de mim me machucará, e em tal caso te levantarei puxando pelas orelhas.

Heath resmungou algo mas bem pouco agradável sobre os ianques e ficou em pé com um só movimento, agarrando-se a beira do escritório enquanto a sala dava voltas a seu redor.

— Rebelde cabeça dura — disse Damon entre dentes. — O que tem feito a ti mesmo?

Alertada pelos impetuosos golpes na porta principal, Lucy percorreu o corredor caminho para ela justo no momento em que Sowers a abria. — Heath! — gritou assustada ao ver seu marido apoiado no marco da porta, com a cara pálida apesar de seu tom bronzeado. Damon estava a seu lado, agarrando-o por um braço.

— Estou bem — grunhiu Heath.

— Está doente — esclareceu Damon fazendo um gesto ao mordomo para que o ajudasse a entrar com Heath em casa. — mandei chamar o médico de minha família. Estará aqui em questão de minutos.

— Só preciso descansar...

— Malditos sudistas — disse Damon. — Nunca sabe quando render-se. — Apesar de que tinha pronunciado aquelas palavras com sua típica frieza, algo parecido ao afeto corria por debaixo da aparência.

Os três levaram Heath até o dormitório, e Sowers retornou abaixo para esperar ao médico. Em uma situação normal, Lucy teria se incomodado muito com o fato de despir sequer parcialmente a seu marido na presença de outra pessoa, mas lhe tirou o casaco e os sapatos sem ficar nervosa, apenas consciente de que Damon estava ali observando tudo com seus olhos de ébano. Heath tiritava. Lucy murmurou algumas palavras e lhe subiu os lençóis até o pescoço, e os adaptou repetidamente à linha que formavam seus ombros.

— Senhora Rayne?

Reconheceu a voz de Bess e respondeu sem olhar:

— Traz mantas.

— E umas pedras quentes envoltas...?

— Sim. Sim, mas se apresse — disse Lucy mordendo o lábio.

A criada saiu do quarto e desceu correndo a escada. Heath apoiou a bochecha na palma da mão de Lucy, fechou os olhos e dormiu sem esforço algum. Teve vontade de chorar. A seu marido ardia a pele. Como podia tiritar dessa maneira? Olhou para Damon sentindo culpa e dor.

— Trabalhou muito — sussurrou. — Deveria havê-lo obrigado a parar.

— Não teria podido — replicou Damon com calma. — Todos o tentamos. Mas tem um demônio dentro que o controla... faz tempo. Não poderia havê-lo detido.

Surpreendida, Lucy o olhou com suspicácia. A que se referia? Teria contado a Damon algo que não havia dito a ela? Ou Damon se limitava a supor uma razão oculta para o incansável afã de Heath? Nunca conheceria a resposta, porque o médico apareceu antes de poder perguntar a Damon. Lucy não se importava com o amáveis e confiados que se mostravam, os médicos sempre lhe tinham dado medo. Sua mera presença indicava que algo não ia bem. Sempre pareciam insensíveis, e Lucy tinha a teoria de que o fato de ter que tratar tão frequentemente com a dor e a morte os tinha afastado do resto das pessoas. O doutor Evans, o homem que Damon tinha mandado chamar, era mais amável que a maioria. Comportava-se como um avô, e parecia entender à perfeição os medos de Lucy, lhe assegurando que com Heath não acontecia nada grave além da febre e o cansaço. Prescreveu lhe tônicos e descanso contínuo, e depois o velho doutor se foi com animada celeridade. Lucy o acompanhou até a porta principal e viu como partia. — Como estar? — escutou dizer Damon a suas costas, e ela se voltou para descobrir que tinha estado esperando no salão.

— Muito melhor do que temia — respondeu lentamente. — Só precisa descansar. Não sabe o aliviada que me sinto, e o muito que lhe agradeço que...

— Não há de que.

Lucy não se enganou com o indiferente tom de sua voz. Damon talvez tratasse de ocultar seus sentimentos, mas ela tinha podido comprovar sua

preocupação enquanto levavam Heath ao dormitório, e também se precaveu de sua amabilidade para com ela.

— Estou-lhe muito agradecida — repetiu desejando lhe dizer algo mais, mas temendo incomodá-lo.

— Tenho que voltar para o jornal.

— Posso lhe oferecer algo de comer ou de beber antes de que se vá? — perguntou-lhe consciente de que tinha passado a hora do almoço. — um pouco de chá?

— Obrigado, mas não. Há muito que fazer.

— Isso é o que diria meu marido.

Suas palavras lhe fizeram sorrir.

— Sua obsessão pelo trabalho deve ser contagiosa.

Ela riu a contra gosto.

— Então, tome cuidado. Não queremos que você também caia doente. — Não. — O escuro sorriso que mostravam seus olhos se transformou em agridoce quando a olhou nos olhos. — Por favor, lhe diga de minha parte a seu marido, senhora Rayne, que não se preocupe com o Examiner. Mantereí o tudo em ordem e em seu lugar.

— Sei que ele confia em que você se encarregará de tudo.

— E você? — A expressão de Damon se converteu em uma careta de brincadeira assim que pronunciou aquela pergunta.

Lucy não estava segura de por que lhe perguntava isso, e lhe deu a impressão de que ele tampouco o sabia.

— Eu também confio em você — disse em voz baixa. — E agora, se me desculpar. Tenho que ir acima com Heath. Sowers lhe acompanhará à porta. Um tanto confundida, Lucy subiu a escada para voltar junto a seu marido. Seu instinto lhe dizia que não tinha nada que temer de Damon Redmond, mas a tratava com tanta correção que parecia como se temesse que ela pudesse descobrir um segredo guardado com extremo zelo. Não parecia desejar sua gratidão, e entretanto passou o dia ali em um discreto segundo plano, cuidando de tudo e permanecendo na casa até que soube que já não o necessitavam.

Lucy mal dormiu essa noite, sensível a qualquer movimento de Heath, despertou em várias ocasiões para fazê-lo tomar o tônico e para colocar bem as mantas, pois seguia tiritando. Devido à ansiedade e a falta de sono, permitiu-se dar uma cochilada quando estava a ponto de amanhecer. Despertou horrorizada ao descobrir que os lençóis estavam empapados em suor, e que o cabelo de Heath estava úmido por inteiro. Tinha a camisola úmida.

— Heath? — Subiu-lhe as mantas tentando mantê-lo quente até que voltassem a fazer a cama. Ele negou com a cabeça e abriu os olhos para mostrar um olhar vidrado.

— Não, não — murmurou, esforçando-se por afastar as mantas. — Calor... Tenho calor...

— Já sei — disse ela com doçura enquanto apoiava a mão em sua testa. Sua pele parecia irradiar o calor do carvão. — Fique quieto... por favor, fique quieto. O faça por mim.

Ele resmungou algo ininteligível e fechou os olhos, virando o rosto. Por sorte, Bess tinha estado casada, não tinha inibições a respeito das questões pessoais. Demonstrava uma impagável combinação de eficiência e pragmatismo. Lucy se sentia muito agradecida por sua ajuda ao acomodar Heath e trocar os lençóis por outros limpos e secos.

— O doutor me disse que isto duraria um dia ou dois — lhe disse à criada enquanto entravam no quarto carregadas com os lençóis limpos de linho. — Isso está bem — replicou Bess, olhando a imóvel figura dentro da cama. Seus anteriores movimentos tinham sido uma miragem, pois Heath dormia como se o tivessem deixado inconsciente.

— Alguma vez teve que cuidar assim de seu marido? — perguntou Lucy, pálida e contrariada, embora de algum modo totalmente tranquila.

— Sim, senhora Rayne.

— Suponho que a febre sempre é tão forte o segundo dia...

— Nem sempre. — Ao olhar-se aos olhos, Lucy soube a verdade: a febre do Heath era pior do que Bess já tinha visto.

— Acredito... acredito que depois poderíamos tentar lhe dar um pouco de sopa. Um caldo suave — disse Lucy ignorando a voz interior que lhe dizia



que o doutor se equivocou e Heath estava gravemente doente. Não, estará doente durante um par de dias, e depois voltará a ser o de sempre.

Mas ao dia seguinte, a febre não tinha diminuído. Era mais alta, inclusive, e Heath desvairava. Apanhado em um delírio incessante, primeiro suave e imediatamente seguinte tiritava de frio, por isso Lucy se viu obrigada a repetir várias vezes o ciclo de lavá-lo com uma esponja, trocar os lençóis e lhe dar seu remédio. Mandou procurar o doutor Evans outra vez, e este visitou Heath durante bem mais tempo que na ocasião anterior. Seu rosto expressava gravidade quando levou Lucy longe da cama e lhe falou calmadamente.

— Se não baixa a febre logo, teremos que envolvê-lo em gelo. É perigoso que a febre seja tão alta.

Cobriram a cama com roupa impermeável e o envolveram em gelo. Mas nada do que tentaram conseguiu lhe baixar a febre.

Lucy se sentou a sós com Heath no quarto às escuras, observando aquele estranho cuja mente divagava no delírio, e cujos lábios formavam nomes que ela não podia reconhecer, falando com a voz da loucura. Aquele homem que sofria e tremia espasmodicamente não era Heath, seu cavalheiro de cabelos de ouro, seu risonho marido. Só durante breves frações de tempo o reconhecia, e eram momentos dolorosamente breves e muito distantes uns de outros. Falou-lhe, mas ele não deu amostras de escutá-la. Fez-lhe perguntas, mas ele não parecia conhecer as respostas. Parecia ter retrocedido a um tempo no que não a conhecia, e lhe doeu comprovar que não pronunciou seu nome nenhuma só vez.

Damon enviou uma das empregadas dos Redmond para que ajudasse Lucy a cuidar de Heath. Lucy, entretanto, mal se afastava da cama: não queria deixar seu marido aos cuidados de uma pessoa estranha. Mal comia nem dormia, mas como ia dormir sabendo que hora pós hora seu marido se afastava de seu lado?

De vez em quando, dava a impressão de que Heath rememorava sua estadia no campo de prisioneiros de Governor's Island durante a guerra. Quando ocorreu pela primeira vez, Lucy estava retirando uma compressa de

sua testa. Baixou a vista e se encontrou com seu olhar gelada. Seu coração deu um salto, pois parecia havê-la reconhecido.

— Água — sussurrou. Ela colocou uma mão sob sua cabeça para lhe dar de beber. Heath bebeu com ânsia e depois estalou a língua com desagrado, como se lhe tivesse dado veneno. — Merecemos algo mais que... esta porcaria — explodiu. — Não importa o bando... não somos... animais. — Aturdida, afastou o copo e retrocedeu assustada pelo tom de sua voz. Heath estremecia de forma incontrollável. — Não há mantas... vê-o... esses homens estão morrendo. Maldito ianque... levaste-te nossa comida e... vendeste-a para te encher os bolsos... só nos deixaste graxa e cartilagem...

Acreditava que estava em uma prisão da União.

— Papel... — murmurou. Papel.

— O que acontece com o papel? — perguntou Lucy acreditando que se referia ao papel do Examiner. — Mais. Racionarei-o.... Pagarei-te.

Estava pedindo papel para escrever. Para deixar preservado o que tinha escrito durante a guerra. Ao ver que não parava, Lucy começou a chorar. — Heath — disse enquanto as lágrimas lhe caíam pelas bochechas, — sou eu... Lucy. Quero-te. Não me vê? Não me conhece?

O som de seu pranto chegou até os ouvidos de seu marido, e ele ficou quieto durante uns segundos, confundido.

— Não — disse. — Não chore.

— Não posso evitá-lo...

— Por favor, Raine. Farei algo por ti. Não vá. Raine..., você sabe o muito que te necessito. Não o faça...

Lucy empalideceu, sentiu-se como se lhe tivessem golpeado no estômago. Raine de novo. A dor que transmitia a voz de Heath lhe chegou ao coração. Foi em busca de um trapo seco e enxugou as lágrimas.

— Mamãe, tenho dezessete anos... — murmurou suavemente. — Agora já sou um homem. Já sei o que acha... mamãe mas a amo. — De repente, lançou uma seca gargalhada. — É tão bonita. Não pode me negar isso não pode... As costas de Lucy doeram quando se inclinou para ele e colocou uma compressa úmida sobre sua testa.

— Raine... — tirou a compressa e agarrou Lucy pelo pulso. — Maldita seja. Não lhe ama... OH, Deus... — Apertou com mais força até que ela deu um puxão e liberou seu braço. O corpo de Heath inteiro deu um coice, e se pôs-se a chorar, levando a mão à têmpora lentamente. — Não vim aqui a te fazer mal. Jamais te faria mal.

Deus todo-poderoso, pensou aturdida Lucy, me ajude a aguentar isto.

— Senhora Rayne, o senhor Redmond veio vê-la.

Lucy deixou de lavar a cara de seu marido e esticou o braço em busca de uma toalha para lhe secar. A enfermeira que Damon lhe tinha enviado passou toda a noite junto à cama de Heath.

— Terei que trocar de vestido — murmurou Lucy, jogando uma olhada a sua indumentária. Estava cansada, e podia notar as mechas de cabelo que penduravam sobre seu pescoço e sua cara.

— Disse que só lhe roubaria uns minutos, que queria lhe comentar algo — disse Bess. — Algo sobre o jornal.

— Então suponho que não tenho tempo para me trocar. Me encontre um pente, rápido.

Sem muito entusiasmo, Lucy se esforçou por manter seu cabelo sob controle e ter um aspecto um pouco mais apresentável; depois, baixou ao salão. Damon ficou em pé assim que ela entrou na estadia. Levava um traje negro, e ia elegante e asseado. Lucy se sentiu estranhamente reconfortada pelo mero feito de vê-lo. Parecia tão são e enérgico que sua presença parecia diminuir a aura de pesadelo que flutuava na casa. Seu rosto não se alterou ao vê-la.

— Lamento incomodá-la.

Ela assentiu.

— Houve alguma mudança? — perguntou Damon.

— Não. Nenhuma mudança.

— Alguém de sua família deveria estar aqui com você. Quer que envie para procurar a alguém?

— Não tenho a ninguém exceto meu pai. E ele não pode me ajudar. Ele sozinho... sentiria-se incômodo, e eu... não quero vê-lo agora. — Lucy se perguntou se interpretaria mal sua negativa. Talvez não estivesse bem que não queria ter a seu pai a seu lado, e nesse caso não deveria haver expressado seus sentimentos a Damon. Pensou em Lucas, tão contente e concentrado em seu negócio, com sua cabeça chapeada inclinada sobre os livros de contas. A seu pai nunca tinha gostado de lutar com emoções profundas, já fossem delas ou de outra pessoa. Nunca tinha sabido o que fazer quando ela chorava. Sempre lhe tinha gostado da parte prática do ser pai, o dar conselhos e um ou outro discurso, ou lhe dar dinheiro e lhe deixar colocar a mão de vez em quando no pote dos caramelos se, se tinha comportado bem. Não saberia como ajudá-la em uma situação assim.

Lucy esclareceu garganta.

— Bess me disse que queria me dizer algo sobre o jornal.

— Sim. Havia um artigo sobre o Escritório Estatal do Trabalho que Heath trouxe para casa para dar uma olhada. Tem alguma ideia de onde pôde ter deixado?

— Deveria estar em seu escritório. Se esperar aqui, irei ver se o encontro.

— O agradeceria.

Ao dar uma olhada no escritório de Heath na biblioteca, com suas ordenadas pilhas de papel, os envelopes abertos e os livros de referência, não pôde evitar sorrir com ar melancólico. A última vez que o tinha visto sentado ali, tinha sido para lhe repreender por ficar acordado até tão tarde, e ele tinha interrompido sua leitura para sentá-la em seu colo e lhe dar um beijo. Ela teria dado qualquer coisa para que a beijasse de novo nesse mesmo instante. Que não faria ela para que a olhasse e a chamasse por seu nome? Abriu e fechou gavetas em busca do artigo, contente por ter algo que fazer que lhe permitisse pensar em outra coisa que não fosse sua frustração e seu cansaço. Na segunda gaveta da direita havia uma pilha de envelopes amarrados com uma corda e colocados no fundo. O nome de cima estava dirigido a Heath, e era letra feminina.

Apesar do sentimento de culpa, pois jamais tinha rebuscado em seu escritório, Lucy observou as cartas. O correto teria sido ignorar aquele pacote e fingir que jamais o tinha visto. Fez passar os envelopes e depois jogou uma

olhada ao redor antes de colocar a pilha dentro do bolso de seu vestido. Unicamente as olharia, só para saber quem as tinha escrito. Sou sua esposa, disse-se. Tenho o direito de saber do que se trata. Não tem que haver segredos entre nós. E ele, sem dúvida, sabe tudo sobre mim!, pensou. Sua consciência, entretanto, não opinava o mesmo quando fechou a gaveta e reemprenhio a busca do artigo. Quando o encontrou, retornou ao salão e o entregou a Damon, terrivelmente consciente do vulto que formavam as cartas em seu bolso.

— Obrigado — disse Damon, olhando-a de um modo diferente de como o tinha feito antes. Acaso podia apreciar a culpa em seu rosto? Podia imaginar que tinha descoberto algo no escritório de Heath? Possivelmente sua expressão, depois de tudo, não fosse tão diferente. Talvez Lucy estivesse deixando voar sua imaginação. — Se necessitar algo ou há algo que eu possa fazer... — disse, — peça-me isso por favor.

— Farei-o — respondeu Lucy, impaciente para que Damon saísse da casa. Era vergonhoso. Mas agora que tinha feito algo errado, ao menos queria saber o que era o que tinha descoberto. Não podia esperar para estar sozinha para examinar as cartas em privado.

Quando Damon se foi e Lucy ficou sozinha, correu a cortina do salão e se sentou em uma fofa poltrona. Descansou a cabeça contra o respaldo, suspirou e fechou os olhos durante um segundo para evitar a ardência. Custava-lhe acreditar o que estava a ponto de fazer. Enquanto seu marido estava doente e indefeso no piso de cima, ela estava abaixo disposta a ler sua correspondência privada. Não deveria fazê-lo... Não deveria. Mas tenho que saber. Desatou a fita a apressadamente e começou a passar os envelopes. Todos tinham sido escritos pela mesma mão. Todos tinham sido escritos pela mesma mulher. Tratava-se de Raine?

Não. Sentiu uma onda de alívio ao tirar a primeira carta e ler o nome da pessoa que a assinava. Amy. Era o nome da meio irmã de Heath. As linhas se inclinavam para cima e para baixo, escritas com uma cuidada letra infantil que evidenciava a juventude da autora. A primeira carta tinha sido escrita fazia mais de um ano, em junho de 1868. Ao olhá-la, Lucy descobriu um montão de observações sobre o estado da plantação Price e seus residentes. O nome de Clay — o meio irmão de Heath — aparecia mencionado

frequentemente, e havia uma breve referência a Raine, mas não dizia nada a respeito de quem era. Com impaciência, Lucy voltou a colocar a carta no envelope e tirou a seguinte. Leu uma atrás de outra, detendo-se em certas frases que lhe chamavam a atenção:

*Hoje, mamãe disse que não podemos voltar a te nomear nunca mais. Mas Raine e eu seguimos falando de ti em segredo. Raine diz que sente sua falta, inclusive depois do que aconteceu entre vocês.*

*Ao Clay dói muito as costas. Está doente.*

*Mãe está zangada todo o tempo. Diz que nunca deveria ter abandonado a Inglaterra para casar-se com papai. Agora que já não está, quer voltar para lá. O pobre Clay sabe que terá que ficar aqui por sua culpa. O doutor Collins diz que Clay tem que viver em um clima quente.*

*Raine e Clay voltaram a brigar...*

*Às vezes eu gosto de Raine, mas se zanga com muita rapidez. Agora não quer ter nada a ver com Clay. Acredito que mamãe tinha razão em uma coisa: Raine não é uma boa esposa para ele.*

Lucy conteve a respiração ao voltar a ler a última frase. Raine era a mulher de Clay? Então teve que casar-se com ele sabendo que Heath estava apaixonado por ela. Mas por que tinha escolhido Clay em vez de Heath? Pela plantação? Por dinheiro? Possivelmente porque Heath era filho ilegítimo. Sim, essa tinha que ter sido a razão.

*Falei com Clay e Raine sobre sua carta. Clay se pôs-se a rir quando se inteirou de que tinha te casado com uma mulher ianque. Disse que era o que merecia. Raine se sentiu contrariada durante um momento, depois ficou feita uma fera. Acredito que segue apaixonada por ti. Por que te casaste com uma*

*ianque? Tem muito dinheiro? Aqui há muitas garotas que necessitam um marido. Acredito que teria estado melhor com uma delas.*

*Raine já não compartilha o quarto com Clay. Dorme no quarto que você ocupava quando vinha nos visitar.*

*Acredito que Clay está morrendo...*

A voz de Bess rompeu o silêncio em que Lucy estava sumida.

— Senhora Rayne?

— O que acontece? — perguntou Lucy, envergonhando-se imediatamente ao notar o áspero de seu tom de voz. Mas é que se sentia como uma benjamim que tivessem descoberto na metade de um roubo, e sua irritação não era a não ser uma máscara para seu sentimento de culpa.

— O senhor Rayne a chama.

Lucy ficou em pé de um salto. As cartas caíram de seu colo ao chão em cascata. Olhou-as afligida. — Eu as recolherei — disse Bess.

— Não, Não, farei-o eu. As deixe aí, por favor. — levou-se os trêmulos dedos à boca, nervosa, e olhou para a escada. De repente, tinha medo. Por que a chamava precisamente agora? Acaso Deus lhe oferecia uma última oportunidade de lhe escutar pronunciar seu nome antes de...? Agitou a cabeça com força.

O espectador olhar de Bess a pôs em ação. Lucy apertou os dentes e pôs-se a andar, e se deu conta de que, à medida que subia a escada, seus medos foram ficando para trás. Uma estranha calma a invadiu. Seu coração se deteve na metade de um batimento, suspenso em seu peito como um pêndulo congelado.

A enfermeira, com expressão solene e compassiva, esperava Lucy na porta do dormitório. — piorou — disse. — Eu cuidarei dele. Nos deixe sozinhos, por favor. Heath se estirou e se queixou quando ela se aproximou da cama.

— Lucy... Quero Lucy...

Com muita ternura, ela pousou a palma de sua mão sobre a ardente bochecha de seu marido. — Estou aqui.

Mas ele não pareceu reconhecer o toque de sua mão, e seguiu repetindo seu nome. Lucy se inclinou para ele e lhe falou em voz baixa, interrompendo sua letania com suaves palavras até que deixou de falar. Deixou a mão em sua cara até que os músculos do pescoço começaram a lhe doer. Estava cansada de tudo, de estar nervosa e de estar perdendo as esperanças. Estava cansada de estar sozinha, e queria voltar a ter a seu marido ao lado, e estava farta de confrontar o terror de não voltar a desfrutar dele nunca mais. Pouco a pouco, Lucy foi baixando a cabeça até apoiá-la em seu próprio braço. Fechou os olhos e a escuridão se viu infestada de luzes multicoloridos. As lembranças a assaltaram através de seus sonhos: Heath rindo de suas ingênuas artimanhas... lhe fazendo amor... enterrando a cara em seu colo e realizando uma ébria confissão... sorrindo à luz de uma vela... abraçando-a quando chorava. Seus braços pareciam querer afastar-se dela, por isso lutou para manter-se perto dele, embora à medida que entrava na escuridão, mais o perdia. Sozinha, começou a dar voltas no negrume, entre as sombras se esforçava inutilmente por lhe tocar. Mas ele não estava. Tinha-o perdido. E nunca poderia lhe dizer que o amava...

Lucy abriu os olhos com um estertor, o coração lhe pulsava com força. Um pesadelo. Piscou, ergueu a cabeça e olhou para Heath. Suas pestanas pareciam escuros leques sobre sua pálida pele. Apertou a palma de sua mão com mais firmeza sobre sua cara. Sentiu o pulso tranquilo em seu queixo com o polegar. Sua pele estava fria.

Seguia sonhando? Realmente tinha desaparecido a febre? Todo seu corpo tremia, incapaz de acreditar o que tinha frente a seus olhos. Voltou a comprovar sua temperatura e sentiu seu pulso tranquilo e a suavidade de sua respiração contra as pontas de seus dedos. A febre tinha desaparecido milagrosamente. Esqueceu o cansaço e a dor de seus músculos enquanto a alegria lhe percorria o corpo. Voltava a ser dela.



# Capítulo 11

— Heath, o que está fazendo? — Lucy se achava no meio do dormitório. Foi ver como estava seu marido assim que retornou para casa. Resultou-lhe chocante ver que se levantou e quase se vestiu por completo pela primeira vez desde fazia várias semanas. Ele se voltou enquanto abotoava os punhos de sua camisa e lhe dedicou um olhar sardônico.

— Ao que parece, estou me vestindo, não te parece?

— Não pode sair da cama.

— Levo duas semanas deitado nela. Traguei várias garrafas de tônico, dormi mais de quatorze horas diárias, e engoli todas as colheradas de medicamento que me puseste na frente. Acredito que ganhei o poder de estar fora da cama durante um momento.

Olharam-se nos olhos; Heath mostrava uma fria determinação; Lucy, uma doce e precavida súplica. Em qualquer caso, ela sabia que não haveria súplica nem petição alguma capaz de lhe persuadir, e ergueu as mãos evidenciando sua rendição.

— Você sempre gosta de provar seus limites. Mas é muito cedo... — Não se trata de uma escolha pessoal. Não posso seguir me fazendo de inválido durante mais tempo. O jornal tem problemas.

— O senhor Redmond pode ocupar-se deles...

— Damon veio me visitar ontem, enquanto estava no clube de reuniões. Teve algumas dificuldades ultimamente... — Heath torceu a boca em um gesto de desagrado antes de acrescentar: — Em grande medida porque teve que assumir minhas funções além das suas. Hoje virá outra vez para comentar como terá que fazer as coisas até que eu volte.

— Não sabia veio ontem — disse Lucy sentindo a repentina pontada de exclusão.

— Não tinha por que sabê-lo — disse Heath com correção.

Ela deixou escapar o ar de seus pulmões.

— OH — disse, e riu sonoramente para tentar aplacar o mal que lhe tinham provocado suas palavras. — Quer dizer que é tua coisa. Que não tenho por que colocar o nariz... Deve te sentir como se tivesse querido te manter sob meu punho.

— Eu não disse isso.

Mas ambos sabiam que estava certa. Muito lentamente, Lucy se aproximou da mesa do cambiador e se sentou fingindo que arrumava o cabelo. Tinha o cenho franzido até o ponto de fundir as duas sobrancelhas em uma só. A falta de liberdade e privacidade devem lhe haver tirado de sério. Mas o que poderia ter feito eu nestas semanas? Acaso poderia não ter me misturado, não ter me preocupado? Só se lhe quisesse um pouco menos. Quase lhe tinha perdido, por isso lhe dava medo deixá-lo só durante muito tempo. Tinha desejado aproveitar cada momento junto a ele, conhecer todos seus pensamentos, o ter inteiramente para si. Entretanto, seu sentido de posse podia algum dia transformá-la em uma ciumenta arpia. Tinha que lhe dar espaço, ou se arriscaria a afastá-lo de seu lado.

Heath lhe havia dito em uma ocasião que suas demandas a algumas pessoas resultariam muito intensas. Lhe amava com total intensidade. Necessitava-lhe de todo coração. Lucy não podia negar que teria que passar muito tempo até senti-lo bastante seguro com a relação que mantinham. Seu instinto a levava a aproveitar todas as oportunidades para reforçar o vínculo com Heath, procurando sem descanso o modo de estabelecer sua relação, quando o único que tinha que fazer era relaxar-se e lhe permitir a liberdade que seu marido necessitava.

Voltou-se e olhou para Heath com um forçado sorriso.

— Ponho outro prato à mesa para o jantar?

Ele também sorriu, embora não a olhou nos olhos.

— Por favor.

Apesar de que tinha saído do quarto, Lucy seguiu olhando para o lugar em que tinha estado Heath. Heath Rayne, o magnata dos jornais do Norte, não se parecia em nada ao homem com o que se casou. Agora era uma pessoa menos lúdica e mais autoritária. O ar de despreocupação que o envolvia se transformou em uma aura de poder e responsabilidade. Inclusive a cor loira

de sua cabeleira escureceu até alcançar um tom marrom cinza durante os meses de inverno que não se correspondia com seus vinte e sete anos: o envelhecia. O mistério em torno de sua pessoa, entretanto, intensificou-se. Agora era mais enigmático, mais desconcertante, mais inacessível que nunca.

O suspiro de Lucy expressava frustração, consciente pela primeira vez de que seu marido tinha mudado, tanto exterior como interiormente, e de que teria que começar a admiti-lo. Por que ninguém lhe tinha advertido de que os homens mudam uma vez casados?

Esperava que Heath soubesse apreciar que o cuidassem enquanto esteve doente. O fato de ter-se equivocado agora a pouco demonstrava, mais uma vez, o pouco que o conhecia. Ele com muita dificuldade tolerava seus mimos. Em certas ocasiões teve que tocá-lo ou beijá-lo na bochecha para comprovar se estava bem, mas ele não tinha respondido a essas amostras de afeto. Pálido, silencioso e contido, tinha aceito o confinamento no leito sem queixar-se, até esse momento.

O doutor Evans lhe disse que o comportamento de Heath não era anormal, e que passariam algumas semanas até que recuperasse a saúde ao ponto em que estava antes de cair doente. Entretanto, Lucy deu por certo que as mudanças que tinha apreciado em Heath, seu enigmático humor, seu desacostumado silêncio, eram o resultado de suas condições físicas só em parte. A outra causa era muito mais inquietante. Parecia como se tivesse compreendido algo enquanto lutava com a febre, como se tivesse reconhecido algo que lhe preocupava seriamente. Não falou com ela. De fato, parecia em algumas ocasiões como se estivesse evitando com todas suas forças falar disso.

Raine. Apesar de que nunca a tinham mencionado, esse nome pendia sobre o silêncio que se estendia entre ambos, evitando as livres conversações que tinham mantido anteriormente. Lucy não sabia se Heath recordava algo a respeito dos delírios que tinha sofrido. Sabia o muito que tinha chamado por Raine? Suspeitava-o sequer?

As dúvidas que Lucy sentia a respeito não se viram aplacadas precisamente pela aparente falta de interesse que mostrou por ela. Ocupavam quartos separados, dormiam em camas distintas todas as noites, e embora fazia já algum tempo que podiam dormir juntos, Heath não tinha dado a

impressão de desejar alguma mudança a respeito. O plano de Lucy de retornar ao dormitório principal se esfumou nos últimos dias. Tinha esperado muito, agora lhe seria difícil e embaraçoso retornar à cama de Heath. Tinha verdadeira necessidade de conseguir alcançar uma posição que já era a que lhe correspondia? Sem dúvida, não. Mas, então, por que temia ser rechaçada? Não o deixava claro. Era de covardes esperar a que fosse ele o que o mencionasse, mas sua confiança se viu reduzida, e não queria correr um risco maior.

Damon tinha passado pela casa frequentemente para falar com Heath sobre o Examiner. Se, se deu conta de que as coisas entre Lucy e Heath não iam bem, não o mencionou. O jornal era o que lhe preocupava acima de tudo. Sem a presença de Heath para dirigir e motivar o pessoal, os empregados do jornal tendiam a mostrar-se mais irritáveis e descuidados com seu trabalho. Damon era um encarregado duro, exigente, sarcástico e impaciente com a debilidade dos outros. Admitia abertamente que não tinha a paciência de Heath, nem sua habilidade para fazer com que os repórteres dessem o melhor de si mesmos.

Todo mundo recebeu com grande alívio a volta de Heath ao Examiner. Assim que se ouviram seus familiares passos pelo chão da redação, todos se desfizeram em felicitações e perguntas, das quais ele se livrou erguendo as mãos e sorrindo.

— Estarei em meu escritório. Falarei com vocês de um em um. Farei-o por ordem alfabética, de» a «z»... Suponho que sabem como vai a coisa.

Damon levantou uma sobrancelha quando Heath passou junto a sua mesa.

— Esperava uma volta mais cerimoniosa.

Heath se deteve e o olhou, ampliando seu sorriso.

— Acha que deveria ter feito um discurso?

— Parece-me que não. Me alegro de que tenha deixado de fazer de inútil e volte a pôr mãos à obra nisto de dirigir um jornal. Não sei se você merecia um descanso tão longo.

— Depois de ler o jornal de ontem e de ver como estava levando as coisas, decidi que era o momento de voltar.

— Acha que poderia melhorar o número de ontem? — perguntou-lhe Damon com uma condescendente expressão que teria orgulhado ao clã dos Redmond.

— É obvio que sim. Queimei as pestanas tentando encontrar, sem êxito, uma menção aos Rede Stockings de Cincinnati.

— Não acredito que tenha nada de especial o fato de que uma equipe de beisebol se faça profissional...

— E que comece uma excursão de oito meses de Nova Iorque à costa Oeste... Li-o no Journal... começaram a editar uma coluna semanal sobre beisebol.

— O beisebol não tem nenhum sentido.

— É obvio que o tem. O beisebol é americano. Vou encarregar Bartlett que escreva algo para a página um sobre os Rede Stockings.

— Na próxima semana será a patinação — grunhiu Damon.

— Não me importa quão metidas sejam suas opiniões, às pessoas gostam de ler sobre esportes.

— Outra de suas teorias sobre o que gosta de ler às pessoas. Se for escrever sobre esportes, então façamos algo sobre críquet. O esporte dos cavalheiros.

Heath fez uma careta zombadora.

— Típico. Típico de um bostoniano como você. Não sei como fez para manter o jornal sem mim.

— Para falar a verdade, desfrutei da paz e da serenidade de sua ausência — lhe informou Damon, e ambos franziram o cenho, encantados de que as coisas voltassem para a normalidade.

O resto da equipe editorial movimentavam-se com renovada energia. Rayne e Redmond nada fizeram a não ser trabalhar para estar a sua altura. Separadamente, os dois levaram o jornal a um indesejado extremo. Sem a influência de Damon, Heath teria se encaminhado a um desastre criativo, e sem Heath, Damon o teria convertido em um inimaginável fracasso. Mas juntos, levavam o jornal como ninguém no mundo do jornalismo, com deslumbrantes inovações e uma boa dose de frescura e rigor.

Depois de um longo e exaustivo dia transportando com os trabalhos cotidianos, Lucy se mostrou inusualmente silenciosa durante o jantar. Heath, por sua parte, estava preocupado por questões relacionadas com o Examiner. O resultado foi uma refeição curta, ao estilo das de negócios, depois da qual Lucy se foi ao salão e Heath à biblioteca para seguir trabalhando.

Quando o relógio laqueado sobre o suporte da chaminé deu as doze, Heath ergueu finalmente a pluma e ordenou as coisas em seu escritório. Ao passar pela porta do salão, deu uma olhada ao vestido cor veio de Lucy. Sorriu ao ver que estava adormecida, encolhida sobre o pequeno sofá. Sua revista tinha caído ao chão, e tinha as mãos cruzadas sobre o colo. Parecia uma mulher muito jovem e vulnerável quando estava adormecida. Aproximou-se dela e seu sorriso desapareceu ao observá-la com atenção.

Tinha passado muito tempo desde da última vez que estiveram juntos. De repente, Heath sentiu um arrebatamento de desejo por ela quase insuportável, e quis abraçá-la com força. Sabia que ela não entendia por que havia sentido a necessidade de pôr um pouco de distância entre eles durante umas semanas. Devido a seu maldito orgulho, não quis sentir-se dependente de Lucy, e o fato de que ela tivesse controlado todo seu tempo durante a enfermidade lhe tinha resultado difícil de digerir. Com a intenção de não convertê-la no alvo de suas frustrações, afastou-se dela. Possivelmente estava resultando doloroso a sua mulher, mas era muito melhor que ver-se sujeita a seus abusos.

Seus olhos azuis estavam cheios de remorso enquanto a olhava. Seus dedos brincaram com as mechas que se soltaram do coque de sua esposa. Eram testemunha de sua força, pois durante as últimas semanas tinha tido que ser testemunha das necessidades de Heath tanto como das suas próprias. E gostava de sua recente estreada afirmação, apesar de que muitos homens lhe chamariam louco por animá-la. Entretanto, às vezes tinha dúvidas sobre as responsabilidades que tinha obrigado Lucy a contrair. Fazia bem afastando-a da existência entre algodões da qual tinha desfrutado durante toda sua vida? Estava contente com como eram as coisas ou seguia pensando no que poderiam ter sido?

— Lucy, querida... Não te pus as coisas muito fáceis, verdade?

Estava profundamente adormecida, por isso não pôde lhe ouvir. Heath sorriu inclinando-se e passando os braços atrás do pescoço e dos joelhos. Seu corpo estava relaxado e incrivelmente quente. Lucy bocejou e piscou algumas vezes.

— Tranquila, Cin... vou te levar para cama.

Não chegou a entender do todo suas palavras, recostou a cabeça sobre o ombro de Heath e voltou a dormir, apoiando o rosto contra seu pescoço com um cansado suspiro. Heath subiu a escada com ela nos braços e entrou no dormitório, fazendo frente a seus gemidos incompreensíveis quando a pôs de pé e lhe desabotoou o vestido. Lucy inclinou a cabeça e esfregou os olhos com os nódulos, bocejando. Aquele gesto infantil comoveu Heath, sentindo a instantânea pontada do desejo.

Tinham o resto de suas vidas. Poderia esperar uma noite mais. Depois de lhe abrir o espartilho e deixá-lo cair ao chão, voltou a erguer seu corpo nos braços e a depositou sobre a cama, e sorriu ao ver como ela se remetia entre os lençóis.

Não afastou os olhos dela enquanto se despia, pois vê-la em sua cama lhe resultava algo tão natural que não entendia como podia tê-la mantido afastada durante tanto tempo. Nu, colocou-se ao lado de sua esposa e se aproximou dela, deslizou uma mão sobre seu abdômen e a outra a enterrou sob o travesseiro sobre a que repousava a cabeça de Lucy. O calor de ambos os corpos se fundiu sob os lençóis, lhe fazendo suspirar de puro conforto; um homem deveria casar-se embora só fosse por isso. Dormir com a mesma mulher todas as noites, estar familiarizado com seu aroma, seu corpo e sua forma de respirar, era algo aditivo. Ele, que jamais havia se sentido atraído por semelhantes hábitos, estava começando a ver-se apanhado por eles, e todos giravam ao redor de Lucy.

Acostumou-se a que lhe esperasse na porta de casa quando ele chegava do jornal, e quando não o fazia, sentia-se desconcertado, como se uma importante tarefa tivesse sido descuidada. Gostava das rotinas que ela tinha estabelecido na casa: o bolo de maçã para a sobremesa aos domingos, as velas sempre acesas para jantar, o paciente modo como lhe escutava quando lhe soltava seus comentários sobre o jornal e as notícias. Gostava de burlar-se de suas boas maneiras. Sua preocupação pela etiqueta era um traço distintivo

da Nova Inglaterra que jamais ia perder. Algum dia teriam filhos, e ele desfrutaria vendo como lhes corrigiria ao falar e como lhes ensinaria a sentar-se adequadamente nas cadeiras. E ele, por sua parte, daria a suas filhas dinheiro às escondidas para que comprassem fitas para o cabelo ou coisas similares, e ensinaria a seus filhos a amaldiçoar como os sulistas. Atraiu-a para si e enterrou a cara na aromática doçura de seu cabelo. A doce Lucy, afetada, prática e passional, ainda ignorante de quão tentadora era, e do muito que ele a necessitava. Percorreu seu corpo com a mão, e se sentiu seguro ao notar o familiar tato de sua pele.

Lucy rodou pela cama e se estirou, desfrutando da alegria que tinha sentido ao descobrir onde estava. Tinha vagas lembranças da noite anterior, do fato de ter adormecido no salão e de Heath subindo-a nos braços pela escada. Oxalá não se foi sem despertá-la! Mas ali estava, de volta na cama adequada, com a lembrança da ternura de seu marido na memória. Não tinha dúvida alguma de que essa mesma noite reprenderiam suas relações físicas. Avermelhou e se colocou de barriga para baixo sorrindo contra o travesseiro, imaginando as coisas que fariam depois do comprido período de abstinência. Queria fazer de tudo, de tudo com ele. A única pergunta era por onde começariam. Pensamentos vergonhosos. Ficou ali deitada durante um bom momento, aspirando a masculina fragrância do travesseiro de seu marido, desejando que estivesse ali de noite.

A primeira metade do dia transcorreu a ritmo lento. Lucy tinha a estranha sensação, entretanto, de que ia ocorrer algo fora do normal, e o sentido da expectativa — quase de temor — não a abandonou, apesar de não ter base racional, por que tudo parecia diferente? O desconforto de Lucy se viu confirmada pouco depois do meio-dia, quando Bess entrou no salão para lhe dizer que Heath acabava de entrar em casa. Deixou a costura e correu para a porta, consciente de que Heath não iria para casa a menos que se tratasse de uma emergência.

— Cin, recebi um telegrama na redação — disse sem preâmbulo algum.  
— Não tenho muito tempo para lhe explicar isso. Tenho que partir dentro de uns minutos.

— Partir? Partir aonde?



— Virginia. — Deu uma olhada nervosa a seu redor e a agarrou pelo braço, levando-a escada acima. — Vamos ao dormitório... ajudara-me a fazer as malas enquanto falamos.

— Por que? O que aconteceu? — perguntou-lhe Lucy sem fôlego, tentando manter afastar as mechas soltas enquanto subia a escada.

— As coisas se complicaram ali embaixo. Meu meio irmão, Clay... Bom, finalmente... morreu.

— OH, Heath... Sinto muito. Quando é o funeral?

— Foi esta mesma manhã.

— Tão rápido? Mal tiveram tempo para prepará-lo.

— Suponho que não terão preparado nada especial — disse Heath com voz rouca afastando-a de seu lado assim que entraram no dormitório. — Maldita seja, onde colocaram a bolsa de viagem marrom?

Lucy apareceu à porta e chamou Bess.

— Bess, viu a bolsa de couro marrom com as iniciais do senhor Rayne? Está sob a escada, junto aos troncos. — voltou-se para Heath. — Não, não dobre assim as camisas; enrugaram-se. Me deixe ver isso. E, por favor, deixa de amaldiçoar. Por todos os Santos, quantas camisas vais levar? Tem pensado ficar muito tempo?

— Não sei — respondeu Heath com o cenho franzido enquanto escolhia as gravatas. — O telegrama era de minha meio irmã Amy. Ao que parece, Vitória, minha madrastra, decidiu deixar tudo a seu cargo e partir imediatamente para Inglaterra.

— O dia depois da morte de seu filho? E se vai sem sua filha? Isso não parece muito racional.

— Assim é. Essa é Vitória. Nunca foi racional. E jamais... Jamais se preocupou com ninguém, nem sequer com sua própria filha. O único que lhe preocupava era Clay, e agora que morreu, nada a prende ali. Sua família está na Inglaterra, e provavelmente a acolherão. — Fez uma careta de aborrecimento. — Não terá que preocupar-se com ela. Sempre cai de pé. Mas Amy estar sozinha, com uma plantação arruinada que vender e centenas de decisões para tomar. — Sozinha? E Raine?

Heath se deteve, paralisado, e o silêncio invadiu o quarto. Olhou-a, com um olhar penetrante, como se pretendesse ver o que se escondia atrás de seus olhos cor avelã. Bess entrou no quarto carregada com a bolsa marrom. — Deixa-a em cima da cama, por favor — disse Lucy em voz baixa, sustentando o olhar de Heath sem piscar, pois era consciente de que o que ele tentava era fazer uma ideia de quanto sabia.

— O que sabe de Raine? — perguntou Heath sem rodeios quando Bess saiu do quarto. Ao que parece, não tinha tempo para sutilezas.

— Mencionou-a em sonhos algumas vezes. — Como pudeste? Como pudeste manter em segredo o que houve entre vós?, quis lhe gritar, repentinamente furiosa. Por que não tinha sido sincero com ela? Mal pôde acreditar o que disse a seguir, com voz tranquila e curiosa: — Supus que era sua cunhada. Ou se trata de algum outro escuro segredo que não quer desenterrar?

— É minha cunhada — respondeu Heath cortante, e voltou a concentrar-se em suas gravatas.

— O que responde a minha pergunta? Não está ela com a Amy?

— Provavelmente. Pode dobrar estas calças? Sim, Raine está com a Amy, mas com toda certeza irá viver com seus parentes. Assim é pela Amy com quem terei que preocupar-se.

— Não tinha intenção de me preocupar com ninguém além da Amy — disse Lucy friamente. Sabia que enquanto ela dobrava com cuidado as calças, Heath estava lhe dedicando outra de suas escrutinadoras olhadas. — O que tem pensado fazer? Vender a plantação e depois...?

— É muito jovem, Cin. E nunca teve nada parecido a uma mãe a seu lado. Vitória não lhe prestava atenção. Suponho que comentarei com algum dos membros da família Price em Raleigh se podem cuidar dela. Mas meu pai era o marginalizado da família, e as coisas estão como estão, assim não acolherão com os braços abertos a sua filha. Talvez possa encontrar um internato...

No Sul? — perguntou Lucy ao sentir um indesejado sentimento de empatia por Amy. Heath não sabia, mas ela tinha lido todas as cartas de Amy, tinha chegado a conhecer aquela garota através de sua cuidadosa e infantil escrita, e sentiu lástima por ela. Devia ser aterrador estar sozinha a essa idade.

— E com quem passará as férias? Há alguém no Sul ou está completamente sozinha?

— O que importa isso? — perguntou Heath sem evidenciar expressão alguma, e Lucy suspirou, dobrou outras calças e franziu o cenho com indignação.

— Pergunta-o como se não soubesse a resposta. Sabe perfeitamente que seria mais prático encontrar um internato por aqui perto. Algo acessível, e assim poderia a ter controlada. É sua irmã, não seria nenhum incômodo se quisesse que nos visitasse durante as férias.

Isso suporia trabalho e preocupações adicionais, e Lucy preferia que não houvesse ninguém ao redor para misturar-se em sua relação com Heath. Mas como ia se negar a que Amy ocupasse um pedaço da vida de seu marido? Tinha algum direito a intrometer-se entre eles? É obvio que não. E se ela não fosse razoável, ele poderia zangar-se com ela por mostrar-se inflexível. — Por que não a traz para o norte? — disse tranquilamente, e soube imediatamente que isso era justo o que ele queria escutar.

— Obrigado.

Lucy encolheu os ombros e afastou a vista contente de que ele fosse o bastante sensível para dar é obvio seu oferecimento. Nesse momento, não poderia ter suportado sua gratidão. Não, pois se sentia frustrada e contrariada.

— Não estarei fora mais de uma semana, Cinda.

— Não me importaria ir contigo. — Sabendo que ele rechaçaria sua oferta, pronunciou aquelas palavras com a intenção de incomodar mais que devido a um desejo real de lhe acompanhar. Mas tinha que dizê-lo. OH, por que não podia ser amável, simpática e pormenorizada? por que preferia zangar-se em lugar de lhe oferecer seu apoio?

— É bastante ruim que tenha que ir um. Tem que ficar aqui para fazer com que tudo siga seu curso.

— E o jornal?

— Odeio ter que ir — grunhiu com frustração. — Maldita seja, odeio-o.

Mas tenho que delegar Damon outra vez.

— Terá que levar uma camisa para dormir — disse sem dar inflexão alguma a sua voz, revisando o que ia levar na bolsa. — Sei que você não gosta de pôr nada para dormir, mas como vai estar de viagem...

— Não sei se tenho camisas para dormir.

— Tem sim — disse sem ênfase. — Uma. Deve estar por aí. Vi-a uma vez que estava procurando uns lenços. — deteve-se e acrescentou com delicadeza: — Sempre me surpreende as coisas que vou encontrando pela casa.

Silêncio. Lucy arrumou as coisas da bolsa com muita meticulosidade, consciente de que ele a estava olhando com suspicacia. Então o olhou e levantou as sobrancelhas interrogativamente. O jogo de gato e rato era uma novidade; nunca o tinham praticado até esse momento. Heath parecia disposto a envenená-la com algumas perguntas difíceis, mas em vez disso rebuscou nas gavetas e tirou um par de meias três-quartos que jogou sobre a cama.

— Se necessitar algo durante minha ausência — disse, — os Markham vivem nesta mesma rua, e David me deve alguns favores. Se tiver problemas, procure-os.

— Por que não os Redmond?

— Damon vai estar muito ocupado com o jornal.

— Mas quando estava doente me disse que se necessitasse algo...

— Não — a interrompeu. — Não discuta. Não incomode Damon. E não me contrarie nisto.

Lucy se enfureceu com seus maus modos. E da ira se serviu para acabar de fazer a bolsa, para escutar as últimas instruções de Heath e para fazer todo o necessário até o momento de despedir-se dele. E então, enquanto a carruagem esperava lá fora e ambos estavam frente à porta da casa e os serventes tossiam com desconforto e se retiravam ao interior, Lucy sentiu como toda sua raiva se diluía imediatamente. Fixou o olhar nas lapelas do casaco de Heath, dolorosamente consciente do silêncio que se estendeu entre eles. Sabia que era ela a que tinha que rompê-lo, que ele não podia ir sem falar.

— Faz muito tempo que não vai a Virginia — disse tensa.

— Três anos.

— Como sei que não querará ficar ali? — Falou secamente, mas havia um tom de autêntica preocupação em sua voz.

Porque ali abaixo não sabem fazer o bolo de maçã ao estilo da Nova Inglaterra.

Ela sorriu com muita dificuldade.

— Essa não é uma boa razão.

— A verdadeira razão — disse ele com voz rouca. — Porque fiz uma escolha quando me casei contigo, e a fiz estando convencido de que era o que desejava.

— Eu também.

Ambos memoraram a noite anterior, e pensaram no que poderia ter acontecido essa mesma noite.

— É possível que tudo seja mais rápido do que parece — destacou Heath.

— Nunca antes tinha te separado de mim. — Foi incapaz de olhá-lo. —

Não durante tanto tempo.

— E não o faria se tivesse outra escolha.

— Volta logo.

— Sim, senhor.

Apoiou as mãos sobre os ombros de Lucy e se inclinou para beijá-la. Ia ser um beijo leve e afetuoso, mas os lábios de Lucy tremeram e teve que sufocar um gemido em sua garganta, por isso ele a abraçou com força. Surpreendida pela repentina onda de calor que cresceu entre eles, Lucy tentou afastar-se, mas ele a atraiu com mais força, forçando-a a separar os lábios. Um prazer indesejado, suave e irresistível, invadiu-a. Percorreu as costas de Heath com as mãos antes de pousá-las nos ombros, com os seios apertados contra seu peito. Beijou-a com força, com uma cálida e aveludada fricção que não parecia ter fim. Ela tragou saliva com dificuldade e respirou um pouco, embora teve a impressão de que seus pulmões se enchiam de fogo e não de ar. Sentia o corpo leve e quente, os braços débeis, trêmulos devido à necessidade de tê-lo perto. Inclusive quando o soltou, sentiu como se

seguissem juntos graças a uma invisível corrente; podia notar o puxão enquanto ele se afastava.

Heath resmungou algo inaudível e fechou a porta com uma tranquilidade antinatural. Lucy se aproximou da janela e observou com um calafrio como se afastava a carruagem.

Esteve fora durante quase duas semanas. Durante esse tempo, Lucy não viu Damon, embora recebeu dele um cartão como saudação lhe dizendo que lhe comunicasse se necessitasse algo. Lucy não sabia por que Heath se mostrou tão resistente a que falasse com Damon. Estaria ciumento? Sem dúvida sabia que entre ela e Damon não havia outra coisa que amizade, mas tinha sido tão abrupto com ela com respeito a essa questão que não pôde evitar perguntá-se.

Lucy trabalhou duro com Bess para preparar a volta de Heath, comprovando que tudo estivesse limpo e preparando quartos extras para que a moça pudesse escolher o quarto que preferisse. Entretanto, não importava o muito que trabalhasse, Lucy seguia sonhando acordada e deixando-se levar de vez em quando pela depressão. A solidão lhe doía no mais profundo do peito. Todos os dias e todas as noites transcorriam a um ritmo vacilante, lhe dando tempo para refletir sobre o mês passado e sobre todas as coisas que ela poderia ter feito de outro modo. Brindou-lhe a oportunidade de extrair certas conclusões a respeito de si mesmo e seu matrimônio. A partir desse momento, seria mais honesta com Heath. Diria-lhe que o amava. Não havia razão alguma para esperar que fosse ele o que o dissesse, pois bem poderia passar os seguintes cinquenta anos sem necessidade de expressá-lo em voz alta.

Tinha que querê-la. Tinham vivido muitas coisas juntos. O grau de intimidade que compartilhavam, tanto física como emocional, era muito alto para que ele não a quisesse. Por que se nem no dia em que se foi disse que não queria afastar-se de seu lado? Isso, e muitos outros sinais, indicavam que seus sentimentos tinham que ser tão profundos como os seus. Lucy queria ter agora a liberdade de lhe dizer o que sentia por ele, e quando retornasse da Virginia as coisas iriam mudar.

Heath mandou uma carta dizendo que chegaria a Boston por volta do meio-dia do sábado, e Lucy passou toda a manhã preparando-se. Estava tão nervosa que lhe tremiam as mãos, e Bess teve que ajudá-la a vestir-se e a pentear-se. Seu vestido de veludo era de um novo tom rosa chamado aurora, e tinha as mangas bufantes e o decote muito ajustado. Levava o cabelo muito bem preso na nuca, e as mechas que lhe caíam sobre a testa e as têmporas os alisou com colônia. Beliscou-se as bochechas para que tivessem a mesma cor rosada que o vestido e passou de um lado a outro frente ao espelho muitas vezes enquanto esperava, muito alterada para ler ou costurar. Finalmente, uma das criadas, uma moça que acabava de deixar para trás a adolescência, bateu na porta do dormitório; deu um bom coice quando Lucy a abriu de repente.

— Já estão aqui?

A carruagem acaba de chegar, senhora Rayne.

— Então, baixemos. Recorda que tem que recolher primeiro o casaco da senhorita Price e depois o do senhor Rayne.

Lucy sentiu o forte pulsar de seu coração enquanto desciam, e Sowers esperou até que descesse o último degrau para abrir a porta. A primeira vista, quão único viu foi um revôo de saias e capas, e depois centrou totalmente a atenção em Heath enquanto entrava na casa.

— Cinda. — deteve-se para observá-la formando um lento sorriso. O tempo que tinha passado no Sul parecia ter feito um milagre. Voltava a ser o deslumbrante safado que ela tinha conhecido durante seus primeiros meses de estadia em Concord, com passo firme e um sorriso no olhar. O sol lhe tinha escurecido a pele e lhe tinha contribuído a seu cabelo um fulgor dourado. Ah, quase tinha esquecido quão bonito era. O que tinha o Sul para provocar nele semelhante efeito? As pessoas? O sol, o clima?

— Bem-vindo a casa — conseguiu dizer Lucy.

— Como foram as coisas? — Seu acento era muito mais pronunciado que antes, e fazia com que sua voz soasse suave e um pouco arrastada. Lhe encantava seu acento. «Senti sua falta», parecia expressar seu olhar, e a silenciosa mensagem fez com que lhe alterasse o pulso.

— Bem. — Dedicou-lhe um sorriso, mas um movimento próximo chamou sua atenção, e se voltou com umas palavras de bem-vinda nos lábios. Viu uma garota alta e loira, magra, atrativa e modesta. Amy. Seu rosto era muito mais suave que o do Heath, mas a forma da boca e os olhos eram muito parecidas. Olhou para Lucy com vergonha e incerteza.

Também havia outra mulher. Lucy soube imediatamente quem era.

Mas como é possível? Como é possível?

A fúria incontrollável, a dor e a ofensa apareceriam depois. Nesse momento, Lucy estava muito aniquilada para sentir nada. Empalideceu ao deixar-se levar pelo atordoamento. Isso era melhor que a raiva, e muitíssimo melhor que o medo. Quanto menos pudesse apreciar Raine em seu rosto, melhor.

— Peço-te desculpas por não te haver avisado com antecipação — disse Heath com estudada calma. — Nos uniu uma pessoa no último momento. Lucy, eu gostaria de te apresentar a Amy, minha irmã, e a minha cunhada, a senhora Laraine Price.

Amy... Senhora Price... Encantada de conhecê-la. Acompanho-a no sentimento — murmurou Lucy automaticamente, e Raine se aproximou com passos tão delicados que a saia parecia flutuar sobre o chão.

Esbelta e extraordinariamente bonita, Raine possuía o tipo de graça e beleza que fazia que as demais mulheres se sentissem torpes e incultas. Seus olhos eram de cor cinza, rodeados por umas longas pestanas que formavam sombras sobre a brilhante pureza de sua pele. O cabelo, de um tom castanho claro, caía-lhe até os ombros formando longos cachos. Não era muito alta, mas seu esbeltez o fazia parecê-lo.

— A esposa de Heath... — Tomou a mão de Lucy com uma de suas frias e pálidas mãos e a apertou gentilmente. — Não nos havia dito quão bonita é você. Por favor, me chame Raine. — Lucy se surpreendeu ao comprovar que aquela mulher também tremiam as mãos. Ao que parece, Raine estava nervosa, ou contrariada, ou ambas as coisas; embora não mostrasse sinais algum disso além desse traiçoeiro tremor. Seu rosto não exteriorizava preocupação, seu sorriso era doce e carinhoso. Não respondia absolutamente ao retrato que dela tinha feito Amy nas cartas a Heath.



— Amy — prosseguiu Raine soltando a mão de Lucy e voltando-se para a silenciosa garota, — não te assuste de sua nova irmã. Vêem aqui e lhe agradeça por sua hospitalidade.

Amy se aproximou obediente, com os olhos fixos no chão e as mãos cruzadas à frente. Pareciam lhe assustar os estranhos, ou possivelmente se tratava unicamente de Lucy. Também resultava evidente que se debatia em seu interior sobre o grau de simpatia que tinha que mostrar com a esposa ianque de seu irmão.

De repente, Lucy se esqueceu de Raine, e de Heath, e de seu ciúmes, e olhou para aquela alta e tímida moça. Sentiu um instantâneo broto de simpatia para com ela. Amy acabava de passar pela perda de um irmão e a fuga de sua mãe, e além disso estava em uma terra estranha... concretamente no Norte. Parece muito sozinha, disse-se. Tem medo. Se fosse ela, eu não gostaria que uma estranha me tratasse com muitos melindres, pensou. — Suponho que deve estar muito cansada — disse Lucy delicadamente, e Amy ergueu a vista e a olhou com cautela. Seus olhos eram da mesma cor azul esverdeada dos de Heath, não tão profundos ou sombrios, mas igualmente intimidadores.

— Sim. Eu não gosto de viajar.

A mim tampouco — respondeu enquanto Amy repassava os detalhes do elegante vestido de Lucy. Por sua parte, ela não pôde evitar fixar-se em que Amy assim como Raine tinham vestidos limpos e bastante novos mas muito enrugados.

— Heath disse que era muito miúda — comentou Amy. — Disse que sempre usava sapatilhas de salto.

— Amy! — Aquele comentário pessoal mereceu uma reprimenda por parte de Raine.

— Uso sapatilhas com salto. — Lucy sorriu. — Sempre.

— É baixa — disse Amy a Heath, e sorriu em resposta.

— Já lhe disse isso.

— Sinto-o — se desculpou Raine com um olhar que refletia todo seu desconforto. — É como uma menina.

— Não me atrevera a dizer que alguém que é mais alta que eu seja uma menina — disse Lucy consciente do dúbio sorriso de Amy.

A mente de Lucy estava submetida a tal torvelinho que jamais recordaria o acontecido durante os seguintes minutos. Recordava a calma e a amabilidade, e inclusive foi capaz de sorrir de vez em quando enquanto suas convidadas se acomodavam em seus respectivos quartos. Heath desapareceu para lavar-se e trocar-se de roupa, e Lucy tentou desesperadamente ordenar seus pensamentos antes de ir ao quarto para falar com ele. Ao passar junto ao quarto da Amy, viu que a garota se sentou na beira da cama e olhava o quadro de Rosebank que estava pendurado na parede.

— Amy? — Lucy se comoveu com sua perfeita imobilidade. — Necessita algo? Você gostaria de tomar um pouco de chá ou...?

— Não. Obrigado. — A moça a olhou à defensiva. — É um quarto muito bonito. — Estava pintado de uma suave cor amarela pálida, decorado com flores cor bolo.

— Me alegro de que tenha gostado. — Lucy entrou devagar no quarto e se aproximou da janela, perguntando-se se Amy agradeceria sua companhia ou a entenderia como uma intrusão. — Espero que não faça muito calor aqui para ti... Heath gosta que toda a casa esteja muito esquentada. Se preferir um pouco de ar fresco, a janela...

— Não. Está bem assim — disse Amy depois de um leve calafrio. — Faz muito frio em Massachusetts.

— Você gostará mais na primavera.

— Heath me disse que vai procurar uma escola aqui para mim.

Lhe... desagrada a ideia?

Amy a olhou com seus olhos azul turquesa, sem piscar.

— Não me importa. Eu gosto de ler. Eu gosto de ir as aulas.

Isso soava bem.

— Algumas das melhores escolas para senhoritas do país estão aqui, em Massachusetts — disse Lucy com amabilidade. — Inclusive fundaram um seminário feminino em Wellesley... E dentro de uns anos, se quer seguir estudando, poderá ir à universidade igual aos homens.

Suas últimas palavras pareceram despertar o interesse de Amy.

— É feminista? — perguntou-lhe, intrigada pela ideia.

— Em alguns aspectos, talvez sim— admitiu Lucy. — Estou convencida de que tem que ser permitido as mulheres estudar e aprender. Não acredito que tenham que nos tratar como se nossas mentes fossem inferiores.

— Mamãe e Raine dizem que os homens não se casam com uma mulher se acreditarem que é mais inteligente que eles.

— Isso diz algo sobre seu irmão — resmungou Lucy.

— O que?

— OH, nada. Nada, Amy. Estava pensando em que tenho que ir falar com Heath.

— A respeito de Raine?

Lucy apreciou algo naqueles tranquilos olhos azul esverdeado que lhe recordou o modo como às vezes Heath a olhava.

— A respeito de algumas coisas — respondeu. — Faz duas semanas que não falamos. Temos que nos pôr em dia.

— Ele não sabia que Raine viria conosco — disse Amy, pois a evasiva de Lucy não parecia tê-la convencido. — Nem eu tampouco. A manhã em que íamos, Raine nos disse que sua gente do condado de Goochland não queriam acolhê-la. E não tinha nenhum outro familiar no condado de Henrico. E agora está aqui, justo onde queria estar, pensou Lucy ao sentir uma pontada de raiva. Com que facilidade pode uma mulher convencer a um homem! Umas poucas lágrimas, um pingo de desamparo sulino... OH, devia ter resultado ridiculamente fácil para Raine. E agora ela tinha que acolher sob seu próprio teto a aquela mulher! Que farsa.

— Por que não dorme um pouco? — sugeriu-lhe Lucy ao apreciar as leves sombras cinzentas que se estendiam sob seus olhos. — Despertarei a tempo de te preparar para jantar.

Amy assentiu com solenidade e observou com atenção Lucy enquanto esta saía do quarto e fechava a porta.

Heath a estava esperando em seu dormitório, vestido com roupa limpa, com o cabelo ainda úmido e brilhante. Seu novo bronzeado destacava muito

com a camisa branca que acabava de vestir. Olharam-se nos olhos, sem sorrir, e entre eles se estabeleceu uma corrente de sinais invisíveis. Heath estava tenso. Ela estava furiosa. Ele se preparou para resistir, e ela também. Sob tudo isso, jazia uma assustadora sensação de frustração. Não tinham feito amor fazia semanas, e todos os canais de comunicação que tinham mantido sempre abertos agora estavam fechados. A mescla de desejo e a raiva formava uma fronteira entre eles.

— Preferiria falar na biblioteca — disse Lucy tensa. — Será mais difícil que nos ouçam.

— Suponho que tem pensado te pôr a gritar— disse ele secamente.

— Espero que não seja necessário. Mas se não quiser me escutar, então terei que fazê-lo. E se tiver a intenção de levar na brincadeira e rir de mim, então sairei pela porta e não retornarei até que ela tenha saído desta casa.

Qualquer rastro de bom humor desapareceu do rosto de Heath.

— Tentarei aceitar seus sentimentos, senhora Rayne... se você aceitar os meus. Baixamos à biblioteca?

O entardecer tingia a biblioteca de tons rosados que se mesclavam com a luz dos abajures. Heath se serviu de uma taça, e ao ver que Lucy lhe estendia a mão, serviu-lhe uma aguada versão do mesmo. Lucy recebeu de bom grado o calor e o efeito sedativo do licor, e deu um gole atrás de outro até notar que seus dentes já não tamborilavam o cristal do copo ao beber. Fechou os olhos e esperou a que o licor se assentasse em seu estômago, depois olhou a seu marido com uma indescritível mescla de emoções.

— Como pudeste trazê-la aqui?

— Não me disse que viria conosco até que foi muito tarde para fazer outra coisa. Mas a manhã em que íamos...

— Amy já me contou os problemas que teve com sua família — disse Lucy. — Uma lástima. Tenho muito em comum com os parentes de Raine: eu tampouco quero que viva comigo.

Heath jogou a cabeça para trás e bebeu de um gole o uísque que ficava no copo; um movimento cheio de graça masculina. Depois a olhou com

intensidade.

Não vai ficar conosco muito tempo. Quando Vitória partiu para a Inglaterra, disse a Amy e a Raine que fossem com ela. Vitória tem família ali que se encarregaria delas. Mas ambas se negaram. Amy sabia que eu iria procurá-la. E Raine... Bom, suponho que não queria mudar de país, mas além disso não acredito que pensasse em nada mais.

Lucy poderia havê-lo estrangulado. «Sim que pensou. Raine sabia à perfeição o que estava fazendo: sabia que voltaria a verte. Queria saber se podia te fazer voltar para seu lado, idiota!»

— Mas agora — prosseguiu Heath, — Raine está pensando seriamente na possibilidade de ir para a Inglaterra. Vai ficar uns dias até que encontremos algo para Amy, e depois se reunirá com Vitória.

— E por que não ficou no Sul enquanto pensava na ideia?

— Não tinha lugar para ficar. E pensei que para Amy seria melhor ter companhia aqui em cima. Você e eu somos estranhos para a Amy, Raine é a única família que...

— OH, deixa de histórias — lhe interrompeu Lucy encaminhando-se para a janela. — Raine não veio aqui pelo bem de Amy. E teria que te haver dado conta de que Raine dispunha dos meios necessários para alojar-se em um hotel durante uns dias.

— Sim, claro, isso teria sido extremamente cavalheiresco. Deixar a uma moça, viúva recente, só em um hotel...

— Mas ambos sabemos também que não a trouxe aqui porque seja um maldito cavalheiro.

— Então, me diga por que a trouxe aqui — disse com falsa amabilidade. Lucy apoiou a testa no frio cristal da janela, tentando tragar saliva apesar do nó que lhe tinha formado na garganta.

— Quando estava doente e tinha aquelas febres... — começou a dizer, e a sala ficou sumida em um completo silêncio, — acreditava estar revivendo o passado, a época justo anterior à guerra e também durante a mesma. Falava sem parar das batalhas, de seus pais, de seus amigos... Mas do que mais falava... era dela. Raine. — Sufocou uma gargalhada. — Odeio esse nome. Ouvi-o tanto... Suplicava-lhe que não se casasse com Clay. Falava de sua

beleza... Disse que... que você... amava-a. — deu a volta muito devagar. O rosto de Heath mostrava uma expressão pétrea, como uma estátua. — Por que não me falou dela? — perguntou-lhe com um fio de voz.

— Não era necessário.

— O que aconteceu? Por que se casou com o Clay?

Porque era um Price. Um Price legítimo. Os Price eram uma influente família antes da guerra. Eu era um dom ninguém. Raine e eu teríamos cuidado um do outro, mas cometi o erro de lhe apresentar a meu meio irmão... Não demoraram muito tempo em comprometer-se.

OH, Deus. Se podia ter perdoado Raine por algo assim, sem dúvida tinha que lhe importar muito. Lucy se retorceu ante semelhante injustiça. Como podia olhar Raine à cara depois do que lhe tinha feito?

— Não parece culpá-la por ter escolhido ao Clay — disse cortante.

— Em seu momento, claro que a culpei. — A sombra de um sorriso cruzou sua cara. — Deus, claro que sim, culpei-a, amaldiçoei-a, e planejei uma centena de maneiras de recuperá-la. Mas meus sentimentos mudaram com o passar do tempo. Agora entendo por que o fez. Não compreendia a necessidades e dependentes que são as mulheres... Raine tomou a única decisão que podia tomar. Não tinha liberdade para escolher outro caminho. Era óbvio que Clay, com seu sobrenome e seu dinheiro, podia ocupar-se dela de um modo em que eu não podia.

— Está desculpando-a. Não tinha por que escolher Clay. Seu sobrenome, seu dinheiro, sua família... não tinha por que supor uma diferença... — Não acredito que você seja a pessoa mais adequada para julgá-la pelo que fez. Ia te casar com o Daniel pelo mesmo motivo que ela o fez com o Clay.

— Isso não é certo! — exclamou Lucy surpreendida. — Há uma grande diferença. Eu amava ao Daniel.

— Sério? — Heath negou com a cabeça muito devagar e esboçou um cansado sorriso. — Isso já não importa. Quando estava na prisão o entendi tudo. Apreendi um montão de coisas em Governor's Island, em particular todo o acontecido, me sentir indefeso. Não tinha nenhum controle sobre o que me acontecia. Aceitava o que me davam, tentava me aproveitar de qualquer

situação, mas em última instância estava indefeso. Pela primeira vez em minha vida. Bom, também era o caso de Raine. E o teu.

— Eu não estou indefesa!

— Já não. Mudastes. Mas Raine não. Ela sempre estará indefesa. — E por que você tem que protegê-la? Pensa te ocupar dela o resto de sua vida?

— Não. Não demorará para encontrar alguém que se encarregue dela. É o que melhor que pode lhe acontecer. O único que te peço é que aguente a situação durante alguns dias. Não durará para sempre.

Dou por certo que você estará trabalhando, como é normal. — Ao ver que Heath assentia, Lucy não pôde evitar uma careta de desprezo. — Isso temia. Me diga, o que se supõe que tenho que fazer com Amy e Raine? O que devo dizer a Raine? Como vou olhá-la e manter uma conversa civilizada se não posso esquecer que durante seus delírios não fazia mais que chamá-la?

— Entenda uma coisa — disse com uma doçura assustadora. — Não há nada entre Raine e eu. Não o há a muito tempo. Recorda que ela passou por um inferno durante os últimos anos. Recorda que enquanto você estava sentada junto ao pote das quinquilharias na loja de seu pai flertando com os clientes, ela temia que os ianques queimassem sua casa com ela dentro, ou que a violassem, ou que a matassem. Teve que enterrar seu marido, e viu como seus vizinhos e amigos brigavam por assuntos relacionados com a Reconstrução, temas dos quais você conversava tomando um café com biscoitos. Recorda quando sentia lástima de ti mesma, recorda isso. — Que afortunada é — replicou Lucy com um olhar gelado — de te ter para que a defenda de mim.

Heath amaldiçoou e passou a mão pelo cabelo. Voltou-se para servir-se de outra taça.

— Talvez não resulte difícil encontrar temas de conversa com ela. Temos muito em comum. Não é assim, Heath? — Olhou-o até que ele deixou o copo sobre a mesa. — A que te refere?

— Raine e eu temos a ti, Heath. — Realmente era capaz de falar assim, com aquela envenenada doçura?. — Mas em que medida? Quanto chegou a te conhecer? Tanto como eu? Foram amantes?

Olhou-a como se não pudesse reconhecê-la.

— Como é capaz de perguntar algo assim?

— Foram amantes?

— Se isso for o que marca a diferença para ti, então vá ao inferno!

— Foram? — sussurrou.

— Não — disse respirando com dificuldade. Parecia mais ofendido do que jamais o tinha visto. — Não fomos então e não o somos agora.

— Deixa de me olhar desse modo. É você o que provocou tudo isto trazendo-a aqui. Tem-na metida na cabeça, assim não me culpe por te perguntar.

É incrível — disse em voz baixa . — Me surpreende que houve um tempo em que não era tão dura.

— Preferiria uma mulher mais... indefesa?

Inclusive Lucy teve que admitir que tinha ido muito longe. Heath virouse lhe dando as costas e apertou os punhos; estava tão furioso que não podia olhá-la nos olhos. Um tanto atemorizada, Lucy passou a seu lado e se deteve ante a porta lhe olhando as costas.

— Não quero que esta situação se estenda indefinidamente, Heath. Não vou tolerar tê-la aqui mais que uns poucos dias, isso é tudo. Se isto se converter em uma guerra de resistência por saber quem ficará mais tempo, garanto-te que ganhará ela, porque eu não poderei suportá-lo.

— Em que demônios te converteste?

Em uma mulher que te ama, pensou. Uma mulher que temia perdê-lo.

— Tonto ser sincera contigo — disse.

— Não sei a quem pretende enganar. Por que não admite que está ciumenta? Se, se sentir tão insegura, se não poder confiar em mim, então não te conheço tão bem como acreditava. Acreditava te conhecer o suficiente para fazer que este matrimônio funcionasse.

— Este matrimônio funcionava muito bem até que a trouxe aqui. Acha que é razoável me pedir algo assim? Acha que é justo?

— Não — disse lacônico. — Não acredito.

Que o admitisse a desconcertou.



— Então... não entendo por que me pede que entenda.

Heath permaneceu em silêncio durante um bom momento. Quando falou, parecia tão tranquilo e convencido que Lucy se sentiu como uma menina. — Nem sempre posso te dar uma razão de por que faço as coisas. Mas tampouco te peço que justifique tudo o que você faz. Quem disse que as coisas entre nós sempre tenham que ser justas? O matrimônio não funciona desse modo. Não assinamos contrato algum. A única garantia é a que te dava quando pus um anel em seu dedo.

## Capítulo 12

Dadas as circunstâncias, Lucy se disse que o melhor seria exercer de boa anfitriã. Fez todo o possível para que ninguém pudesse reclamar de seu papel como dona-de-casa nem de sua hospitalidade, e a simples vista não houve sinais de desarmonia entre os quatro. As conversas estavam presididas por uma deliciosa educação; às vezes eram tão cuidadosos que tudo parecia uma pantomima sobre as boas maneiras. Foi uma semana de sua vida que ela nunca recordaria com desagrado, pois resultou muito instrutiva. Aprendeu muito sobre toda uma série de coisas novas, incluídas as consideráveis diferenças entre as mulheres do Norte e as do Sul.

Amy e Raine possuíam uma astúcia e um encanto que Lucy não podia a não ser maravilhar-se com um pouco de desprezo mas também de inveja. Além disso, do resto de suas habilidades, eram capazes de provocar longas e adulações com uma incomum facilidade. Era uma arte que inclusive Amy, que mal era uma adolescente, parecia dominar com destreza. Não importava como começasse a conversa, sempre acabava centrando-se nelas. Nenhuma mulher do Norte se atreveria a olhar um homem com os olhos muito abertos e dizer: «Que parva sou» ou «Não tenho nem ideia de nada», mas Raine sim era capaz. Ao Lucy deixava aniquilada, mas tinha que admitir que Raine resultava encantadora quando se comportava desse modo.

Embora não tivesse afirmado nunca que conhecia como funcionava a mente dos homens, Lucy estava segura de que a todos, absolutamente a todos, Raine lhes pareceria atrativa. Mas Heath admirava esse tipo de comportamento em uma mulher? Ao Lucy deprimiu pensar nisso. Por que a tinha animado a usar sua mente se não gostava de falar com ela de coisas importantes? Por que a tinha animado a discutir com ele se gostava das mulheres que sorriam e diziam a todos que sim? Tinha sido uma espécie de prova em que ela tinha falhado?

Heath nunca se mostrou tão estranho com ela. Tudo o que Lucy tinha chegado a associar com sua pessoa — sua atitude, seu senso de humor, suas crenças, — todo isso desaparecia quando aquelas duas mulheres sulinas se

achavam pressentem. Era diferente quando estava com elas. Em geral, irritava-lhe falar por falar. Por que tolerava então aquela conversa sem sentido?

As fascinantes conversas sobre política ou sobre o Examiner se esfumaram. Raine e Amy não queriam falar sobre notícias nem sobre debates; conversavam sobre fofocas locais, como se o mundo girasse em torno de um diminuto condado da Virginia. Ao Heath não parecia lhe importar. Escutava-as com indulgência, ria das brincadeiras sobre gente que ele também tinha conhecido, e lhes elogiava sempre que elas pareciam necessitá-los. Ao Lucy não interessavam esse tipo de adulações automáticas e carentes de sentido, e a alegrava que não os dedicasse a ela. Teriam sido um insulto a sua inteligência. Em silêncio, Lucy se limitava a se fazer presente durante aqueles bate-papos inócuos enquanto se perguntava o que se esconderia depois dos olhos dourados de Raine.

Lucy sabia que cedo ou tarde, Raine e ela teriam oportunidade de falar em privado. Perguntou-se ao longo de todo o fim de semana como se comportariam aquelas mulheres quando Heath não estivesse presente. Seguiria Raine interpretando o papel de bela sulina, ou revelaria algum detalhe mais de por que estava ali? Na segunda-feira pela manhã, Heath saiu cedo e foi à redação em Washington Street, e Amy se desculpou para levantar-se da mesa deixando Raine e Lucy a sós.

Lucy acrescentou um pouco mais de açúcar a seu café e o remexeu sem afastar os olhos daquela mulher. Raine estava encantadora com sua camisola de cor rosa pálido. Com uma fita de veludo que prendia completamente os perfeitos cachos de seu cabelo, denominados «cachos em forma de beijo».

Raine também a olhou com um leve sorriso.

Pela primeira vez, poderiam falar sem que ninguém as escutasse. — Bom, ao que parece nos abandonaram — disse Lucy depois de deixar a colherinha na mesa e dar um sorvo em seu café.

— Me alegro de que estejamos sozinhas. Eu gostaria de voltar a te agradecer pela amabilidade que demonstraste com Amy e comigo. O certo é que nós não gostaríamos de causar problema algum em seu lar.

Lucy sorriu ante aquela delicada insinuação.

— Por favor, não se preocupe. Não causastes nenhum problema.

— Isso não é certo — disse Raine com um melífluo sorriso. — A companhia inesperada sempre é um problema. Mas muito em breve irei para a Inglaterra, e voltará a dispor de sua casa e de seu marido só para ti.

Lucy sentiu como lhe esticava as costas ante a insinuação de que Raine tinha menosprezado sua posição como esposa de Heath.

— É bem-vinda em minha casa. E não me incomoda absolutamente que meu marido passe todo o tempo que queira com suas irmãs. — Lucy enfatizou essa última palavra. Deixou-lhe uns segundos para digeri-la e continuou como se nada tivesse acontecido: — Deve ser muito excitante a perspectiva de mudar-se para a Inglaterra.

— Oxalá fosse para mim. Mas alguém do Sul sempre sente falta de sua terra. De fato, sabendo que Heath gosta tanto como eu, não entendo o que está fazendo aqui acima. — Seus claros olhos captaram todos os matizes da expressão de alerta que se desenhava no rosto de Lucy. — Teria que havê-lo visto quando pisou nas terras da plantação... Olhou a seu redor, respirou fundo, e disse quão maravilhoso era voltar a sentir o sol em sua cara. Pobrezinho, nunca o tinha visto tão abatido. Tão cabisbaixo... Mas um par de semanas na Virginia, e voltou a ser o mesmo. Recordou-me o que sempre dizia minha mãe: os sulistas não podem viver mais que no Sul. Não sei no que estaria pensando Heath quando veio ao norte. A gente daqui não entende a homens como ele. Não é que você não saiba como lhe agradar... porque está louco por ti. Se alguém pode fazê-lo feliz aqui no Norte, essa é você. — Pois não está indo nada mal. — Lutou com todas suas forças para não parecer que estava à defensiva. — encontrou seu próprio lugar. O que obteve com o Examiner é extraordinário.

— OH... o jornal. Bom, pelo visto está cumprindo o sonho de seu pai.

Mas algum dia espero que se ponha a cumprir seus próprios sonhos.

— Parece bastante feliz com o que está fazendo.

— OH... — Raine baixou a vista, contrita. — Não queria dar a entender que não fosse. É obvio que é feliz. É obvio.

Havia uma nota em sua voz que irritou Lucy sem motivo aparente, como se Raine lhe estivesse falando com uma menina que requeresse um tato

especial. Parte de seu aborrecimento deve ter resultado evidente, porque Raine lhe dedicou um amável sorriso cheio de uma inegável satisfação. Os pensamentos de Lucy corriam a toda velocidade em busca das palavras adequadas, palavras que, de algum modo, demonstrassem a Raine que era ela, Lucy, a que estava casada com ele. Sou sua esposa. Não pode mudar isso, por muito que o deseje. E se alguma vez o tivesse conhecido tão bem como eu o conheço, não o teria deixado para te casar com Clay. Seus pensamentos retomaram seu curso normal.

É normal que se preocupe pela felicidade de Heath — disse. — É sua cunhada...

— E lhe conheço há muitos anos.

— Mas não sabe como pensa agora. Sua vida é tal como ele quer que seja. Está perseguindo seu próprio sonho, não o de ninguém. Novos sonhos. Os velhos morreram faz tempo.

Raine deixou de sorrir.

— Algumas coisas nunca mudam.

Agora a linha já tinha ficado riscada. Lucy nunca teria imaginado que uma das mais ferozes batalha de sua vida aconteceria sobre a mesa do café da manhã, com tranquilas palavras cuidadosamente escolhidas.

— Muitas coisas mudaram na vida de Heath.

— Sempre pertencerá ao sul — insistiu Raine sem estridências.

— Mas não por inteiro. Teve êxito aqui precisamente por sua capacidade de mudar. Agora também há algo da Nova Inglaterra nele. — Apesar da seriedade da conversa, Lucy quase pôs-se a rir ao escutar suas palavras. Heath teria desmaiado se tivesse sido testemunha daquela conversa.

— Se te faz feliz acreditá-lo... — Agora Raine tremia visivelmente. — Talvez tenha razão. Mas você não sabe o que é que quer Heath. Agora está entre dois mundos, mas eu sei qual deles escolheria chegado o caso, e algum dia retornará.

— E eu estarei a seu lado. — Lucy a olhou sem pestanejar. — Lhe seguirei vá onde vá.

— Você não encaixaria no lugar ao qual ele pertence. Nem que passasse ali um milhão de anos. — Nesse momento, Raine perdeu o controle e mal conteve a voz, fazendo-a soar muito aguda, como uma menina. — Como conseguiu que se casasse contigo? Não te parece em nada às mulheres às que ele estava acostumado. Jamais se interessou por mulheres como você...

— Até que decidiu casar-se.

Raine ficou sem fala. Olhou para Lucy durante um bom momento sem mostrar expressão alguma, como se tivesse fechado uma porta em seu interior.

— Peço-te desculpas, Lucinda. Não queria dizer o que disse... Hei-me sentido muito... contrariada desde que Clay morreu. Não sou a mesma. — Lucy assentiu, jogou o cabelo para trás e ficou de pé. Raine não demorou para fazer o mesmo. — Esqueçamos esta conversa. Espero que não a comente com ninguém.

Não, a menos que me veja obrigada a fazê-lo.

Raine mordeu o lábio; parecia indefesa e perdida.

— Me perdoe pelo que disse. Qualquer parva veria que é uma boa esposa para o Heath.

— Não há nada que perdoar — disse Lucy sabendo que não tinha outra coisa que fazer com seu aborrecimento mais que mostrar-se cortês com o mal-estar de Raine. OH, mas se pudesse dizer o que pensava!. — Passaste por tempos ruins. Posso imaginar o que deve ser perder a seu marido. — deteve-se deliberadamente antes de acrescentar: — De fato, só em pensá-lo me leva a apreciar ainda mais o que tenho.

— Alegra-me ouvir que aprecia ao Heath. É um homem muito especial. Sempre o acreditei.

— Conforme diz Amy, também estava casada com um homem muito especial.

— Sim. Clay também o era. — Apareceu no olhos de Raine um leve brilho de emoção. — Durante um tempo, podia dizer-se que Clay e Heath se apoiavam mutuamente. Mas a guerra mudou aos dois. Clay foi em uma direção e Heath na oposta. Ambos nos surpreenderam.

Sentiu o frio brilho do olhar prateado de Raine, assentiu e saiu da sala. Teria se sentido ainda mais alterada se, se tivesse fixado no sorriso que curvava os lábios de Raine antes de que desaparecesse de sua vista. Aquela noite, Lucy compreendeu que a situação ia ser muito mais complicada do que tinha previsto. Estava desesperada por estar a sós com Heath, mas não tinham tido o tempo ou a oportunidade de está-lo. Suas convidadas monopolizavam sua atenção, e mal tinha cruzado dez palavras com ele desde que tinha chegado em casa. Quando todos se retiraram, Lucy saiu do banho, cobriu-se com uma bata e se dirigiu ao dormitório com a intenção de falar com ele. Teve tempo de ver a magra silhueta do Raine no corredor. Chegou-lhe o som das gavetas abrindo-se e fechando-se do interior do quarto enquanto Heath se preparava para ir-se cama. Sem saber que a estavam observando, Raine abriu a porta muito devagar.

Lucy sentiu como a ira percorria seu corpo. O que acreditava Raine que estava fazendo? O que pretendia? Isso era muito! Nunca em sua vida Lucy havia sentido semelhante necessidade de agredir fisicamente a alguém, mas nesse momento sentiu o impulso de agarrar Raine por aqueles cachos marrons que adornavam sua cabeça e arrancá-los de um em um.

Raine — disse Lucy, e o tranquilo e direto som de sua voz fez com que aquela mulher ficasse paralisada na metade de um passo. — Posso te ajudar em algo?

— OH... — disse Raine, e ficou vermelha como um tomate olhando confundida a seu redor. — Meu Deus... Bom, é que não podia encontrar meu quarto. Há tantas e... Suponho que me equivoquei. Sinto-o— A porta se abriu de repente, e Heath apareceu com as calças postas e os pés descalços. Tinha a camisa aberta, por isso podia ver-se seu torso inteiro. Seus olhos evidenciaram sua surpresa ao ver Raine, e depois olhou para Lucy.

— O que passa aqui?

— Raine esqueceu que seu quarto está no outro lado do corredor — disse em voz baixa. — Deve haver-se confundido com todas estas portas. É uma casa tão grande. — Olhou à outra mulher. — Seu quarto está nessa direção, Raine. A próxima vez, recorda que tem que girar à direita ao subir a escada. Raine seguia vermelha e resmungou uma desculpa encaminhando-se para seu quarto. Deixou atrás dela uma agradável fragrância de flores. Lucy esperou

até que sua grácil figura feminina desaparecesse. Depois olhou para Heath com ar acusatório.

Ele suspirou.

— Não comece.

Passou a seu lado e entrou no dormitório caminhando para a penteadeira com o queixo erguido. Agarrou uma pesada escova de prata e a passou pela corrente de cabelo castanho com tanta força que sentiu como arrancava mais de um cabelo. Heath se sentou na cama e a observou em silêncio, percorrendo livremente seu corpo com o olhar antes de voltar a centrar-se em seu rosto.

— Agora me dirá que tem um sentido de orientação muito ruim — disse Lucy com os dentes apertados. Depois de deixar a escova sobre a mesa, separou o cabelo em amplas mechas e começou o ritual noturno de desenredá-lo. — Esta situação é ridícula. Fui parva em aceitá-la. — Ao notar que Heath resmungava algo, olhou-o. — O que disse?

Olhou-a com seus frios olhos azuis e disse de forma cortante: — Irão-se dentro de uns dias. Selecionei algumas possíveis escolas para Amy, e a próxima semana começará as aulas em uma delas...

— Amy não é o problema. Não é Amy a que quero que se vá desta casa.

— Raine irá a Inglaterra assim que Amy esteja instalada no colégio.

— E por que não agora?

Porque não vai ficar tranquila até ver Amy instalada...

— Agradeceria — interrompeu com foga Lucy — que se preocupasse tanto por minha tranquilidade como o faz pela de Raine.

— Não sabia que sua tranquilidade fosse algo tão frágil.

— Só quero saber o que há entre vocês dois, e por que insiste em que fique aqui sabendo o que sinto.

— Não há nada entre nós! — exclamou Heath ultrajado. — Por todos os Santos, por que me pressiona deste modo? É como se estivesse me desafiando A...

— A que? — Lucy disse concentrando seus esforços em manter a distância sua frustração.



— Não sei o que passou. Obviamente, sente-se mau e está fazendo que isto seja um inferno para nós. Sei muito bem que você não é assim. É uma das poucas mulheres que conheço com sentido comum... Mas te olhe, fez uma montanha de um grão de areia.

— Um grão de areia! — exclamou com amargura. — Como pode dizer isso?

— De acordo — disse amavelmente. — Me Ajude a entendê-lo.

— Entenderia-o tudo se tivesse escutado a conversa que tivemos esta manhã.

Heath entrecerrou os olhos.

— Do que falaram?

— De ti, é obvio. — Lucy deixou escapar uma breve gargalhada. — Só de ti. Sobre o lugar... e da pessoa... a que pertencia.

— E ela o que disse?

Lucy se sentiu repentinamente angustiada ante a possibilidade de que o que Raine lhe havia dito pela manhã fosse verdade. Em caso de ser certo, ela não poderia sentar-se e dizer-lhe à cara. OH, e se Raine tinha razão? E se Heath não era capaz de deixar para trás seus antigos sonhos, agora que estavam imersos em cumpri-los? E se decidia que jamais seria feliz longe do Sul? Lucy tinha podido comprovar o efeito que causava nele seu antigo lar. Tinha saído de Boston pálido e abatido, e tinha retornado da Virginia com o aspecto de um homem novo. Talvez fosse certo que ele era de sua gente, e que tinha que viver no mundo ao qual pertencia.

— O que disse? — repetiu Heath.

Lucy não pôde seguir confrontando suas perguntas. Precisava retirar-se e pensar um pouco.

— Pergunte a ela. Estou cansada. Preciso descansar. — ficou em pé em frente à mesa do cambiador, e caminhou para a porta, pois sabia que era incapaz de dormir no mesmo quarto que ele.

Heath se deslocou com tal sigilo que nem sequer o ouviu, rodeou-a e a segurou pelos ombros.

— Quieta. — Sacudiu-a levemente. — Segue falando comigo.

— Já não. Não me toque! Vou à cama.

— Vá à cama se quiser, mas faz-o aqui, em seu dormitório.

— Não quero! — Tentou liberar-se de suas mãos agitando-se com fúria.

Ele voltou a sacudi-la e cravou os dedos em sua pele.

— Te acalme, pequeno besouro, e deixa de te comportar como uma menina mal-criada. Eu não gostaria de ter que te dar uma surra.

— OH! Isso resolveria tudo — disse sem fôlego. Teve a sensação de que o ácido subia por sua garganta. — Me Solte! — Tinha os olhos vermelhos de sangue e se sentia desesperada pois sabia que tinha perdido o controle. Agitou-se com força, tentou lhe bater, mas era como uma menina pequena frente a ele. O peso da humilhação e a raiva se assentaram em seu peito lhe dificultando a respiração. — Você a trouxe aqui... e esperas que me faça feliz. Bem, pois não é assim! Não tenho por que aguentá-lo... Não tenho por que. Esta é minha casa, e sou sua esposa, e não a quero aqui! Ouviste-me? — Sua voz se fez muito aguda. — Tira-a daqui. Quero que se vá! — Apesar da raiva, foi consciente de que Heath estava aniquilado ante semelhante veemência.

No que pensa?, perguntou-se Lucy, e o olhou atordoada, repentinamente exausta. Acredita que perdi o juízo. Estou-o pressionando... Não sei como parar. O que deveria fazer? Qual é o seguinte movimento?

Seus escuros olhos mostravam toda sua preocupação. Foi medo o que ele apreciou no rosto de Lucy, um medo que lhe resultou incompreensível, mas tinha que lutar com ele sem perder a compostura. Atraiu-a para si e a abraçou, como se pretendesse protegê-la do açoite do vento. Lucy tentou afastar-se, mas o único que fez foi meter-se dentro da camisa de Heath, apertar-se contra a confortável força de seu torso. Lucy parou com sua luta e relaxou, aspirando o aroma da cálida masculinidade que transmitia sua pele. Só então se deu conta do muito que tinha necessitado o simples contato com seu marido, o amparo de seu corpo. Ninguém no mundo podia lhe oferecer semelhante refúgio.

— Heath...

Cala. Tranquila — disse Heath, e ela sentiu a agradável aspereza de suas bochechas sem barbear contra sua têmpora.

À medida que se adaptava a seu abraço, o pânico diminuía. Deixou ir, consciente de que ele não a soltaria até que o fizesse. Era um alívio deixar que ele se ocupasse de tudo, que a cuidasse durante um momento.

Quando soube que estava preparada para seguir falando, Heath afrouxou seu abraço um pouco.

— Foi muito forte quando o necessitei. — Sua voz era tranquila e serena. — Deixa que agora eu o seja para ti. Me diga do que tem medo, e eu te darei a entender que não há razão para o ter.

Não sabia por onde começar.

— Não te reconheço quando está com elas. Muda... Converte-te em uma pessoa condescendente, e elas lhe olham e se aferram a suas palavras como se... como se soubesse tudo...

— Sinto-o — disse, e sorriu a contra gosto ante sua indignação. Deveria ter suposto que seu comportamento com Raine e Amy lhe pareceria estranho... Lucy não tinha experiência alguma com os rituais de adulações e condescendências nos quais tinham sido educados. Na Virginia, antes da guerra, ele não podia acreditar que houvesse outra forma de relacionar-se entre homens e mulheres. Um homem tinha que fingir, de maneira natural, que sabia tudo, e uma mulher tinha que fingir, de maneira natural, que acreditava em suas palavras. Uma mulher do Sul jamais atacaria a vaidade de um homem, sem importar o que pensasse dele. Tudo tinha que ser amável e cômodo, e muito Simples.

Perguntou-se como poderia fazer Lucy entender que seus valores tinham mudado. Chegou um momento em sua vida em que começou a sentir a necessidade de que as mulheres fossem sinceras. Chegou um momento em sua vida em que perdeu Raine, a mulher da que ele acreditava ter estado apaixonado. E quando tudo isso ficou pra trás e teve tempo para pensar, chegou à conclusão de que não queria ter ao lado uma mulher a que tivesse que tratar como a uma menina. E tampouco queria que o adorassem. Queria uma mulher que pudesse ser sua companheira.

— É difícil de explicar — disse muito devagar. — É o modo como falamos entre nós no condado de Henrico. Supõe-se que o homem tem que desempenhar um papel e a mulher outro. É um costume delas e meu também.

— Parece como se desfrutasse com isso.

Heath deixou escapar uma gargalhada.

— Teme que queira que, a partir de agora, trate-me como a uma espécie de Deus? Não. Para falar a verdade, começa a me incomodar.

— Pois não me parece isso.

Heath lhe acariciou as costas acima e abaixo com suavidade.

— É certo. O ano passado, assim que tentava me mostrar todo-poderoso, alguém me baixava imediatamente as fumaças. Se não tivesse me mantido a distância, teria me convertido em um presunçoso insuportável. Como vê, vai ter muito trabalho assim que elas se forem.

— Hei... ouvi dizer que as pessoas do Sul pertence para sempre ao sul.

— Eu pertenço ao lugar no que estou agora mesmo.

— Não sente falta da sua gente...?

— Minha gente? — repetiu e pôs-se a rir por uma razão incompreensível para Lucy. — Não, não sinto falta das pessoas do Sul. Você é o tipo de mulher que eu quero. Damon é o tipo de sócio com o que quero trabalhar. Temos bons amigos e vizinhos que se preocupam de seus próprios assuntos.

Não vejo no que poderia melhorar minha situação.

— Mas tornaste da Virginia mais feliz e com mais energia da que foi... — Não sei se recordar que quando fui de Boston acabava de sair de uma enfermidade. Um pouco de sol faz que qualquer um tenha melhor aspecto. — Não foi só pelo sol. Quando chegou, sorria... Estava radiante, e sei que era porque tinha estado com...

— Estava feliz por voltar a verte, cabeça de vento. Estava desejando te abraçar de novo, apesar de que sabia que teríamos problemas com Raine.

— Ainda sigo pensando que não a quero em casa.

— Juro-te que a tirarei daqui o antes possível. E não terá que voltar a vê-la. Enquanto isso, poderá recordar que não tem que temer nada de sua parte?

Lucy assentiu e tentou afastar-se dele.

— Espera — disse Heath agarrando-a pelos cotovelos, mantendo-a a seu lado, apesar de lhe permitir que desse um passo atrás. — Onde acha que vai?

— Ao outro dormitório. Por favor, não discuta isso.

Seu desejo o motivou.

— Dorme aqui.

— Não... Sei o que aconteceria se durmo aqui, e não quero que aconteça.

Esta noite, não.

— Cin, faz semanas. Meses.

— Não é minha culpa! Estava doente e depois...

Tranquila. Não estou te acusando de nada. Foi uma época ruim, e não é culpa de ninguém. As circunstâncias o quiseram assim. Mas não há razão para que estejamos separados a partir de agora, e não quero que a situação se alongue. — Baixou um pouco mais a voz, lhe dando um tom engatusador. — esqueceste como eram as coisas entre nós. Deixa que cuide de ti esta noite. Deixa que te refresque a memória. Depois se sentirá muito melhor. Prometolhe isso.

— Não posso — disse com pesar. — Me sinto... vazia... Hoje já não tenho nada que oferecer. Não quero que nossa primeira vez depois de tanto tempo seja assim. Não estaria bem. Não seria o correto.

— Lucy...

— Por favor, deixa que durma sozinha esta noite.

Soltou-a a contra gosto.

— Não acha que vou suplicar.

— Não quero que suplique. Só quero estar sozinha.

Seguiu-a e apoiou o braço na ombreira da porta, lhe impedindo de sair. Ela olhou aqueles olhos azul turquesa e o abraçou pela cintura, envergonhada pela cena que lhe tinha montado e vagamente ansiosa ante a possibilidade de que não a deixasse partir.

— Recorda os meses antes de nos mudar para Boston? — O olhar atravessou todos os obstáculos defensivos e alcançou até o coração de Lucy. — Durante um tempo esteve bem. Muito bem.

— S-foi, é certo — confirmou ela, hipnotizada pela intensa expressão de seu olhar.

— Não importavam nossas diferenças, nunca te vingava me fazendo pagar por algo que houvesse dito ou feito.

— Não! Por cer..certo que não...

— Não te deixaria partir, Cin, se acreditasse que se trata de algum tipo de castigo. — Leu a resposta de Lucy em seu rosto, e assentiu levemente, satisfeito aparentemente. Afastou a mão da porta e a abriu. — Venha. Poderá estar sozinha um pouco mais de tempo.

Agradecida, pôs-se a andar apertando com mais força o cinturão de sua bata enquanto se dirigia ao outro dormitório.

— OH, está aqui — disse Lucy com um sorriso ao entrar na biblioteca e encontrar Amy rebuscando entre as estantes. Amy se deteve ao vê-la, mantendo em precário equilíbrio uma pilha de livros sobre seu braço esquerdo. — Sei que Raine está dormindo e não podia te encontrar.

— Gostava de dar uma olhada aos livros... — começou a dizer Amy.

— Realmente você gosta de ler, não é certo?

— Novelas — disse Amy, e Lucy riu encantada.

— Me deixe ver o que escolheste... Mmm, algumas de minhas favoritas...

Cerco de neve... A mão oculta... Cúpulas borrascosas...

— Essa é minha favorita.

— Tem lido St. Elmot? Não? Encontrarei-lhe esse; tem que lê-la. Trata sobre um comprido e apaixonado romance, e sobre uma garota pobre que fica rica e famosa... Vejo que só procuraste nestas prateleiras...

— Os das outras prateleiras parecem aborrecidos.

— Sim — disse Lucy enrugando o nariz. — São as prateleiras de Heath. Estes são meus.

— Tem muitos livros novos — disse Amy com respeito enquanto observava as ordenadas fileiras de livros.

— Quando era mais jovem, meu pai estava acostumado a me repreender por gastar tanto dinheiro em livros em lugar de comprar coisas mais práticas. — Lucy sorriu ao recordar e se sentou na cadeira de Heath. — Graças a

Deus, Heath nunca se queixou. Não lhe importa que compre muitos livros. — Clay sempre se escandalizava porque dizia que eu lia muito. Não podíamos comprar livros, necessitávamos o dinheiro para... outras coisas. — Para pagar aos médicos? — perguntou Lucy lembrando as cartas nas que detalhava os problemas do Clay.

— E para contratar gente para que nos ajudasse. Não podíamos fazê-lo tudo nós sozinhas — disse Amy depois de deixar os livros sobre o escritório de Heath e apoiar-se nele. — Só estávamos Clay, Raine, mamãe e eu na plantação. Nenhum de nós era um perito nesse tipo de trabalhos. Contratamos o filho de um vizinho para que nos ajudasse... Era preguiçoso, mas quando lhe açalava trabalhava bem.

— Lamento-o. — Em um gesto impulsivo, inclinou-se para frente e tocou a mão da moça.

— Porquê?

— Lamento que as coisas tenham sido tão duras para ti... e que não tivesse livros o...

— Nesses momentos, não me parecia tão ruim. Nunca nos damos conta de quão mau vão ser as coisas até que olhamos para trás. As coisas teriam

resultado um pouco mais simples, é obvio, se Heath tivesse estado ali para nos dar uma mão... Mas não foi assim.

Deve ter sido quando Heath se mudou para o norte. Lucy se sentiu obrigada a defendê-lo.

— Não forma parte de seu caráter dar as costas a quem necessita ajuda — disse. — Possivelmente se alguém tivesse tentado lhe fazer entender...

— Não foi culpa dele. Ele queria ajudar. Heath retornou à plantação depois da guerra, mas não lhe deixaram ficar. — Amy a olhou surpreendida. — Alguma vez lhe contou isso?

— Para falar a verdade, não — admitiu Lucy. Não pôde evitar pensar como tirar informação extra de Amy. Se a deixasse falar, talvez Amy lhe proporcionasse uma boa corrente de informação. — Acredito que houve algum problema entre o Heath, Clay e Raine...

— E também com minha mãe. Nunca gostou dele. Suponho que sabe por que...

— Porque era... era... o filho de outra mulher, não? — perguntou dúbia. — Assim é. Clay e eu somos Price legítimos. Mamãe sempre dizia que nós eramos os autênticos filhos. E... — Amy olhou a seu redor e baixou a voz— dizia que Heath só tinha sido um erro. O dizia na cara, montões de vezes.

— E como reagia Heath?

— Limitava-se a sorrir. Seu sorriso fazia mamãe enlouquecer... Não podia suportar o ter por perto. Quando meu pai o trazia de visita, demorava dias em recuperar a calma.

— E você e Clay o que pensavam dele?

— Sempre gostei. Clay nem tanto, mas nunca discutiam. Não até Raine. — Quem era ela? — perguntou Lucy tentando não parecer ansiosa ou impaciente. — Era vizinha sua?

— Não exatamente. Mas sua família vivia no condado. Era uma Stanton, uma das quatro irmãs, a segunda. Raine era a mais bonita. Todo mundo o dizia. Gostava de tontear com os meninos, mas não lhe interessavam os moços do condado.

Lucy se inclinou para frente, escutando com total atenção. Esporeada por seu interesse, Amy começou a falar livremente.

— E então, morreu a mãe de Heath, e ele veio viver conosco quando tinha dezessete anos. Mamãe teria preferido matar-se ao tê-lo sob o mesmo teto, mas papai não atendeu a suas queixa. Adorava Heath. Assim mamãe teve que aguentar. Mas lhe ajudou o fato de que todas suas amigas entendessem sua situação e se compadecessem. Além disso, não o via muito. Sempre estava de um lado para o outro pelo condado com seus amigos.

— Era um vândalo?

— Suponho que sim — concordou Amy. — Heath era... selvagem. Sempre andava metido em problemas, saía de um para meter-se em outro. Todo mundo parecia gostar dele, mas ninguém queria que se relacionasse com suas irmãs... Já sabe por que. Raine dizia que Heath teria sido o moço mais popular do condado se tivesse tido uma família como Deus manda. Montava, brigava e disparava melhor que ninguém, e era preparado como o



demônio. Isso me disseram, todas as garotas lhe tinham admirado. Raine diz que era o homem mais bonito que já tinha pisado na fronteira do condado. Mas a todas atemorizava que as vissem frequentemente com ele. Teria arruinado sua reputação.

Lucy absorvia toda aquela informação em completo silêncio. Heath sempre tinha sido um tipo difícil de classificar, inclusive na Virginia. Nunca voltaria a surpreendê-la pensar o muito que estava lutando por conseguir seu próprio espaço no Norte. Não havia dúvida de que nunca tinha expressado o mínimo desejo de voltar para o Sul. Nunca tinha pertencido a nenhum lugar. — Como se conheceram Heath e Raine? — perguntou Lucy com um nó na garganta. Abominava-lhe pensar neles juntos, mas tinha que saber o que tinha havido entre ambos. Amy parecia entender à perfeição o que era o que desejava saber.

— Assim que Heath a viu, não a deixou em paz. Aos Stanton não gostava da ideia de que a cortejasse, mas tinham quatro filhas que casar, e ele ia dispor de uma boa herança cedo ou tarde. Uma das irmãs de Raine a desafiou para que saísse com ele. Nunca quis me dizer o que aconteceu, mas me disse que ao princípio da tarde ele mal tinha conseguido lhe tirar um par de palavras, e que entrada a noite já lhe propôs casar-se com ele. Então, conheceu o Clay. Realmente, tinham muito mais coisas em Comum, à exceção de que Clay era um Price e Heath...

— Era filho ilegítimo — disse Lucy. — Clay deve ter lhe parecido um partido muito melhor.

— Ela amava ao Clay — replicou Amy à defensiva. — Era bonito e boa pessoa, e...

— Estou convencida de que assim era. — Lucy tentou reparar seu erro. — O sinto. Não era isso o que queria dizer. Por favor, continue... ia me contar o que aconteceu a Raine e Clay.

— Casaram-se. Heath tentou impedi-los, mas não pôde. Brigou com Clay, e lhe disse algo. Fosse o que fosse, nunca voltaram a dirigir-se a palavra. Depois do casamento, Heath ficou como louco. Bebia e não deixava de fazer loucuras. Finalmente, papai o enviou para longe, esperando que se convertesse em um cavalheiro. E então estourou a guerra.

— E depois da guerra? Por que não lhe deixaram ficar na plantação?

— Principalmente, foi coisa de Clay. Tinham-lhe ferido nas costas e sempre estava doente. Acreditou que se Heath voltava a viver com eles, ocuparia seu lugar como chefe da plantação e ficaria com Raine. E mamãe não o queria ali... E Raine... Discutiu com Heath no alpendre, e lhe insultou de mil maneiras. Ele ficou furioso e...

— E o que? — insistiu Lucy fascinada pela história. Amy avermelhou. — Pôs-se a rir em sua cara porque dizia que se casou com o Clay por seu dinheiro e pela plantação, mas o dinheiro tinha desaparecido e a plantação estava arruinada. Riu dela. Raine agarrou uma vara de montar que alguém tinha deixado no alpendre e lhe bateu com ela. Por isso tem essa cicatriz na têmpora, perto do olho.

— OH, Deus — sussurrou Lucy erguendo a mão até sua boca para tampá-la. Os ciúmes que tinha sentido de Raine se transformaram em uma corrente de empatia por Heath. Aquele arrebatamento de generosa empatia a levou a estremecer-se ante o retrato que tinha retratado Amy. Ser ferido de tal forma por alguém a quem amas... E especialmente tendo o orgulho de Heath. É algo que jamais pode esquecer-se. Raine lhe tinha deixado uma marca. Se Lucy pudesse estar segura de que fosse somente superficial... Mas e se fosse uma marca mais profunda na alma e ainda não tinha cicatrizado? Temia nunca poder chegar a decifrá-lo.

— Amy parecia contente depois do bate-papo que teve contigo depois do jantar — disse Lucy abandonando a correção de uma carta que Heath tinha escrito à mão. Sentaram-se juntos frente ao escritório e o amável tic-tac do relógio lhes recordou que a meia-noite se aproximava. Tinham apagado os fogos; a casa às escuras estava mais fria, e Lucy sentiu um calafrio enquanto trabalhava junto a Heath à luz de um abajur.

— Ela vai gostar da academia Winthrop. Tem muito boa reputação, como academia e... como qualquer outra coisa. Assegurei-me que seja a classe de lugar em que alguém como Amy possa encaixar.

— Quando diz «alguém como Amy» refere a alguém do Sul?

Heath sorriu e enredou os dedos em um de seus cachos sem poder evitar a tentação.

— Sim, a isso me refiro.

— Acha que tem alguma dúvida com respeito a ficar aqui em vez de ir com sua mãe?

— Não. Absolutamente.

Lucy deixou a carta e esfregou os nódulos com ar ausente.

— Quando a levar à academia, te assegure de que saiba que sempre será bem-vinda nesta casa.

— Farei-o. E te proponho uma coisa... Se você a levar às compras amanhã e consegue tudo o que necessite, acompanharei-a à academia ao dia seguinte. Então, as duas irão no fim de semana e... Deus, quase me assusta dizê-lo, tudo voltará para a normalidade.

Lucy roçou três vezes o escritório de madeira com os nódulos e cruzou os dedos.

— Enquanto isso — disse Heath ficando em pé e atraindo-a para si, — a noite é jovem...

— De fato — replicou Lucy com uma risadinha nervosa tratando de liberar-se, — a noite não é tão jovem. Estou caindo de sono...

— Eu sei como te manter desperta. — Inclinou a cabeça mas ela se voltou abruptamente.

— Heath, agora não. — Não podia fazê-lo. Não podia porque Raine seguia sob o mesmo teto. Lhe teria resultado desagradável. Tinha que assegurar-se de que Raine estivesse bem longe, para que não existisse o perigo de que Raine aparecesse em seus pensamentos, já fossem os seus ou os de Heath, interferindo em seu amor.

Heath ficou quieto. Seu bom humor se esfumou visivelmente, sua expressão se fez circunspeta e ressentida.

— Quanto vai durar isto? — Perguntou com suavidade. — Até que me volte louco?

— Não tenho vontades...

— Já sei que não tem vontades... Mas eu sim, e isso é tanto teu problema como meu.

Irritada por suas más maneiras, Lucy cruzou os braços e o olhou. Tinha muito pouca paciência ultimamente. Por que lhe custava tanto conter-se?

— Não posso forçar meus sentimentos, Heath.

— Então, finge que o sente — espetou. — Ou não é isso o que faz sempre? Aquela chama de crueldade deixou Lucy gelada. Pôde apreciar que Heath se arrependia imediatamente do que havia dito; o remorso se desenhava em sua cara, mas antes que pudesse dizer algo, ela replicou friamente; — Se estiver tão ansioso, acabemos de uma vez. O que te parece aqui mesmo? Vamos, por favor, mas apresse-se.

Olharam-se nos olhos durante um bom tempo, nenhum dos dois parecia disposto a baixar a vista.

— Não voltarei a pedir-lhe — disse Heath finalmente com voz cortante. — Não voltarei a te incomodar. Quando o considerar adequado, quando estiver preparada, ou tenha saído a lua cheia, ou o que demônios esteja esperando, faça-me saber. — dispôs-se a sair do quarto, mas se deteve e acrescentou: — E então, pensarei nisso.

Resistiu a lhe dar uma patada no traseiro. Mas se acreditava que era ela a que ia fazer o primeiro movimento depois do que havia dito, podia esperar sentado!

Lucy se precaveu ao olhar pela janela de que os primeiros sinais da primavera se deixariam notar em questão de semanas. O verão sempre aparecia derrepente e mal durava; teria que fazer uso da intuição para saber que tinha chegado. Assim que comprovava que já não nevaria mais nem correria aquele vento gelado durante o que ficava de ano, aparecia o verão com todo seu esplendor; era a época das praias de *Cape Cod* e de banhar-se na água fria, procurar mariscos na beira e utilizar criativamente as algas que trazia a maré. Sorriu e imaginou Heath na praia. Seus olhos destacariam com o fundo do oceano. Quando chegasse o verão, teria que encontrar um modo de lhe afastar do trabalho e lhe obrigar para que a levasse a *Cape Cod* durante uns dias. Algum dia teriam que realizar sua viagem de núpcias, e esse seria o lugar perfeito. Entusiasmada pelo prazer que lhe supunha planejar o futuro, olhou para a porta ao ouvir os passos de Raine sobre o gentil chão da sala de café da manhã.

— Suponho que quererá tomar algo antes de ir — disse Lucy. Deu-se conta de que lhe resultava muito fácil mostrar-se amável com Raine agora que sabia que desapareceria de sua vida em menos de meia hora.

— Talvez um pouco de café — disse Raine sentando-se à mesa. — Não gosto de viajar com o estômago cheio.

— Certamente te espera uma longa viagem. — Raine não replicou; limitouse a olhar para Lucy por trás de suas longas e escuras pestanas.

— Estou segura — prosseguiu Lucy sem mudar o tom de voz, lhe servindo café em uma xícara de prata— que Heath lamenta muito haver-se visto obrigado a sair esta manhã sem despedir-se de ti. Mas tinha que recuperar o tempo que perdeu ontem ao levar Amy à academia.

— Já sabia que teria que sair cedo esta manhã. Despedimo-nos ontem à noite. — O modo como Raine falou lhe fez imaginar uma longa e terna despedida. Irritada, Lucy teve que recordar-se mais uma vez que Raine estava a ponto de ir-se. É que se deteve o tempo, por que corria tão devagar?

— Ambos lhe desejamos o melhor na Inglaterra...

— E eu a vocês — disse Raine. Seus frios olhos cinzas brilharam com uma luz misteriosa enquanto aceitava a xícara de café de mãos de Lucy. — Eu gosto de ti, Lucinda. Talvez te resulte difícil acreditá-lo, mas assim é. Seria difícil que eu não gostasse. Antes de te conhecer, acreditava que para ter apanhado Heath tinha que ser tão hábil como um animal. Mas me equivoquei. Heath se casou contigo porque é uma alegre juvenzinha, e tem esse doce sorriso... Isso é a única coisa quente que encontrou neste frio lugar, entre toda esta gente fria. Pegou-o no momento justo, no lugar adequado, e esse foi seu ponto de sorte. Mas sigo lamentando-o por ti, não formam um casal equilibrado, e isso nunca mudará.

— Heath se casou comigo por uma única razão. Faço-lhe feliz. E isso sim que nunca mudará.

— Suponho que o tempo dirá se tem ou não razão...

— Demonstrará que está equivocada.

— Pode ser. — Raine ficou em pé sem haver tocado o café. — Em qualquer caso, desejo-te sorte, Lucinda. Lamento-o muito por ti. Porque entendo melhor que ninguém o que é o que sente por ele.

Com o sangue gelado, Lucy centrou a vista no que ocorria ao outro lado do cristal, ignorando Raine até que esta se foi.

O dia depois de que Raine partisse, Lucy começou a sentir que não passaria muito tempo até que seu matrimônio voltasse para o caminho adequado. Como tinha sido seu costume durante os meses anteriores à enfermidade de Heath, foram à igreja no domingo e visitaram os amigos e conhecidos que não tinham visto fazia muito tempo. Embora a nível religioso Heath tinha sido escandalosamente indisciplinado e custava levá-lo a igreja, Lucy sempre conseguia encontrar algum modo de obrigá-lo a que a acompanhasse. Enquanto a congregação saía da igreja da rua Arlington, o ar de Boston estava cheio dos saborosos aromas de centenas de doces de domingo, guardados no forno durante o serviço eclesiástico para poder comê-los entre as duas e as três.

— Graças a Deus que acabou — murmurou Heath. O sermão tinha sido comprido e vigoroso aquela manhã, infestado de enxofre e referências ao fogo do inferno. Heath o tinha achado eterno. Tinha passado a manhã debatendo-se entre o prazer e a dor que lhe supunha ter Lucy ao lado. Extremamente consciente de sua doce fragrância e sua suavidade, não deixou de ter pensamentos que muito pouco tinham que ver com a missa. Sentiu-se mais como um pecador que como um paroquiano.

Lucy olhou escandalizada a seu redor para comprovar que ninguém o tinha ouvido enquanto passavam junto às duas brancas colunas junto ao resto das pessoas.

— Cala. Alguém poderia te ouvir!

— Eu não gosto que me repreendam, como se fosse um colegial que necessita que lhe digam o que tem que fazer...

— Não sei de nenhum mais, mas você sim o parece, e vou te dizer o que tem que fazer — sussurrou Lucy. — Não viemos a missa há meses.

— O qual foi...

— OH, não o diga — lhe implorou, e compôs um rápido sorriso quando passaram junto aos Treadwell e os Nicholson. Pararam e trocaram alguns

cumprimentos. — Bom dia. Que bela manhã de domingo, não lhes parece? Sim, foi um estupendo sermão.

Assim que retomaram o caminho da carruagem, Heath apagou de sua cara aquela afável expressão.

— Não sei por que sempre têm que comentar o tempo que tinha passado da última vez que nos viram aqui...

— Poderíamos evitá-lo vindo todos os domingos.

— Ou deixando de vir.

Aquelas palavras soaram tão desavergonhadas que Lucy grunhiu de um modo a meio caminho entre a risada e a exasperação, e se soltou de seu braço.

— Estou começando a pensar que não é mais que um pagão.

Olhou-a e sorriu. Seu aspecto era pouco menos que angélico com o cabelo banhado de luz e seus brilhantes olhos azuis.

— Não me olhe desse modo — disse Lucy obrigando-se a franzir o cenho em vez de tornar-se a rir. — Preocupa o mau exemplo que vais ser para nossos filhos.

— Me perdoe se não me mostrar muito preocupado por nossos filhos. — Torceu os lábios formando uma careta zombadora. — Não acredito que tenhamos que nos preocupar com eles durante um tempo, a menos que tenha planejado um método de concepção que eu desconheço.

— Não posso acreditar que seja tão mal educado para dizer algo assim no domingo — disse com fria dignidade lhe provocando uma risada.

— Está preocupada com minha salvação? — Olhou-a com um malicioso sorriso e todo seu letal encanto.

— Alguém tem que fazê-lo, pois está claro que você não o faz. E deixa de rir. Estou falando a sério!

— Eu adoro esse ar piedoso que adota aos domingos — assinalou Heath com um meio sorriso. — De acordo. Se quer ir à igreja todas as semanas, iremos todas as semanas. Mas duvido que saia algo bom disso.

Aquela concessão a apaziguou um pouco.

— Isso está bem. Não espero milagres. Mas no mínimo tampouco te causará nenhum mal.

Heath a ajudou a subir à carruagem, e lhe brilharam os olhos ao fixar-se na miúda e belamente torneada silhueta de seu corpo. Não tinha planejado prometer nada a Lucy, mas tinha utilizado a palavra «filhos», e o coração lhe tinha acelerado. O fato de pensar em ter filhos e filhas com Lucy lhe encheu de um prazenteiro sentimento de expectativa. Em certo sentido, arrependiase de não ter centrado toda sua atenção em Lucy. Gostava de tê-la só para ele; disso não havia dúvida. Poderia passar o resto de sua vida assim, totalmente feliz estando os dois juntos. Mas os dois juntos com filhos... Que família iriam formar!

— As segundas-feiras — disse Damon fazendo que soasse como uma maldição— teriam que apagá-las dos calendários. — Ele e Bartlett, um dos repórteres mais jovens do jornal, jogaram uma olhada à desanimada redação. Alguns repórteres rabiscavam lânguidamente sobre seus escritórios, enquanto outros procuravam nos livros de referência e esperavam que o encarregado da redação voltasse para poder sair em busca de notícias.

Bartlett suspirou ao sentir o opressivo peso do aborrecimento.

— Inclusive as más notícias seriam bem recebidas agora.

— Neste negócio, as más notícias são boas notícias... Mas alguma vez encontraste bom material para um artigo uma segunda-feira? É obvio que não. Seria muito pedir que acontecesse um desastre natural? Um pequeno furacão? As boas notícias em um estado como Massachusetts têm que ser, no mínimo, um escândalo político. — voltou-se para Bartlett. — E o que tem com sua entrevista pessoal? Aceitou a senhora Lowell falar contigo a respeito do leilão de caridade?

— Não, senhor...

— Sabia — disse Damon com cansada satisfação. — Não importa o que disse Heath, sabia que não quereria. Os Lowell odeiam todo tipo de publicidade. Minha mãe estava acostumada me dizer que uma dama só aparece em três ocasiões no jornal em toda sua vida: quando nasce, quando se



casa e quando morre. E se o pensa, isso cobre os acontecimentos mais importantes.

Bartlett não soube como responder.

— Suponho que sim, senhor.

— Senhor Redmond! — Joseph Davis, o jovem assistente do editor sobre temas da cidade, quase saltou por cima do escritório do repórter para chegar até o Damon. — Senhor Redmond...

— Sim? por que está tão nervoso? Não me diga que descobriu alguma notícia.

— O porteiro me disse que há alguém que pergunta pelo senhor Rayne. — Lhe diga que o senhor Rayne está ocupado, mas que se quiser deixar seu cartão...

— Não é um homem — disse Davis sem fôlego. — É a senhora Rayne. Os escuros olhos de Damon cintilaram com interesse. Sem dizer uma só palavra, deixou ali Bartlett e Davis e cruzou a redação até chegar à porta. O porteiro, de costas rígida e casaco abotoado até o pescoço, fez-se a um lado para que pudesse ver Lucy, depois fechou a porta e lhes deixou sozinhos no corredor. Com aquele vestido verde esmeralda e o diminuto chapéu de veludo que pendurava com elegância de sua cabeça, Lucy parecia um pequeno e exótico pássaro. Damon soube assim que a viu que algo não andava bem. Embora lhe sorriu, havia tensão na cara da mulher.

— Senhor Redmond, lamento interromper sua jornada trabalhista.

Tomou sua fina mão e a levou aos lábios.

— Não me ocorre uma interrupção mais agradável. Alguma vez tinha estado aqui? me diga, vai começar a entregar seus artigos em pessoa? — Bom, não, eu... — Ergueu a vista e se pôs-se a rir — supunha que você não devia saber que eu era a autora. Heath o disse?

— É obvio que não. Mas eu soube imediatamente. Quase podia escutar sua voz quando os lia. Tem um maravilhoso talento para as palavras. Mas agora, antes de que a cubra com um punhado de adulações, me diga no que posso ajudá-la.

— Eu gostaria de falar com meu marido.

— Por desgraça, não está aqui neste momento.

— Onde está?

— Por aí, puxando cabos, procurando notícias... — Damon baixou a voz até calar-se ao ver que Lucy inclinava a cabeça e apertava com força sua bolsa de mão. — Tem algum problema? — perguntou-lhe com tato.

Ergueu a cabeça e sorriu incômoda.

— Não, não acredito. Provavelmente estou me preocupando com nada. Seguro que não é nada, mas... mas ouvi hoje um rumor em meu clube, e queria perguntar a meu marido a respeito. Sabe quando voltará? Estou segura de que se trata de uma tolice, mas senti que tinha que lhe encontrar imediatamente. Para mim é muito importante...

— Que rumor? — cortou-lhe Damon impaciente. Lucy estava nervosa, abriu a boca e voltou a fechá-la. — Senhora Rayne... se lhe preocupou o bastante para aproximar-se até aqui, sem dúvida se trata de algo que terá que tratar agora mesmo. Talvez eu possa lhe solucionar o problema.

— Pensará que é algo ridículo...

— Nada do que preocupe a senhora pode ser ridículo. Por favor, conte-me isso.

— Foi algo tão surpreendente... Não soube o que dizer quando me contaram. Suponho que me comportei como uma parva, porque me limitei a resmungar algo. Não sei o que, e então sair, justo na metade da reunião...

— O que lhe contaram?

— Você deve estar à par de que a cunhada de Heath, a senhora Laraine Price, esteve em nossa casa alguns dias a semana passada...

— Sim — disse Damon secamente. — Algo ouvi disso.

— Foi para a Inglaterra faz dois dias. Não permaneceu em Boston muito tempo. Mas a senhora Cummings, uma das mulheres de meu clube, disse que alguém tinha visto Raine ontem...

— Mas isso não tem sentido. Ninguém conhece a senhora Price. Como alguém poderia havê-la reconhecido?

— A semana passada, houve um dia em que foi fazer compras com a irmã pequena de Heath e comigo. A apresentei a algumas pessoas. Já sabe que um

sempre encontra a alguém conhecido no C.F. Hovey... Assim que uma dessas pessoas foi a que viu Raine ontem... OH, tudo é muito ridículo, já o disse. Não há razão para que Raine ficasse, e não acredito em uma só palavra a respeito, porque Heath não teria mentido para mim, mas... mas...

— Mas você achou conveniente perguntar a ele em pessoa.

— Sim.

Algo no modo como Damon estava se comportando, com tanto tato, de uma maneira tão amável, fez Lucy pensar que estava guardando algo.

— Proponho-lhe uma coisa — lhe disse com um encantador sorriso, embora muito forçado. — por que não vai para casa a espera Heath? Assegurarei-me de que esta tarde se vá cedo, assim poderão falar do assunto...

— Habitualmente, não está fora do escritório a estas horas, não é certo?

— interrompeu-lhe Lucy.

— Depende de...

— Não é certo? — perguntou, e os olhos negros de Damon se cravaram nos de Lucy antes de responder a contra gosto.

— Está se ocupando de uns assuntos.

Uma terrível suspeita estalou em sua mente.

— Onde está?

# Capítulo 13

Lucy nunca tinha visto Damon tão incômodo.

— Não sei.

— Damon — disse utilizando deliberadamente seu nome. Falava em voz baixa mas de um modo insistente, tenso. — Me ofereceu sua amizade. Pensei que podia contar com ela. Não estou lhe pedindo ajuda nem conselho... Estou-lhe pedindo que não se interponha em meu caminho. Você sabe onde está. Se não quiser me dizer isso encontrarei-o de outro modo. Percorrerei todas as ruas desta cidade... — Não pode fazê-lo. É perigoso...

— E o encontrarei por minha conta. Mas, como meu amigo, não pode me negar isso.

— Não é justo que utilize nossa amizade.

— Estou tentando conservar a meu marido. As regras não importam. Talvez, quando você estiver casado, possa suportar melhor o desespero, mas espero que não seja assim. E bem, onde está Heath?

— Senhora Rayne... não posso dizer-lhe.

— Entendo-o — disse ela com os olhos brilhantes de determinação. — Então, já vou. Poderia me sugerir ao menos por onde poderia começar a procurar? Perto de Long Wharf? Pelo Marketplace...?

— Deus, não. Lucy, não. Poderia lhe acontecer algo, e eu nunca me perdoaria...

— Se algo me ocorrer, asseguro-lhe que não lhe culparei. E suponho que Heath tampouco. Bom, tenho muito território que cobrir, e devo começar. Adeus.

— Espere. — Damon a olhou com uma mescla de assombro e indignação. Nunca teria imaginado a capacidade que tinha ela para manipulá-lo ou para pressioná-lo de um modo tão injusto. Ambos sabiam que ele se sentiria responsável se saísse sozinha e lhe ocorresse algo. Tinham-lhe inculcado que tinha que comportar-se como um cavalheiro em qualquer situação... Mas, por

todos os Santos, o que se supunha que tinha que fazer um cavalheiro ao enfrentar-se a algo assim?. — Está em Parker House — disse finalmente; seu aspecto indicava que se odiava a si mesmo por isso. — Está comendo.

Lucy assentiu muito devagar com um amargo sorriso.

— É obvio. À carta a qualquer hora. Deveria havê-lo imaginado.

Ele a agarrou pelo pulso levemente quando ela se virou para partir.

— Espera, Lucy... Quero dizer, senhora...

— Vou a Parker House. Não tente me deter.

— Não lhe vai servir de nada ir ali.

— Tenho que ver com meus próprios olhos que ela está com ele.

— Espere a que ele o explique. Não tente lhe abandonar.

— Isso já não incumbe a você.

Soltou-lhe o pulso e passou a mão por seu cabelo negro como asa de corvo, tentando decifrar o que fazer.

— Espere. Espere aqui. Vou dizer ao editor que se encarregue de tudo, voltarei em um par de segundos. Vou com você. Não se mova. Não se vá. Desapareceu depois da porta e percorreu a redação, bramou algumas ordens e retornou ao corredor de entrada. Não havia ninguém ali exceto o porteiro, que tinha voltado para seu posto.

— Onde está? — perguntou Damon um tanto alterado.

— Temo-me que não sei, senhor Redmond. Saiu assim que você cruzou a porta.

Amaldiçoou violentamente e saiu à rua. A carruagem do jornal acabava de voltar. Informou ao chofer de que tinham que ir a Parker House, e lhe disse que seria melhor que se apressasse.

Heath arqueou uma de suas escuras sobrancelhas enquanto olhava Raine com seus olhos azul esverdeados. Lhe manteve o olhar sem envergonhar-se. O perfeito ovalóide que formava seu pálido rosto se destacava contra o tom borgonha das paredes do restaurante. O garçom rodeou depressa a mesa,

enchendo de novo suas taças com água sem derramar uma só gota na toalha. Assim que o garçom se foi, Heath falou com muita calma.

— Por mim, poderia viver em Boston. Poderia viver na mesma rua e isso não suporia nenhum problema para mim. Não me importa. Provavelmente isso não diga muito a favor de meu sentido de compaixão... mas me é indiferente.

— Não pode me convencer de que em seu coração não fica um ápice de sentimento por mim.

— Sinceramente...? Talvez uma ou duas cicatrizes. Mas nada mais. — Nem sequer raiva? — perguntou-lhe olhando-o com intensidade. — Me custa acreditá-lo.

— Senti raiva durante muito tempo. E então comecei a entender por que o fez, por que te casou com o Clay, por que não quis estar comigo depois da guerra...

— Mas eu sim queria! Sim queria! — Pôde apreciar um tom de desespero em sua voz. — desejei tantas vezes voltar atrás no tempo para reviver aquele dia. Não haveria dito nada do que disse... Não sentia o que disse. Não queria te ferir. Nunca quis te fazer mal, mas tinha muitas coisas nas quais pensar para ter em conta seus sentimentos. Todos fomos egoístas... Você também foi!

— Eu também fui egoísta — repetiu Heath em voz baixa.

— Então entende que...

— Entende-o e te perdoei faz muito tempo.

— Então, o que nos impede de estar juntos agora? — perguntou desconcertada.

— Para começar, que estou casado.

— Não estou te pedindo que rompa seu matrimônio. Não pretendo conseguir um aliança de casamento... Só quero a ti. Ficarei aqui, e te receberei com os braços abertos sempre que me necessite...

— Não te necessito. Depois de deixar para trás a raiva, deixei de querer estar contigo. — Heath se deteve; desagradava-lhe ter que mostrar-se duro e

insensível. Mas Raine não lhe oferecia outra alternativa. — Deixei de pensar em ti,

— Não acredito.

— Não me importa no que você acredita, sempre e quando for de Boston nas próximas vinte e quatro horas.

— Mas se não te importa se fico ou não...

— Mas a minha esposa sim importa, e isso é o fundamental. Se tiver que te carregar pessoalmente no próximo navio que zarpe do porto ou no próximo trem que saia da estação, farei-o. Tem o resto do mundo para ti... Escolhe qualquer lugar exceto Massachusetts.

— E o que tem para ti? Lucinda não vai ser capaz de te fazer feliz toda a vida. Muito em breve quererá ter perto a alguém que te compreenda, alguém que tenha nascido no mesmo lugar que você» alguém que possa falar contigo do passado. Não compartilha um passado com ela. Compartilha um passado comigo. — Poderia lhe haver respondido de cem maneiras distintas. Poderia lhe haver feito entender muitas coisas: o pouco que significava para ele o passado, o bem que lhe fazia Lucy, e o fácil que resultava a ela lhe fazer feliz. Poderia lhe haver dito o muito que lhe agradava sua vida no Norte, e o sentido e a satisfação que lhe contribuía, mas Raine só tinha que entender uma coisa, e unicamente havia um modo de dizer-lhe — A amo, Raine.

— Houve um tempo em que me amou .

— Sentia-me atraído por ti. Interessava-me. Mas isso não era amor. Não era real.

— Nunca nada foi tão real para mim.

— Então, sinto muito. E espero que algum dia encontre a alguém. Mas não há possibilidade alguma entre você e eu. Estive procurando por Lucy toda minha vida. Agora a tenho, qualquer outra coisa não seria a não ser um prêmio de consolação.

— Um prêmio de c-consolação?

— Sim. Não o duvide.

— Heath... Heath, não o entendo. — Sua tenacidade começava a minguar, e piscou várias vezes confundida. — O que vê nela? O que fez para te

apanhar? É mais...? — Raine procurou em vão as palavras. — É mais bonita que eu? É isso o que você acha? É porque gosta de falar do jornal contigo?

A lástima que refletiam os olhos de Heath era real.

— Não sei se posso te explicar algo que você não pode ver, ou tocar ou sentir. Não o entenderia. Não é por algo que faça ou diga... Não é por seu aspecto, embora bem sabe Deus que não lhe encontro falha alguma. Às vezes, as pessoas não têm que fazer nada para que as queira... simplesmente as quer, e não pode evitá-lo.

Ela baixou a vista e ficou olhando a toalha, negando-se a responder. Mas ele interpretou seu silêncio e soube que à manhã seguinte ela se iria de Boston.

A carruagem do jornal se deteve frente a Parker House ao mesmo tempo que a carruagem de Lucy. Damon saltou à calçada e se colocou diante da porta da carruagem em um abrir e fechar de olhos.

— Lucy, me deixe entrar. Me deixe falar contigo um minuto. Por favor.

Lucy assentiu a contra gosto, e o chofer abriu a porta para Damon, que se deslizou para dentro imediatamente. Damon se sentou a seu lado. O que podia lhe dizer?

— Não entre — disse finalmente, sentindo-se um estúpido ao comprovar a dor no olhar de Lucy.

— Eu tampouco quero entrar — replicou com a voz rouca. — Temo que se entrar e vejo Heath e Raine juntos, não tenha outra opção que...

— Estão juntos... me acredite. Assim não há necessidade alguma de entrar aí e montar uma cena.

— Damon... por que está com ela? — sussurrou. — por que não me disse isso? Não sei o que fazer.

Procurou sem sucesso em sua bolsa um lenço, pois tinha começado a chorar. Ver suas lágrimas era muito para ele. Depois de tirar um lenço de seu bolso, Damon o estendeu. Ao ouvi-la chorar e choramingar durante uns segundos, sentiu-se mais indefeso do que se sentiu em anos. Com muito cuidado, abraçou-a fraternalmente sem indício de paixão. Ao ver que seguia



choramingando, acariciou sua nuca em um gesto protetor, e fechou os olhos e se entregou ao doloroso luxo de fingir.

Era um jogo muito perigoso. Rechaçou o impulso de reconfortá-la assim que ela ficou a chorar sobre seu ombro, mas não poderia haver-se afastado dela a menos que tivesse deixado de lhe pulsar o coração. Pensou no que significava para ele a amizade de Heath. Pensou em sua honra. Pensou na felicidade de Lucy. Ante ele se estendia um único caminho.

— Pensa nisto — lhe disse com um tom de voz muito pouco enfático. — Neste momento, você e eu nos encontramos em uma situação muito mais suspeita da que se encontra Heath e Raine. — Aniquilada, separou-se dele com os olhos abertos como pratos. — O qual deve nos recordar — prosseguiu Damon— que não temos que julgar pelas aparências.

— O que está dizendo?

— Que nunca nada é exatamente o que parece. E em lugar de chegar a conclusões precipitadas, deveria deixar que seu marido se explique. Merece essa oportunidade. Não é justo que lhe envie ao inferno por um malentendido.

— Há algo que entendi perfeitamente — disse Lucy enxugando as lágrimas com a ponta do lenço. — Mentiu para mim. Durante cada minuto que estive a meu lado e não me disse que ela seguia em Boston, mentia-me.

— Eu também o teria feito se pensasse que podia te perder.

Vindo de Damon, foi uma resposta que Lucy nunca teria esperado. — Você não o teria feito. É um cavalheiro. Não acredito que fosse capaz de mentir... ou sim? Damon suspirou.

— O problema de ter semelhantes expectativas com as pessoas é que nem sempre é fácil as aguentar. Todos podemos cometer erros... E pelo que eu sei, asseguro-te que Heath comete muitos menos que a maioria.

— Está tentando me dizer que deveria lhe desculpar por me haver mentido?

— Olhe desse modo: por que Heath deveria haver-se arriscado a te dizer que Raine seguia em Boston se tinha todos os motivos para acreditar que não se inteiraria? Olhos que não vêem, coração que não sente.

— Está tentando justificar sua falta de honestidade!

— O que trato de te explicar é por que não lhe disse isso. Acreditou que poderia solucionar o problema e te proteger evitando que soubesse...

— Não necessito esse tipo de amparo.

— Então, diga-lhe Ele te escutará.

— Como sabe? — perguntou de repente enrugando o nariz.

— Jamais vi a um homem que escute a sua mulher como ele escuta a ti.

— Segue a corrente.

— Não. Não é assim. Lucy... — Damon deixou escapar uma gargalhada. — Deus, matará-me se, se inteira que lhe disse isso. Mas tem que sabê-lo, e não estaria bem lhe ocultar isso Lucy, Heath jamais pensou que ficaria em Massachusetts mais de uns poucos meses. Ficou por ti. Você foi a razão de que comprasse a casa em Concord e, finalmente, o Examiner. Você é a razão pela qual decidiu estabelecer-se na Nova Inglaterra em vez de voltar para o Sul.

— Q-o que? Isso não pode ser certo.

— Posso jurá-lo sobre a Bíblia. Veio me visitar antes de ir da Nova Inglaterra. Disse-me que devia partir por seu bem, que não tinha encontrado o que andava procurando, e pensei que essa seria a última vez que o via. Tinha o aspecto de um homem que perdeu suas raízes. Muitos veteranos davam essa impressão, começavam a vagar de um lugar para outro. Alguns caminhavam junto aos trilhos do trem, e saltaram de um vagão a outro durante o resto de suas vidas...

— Heath nunca teria se visto reduzido a algo assim.

— Não, mas havia algo em sua expressão... um pouco desencaixado... Não tinha lar. Não sei se posso explicá-lo. Teria que havê-lo visto para entender do que estou te falando. Mas tinha desaparecido quando voltei a vê-lo. Foi um mês depois, e me disse que ia se casar, e teve essa ridícula ideia de que comprássemos o Examiner, que naquele momento não parecia mais que uma loucura. — Damon riu levemente. — Não sou um parvo quando se trata de dinheiro, Lucy. E não dispunha de muito naquele momento, assim tinha muito cuidado na hora de gastá-lo. Mas teria me condenado se finalmente

Heath não me tivesse proposto comprar o jornal, e depois apareceu contigo, sua esposa.

— Espera um minuto... Está dizendo que decidiu com quem ia se casar justo depois de comprar a casa em Concord?

— Era no fim de maio. Inclusive me disse seu nome.

— Mas... mas isso foi antes sequer de me conhecer — disse Lucy aniquilada. Sua mente voltou no tempo, quando a tirou do rio gelado. Heath tinha comprado a casa em Concord o verão anterior. — Só tinha me visto cruzar a rua e ao outro lado da cristaleira da loja de meu pai... E você está dizendo que ele já tinha decidido...?

— Gostou do que viu. — Damon sorriu. — O que tento te dizer é que foi por ti. Você é a razão de tudo o que tem feito. Por essa mesma razão, eu sou o editor do Examiner. Se não fosse por ti, Heath jamais teria me proposto comprar o jornal. — Olhou-a interrogativamente. — Se sente melhor agora? Não? Então te direi mais uma coisa... Não importa o que possa parecer, só um parvo acreditaria que Heath escolheria a outra pessoa em seu lugar. Por isso eu sei, nenhuma mulher poderia competir contigo. Está comprometido por toda a vida.

— O que te leva a estar tão convencido?

Damon levou uns segundos para escolher cuidadosamente suas palavras. — Mudou assim que te conheceu. O Heath que eu conhecia de antes era um homem diferente. — Em que sentido?

— Levava uma vida... dissoluta. Bebia muito, a todas as horas. e... — Damon se deteve e lhe dedicou um olhar escuro e fantasmal. — Usava às mulheres e se desfazia delas como se, se tratasse de maços de cigarro de cigarros King Bs...

Lucy corou visivelmente.

— King Bs...

— Vinte por um penique. São os preferidos dos homens que escolhem quantidade antes que qualidade. Uma atrás da outra. Vejo que te incomoda. Mas assim entenderá a que me refiro... Viu-o alguma vez olhando sequer a outra mulher?

— Não enquanto eu estava com ele, mas...

— Tampouco o faz quando você não está. Apostaria minha vida a que te é totalmente fiel. Passaram belas mulheres a nosso lado quando eu estava com ele, e não lhes dedicava um só olhar. E você é a razão.

— Está tentando me acalmar, mas...

— Não tento te acalmar. O que tento lhe dizer é que nunca tinha visto um homem tão... Bom, deixarei que ele seja quem lhe diga isso. Já passei bastante do limite. Me diga... qual vai ser sua decisão? vai entrar ou irá para casa?

— Não estou segura.

— Se for para casa, falarei com ele quando retornar ao Examiner. Direilhe que você sabe que Raine está na cidade. A partir daí, saberá como dirigir a situação.

Ela assentiu e levantou a vista para olhá-lo. Não apreciou outra coisa que amizade em seu olhar, sem suspeitar que ocultasse algo mais.

— Damon, lamento o que te disse hoje. Abusei de sua amizade...

— Em qualquer caso, deu resultado — replicou encolhendo os ombros.

— Bom, pelo menos serviu para uma coisa...

— O que?

— Por fim nos tratamos sem formalidades.

Seu inocente sorriso lhe doeu tanto como lhe agradou. Nunca a trataria com uma atitude que fosse além do afeto fraternal. E, apaixonada como estava por Heath, jamais reconheceria os autênticos sentimentos de Damon por ela. Aliviou-lhe confirmar que não o suspeitava, a pesar do profundo impulso por entregar seu coração.

— Não te parece, Damon? — continuou ela, e sua boca compôs um sorriso zombador.

— É obvio, Lucy. — Abriu a porta da carruagem e se despediu dela com um breve gesto antes de pôr o pé na calçada.

Era tarde, mas Heath ainda não tinha retornado para casa. Lucy jantou a última hora, sumida em um apagado silêncio e depois subiu ao piso superior para banhar-se. Inundou-se na água quente e fechou os olhos, permitindo que sua mente vagasse. Não lhe importava o estado em que Heath chegasse em casa, estava disposta a falar com ele. Teriam que ficar de acordo; ela não podia viver com essa incerteza por mais tempo. Se tinha que pressioná-lo, faria-o, mas essa noite saberia a verdade a respeito de seus sentimentos, e ele também conheceria os seus.

Lavou o cabelo e depois de enrolá-lo em uma toalha, saiu com cuidado da banheira. Não encontrou a bata, por isso enrolou outra toalha ao redor de seu corpo, amarrando-a entre os dois peitos. Entrou no dormitório e o encontrou especialmente quente e confortável, por isso se ajoelhou frente à chaminé para secar o cabelo. Agradou-lhe sentir o calor do fogo na cara, levando-a a aproximar-se um pouco mais. Penteou seu cabelo com uma escova, detendo-se frequentemente para separar as mechas com os dedos.

Deixava uma mecha e passava a outra, mas descobriu que um bom punhado de cabelo tinha se enredado no ralo de ferro da chaminé. Com uma impaciente exclamação, puxou com força. Estava muito enroscado. Apanhada, ajoelhou-se no chão. Puxou mais forte e arrancou por acidente Alguns fios. Amaldiçoou entre dentes. Estava tão furiosa, que depois de uns minutos o achou inclusive divertido. Riu nervosa. Esfregou a cabeça e pediu ajuda.

— Bess! Bess, pode me ouvir? Há alguém...? OH, não posso acreditá-lo...

Bess!

— Cin? Que demônios está fazendo?

Lucy se virou ao ouvir aquela forte voz masculina e suspirou resignada. Heath estava em casa. Tinha planejado manter uma digna conversa com ele a respeito de suas diferenças. Imaginou-se régia, acalmada e clemente enquanto falava com ele, e em vez disso, estava no chão, meio nua e sentada sobre um punhado de toalhas úmidas.

— Estava secando o cabelo. Enganchou — disse. Sentia-se tão zangada e irônica que começou a rir bobamente sem poder evitá-lo. Heath não parecia compartilhar seu humor ante aquela situação. Seu rosto mostrava dureza

quando fechou a porta e se aproximou até ela com três pernadas. Se ajoelhou e lhe afastou as mãos do ralo.

— Solte. Eu o farei.

— Não acredito que possa lhe salvar — informou Lucy com voz trêmula por causa da risada. — Não é muito cabelo... Se tiver algo para cortar... — Cala.

Com um grande esforço, deixou de rir e assumiu uma expressão séria enquanto o observava desenroscar seu cabelo, com duas ou três mechas de uma vez.

— Dói-me as costas — disse Lucy. — Levo dez minutos ajoelhada, e me pesa muito o cabelo úmido. — Ao ver que não respondia, permaneceu em silêncio seguindo o tedioso progresso até que começou a lhe doer as costas de verdade. — Heath, dói-me muito.

— Te apóie em mim.

— Te molharei.

Ignorou sua advertência e se sentou junto a ela e esticou as mãos para o ralo. Lucy não pôde fazer outra coisa que apoiar-se em seu peito. Lentamente, acabou recostando a cabeça em seu ombro. Notava de vez em quando a tensão de sua mandíbula lhe roçando contra a têmpora enquanto desenredava seu cabelo com infinita delicadeza. A seu redor se estendia uma mescla de fragrâncias: o sabão para o barbeado, o aroma do linho, a essência da tinta das imprensas, e o quente e masculino aroma de sua pele. Aquela combinação era algo que ela só associava a Heath, e lhe resultava reconfortante e prazeroso.

— Falei com Damon — disse Heath. Lucy abriu muito os olhos, pois desde sua posição não podia lhe ver o rosto.

— Contou-lhe tudo?

— Conhecendo-o, é possível que não. Mas sim o suficiente.

— Heath, tenho algumas pergunta...

— Não o duvido. Mas eu tenho que te fazer uma primeiro.

— Me pergunte o que queira. Quero que sejamos sinceros um com o outro.— Eu também o desejo. Nunca te menti.

— Não me disse algo que teria que ter sabido, o qual... não é uma mentira, mas tampouco é de tudo sincero.

— Certo — disse Heath com muita calma— é que não podia lhe dizer isso. Sabia, que teria ficado uma fera se soubesse que Raine não tinha saído de Boston. Em geral, posso supor com bastante precisão quais serão suas reações ante certas coisas... mas não é assim no que se refer a Raine. Assim quando recebi a mensagem, e descobri que não iria da cidade até que falasse em privado comigo, acreditei que o melhor seria me ocupar de tudo. Cin, sei o que parece, mas não pode acreditar realmente que Raine e eu... — deteve-se de forma abrupta. Lucy soube o que era o que pretendia lhe perguntar. — Não — disse com simplicidade, e sentiu como lhe relaxava o corpo aliviada. — Não acredito que pudesse me ser infiel, nem sequer estando apaixonado por outra mulher. É uma pessoa de honra. É muito...

— Não estou apaixonado por ela.

— Eu... eu não disse que o estivesse.

— Nunca o estive.

— Em qualquer caso, não deveria ter me escondido que seguia aqui.

— Nesse momento, pareceu-me o melhor modo de solucionar as coisas.

— Entendo-o — disse ela com tato, — Mas quando soube que estava em Boston quando eu acreditava que tinha partido, temi durante uns minutos que não pudesse confiar em ti. Se tivermos dúvidas sobre nossa sinceridade... então este matrimônio é uma farsa.

— Não diga isso. — Heath soltou as mechas de cabelo e colocou as mãos justo por debaixo dos peitos de Lucy, fazendo com que quase lhe caísse a toalha ao apoiar as costas contra ele. — Tem que confiar em mim. Sou a única pessoa no mundo que se preocupa mais por sua felicidade que pela sua própria.

Lhe cobriu as mãos com as suas. O coração lhe começou a pulsar com força ao apreciar a obstinação em sua voz.

— Eu gostaria que você também confiasse em mim do mesmo modo — disse. — Mais que qualquer outra coisa, isso é o que queria te dizer esta noite. Se te parecer bem, esqueçamos o ocorrido nas semanas anteriores e comecemos de novo a partir de manhã.

— E... isso é tudo? Nada de discussões o...?

— Prefere que discutamos?

— Esperava uma pequena batalha, no mínimo.

— Não sobre esse tema. Não há nada que discutir. Ambos desejamos o mesmo, não é assim? — Acariciou-lhe as mãos, e seu corpo inteiro estremeceu ao senti-lo tão perto.

— Isso parece — disse com algo parecido ao assombro.

— Só quero saber uma coisa... por que Raine ficou? antes de ir lhe disse que não ia te perder.

— Queria comprovar se o passado seguia significando algo para mim.

— E o que lhe disse?

— Que não significa nada.

— Espero que tenha acreditado.

— Sei que sim. Porque lhe disse mais uma coisa.

— Disse-lhe que te amo. — Heath sentiu o calafrio que percorreu o corpo de Lucy, e roçou seu cabelo com a bochecha. — Lucy, minha preciosa menina... Pensei que soubesse há muito tempo. Mas teria que lhe haver dito isso muito antes. Apaixonei-me por ti faz um ano, a primeira vez que te tive em meus braços.

Lucy lambeu a lágrima que tinha chegado inesperadamente até os cantos de sua boca.

— Há algo que não sabe de mim.

— Do que se trata?

— Sou dessa classe de mulheres que precisa ouvir essas palavras de vez em quando.

— Amo-te — repetiu com um sorriso.

— Todos os dias e todas as noites. Volta a dizê-lo... por favor.

Ele repetiu aquelas palavras atrás de sua orelha, e contra seu pescoço, e nas mais tenras covinhas de seu corpo enquanto inclinava a cabeça e começava a liberá-la da toalha.



— Ai!

Levou uma mão à cabeça ao notar o puxão de seu cabelo. Imediatamente, Heath a moveu e amaldiçoou entre dentes, centrando sua atenção de novo nas mechas que seguiam enganchados no ralo. Apesar de sua frustrada paixão e da impaciência, Lucy começou a rir.

— Se não te apressar, vou ficar calva de um puxão.

— Não tenho vontade de rir, Cin.

Que franzisse o cenho não fez mais que agravar suas risadas.

— Não p-posso evitá-lo... esperamos durante muito tempo... e agora que tudo parece estar bem, assim pode...

Ele a fez calar com os lábios, beijando-a como desejava há varias semanas, até que sua risada se dissolveu em uma corrente de desejo. Ela gemeu levemente, implorando, e ele incrementou a pressão de sua boca. Seguiu trabalhando com seu cabelo até que o liberou, e um ronrono de satisfação vibrou em sua garganta. Ficou em pé com ela nos braços e a beijou caminhando para a cama, conseguindo milagrosamente levá-la sã e salva até ela.

Assim que a deixou sobre o colchão, Lucy o puxou. Colocou seus magros braços ao redor de seus largos ombros, arqueando o corpo para Heath. Desabotoou com desespero sua camisa, pois desejava sentir aquele poderoso corpo nu sobre si. Desfizeram-se juntos de suas roupas para eliminar qualquer capa que se estendesse entre eles. De repente, Heath riu sem poder evitá-lo ante aquele arrebatamento de impaciência e lhe apoiou com força a cabeça contra o travesseiro, interrompendo assim o progresso que ia realizando com a camisa para beijá-la com rudeza. Suas línguas se fundiram, seus lábios se selaram em um beijo ardente, seus corpos se entrelaçaram em um abraço inseparável.

— Nunca imaginei algo assim — sussurrou Lucy depois de afastar a cabeça e voltar a concentrar-se na roupa de seu marido. — Estar perto de ti... Estar disposta a te querer...

Ele percorreu seu pescoço com uma úmida e desenfreada carícia de sua boca.

— Nunca tinha feito amor... antes de te conhecer. Soube o diferente que seria estar contigo assim que te beijei pela primeira vez.

— Soube com... um só beijo?

— Terei que te refrescar a memória sobre aquele beijo.

De algum modo, Heath se desfez do que ficava de roupa e a atraiu para si lhe sussurrando palavras que a fizeram avermelhar. E então, sem prévio aviso, seus movimentos se fizeram mais lentos, lânguidos, reverentes. Conscientes de que já não haveria entre eles muro algum que os separasse, deixaram de sentir qualquer indício de desespero. Trêmula, Lucy enredou os dedos naquele cabelo dourado enquanto ele inclinava a cabeça para seus seios. Sua boca capturou o rosado e suave pico e fez com que se endurecesse com um doce toque. A textura de sua língua acariciou sua pele e a preparou para outra incursão de sua boca. O corpo de Lucy estava possuído por um doce e potente desejo; enfeitiçada mas capaz de captar qualquer toque de suas mãos ou de suas pernas, ou qualquer ínfimo ôfego sobre sua pele. Queria dizer a Heath o bem que se sentia, mas não foi capaz de encontrar as palavras, pois estava sendo arrastada por seus lábios e sua língua. Em vez disso, arranhou-lhe levemente as costas lhe provocando um calafrio. Apreciou então o brilho de um sorriso antes que sua boca percorresse a frágil pele por debaixo de seus peitos, a fragrante curvatura onde ela sentiu o comichão de sua língua. Separou os joelhos ao notar o peso do corpo de Heath, e se abriu desejosa, faminta dele.

— Ainda não... Ainda não — lhe disse ele em um sussurro, deslizando as mãos sob suas costas.

Com cuidado, Heath rodou para colocar-se de barriga para cima, deixando-a em cima no mesmo movimento. Lucy se encontrou escarranchada sobre ele, com suas curvas apertadas contra seus duros músculos. Ao apreciar o convite que evidenciavam seus olhos cor turquesa, ela subiu divertidamente sobre ele, subindo até que suas bocas estiveram uma frente a outra e seus narizes se roçassem. Seu cabelo caía sobre Heath como uma brilhante cascata, e ele o separou de sua cara. Ele manteve seu cabelo na nuca até que seus lábios se tocaram, e depois o soltou para que formasse uma cortina de seda ao redor de seus rostos. Lucy se retorceu sobre ele, contra sua dura

masculinidade lhe pressionando entre as pernas, até que suas mãos se pousaram em suas nádegas para fazer com que parasse.

— Não te mova — disse com a voz áspera enquanto agarrava com seus dedos a redondez de sua carne. — Já que me fez esperar, serei eu que direi como, quando e onde.

Ela sorriu e lhe ofereceu sua boca com doce generosidade.

— Tudo o que tem que fazer é me dizer isso contra meus lábios. — Seus olhos brilhavam com a luz do desejo. — Não seja tímido. — Beijou-o no canto dos lábios. — Como? — Beijou-o novamente, desta vez no queixo. — Quando? — Um último e suave beijo no pescoço. — E onde?

Com grande habilidade, colocou-a de costas e a saboreou com a boca antes de afastar-se dela e de que Lucy se visse privada de seu toque. — Heath? — perguntou, contrariada, e abriu os olhos para olhá-lo. Só pôde ver a escura silhueta de seu marido contra a luz da chaminé. — Heath...

— Shhh. Responderei a todas suas perguntas de uma só vez.

Sentiu como apoiava as Palmas de suas mãos em seus joelhos, lhe abrindo as pernas, deslizando-se pelo interior de suas coxas até que ela deixou cair sua cabeça sobre o travesseiro sem poder evitá-lo, entusiasmada pelo ardente toque das pontas de seus dedos. Heath tinha a cabeça entre suas coxas, com as mãos acalmou o repentino estremecimento de seu corpo, e então sua boca se abriu sobre a parte mais suave e privada de seu corpo. Flexionou as pernas de maneira involuntária como se tentasse proteger sua vulnerabilidade, mas ele tinha suas nádegas seguras. Sua língua percorreu sua carne trêmula, enquanto suas mãos massageavam seus quadris formando círculos. Apertando-se contra os travesseiros, Lucy pronunciou seu nome em um sussurro. Sentiu as cotas mais profundas do prazer que lhe estava proporcionando, entregando-se sem mais, pois ele a conhecia como nenhum homem jamais a conheceria. O sangue percorria seu corpo com força, e notava os batimentos de seu coração nos ouvidos. O êxtase a envolveu com uma violenta carícia.

Muito devagar, Heath afastou a boca do triângulo de cachos que se estendia no alto de suas coxas e, apesar do que acabavam de compartilhar, Lucy ficou vermelha como um tomate ao lhe ver o rosto. Os olhos de Heath resplandeceram ao ser testemunha de sua confusão, e subiu um pouco para

lhe beijar no pescoço. Que intimidade tinha alcançado com ele, era como se já não houvesse segredo algum em seu corpo para Heath. Jamais teria imaginado que um homem pudesse chegar a conhecê-la tão bem; nunca teria imaginado quando conheceu aquele homem que algum dia possuiria seus pensamentos, seu coração e seu corpo tão completamente. E, entretanto, possivelmente sim o sabia. Quem sabe quando começa o amor? O primeiro olhar, o primeiro beijo, a primeira promessa; pouco importa. Olhou-o com todo seu coração, e se desenhou em seus lábios o esboço de um sorriso.

— Amo-te, Heath. Amo-te.

Ele se ergueu sobre ela, e a luz da chaminé brincou sobre sua pele. Fogo e ouro, vigor e força. Para Lucy, ele era uma maravilha, e foi consciente nesse momento do que ele lhe tinha entregue. Encheu-a muito devagar, esperando com a respiração agitada sentir o delicado abraço interior do corpo de Lucy, e então ela ergueu os quadris para recebê-lo mais profundamente. O tempo se fez eterno. Ela respondeu a suas longas investidas com o mesmo ritmo perfeito, com a recente potência de seu amor. Os músculos de Heath se esticaram, e depois de introduzir-se em seu interior uma última vez, sentiu o quente fluir em seu interior. Abraçaram-se com força, impedindo que nem um só centímetro se interpusesse entre eles. Ela enredou seus dedos no cabelo de Heath, ele beijou suas têmporas, suas bochechas e seus lábios. Sorriu e rodou para um lado cheio de pura satisfação masculina, colocando-a em cima dele para poder prosseguir com aquela interminável cascata de beijos.

Ela se aproximou um pouco mais de Heath enquanto o calor de seus corpos se mesclava sob os lençóis.

— Agora me doem muito mais todas essas noites que não passamos juntos. — Percorreu com a mão os planos músculos de seu ventre. — A mim não. Tínhamos algo que aprender, algo em que pensar. — Quer dizer que não sentiu minha falta? — perguntou-lhe com fingida indignação.

— Venha aqui — respondeu Heath, e deixou escapar uma gargalhada, atraindo-a para si. — Demônios, claro que senti tua falta... Essas noites as passei olhando para o teto. Mas precisava passar um tempo só para pensar em quão teimoso tinha sido interpondo meu orgulho entre nós.

— Seu orgulho?

— As semanas depois de minha enfermidade... dava-me conta do muito que dependia de ti... e foi um duro golpe para meu ego. — Em sua voz se viu um traço de debilidade. — Me criaram para acreditar que um homem tem que controlar tudo em todo o momento. E, de repente, dependia da caridade de outros, especialmente da tua. Não deveria havê-la tomado contigo, mas senti que tinha que me distanciar um pouco de ti, até que... recuperasse o controle.

— Talvez fui um pouco intrometida. Mas temia por ti. Nunca tinha passado tanto medo por alguém...

— Não foi intrometida. Comportou-te tal como tinha que fazê-lo. Sei pelo que teve que passar, tudo o que fez, e Deus sabe que não sou tão parvo para não apreciar à mulher em que te converteste. Por outra parte, é muito fácil que um homem se sinta ferido em seu orgulho, Cin.

— Tentarei recordá-lo — disse com exagerada solenidade, e lançou um gritinho quando lhe fez cócegas.

— Tolices. Tento te dizer algo sério e tudo o que obtenho são tolices.

— Heath... — deitou-se em cima dele e apoiou a cabeça em seu peito. — Oxalá tivesse sido assim desde o começo. Agora me resulta difícil acreditar que estivéssemos separados, que eu temesse... te perder...

— Não nos conhecíamos. E eu deveria ter sido mais paciente contigo.

Depois de tudo, te separei de Daniel...

— Fez-me um favor.

— Isso é certo, mas você não sabia nesse momento.

— Que vaidoso. — Suas palavras estavam cheias de carinho enquanto lhe beijava a clavícula.

— Mas eu sempre me sentia um pouco culpado por como tinha te afastado do Daniel. Deveria havê-lo feito de outro modo. Aquela manhã, depois do incêndio na casa dos Emerson... sabia que se te punha em uma situação comprometedora, alguém nos veria. Foi só uma coincidência que fossem Daniel e Sally.

— Não se sinta culpado.

— Mas te fazer aquilo quando você tinha vindo ver se me encontrava bem... E não foi um acidente que eu lhe seduzisse, Cin, foi deliberado, e você

nem sequer sabia o que estava fazendo...

— Sim sabia — disse com calma, surpreendendo-o. — Ninguém me forçou para que fosse te ver. E em relação ao que aconteceu depois... Não me opus. Desejava-te. Se não tivesse ocorrido então, teria ocorrido em algum outro momento.

— Está fazendo com que me reprove por não haver me aproveitado de ti durante aqueles dois dias, quando nos conhecemos. Poderia havê-lo feito, sem necessidade de que me animasse.

— Patife. Nunca sabia se apareceria depois de uma esquina para me surpreender em roupa interior.

— Não deixava de pensar no aspecto que tinha em roupa interior, com minha camisa em cima, quando nos víamos depois.

— Não o duvido. — Lucy sorriu na escuridão. — depois de tudo, sempre me olhava de um modo que me fazia avermelhar, e não podia evitar recordar os dias que passamos sozinhos. Mas embora não houvesse voltado a te ver, jamais teria esquecido aqueles dias. E acredito que sempre teria me perguntado como teria sido estar contigo. Você também teria se perguntado isso?

— Essa ideia teria me atormentado o resto de meus dias.

Lucy deslizou seus braços ao redor do pescoço de Heath e sussurrou contra sua boca:

— É estranho como o destino confabulou para nos unir.

— O destino não é o único responsável para que estejamos juntos, querida. Quis estar contigo assim que te vi. E alguns homens sabem como conseguir o que querem... inclusive embora o destino não lhes dê uma mão. Lucy acreditava no que acabava de lhe dizer. Heath Rayne era desse tipo de homens.

# Resenha Bibliográfica

Lisa Kleypas estudou ciências políticas em Wellesley College. E justo depois de graduar-se, decidiu dedicar-se a escrever. Foi escolhida Miss Massachusetts e, em 1985, competiu pelo título do Miss América Pageant. Aos vinte e um anos, publicou sua primeira novela. Em 1998 sua novela *Um estranho em meus braços* ganhou o Prêmio Waldenbooks. Comoveu às leitoras com seus livros, novelas românticas de ambientação histórica como *Quando você chegou* ou, sua continuação, *Sonhando contigo*, que já foram traduzidas para quatorze línguas. Atualmente reside em Santo Antonio, Texas, com seu marido Greg e seus filhos Griffin e Lindsay.

Título Original: Love, Come to Me

Copyright©1988 por Lisa Kleypas

Copyright© 2019 MR

Tradução: Dee Silva

Capa: MR

Revisão: Chris Love

Epub: Dee Silva

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.